

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
TESE DE DOUTORADO

VANESSA FONSECA BARBOSA

**UMA VOZ APAGADA?** ANÁLISE DA ATIVIDADE DE REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS  
SOB AS PERSPECTIVAS BAKHTINIANA E ERGOLÓGICA

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
TESE DE DOUTORADO**

VANESSA FONSECA BARBOSA

**UMA VOZ APAGADA? ANÁLISE DA ATIVIDADE DE REVISÃO DE TEXTOS  
ACADÊMICOS SOB AS PERSPECTIVAS BAKHTINIANA E ERGOLÓGICA**

Porto Alegre

2017

VANESSA FONSECA BARBOSA

**UMA VOZ APAGADA? ANÁLISE DA ATIVIDADE DE REVISÃO DE TEXTOS  
ACADÊMICOS SOB AS PERSPECTIVAS BAKHTINIANA E ERGOLÓGICA**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração em Linguística, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Porto Alegre

2017

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe, Vera Regina Fonseca Barbosa, por ser um exemplo de vida, amor e coragem para mim.

Ao meu noivo, Diego Pereira da Rocha, por todo o amor, incentivo e apoio na concretização deste *projeto-sonho*.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer, na minha opinião, é sempre uma tarefa delicada. Em primeiro lugar, porque falar dos votos de afeto e gratidão àqueles que me são especiais não é algo simples. Em segundo, porque o espaço destinado no meio acadêmico a essas manifestações geralmente é ínfimo se equiparado à quantidade de pessoas pelas quais nutro carinho e, em consequência, às quais gostaria de agradecer. Peço desculpas aos que me enviam energias abençoadas pelas vibrações sinceras de amor e amizade e que, por ventura, possam não estar nestas linhas. Guardo os que me são amados em um lugar muito especial do coração, mas, em um espaço tão pequenino, como o destas poucas páginas, seria impossível enumerar todos que estão de modo permanente nas minhas preces sinceras de gratidão. Justifico este recorte, explicando que os agradecimentos a seguir mencionarão aqueles que dividiram comigo a elaboração deste trabalho de modo mais próximo e aos que, de alguma maneira, contribuíram para que ele se tornasse realidade. Assim, agradeço:

Em primeiro lugar, a Deus, por me dar o dom da vida e por colocar em meu caminho as provas necessárias ao meu amadurecimento intelectual, moral e espiritual, embora, muitas vezes, eu ainda não as entenda ou aceite.

Em segundo lugar, a minha família, Mãe, Mana e Diego, vocês são meu suporte e a minha força! Mãe e mana, agradeço todos os dias pelas suas existências. Muitas vidas nos unem pelos laços de amor puro, eterno e incondicional que nos conecta.

Ao Diego, meu amor, agradeço novamente pelo apoio incondicional na concretização deste trabalho, pela paciência em todas as minhas crises e por me ajudar a encarar uma depressão com todo teu amor e teu cuidado. Obrigada, querido, por representares tanta luz para mim e por acreditares no meu potencial mesmo nos momentos em que eu duvidava e pensava em desistir.

Aos meus tios e tias tão amados, em especial ao tio Angelo, ao tio César e à tia Luciane pelo sentimento puro que nos une e pela alegria que sentem com as minhas conquistas. Amo vocês!

À tia Magale por ser essa pessoa tão importante e especial na minha vida. Com ela aprendi que os laços de amor ultrapassam quaisquer questões sanguíneas. Amo-te, tia, “muitão de bastante”!

À minha afilhada, Maria Eduarda, por me permitir cultivar um dos sentimentos mais puros que habitam em mim. Embora esta dinda seja tão ausente, quero que a Duda saiba que sempre está nos meus sentimentos mais sublimes.

Às minhas amigas de fé: Adriana Danielski, Fabiane Fruet, Gisele Bandeira, Lisandrea Cáurio, Luana Lima, Priscila Correia, Rosângela Medeiros, Kelli Ribeiro e Talita Gonçalves. Gurias, talvez vocês não tenham a real dimensão da gratidão e do amor que lhes tenho, mas saibam que são responsáveis por tornar o meu fardo da vida muito mais leve e feliz.

À Talita Gonçalves, mais do que em especial, minha irmã de alma, por todos os momentos compartilhados neste (in)tenso doutorado. Obrigada, Titinha, por me pegar pela mão no dia da prova, enquanto eu tremia tanto (risos), por chorar comigo quando soubemos da minha classificação em primeiro lugar, por estar presente não só em todas as etapas deste curso tão especial mas principalmente em todos os momentos da minha vida. Amo-te muito!

Ao meu amigo e compadre “aumado”, Ivan Vieira. Tu, a Nina e o Beto moram para sempre no meu coração!

Ao Instituto de Letras e Artes da Furg e ao Programa de Pós-Graduação da UCPel pela oportunidade de ter desenvolvido a minha formação anterior (graduação e mestrado) em centros de excelência, com profissionais maravilhosos que plantaram as sementes necessárias para a continuidade dos estudos e para o meu crescimento profissional.

À professora Rosely Machado, em especial, por me ensinar a realizar a atividade que hoje contemplo com muito carinho e com grande responsabilidade. Agradeço-a também por ser, para mim, um exemplo de ética, profissionalismo e competência.

Ao querido professor Adail Sobral, meu orientador de mestrado e interlocutor desta pesquisa, pelos diálogos tão ricos, sempre inacabados, que me permitem aperfeiçoar a formação de pesquisadora e de leitora crítica.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em especial, à Leci Barbisan e ao Cláudio Delanoy pelas aulas incríveis das quais tive o privilégio de participar, cujos ensinamentos carregarei para minha trajetória profissional.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Alessandra e Tatiana, pela atenção e pelo cuidado com os alunos. Vocês são brilhantes, meninas!

À minha orientadora, professora Glória Di Fanti, pelo tanto que me ensinou no decorrer destes anos e pela oportunidade de maior contato com a Ergologia, essa abordagem tão linda e antropológica que me deixa em estado de verdadeiro encantamento.

Aos queridos professores que participaram da qualificação deste trabalho: Adail Sobral, Maria Cecília Souza-e-Silva e Cláudio Delanoy. Suas preciosas leituras e os diálogos que estabelecemos na qualificação foram essenciais para a reorganização do texto e para conclusão desta pesquisa. Aproveito também para agradecer-los pelo aceite de participar da

banca final, estendendo o voto à professora Rosely Machado. Certamente, suas considerações enriquecerão a finalização deste trabalho.

Às queridas mulheres que aceitaram participar deste estudo no papel de sujeitos de pesquisa. Revisoras e autoras de tese, sem vocês, este trabalho não seria possível. Muito obrigada!

À Daniela Cardoso, revisora especialíssima, que aceitou o desafio de pegar o meu texto embora com tão pouco tempo disponível para o nosso diálogo. Daniela, ao colocar-me no papel de autora de tese revisada pude experimentar outras facetas incríveis da própria atividade de trabalho que investiguei. Obrigada por essa oportunidade catártica!

Ao CNPq e a Capes pelas bolsas que tornaram possível a efetivação deste doutorado.

Aos meus colegas de doutorado Bernardo Limberger, Diani Benke, Jailson Rogério, Sabrine Martins e Talita Gonçalves por termos dividido uma turma maravilhosa nos requisitos competência e amizade.

Às colegas incríveis que tive a oportunidade de conhecer atuando, neste ano, no difícil papel de professora de língua portuguesa da educação básica: Andrea Miranda, Cristine Strzalkowski, Cris Costi, Elizabeth Frare, Loni Araújo, Mariele Schulte, Renata Kepler e Rochele Rocha. Gurias, vocês são, de verdade, as maiores heroínas que podem existir quando se trata de educação. Estar nesse papel que vocês ocupam há tantos anos com tamanha maestria e destreza é um grande desafio. Obrigada por me ensinarem tanto e por serem tão especiais para mim.

À Aninha amada por ser este ser tão especial e por todas as mensagens de amor e carinho que sempre me deram apoio para prosseguir a caminhada.

Aos Colegas amados e aos queridos alunos que tive a oportunidade de conhecer quando atuei como docente na Unipampa/Jaguarão. Em especial: Leonor Simioni, Luís Marozo, Renata Silveira, Roberto Carlos Ribeiro, Geice Peres, Carlos Rizzon, Fabi Fruet, Talita Gonçalves e Virgínia Boechat. Vocês são exemplos de profissionais que mantêm o equilíbrio necessário entre o saber técnico e o lado humanitário, valores tão caros aos trabalhadores da educação.

À doutrina espírita kardecista por me dar forças para a conclusão de mais esta etapa e por iluminar a minha consciência em muitos dos meus momentos de fragilidade e desespero, ainda que nos últimos anos eu esteja tão distante dos estudos kardecistas e do convívio fundamental com meus irmãos espíritas.

*A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes [...] (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 129).*

*Não é então uma grandeza quantificável, que se possa ser avaliada em unidades aditivas, nem mesmo uma grandeza intensiva, cujos graus poder-se-iam medir, como se faz com a temperatura. No âmago da vida e da história se abriga uma realidade profundamente enigmática, a atividade, que sempre escapará de qualquer modelização, categorização, saber disciplinar, instrumento de medida. É preciso saber aceitar e viver juntos com esse enigma, objeto de pesquisa criteriosa e não de cálculo triunfante (SCHWARTZ, 2011a, p. 146).*



## RESUMO

Partindo do silenciamento e da constante invisibilidade comuns quando se trata da atividade profissional do revisor de textos acadêmicos, esta pesquisa tem como objeto de estudo a atividade de trabalho do revisor de textos em teses acadêmicas. Nossa pesquisa ancora-se nos pressupostos bakhtinianos e estabelece interface com os estudos ergológicos para analisar a atividade de revisão textual, com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, a observar relações dialógicas constitutivas desse fazer. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa visa: a) investigar a presença e a relevância discursiva da voz do profissional responsável pela revisão de textos na versão final de teses revisadas; b) analisar como ocorre o imbricamento de palavra própria e palavra alheia na relação dialógica entre revisor e autor do texto revisado; c) observar aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas; e d) verificar posições axiológicas dos sujeitos envolvidos com a atividade de revisão (autor e revisor) acerca dos fazeres desenvolvidos e da natureza da relação entre eles. Desse modo, constituem o material de pesquisa desta tese: i) e-mails trocados entre os autores das teses e os seus respectivos revisores; e ii) processos de revisão presentes nas versões de teses de doutorandas advindas de diferentes áreas do conhecimento, ou seja, excertos dos textos durante as trocas linguageiras estabelecidas entre autores e revisores, trechos esses com os seus respectivos comentários inseridos por meio das ferramentas de edição de texto disponíveis em *softwares* como o Microsoft Word. Tais trechos dos textos analisados e os comentários nas versões que constituem a elaboração do texto na versão final permitem contemplar diferentes estágios de desenvolvimento da produção escrita bem como observar a presença e a relevância discursiva da voz do profissional da revisão de textos na versão final das teses revisadas. Ademais, essas etapas de elaboração do texto revisado possibilitam, também, analisar como ocorre o imbricamento da palavra do revisor e do autor na versão final do texto revisado, ou seja, de que maneiras as palavras desses interlocutores se inter-relacionam na tessitura final do texto revisado. As correspondências eletrônicas trocadas entre os sujeitos da atividade em foco, por sua vez, oportunizam a observação de aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas, posto que é por e-mail que os sujeitos debatem tanto a definição de revisão a ser contratada quanto o modo como ela será desenvolvida. Por fim, o material selecionado propicia verificar as posições axiológicas de revisores e autores com a atividade sobre os fazeres desenvolvidos e a natureza das relações estabelecidas entre eles. Assim, nas análises desenvolvidas, observamos enunciados trocados entre revisores e autores de teses revisadas que refletem uma ideia de trabalho em conjunto, tendo em vista que a revisão de textos vai se construindo na interação com o autor, em vez de se tratar de um trabalho individual, centrado no revisor. No fazer em foco, os signos ideológicos fazem emergir as relações dialógicas que revelam diferentes vozes discursivas e acentos de valor para o fazer do revisor e que qualificam a atividade em questão e dão pistas de um trabalho cooperativo. Essas considerações asseguram a tese deste trabalho, a saber: a atividade de revisão de textos acadêmicos é um fazer essencialmente colaborativo entre autor e revisor. Tal ponto de vista mostra que o texto acadêmico que passa pelo processo de revisão é, de certo modo, (co)produzido conjuntamente pelo autor da tese e pelo revisor de texto com base no imbricamento de suas vozes na tessitura final da produção escrita. O revisor, nessa teia de sentidos, ocupa um lugar marcado por aproximações e distanciamentos tanto do autor do texto quanto da produção textual em si e busca um equilíbrio entre o colocar-se no lugar do outro – movimento empático –, para compreender a tessitura geral da escrita, e o afastar-se – movimento exotópico –, para atuar como um leitor crítico, capaz de observar o todo do projeto de dizer, vislumbrando possibilidades de melhor acabamento do texto.

Palavras-chave: Atividade de revisão textual acadêmica. Concepção dialógica e abordagem ergológica.

## ABSTRACT

Beginning with the ordinary silencing and the constant invisibility concerning the professional activity of the proofreader of academic texts, this research has the working activity of proofreader of texts in doctoral dissertations as an object of analysis. Our research employs Bakhtinian assumptions and establishes an interface with ergological studies to analyze the text revision activity in order to problematize proofreader's work and, mainly, to observe the dialogical relations involved in this task. The specific goals of this research intend to: a) investigate the existence of the proofreader's voice in the final version of doctoral dissertations and its discursive relevance for the text revision; b) analyze how the overlapping of proofreader's own word and someone else's word occur in the dialogical relationship between the reviewer and the author of text; c) observe aspects arising from the interrelation between norms and renormalizations of the activity of revision of doctoral dissertations; and d) verify axiological positions of both proofreader and author through the actions developed by proofreader and author during the review as well as observe the nature of the relation between those subjects and the text. Thus, the material of this research is: i) e-mails exchanged between the authors of dissertations and the proofreaders; and (ii) revision processes in the versions of texts from students of different areas of knowledge, which are, excerpts extracted during language exchanges - sections with their respective comments inserted through available editing tools such as Word. This way, the excerpts from the analyzed texts and the comments in the versions that constitute the text final version allow us to contemplate different stages of development of the written production as well as to observe the existence of the proofreader's voice as well as the discursive relevance in the last version of the texts. Moreover, these stages of elaboration of the revised text also allow us to analyze how the overlapping of the proofreader and author's words occurs in the final version of texts, in other words, in what ways the words of these interlocutors interrelate in the final texture of the text reviewed. The e-mails exchanged between the subjects of the review activity, in turn, allow us to observe aspects arising from the interrelation between norms and renormalizations of the activity in the work developed in the academic dissertations, since it is by e-mail that subjects debate both the definition of revision contracted and how it is developed. Finally, the selected material allow us to verify the axiological positions of both (proofreaders and authors) through the actions developed by them during the review and also to observe the nature of the relation between the subjects and the text. Thus, in the analyzes developed, we observe statements exchanged between proofreaders and authors of revised theses that reflect a working idea together, considering that the revision of texts is being built in the interaction with the author, instead of being an individual work, centered on the proofreader. When considering the reviewing as the focus, from ideological signs emerge dialogic relationships that reveal different discursive voices and value accents for the proofreader's job, which qualify this activity and give clues of a cooperative work. These considerations help us to build the thesis of this research that is to show the activity of reviewing academic texts as an essentially collaborative doing between author and proofreader. It demonstrates therefore, that the academic text that goes through the revision process is, in a way, (co) produced jointly by the dissertation author and the proofreader from the overlapping of their voices in the final texture of the written production. The proofreader, in this web of meanings, occupies a place marked by approximations and distances both from the author of the text and from the textual production itself. This professional seeks a balance between placing himself in the locus of the other - empathic movement - to understand the general creation of the writing, and moving away - exotopic movement - to act as a critical reader, able to observe the whole project to say, foreseeing possibilities for a better completion of the text.

Keywords: Academic textual reviewing activity; dialogic conception and ergological approach.

## RÉSUMÉ

Partant du silencement et de l'invisibilité constants en ce qui concerne l'activité professionnelle du réviseur de textes académiques, cette recherche a pour objet d'étudier l'activité du réviseur de textes dans les thèses académiques. Notre recherche est fondée sur les postulats bakhtiniens et établit une interface avec les études ergologiques pour analyser l'activité de révision textuelle, afin de discuter du travail du réviseur de textes et, surtout, pour observer les relations dialogiques constitutives de son activité. En ce qui concerne ses objectifs spécifiques, la recherche vise à : a) étudier la présence et la pertinence discursive de la voix du professionnel responsable de la révision des textes pour la version finale des thèses révisées; b) analyser comment se produit l'imbrication du mot propre et de l'autre mot dans la relation dialogique entre le réviseur et l'auteur du texte révisé; c) observer les aspects découlant de l'interrelation entre les normes et les renormalisations de l'activité du travail développé dans les thèses académiques; et d) vérifier les positions axiologiques des deux sujets impliqués dans l'activité de révision (auteur et réviseur) à propos des actions développées et de la nature de leur relation. Ainsi, le matériel de recherche utilisé pour cette thèse est constitué par : i) les *e-mails* échangés entre les auteurs des thèses et leurs respectifs réviseurs; et (ii) les processus de révision présents dans les versions de thèses des doctorantes issues de différents domaines de connaissance, c'est-à-dire des extraits des textes lors des échanges linguistiques établis entre les auteurs et les réviseurs, ces extraits accompagnés de leurs commentaires respectifs insérés à travers les outils d'édition disponibles par un logiciel tel que *Word*. De cette façon, les extraits des textes analysés et les commentaires dans les versions qui composent l'élaboration du texte jusqu'à la version finale nous permettent de contempler les différentes étapes de développement de la production écrite et d'observer la présence et l'importance discursive de la voix du professionnel de révision de textes dans la version finale des thèses révisées. De plus, ces étapes de la rédaction du texte révisé nous permettent d'analyser aussi comment arrive le chevauchement de la parole du réviseur et de l'auteur dans la version finale du texte révisé, autrement dit, de quelle manière les paroles de ces interlocuteurs s'inter-relationnent dans la tessiture de texte final révisé. La correspondance électronique échangée entre les sujets de l'activité mise en évidence, à son tour, permet de remarquer les aspects découlant de l'interrelation entre les normes et la renormalisation de l'activité du travail développé dans les thèses universitaires, car il est par *e-mail* que les sujets discutent à la fois la définition de la révision qui sera engagée quant la façon dont elle sera développée. Enfin, le matériel sélectionné nous permet de vérifier les positions axiologiques des réviseurs et des auteurs avec l'activité à propos des tâches développées et de la nature des relations établies entre eux. Ainsi, dans les analyses développées, nous observons les énoncés échangés entre les réviseurs et les auteurs de thèses révisées qui reflètent une idée de travail en commun, en considérant que la révision de textes se construit dans l'interaction avec l'auteur, au lieu d'être un travail individuel, centré sur le réviseur. En mettant l'action de faire en évidence, les signes idéologiques font émerger les relations dialogiques qui révèlent de différentes voix discursives et des accents de valeur pour l'activité du réviseur et en plus, qui qualifient l'activité en question et donnent des indices d'un travail coopératif. Ces considérations nous permettent d'arriver à la thèse de ce travail qu'il s'agit de montrer que l'activité de révision des textes académiques est un travail essentiellement collaboratif entre l'auteur et le réviseur, ce qui montre donc, que le texte académique qui passe par le processus de révision est, en quelque sorte, (co) produit conjointement par l'auteur de la thèse et le réviseur du texte à partir de l'imbrication de leurs voix dans la tessiture finale de la production écrite. Le réviseur, dans ce réseau de sens, occupe un espace marqué par les rapprochements et les différences de l'auteur du texte et de la production textuelle elle-même. De plus, il cherche un équilibre entre se mettre à la place de l'autre - mouvement empathique - pour comprendre la tessiture générale de l'écriture et de s'éloigner - mouvement exotopique - pour agir comme un lecteur critique, capable d'observer l'ensemble du projet de dire, en entrevoyant les possibilités pour un meilleur achèvement du texte.

**Mots-clés:** Activité de révision textuelle académique; conception dialogique et approche ergologique.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Divisão entre revisoras e doutorandas.....	161
<b>Quadro 2</b> – Interação entre a Revisora A e a Autora B (exemplo 1).....	163
<b>Quadro 3</b> – Interação entre a Revisora A e a Autora B (exemplo 2).....	166
<b>Quadro 4</b> – Interação entre a Revisora B e a Autora D (exemplo 1).....	171
<b>Quadro 5</b> – Interação entre a Revisora B e a Autora D (exemplo 2).....	174

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 PERSPECTIVA DIALÓGICA DO DISCURSO</b> .....	21
1.1 O CÍRCULO DE BAKHTIN.....	22
1.2 LINGUAGEM NA VISÃO BAKHTINIANA.....	26
1.3 PALAVRA COMO UM SIGNO IDEOLÓGICO POR EXCELÊNCIA.....	35
1.4 ENUNCIADO E GÊNEROS DO DISCURSO: CONCRETIZAÇÕES DA LINGUAGEM.....	43
1.5 RELAÇÕES DIALÓGICAS, EMPATIA E EXOTOPIA: MOVIMENTOS CONSTITUTIVOS.....	54
<b>2 ABORDAGEM ERGOLÓGICA DO TRABALHO</b> .....	65
2.1 ATIVIDADE DE TRABALHO ENTRE NORMAS E RENORMALIZAÇÕES.....	75
2.2 DRAMÁTICAS DO USO DE SI: VALORES DO E NO MUNDO DO TRABALHO.....	84
2.3 RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E TRABALHO.....	92
<b>3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ESPECIFICIDADES DA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS</b> .....	97
3.1 A ATIVIDADE DE REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS EM PESQUISAS CIENTÍFICAS: O REVISOR TAMBÉM TRABALHA COM DISCURSOS.....	104
3.2 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO, COMPOSIÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL DE PESQUISA.....	114
<b>4 UMA VOZ APAGADA? ENTRE DIZERES E FAZERES DO REVISOR DE TEXTOS ACADÊMICOS</b> .....	123
4.1 MOVIMENTOS DIALÓGICOS DA ATIVIDADE DE TRABALHO DO REVISOR DE TEXTOS ACADÊMICOS: <i>E-MAILS</i> EM FOCO.....	124
4.1.1 <b>Entre aproximações e distanciamentos: linguagem e trabalho</b> .....	124
4.1.2 <b>“É só uma olhadinha”: axiologias e tensão em discurso</b> .....	138
4.2 PALAVRA MINHA E PALAVRA ALHEIA NA TEIA DOS SENTIDOS: EXCERTOS DISCURSIVOS EM ANÁLISE .....	160

<b>4.2.1</b>	<b>Entre textos e contextos.....</b>	<b>162</b>
4.3	COLETIVIDADES E INDIVIDUALIDADES NO MUNDO DO TRABALHO: A ATIVIDADE E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	179
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>190</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>195</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>201</b>
	ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	201

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de tese integra-se ao grupo de pesquisa Tessitura: Vozes em (Dis)curso, coordenado pela professora Maria da Glória Corrêa di Fanti (orientadora desta tese) e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que toma o discurso como um objeto interdisciplinar “tecido por uma diversidade de vozes, cuja interação revela variados processos de subjetivação e de produção de sentidos”. É ao encontro desses anseios que se desenvolve esta pesquisa, vislumbrando contemplar o entrecruzamento discursivo de vozes envolto na atividade de revisão textual realizada em teses acadêmicas, com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos e, sobretudo, analisar relações dialógicas constitutivas desse fazer. Para tanto, de um lado, são mobilizadas as reflexões advindas do Círculo de Bakhtin<sup>1</sup> e, de outro, os postulados da Ergologia<sup>2</sup>, os quais, colocados em relação de interface, dão os subsídios necessários para abordar, com um olhar enunciativo-discursivo, os dois principais componentes que se entrelaçam na atividade de um profissional da revisão de textos: a linguagem e o trabalho.

Embora como uma prática comum entre os profissionais do texto<sup>3</sup>, que são com frequência solicitados a fazê-la, a atividade profissional de revisão textual ainda é pouco discutida enquanto objeto científico de trabalhos acadêmicos, sobretudo em perspectivas enunciativo-discursivas da linguagem. Ao realizar uma pesquisa<sup>4</sup> no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com as seguintes palavras-chave: *revisão de textos*, *revisor* e *revisão textual*, encontramos, respectivamente, a seguinte quantidade de trabalhos acadêmicos: 133, 11 e 56. Desse total, 12 (8 dissertações de mestrado e 4 teses de doutorado) tratavam especificamente da atividade de revisão textual e consideravam contribuições advindas de perspectivas linguísticas na sua

---

<sup>1</sup> O Círculo de Bakhtin é constituído por intelectuais de formações e interesses distintos que, de 1919 a 1929, reuniram-se na Rússia para refletir sobre questões variadas, dentre as quais se destaca o debate acerca da paixão pela linguagem. Os principais componentes do Círculo, representantes da linguagem, são V. N. Volochínov, P. N. Medvedev e, o líder do grupo, Mikhail Bakhtin (FARACO, 2009).

<sup>2</sup> Uma abordagem pluridisciplinar, nascida da França, durante os anos 1980, buscando, sobretudo, uma melhor compreensão do universo do trabalho em oposição a uma compreensão taylorista da atividade. Discorrer-se-á sobre os seus pressupostos no referencial teórico desta tese.

<sup>3</sup> Entendemos que o curso de graduação em Letras, embora não forme revisores para atuar com base em uma concepção *x* ou *y*, instrumentaliza seus acadêmicos em atuações em torno da natureza e dos elementos de constituição do *texto* tomado como um objeto de trabalho e de estudo. Apesar disso, sabemos que muitas das pessoas que atuam com a revisão de textos são formadas em diferentes áreas do conhecimento, como o jornalismo, por isso, a denominação *profissionais do texto*.

<sup>4</sup> A referida pesquisa foi realizada em julho de 2016 no seguinte endereço eletrônico: <<http://bancodeteses.capes.gov.br>>.

investigação. A maior parte desses trabalhos tem nas contribuições da Linguística Textual ou da Linguística Cognitiva o aporte teórico-metodológico para as análises desenvolvidas.

O estudo realizado no banco de teses e dissertações da Capes permite averiguar também que, embora o interesse de pesquisa pela atividade de revisão textual seja foco de alguns estudos, a maioria deles tem por objeto de investigação o trabalho de revisão do professor (normalmente o de produção textual) em textos de alunos, ou seja, abordagens que demonstram a revisão como atividade circunscrita ao universo escolar da educação básica. Somente uma tese encontrada tratou da atividade de revisão sob o ponto de vista profissional do revisor de texto em uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem e teve ancoragem nos pressupostos do Círculo de Bakhtin relacionados a pesquisas da Linguística Aplicada.

Esse trabalho, intitulado *Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres*,<sup>5</sup> é de autoria de Risoleide Rosa Freire de Oliveira e foi defendido no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no ano de 2007. Tal pesquisa baseou-se em alguns pontos dos estudos bakhtinianos relacionados a trabalhos da Linguística Aplicada para tratar do fazer do revisor de textos e teve por objetivo principal “investigar a atividade de revisão de textos no que se refere à prática do revisor, a partir do discurso de profissionais” (OLIVEIRA, 2007, p. 24).

Como se pode perceber, o foco de Oliveira está na voz dos revisores, na análise de seus discursos sobre a atividade profissional que desenvolvem. Entre os principais conceitos bakhtinianos utilizados pela autora estão os de *interação socioverbal*, *exotopia* e *gêneros do discurso*, os quais dialogam em seu texto com pressupostos da Linguística Aplicada, o que ratifica que o recorte dado ao objeto, embora inserido em uma perspectiva enunciativo-discursiva, é diferente do proposto nesta tese, o que será melhor exposto no próximo capítulo, quando tratamos do referencial teórico deste trabalho. Outrossim, na seção em que situamos os trabalhos de pesquisa sobre a atividade do revisor e os princípios metodológicos deste estudo, discorreremos mais detalhadamente a respeito do trabalho de Oliveira (2007).

Resultados semelhantes aos apresentados pela pesquisa ao banco de teses e dissertações da Capes foram apontados por uma investigação realizada no banco de trabalhos

---

<sup>5</sup> O mencionado trabalho pode ser consultado na íntegra no seguinte endereço eletrônico: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/RisoleideRFO.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2016.



acadêmicos disponível no *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia<sup>6</sup> (Ibict): uma recorrência de pesquisas que se voltam para a atividade de revisão textual desenvolvida na esfera escolar, sobretudo a partir de uma perspectiva da Linguística Textual ou dos estudos da Linguística Cognitiva.<sup>7</sup>

Em outra perspectiva de trabalho, tendo como objeto o trabalho de revisão, a professora Luciana Salazar Salgado defendeu na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) a tese: *Ritos genéticos editoriais: autoria e práticas de textualização*. Salgado investigou processos relativos ao mercado editorial, dentre eles o de revisão textual em uma perspectiva discursiva, tendo como foco principal estudos advindos da chamada Análise de Discurso de Tradição Francesa, sobretudo os filiados aos trabalhos do linguista francês Dominique Maingueneau. Antecipamos aqui, mas trataremos de modo mais explícito o trabalho dessa autora ao contextualizarmos nosso objeto de pesquisa em investigações científicas precedentes, capítulo em que apresentamos a contextualização e os princípios metodológicos da pesquisa proposta.

Por meio da realização de levantamento, pudemos perceber que, mesmo as pesquisas de base enunciativo-discursivas que já investigaram o fazer do revisor de textos, não o fizeram a partir de uma fundamentação essencialmente bakhtiniana dos estudos da linguagem em interface com as pesquisas ergológicas para a atividade de trabalho. Essa consideração alicerça a contribuição desta tese não só aos estudos da linguagem que tiverem interesse no trabalho do revisor de textos, mas, também, às pesquisas ergológicas que buscarem subsídios para refletir a respeito da complexidade profissional envolta no fazer de um revisor de textos acadêmicos.

Sobre a atividade profissional em foco, cabe salientar também o fato de que, se, por um lado, o fazer do revisor de textos acadêmicos ainda é pouco discutido cientificamente, por outro, sabemos que há uma grande procura por esse trabalho. Isso pode ser verificado, por exemplo, pela constante presença de cartazes espalhados pelos murais das mais diversas

---

<sup>6</sup> O Ibict reúne teses e dissertações de mais de 101 instituições de ensino superior e conta com 37.421 mil documentos em seu Banco de Dados. Informações disponíveis em: <<http://bdt.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=revisão+de+textos&type=AllFields&filter%5B%5D=format%3A%22doctoralThesis%22>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

<sup>7</sup> Cabe destacar ainda que, nos eventos científicos da área de Letras de que temos participado, também se comprova o fato de a revisão textual como atividade de trabalho ser pouco investigada e debatida na academia. Durante os anos de 2014 e 2015, por exemplo, tivemos a oportunidade de participar de 14 eventos, nacionais e internacionais, na área dos estudos da linguística, localizados em diferentes cidades e estados brasileiros, bem como do XI Congresso Internacional da Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (Aled), em Buenos Aires, na Argentina. Alguns desses encontros tiveram a apresentação de mais de trezentas comunicações, reunindo pesquisadores nacionais e estrangeiros, e, em apenas um deles, encontramos uma pesquisadora que tratava da atividade de revisão textual em textos acadêmicos, o 20º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA), ocorrido de 12 a 14 de novembro de 2015, na PUCSP.

universidades públicas e particulares do país, oferecendo os serviços de um revisor textual ou ainda pela recorrente solicitação dos orientadores e/ou membros de bancas de avaliação dos trabalhos acadêmicos de que o texto apresentado seja enviado para a revisão antes da entrega final. Essa solicitação, embora esteja centrada na qualificação da versão final do texto, aponta para a necessidade de profissionais qualificados para a revisão, que, além da formação acadêmica necessária para fazê-lo, têm um distanciamento diferente do autor do trabalho em si, o que lhes possibilita indicar problemas importantes a serem resolvidos.

Além disso, a quantidade de cursos de especialização *lato sensu* em revisão de textos nas universidades dos diferentes estados brasileiros, conforme se pode verificar a partir de uma breve pesquisa ao Google, também expõe a demanda de trabalho existente em torno da atividade de revisão textual e a conseqüente importância de trabalhos acadêmicos que discutam e melhor compreendam a revisão de textos. Justamente por se tratar de um objeto não muito discutido na esfera científica, um dos problemas no desenvolvimento da atividade profissional do revisor está na própria definição do trabalho, uma vez que delimitar os procedimentos adotados por um revisor textual, por exemplo, costuma ser uma tarefa bastante difícil e polêmica.

Outra importante questão que envolve o trabalho do revisor está relacionada ao fato de que não há muitos espaços profissionais institucionalizados para o seu exercício, isto é, são ainda poucos os lugares que reconhecem esse fazer como um cargo profissional, por isso, a presença dos chamados profissionais liberais é muito frequente. Isso significa que é muito maior o número de revisores que trabalham de modo isolado, de maneira bastante diversificada e com quase nenhum reconhecimento do mercado em que atuam, o que contribui também para a invisibilidade<sup>8</sup> dessa atividade. Esses aspectos, portanto, ratificam a necessidade de estudos científicos que busquem melhor compreender e oferecer subsídios teórico-metodológicos de análise e reflexão para o fazer profissional do revisor de textos, tal como pretendemos desenvolver com a presente pesquisa.

Acrescenta-se a essas reflexões nossa experiência com o trabalho de revisão de textos há mais de nove anos. Nossa relação com a atividade permite afirmar que há pessoas que definem esse fazer como um processo de exclusiva adequação gramatical do texto, “[...] um fazer apático, mecânico, um aglomerado de aplicações de regras das gramáticas normativas, sem que se considere o sentido e o contexto discursivo de inserção do texto” (BARBOSA,

---

<sup>8</sup> Ancoradas em Schwartz (2011b), a partir do texto *Conceituando o trabalho: o visível e o invisível*, entendemos que toda a atividade comporta uma parcela de invisibilidade e que, em algumas, ela pode ser maior, como é o caso da atividade de revisão textual, tal como mostraremos nesta pesquisa.

2012, p. 19).<sup>9</sup> Outros sujeitos, por sua vez, compreendem o fazer do revisor como o de um coautor, tendo em vista que lhe cabe participar da reformulação de várias passagens da produção revisada; há também os que esperam do revisor de textos a reescrita completa de todos os períodos com problemas gramaticais, estruturais e/ou semânticos, isto é, acreditam que é dele a responsabilidade por fazer todo o trabalho que caberia ao autor do texto mediante uma combinada quantia em pagamento.

Soma-se às experiências profissionais, a realização constante de pesquisas com vistas a uma melhor compreensão da atividade, o que, por certo, auxilia no desenvolvimento desta tese. Iniciamos nosso percurso investigativo relativo ao fazer do revisor de textos em uma pesquisa de mestrado intitulada *Uma análise dialógica da atividade de Revisão linguística em Educação a Distância (EaD)*.<sup>10</sup> Nessa investigação, foram analisadas facetas do trabalho de revisão de textos desenvolvido pelo Núcleo de Revisão Linguística<sup>11</sup> da Secretaria de Educação a Distância (SEaD) da Universidade Federal do Rio Grande (Furg) com o intuito de averiguar se a atividade realizada poderia ser considerada um agir colaborativo de construção de discursos, no caso específico, de textos didáticos.

Com tal finalidade, o estudo buscou compreender as relações enunciativas estabelecidas entre os atores do trabalho envolvidos diretamente com a atividade de revisão no contexto pesquisado, quais sejam: docentes elaboradores de material didático para a educação a distância e revisores. Desse modo, a partir da seleção de diálogos estabelecidos entre o Núcleo de Revisão e os docentes e da análise dos excertos dos textos em processo de revisão, tornou-se possível vislumbrar as facetas que compunham o trabalho de revisão na SEaD/Furg, o que comprovou que o fazer desenvolvido constituía um agir colaborativo na construção de discursos, mais especificamente de textos didáticos voltados para a formação do usuário final, o aluno de EaD na Furg.

A pesquisa relatada conseguiu alcançar seu objetivo principal, demonstrando a importância da atividade de revisão textual na construção colaborativa de discursos, o que ficou evidente a partir dos materiais que organizaram o estudo e dos dizeres dos sujeitos investigados. Além disso, observamos que o trabalho realizado pelo Núcleo de Revisão da SEaD/Furg, por meio de um processo constante de interação e diálogo com os professores

---

<sup>9</sup> Considerações obtidas a partir de pesquisa realizada no trabalho de mestrado da autora desta tese.

<sup>10</sup> Dissertação da autora desta tese, realizada sob a orientação do professor Adail Sobral, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), em fevereiro de 2012. Um dos membros da banca dessa dissertação foi a professora Maria da Glória Corrêa di Fanti, a qual, a partir de seus questionamentos e de suas sugestões, também contribuiu com a elaboração da versão final da pesquisa desenvolvida no mestrado.

<sup>11</sup> Na SEaD/Furg, há um Núcleo de trabalho formado por profissionais da área de Letras responsável pela revisão de todo o material textual que vai para a plataforma virtual de aprendizagem, o Moodle.

autores do material didático, tinha por finalidade proporcionar aos alunos de EaD/Furg textos didáticos mais claros, coesos e coerentes, ainda que tal resultado estivesse sempre sujeito a aprimoramentos.

O caminho de investigação percorrido na investigação de mestrado despertou o interesse pelo objeto *revisão textual*, ao qual nos dedicamos na pesquisa de doutoramento. Durante a primeira análise (mestrado), discutimos a importância do trabalho dos profissionais da revisão de textos em um contexto específico: uma Secretaria de Educação a Distância; na sequência investigativa (no doutorado), buscamos analisar de modo mais aprofundado a complexidade da atividade de trabalho do revisor desenvolvida com frequência em um importante gênero da esfera acadêmica, a tese; ainda que seja necessário admitir que a atividade é, comumente, silenciada, uma vez que não há um espaço para o reconhecimento dessa atividade sequer no gênero mencionado, no qual ela se concretiza. Ademais, a própria Plataforma Lattes, responsável pela reunião e divulgação de trabalhos acadêmicos, também não oferece um espaço para a colocação de trabalhos de revisão em gêneros acadêmicos, o que contribui para que o trabalho do revisor permaneça no silenciamento e na invisibilidade que lhe é constitutiva.

A partir das considerações tecidas, esta tese analisa a atividade de revisão de textos acadêmicos, mais especificamente, a desenvolvida em teses que passaram pelo olhar profissional de um revisor de textos. Para tanto, este estudo embasa-se na perspectiva dialógica da linguagem, conforme desenvolvida pelo pensador Mikhail Bakhtin e seu Círculo, e estabelece interface com a Ergologia, uma abordagem pluridisciplinar, que volta as suas reflexões para o trabalho, tomando-o enquanto uma atividade complexa que está em permanente (re)construção.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar, a partir das perspectivas bakhtiniana e ergológica, a atividade de revisão textual realizada em teses acadêmicas, com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, a observar as relações dialógicas constitutivas desse fazer. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa visa: a) investigar a presença e a relevância discursiva da voz do profissional responsável pela revisão de textos na versão final de teses revisadas; b) analisar como ocorre o imbricamento da *palavra própria* e da *palavra alheia* na relação dialógica entre revisor e autor do texto revisado; c) observar aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho realizado nas teses acadêmicas; e d) verificar posições axiológicas dos sujeitos envolvidos com a atividade de revisão (autor e revisor) acerca dos fazeres desenvolvidos e da natureza das relações entre eles.

Constituem o material de pesquisa desta tese: i) e-mails trocados entre os autores das teses e os seus respectivos revisores; e ii) processos de revisão presentes nas versões de teses de diferentes áreas do conhecimento, ou seja, excertos dos textos durante as trocas linguageiras estabelecidas entre autores e revisores, trechos com os seus respectivos comentários inseridos por meio das ferramentas de edição de texto disponíveis em *softwares* como o Microsoft Word.

As correspondências eletrônicas trocadas entre os sujeitos da atividade em foco possibilitam que observemos aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho realizado nas teses acadêmicas, posto que é por e-mail que os sujeitos debatem tanto a definição de revisão a ser contratada quanto o modo como ela será desenvolvida. Os trechos dos textos analisados e os comentários nas versões que constituem a elaboração do texto na versão final, por sua vez, permitem contemplar diferentes estágios de desenvolvimento da produção escrita bem como observar a presença e a relevância discursiva da voz do profissional da revisão de textos na versão final das teses revisadas. Ademais, essas etapas de elaboração do texto revisado possibilitam, também, analisar como ocorre o imbricamento das palavras do revisor e do autor na versão final do texto revisado, ou seja, de que maneira as palavras de ambos<sup>12</sup> se inter-relacionam na tessitura final do texto revisado. Por fim, o material analisado permite verificar, ainda, posições axiológicas de ambos os sujeitos envolvidos com a atividade de revisão (autor e revisor) acerca dos fazeres desenvolvidos e da natureza das relações estabelecidas entre eles.

Assim, nas análises desenvolvidas, observamos enunciados trocados entre revisores e autores de teses revisadas que refletem uma ideia de trabalho em conjunto, tendo em vista que a revisão de textos vai se construindo na interação com o autor, ao invés de se tratar de um trabalho individual, centrado no revisor. No fazer em foco, os signos ideológicos que organizam os projetos enunciativos concretizados fazem emergir as relações dialógicas que revelam diferentes vozes discursivas e acentos de valor para o fazer do revisor, os quais qualificam a atividade em questão e dão pistas de um trabalho cooperativo.

Essas considerações conduzem até a tese deste trabalho: evidenciar que a atividade de revisão de textos acadêmicos é um fazer essencialmente colaborativo entre autor e revisor, o que demonstra, em consequência, que o texto acadêmico que passa pelo processo de revisão é, de certo modo, (co)produzido pelo autor da tese e pelo revisor de texto, a partir do

---

<sup>12</sup> Ainda que o revisor organize suas palavras, buscando sempre considerar um projeto enunciativo do autor, isto é, pensando em como sugerir uma dada construção textual que procure melhor estruturar o projeto do autor da escrita, acreditamos que o profissional sempre fará a sugestão a partir do seu horizonte espacial e, em consequência, das suas palavras. Por isso, falamos em palavras do revisor.

imbricamento das vozes de ambos na tessitura final da produção escrita. O revisor, nessa teia de sentidos, ocupa um lugar marcado por aproximações e distanciamentos tanto do autor do texto quanto da produção textual em si e busca um equilíbrio entre o colocar-se no lugar do outro – movimento empático –, para compreender a tessitura geral da escrita, e o afastar-se – movimento exotópico –, para atuar como um leitor crítico, capaz de observar o todo do projeto de dizer, vislumbrando possibilidades de melhor finalização do texto.

Por fim, quanto à estrutura geral, além da introdução, este trabalho organiza-se em quatro capítulos seguidos das considerações finais da pesquisa. No primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da Perspectiva Dialógica do Discurso, nele, discorremos a respeito dos princípios epistemológicos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, apresentando conceitos-chave que sustentam e ancoram a presente tese; no segundo capítulo que também trata do referencial teórico, estão as reflexões basilares da proposta ergológica do trabalho. Concluída a apresentação dos pressupostos teóricos desta pesquisa, há o terceiro capítulo, em que apresentamos a contextualização da atividade de revisão de textos acadêmicos em pesquisas científicas, seguida pelos princípios metodológicos que organizam e delimitam esta investigação. No quarto capítulo, que antecede as considerações finais, apresentamos as reflexões advindas das análises do material da pesquisa, as quais se ancoram em um olhar dialógico e ergológico que é lançado às trocas enunciativas entre revisores e autores de teses revisadas, mostrando um (in)tenso debate de valores e o imbricamento de vozes e de sentidos que se engendram no fazer profissional de um revisor de textos acadêmicos.

## 1 PERSPECTIVA DIALÓGICA DO DISCURSO

Neste capítulo, são apresentadas as reflexões teóricas advindas do pensamento bakhtiniano que embasam a presente pesquisa. De modo geral, podemos dizer que reunimos, nesta parte da pesquisa, princípios teórico-metodológicos que sintetizam aspectos da chamada Teoria Dialógica do Discurso, ou seja, postulados desenvolvidos não só por Mikhail Bakhtin mas também por outros pensadores que se reuniram na Rússia durante o século XX para discutir a respeito de assuntos filosóficos diversos, em especial sobre os estudos da linguagem, a constituição ideológica dessa, a importância dos sujeitos na interação e no processo de construção de sentidos assim como acerca do papel do contexto e dos acentos axiológicos instaurados nas múltiplas situações comunicativas das quais advém e nas quais a linguagem se instaura.

Embora tenhamos falado sobre uma Teoria Dialógica do Discurso, cabe destacar a afirmação de Beth Brait (2010, p. 9, grifo da autora) de que: “[...] ninguém, em sua consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto *formalmente* uma teoria e/ou análise do discurso”. Com tal assertiva, a autora salienta o fato de que não podemos relacionar a Bakhtin ou aos demais autores do Círculo o desenvolvimento de uma teoria com preceitos e categorias de análise definidos previamente ao estudo dos objetos investigados, pois, nas reflexões bakhtinianas, não encontramos “[...] um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada” (2010, p. 9).

Sendo assim, em uma pesquisa de filiação bakhtiniana, não há, por exemplo, categorias “[...] aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto” (BRAIT, 2010, p. 14). No entanto, conforme também destaca Brait (2010, p. 10), podemos dizer que as obras do Círculo, tomadas como conjunto, motivaram “[...] o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral”. Desse modo, os trabalhos que têm por base as reflexões bakhtinianas, ainda que não tenham uma compreensão concluída/fechada do que constitui a Teoria Dialógica do Discurso (o que seria, inclusive, incoerente com a própria teoria), partem de certos princípios gerais que organizam e reúnem investigações diversas em uma concepção de linguagem e de discurso como elementos constitutivos e indissociáveis dos sujeitos e das suas historicidades, sem desconsiderar a importância do papel ideológico e dos diversos valores sociais veiculados pela e por meio da linguagem.

Na obra intitulada *Mikhail Bakhtin*, os autores Katerina Clark e Michael Holquist (2008, p. 29) afirmam que “[...] poucos pensadores se sentiram tão fascinados pela plenitude das diferenças no mundo quanto Mikhail Bakhtin”; isso se justifica, por exemplo, a partir do fato de que, nos seus conceitos e em suas reflexões, encontramos subsídios para discorrer a respeito do não acabamento, seja da linguagem ou do sujeito, da sua maleabilidade e diversidade, contestando definições radicais e estanques, como a de um objetivismo abstrato ou a de um subjetivismo idealista. Na opinião dos mesmos autores citados, “[...] toda a obra de Bakhtin se apresenta sob o signo da pluralidade, do mistério e do um e do muito” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 29).

De modo geral, podemos dizer, portanto, que a preocupação do pensamento bakhtiniano está centrada na linguagem em uso, em um ser não idealizado, em um sujeito responsável pelo seu dizer, na heterogeneidade, no horizonte social compartilhado pelos sujeitos da enunciação. Enfim, uma perspectiva dialógica do discurso parte de uma compreensão de linguagem que se constitui pela simbiose entre mundo interior e exterior, dado e novo, forma e função.

Considerando esses pressupostos, este capítulo subdivide-se em cinco seções: respectivamente: o Círculo de Bakhtin; a linguagem nessa perspectiva; a palavra tomada como um signo ideológico por excelência; o enunciado e os gêneros do discurso; as relações dialógicas e os conceitos de empatia e exotopia. Nessas seções, são colocadas em diálogo algumas das principais obras e alguns dos principais conceitos dos autores que participaram do Círculo. Esse diálogo entre leituras e obras tem por objetivo oferecer subsídios que possibilitem melhor apreender o que significa desenvolver uma pesquisa ancorada em uma perspectiva dialógica do discurso. Para tanto, além dos escritos bakhtinianos, recorreremos também a trabalhos e contribuições de alguns dos leitores mais representativos da perspectiva dialógica da linguagem.

## 1.1 O CÍRCULO DE BAKHTIN

A expressão *Círculo de Bakhtin* refere-se a um grupo pluridisciplinar constituído por pensadores com formações em diferentes áreas do conhecimento e interesses em assuntos diversos. Esses intelectuais reuniram-se na Rússia, entre os anos de 1919 e 1929, para refletir sobre questões variadas, dentre as quais destaca-se a paixão pela linguagem (FARACO, 2009, p. 13). Conforme Faraco (2009, p. 13), os membros desse grupo eram marcados pela pluralidade de formações, “interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo



multidisciplinar, portanto)”, que inclui, entre outros nomes,<sup>13</sup> o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor de literatura Lev V. Pumpianski e os três autores que recebem maior destaque nos estudos da linguagem: Pavel N. Medvedev, Valentin N. Voloshinov e Mikhail M. Bakhtin.

Brait e Campos (2009, p. 15) afirmam que, para compreender o que significa o pensamento bakhtiniano, é necessário “[...] percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas”. Esses pensadores, reunidos na Rússia entre as décadas de 1920 e 1930, “[...] dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais” (2009, p. 15), constituídos por circunstâncias diversas que marcaram o país entre os anos de 1920 até os anos de 1970. Por isso, “[...] recuperar Bakhtin e o Círculo implica uma longa viagem” (2009, p. 18), que deve contemplar necessariamente questões histórico-políticas e geográficas, tal como explicam Brait e Campos (2009).

Quanto às primeiras (questões histórico-políticas), as autoras destacam o período em que nasceram os membros do futuro Círculo, isto é, no final século XIX e início do XX, momento marcado pela derrocada da era czarista – época em que o país se encontrava sob o domínio soberano do tirano imperador – e começo dos soviets. Esses, segundo Zandwais (2009, p. 99), eram os responsáveis por buscar o estabelecimento de “[...] um diálogo contínuo entre as bases infraestruturais e a superestrutura, com o fim de transformar o modo de produção das relações políticas do Estado Soviético”. Assim, o contexto histórico-político que marca os primeiros anos de vida e também os escolares dos autores do Círculo é constituído por um período que reflete, de um lado, um clima de lutas, grande instabilidade, pobreza e, de outro, o crescimento do movimento popular, que resulta na Revolução de 1917 e acaba com quatro séculos de czarismo no país (BRAIT; CAMPOS, 2009).

Sobre as questões geográficas, as cidades russas de Nevel, Vilnius,<sup>14</sup> São Petersburgo, Vitebsk e Orel marcam o nascimento e alguns dos diversos pontos de encontros e debates dos autores que compõem o que hoje se denomina por Círculo de Bakhtin, conforme explicam Brait e Campos (2009). O membro mais velho desses pensadores, o filósofo Matvei I. Kagan, e a pianista Maria V. Yudina têm como cidade natal Nevel; em Vilnius, nasceu Lev V. Pumpianski, professor da Faculdade de História e Filologia de São Petersburgo.

<sup>13</sup> Explicamos que os nomes dos autores que pertenceram ao Círculo de Bakhtin destacados no decorrer deste capítulo podem apresentar diferentes grafias, as quais estão em acordo com as fontes consultadas e devidamente citadas, como é o caso, por exemplo de Pavel Medvedev (FARACO, 2009) e Pável Miedviédiev (CLARK; HOLQUIST, 2008).

<sup>14</sup> A grafia do nome desta cidade assim como o de outras e também o nome dos autores que compuseram o Círculo apresenta diferenças significativas neste capítulo, as quais estão em acordo com as obras consultadas e devidamente referenciadas. Por exemplo, Vilnius, conforme Brait e Campos (2009), e Vilno, segundo Clark e Holquist (2008).

O jornalista literário Pavel N. Medvedev, o biólogo, filósofo e historiador da ciência, Ivan I. Kanaev, o poeta e escultor, Boris M. Zubakin, o pós-graduado em Literaturas e Línguas Ocidentais e Orientais, Valentin N. Voloschinov e o poeta Konstantin K. Vaguinov são naturais da cidade de São Petersburgo. Já o membro mais jovem do Círculo, segundo Brait e Campos (2009), o músico, crítico e professor de história do teatro, Ivan I. Sollertinski, nasceu em Vitebsk, enquanto o filósofo e mais conhecido membro do Círculo, Mikhail M. Bakhtin, é natural da cidade de Orel.

As diferentes localizações geográficas e a multiplicidade de formações e áreas de atuação profissional que caracterizam esses autores permitem formarmos uma ideia das vivências plurais e da transdisciplinaridade envolta nas reflexões desse grupo. Logo, ao contemplar sob diferentes prismas e áreas do conhecimento questões filosóficas e sociais, os membros do Círculo deixaram um grande legado principalmente aos estudos da linguagem, o qual até hoje ecoa em trabalhos de pesquisadores situados nos mais diferentes países e continentes, mantendo aceso e em permanente (re)construção o (in)tenso processo dialógico dos discursos científicos.

Devido à falta de documentos oficiais e aos poucos registros escritos deixados pela maioria naquela época somados a muitos rascunhos e manuscritos incompletos, podemos afirmar que a história dos autores do Círculo de Bakhtin é marcada por um (des)encontro de vozes que, frequentemente, gera polêmicas e questionamentos. Ainda assim, são inegáveis a contribuição e a profundidade das reflexões desenvolvidas por esses pensadores que ultrapassaram barreiras geográficas, políticas e financeiras para compartilhar o que tinham em comum: “uma paixão pela filosofia e pelo debate de ideias” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 65).

Durante a sua vida, nas diferentes cidades em que morou, Bakhtin reuniu-se com um significativo número de pensadores, formando um grupo bastante ativo que se encontrava nas “[...] chamadas noites filosóficas em que os participantes ou discutiam uma obra importante no campo da filosofia [...] ou um trabalho contemporâneo ou o texto de um pensador religioso” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 65). Esses Círculos, segundo os autores consultados, reuniram espíritos animados de debatedores jovens que desenvolveram discussões magníficas. Nesses encontros, o grupo era imbuído do ideal de que deveria também compartilhar com as massas os seus conhecimentos e privilégios culturais e, para isso, desenvolvia debates e atividades em diferentes espaços, representando a vida intelectual e cultural daqueles pensadores e “[...] entre os tópicos assim debatidos figuravam o amor, a arte e a cultura” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 69).

Diversos textos, que são muito caros aos estudiosos bakhtinianos, nasceram nesses encontros, como um projeto iniciado ainda em Nevel a respeito da “Arquitetônica da responsabilidade”, no qual estão os fragmentos de textos, como *O autor e o herói na atividade estética*, *Pra uma filosofia do ato*, as primeiras referências a uma obra sobre Dostoiévski, assim como *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*. Quando estiveram em Leningrado, por exemplo, os estudiosos centraram suas discussões em torno da “importância da filosofia da linguagem na psicologia, filosofia e na poética” (BRAIT; CAMPOS, 2009, p. 21), resultando em quatro trabalhos muito importantes para uma compreensão e visão geral do pensamento do Círculo: *O freudismo: um esboço crítico* (1927), de Voloshinov; *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (1928), de Medvedev; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929), assinado por Voloshinov;<sup>15</sup> e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929), de Bakhtin.

Conforme destacamos, embora exista uma grande discrepância e até mesmo divergência entre alguns pesquisadores quanto às datas de criação, à edição, à autoria e à publicação de muitas produções do Círculo (CLARK; HOLQUIST, 2008), devido principalmente à falta de documentação oficial, à desordem cronológica e às diferentes traduções que as constituem, é inegável a abrangência das discussões desses pensadores e o diálogo que estabeleceram em seus textos “[...] com formalistas, marxistas ortodoxos, ideólogos, psicólogos e psicanalistas, a partir de um lugar em que a polêmica, sem ser destrutiva, construiu novos lugares epistemológicos” (BRAIT; CAMPOS, 2009, p. 22). Dentre esses novos espaços, destaca-se a edificação de uma nova filosofia da linguagem e da cultura a partir da defesa de uma poética sociológica, da réplica a teorias freudianas e do confronto com formalistas, buscando considerar a linguagem em seus diferentes âmbitos e suas múltiplas esferas, “[...] quer literária, cotidiana, visual, musical, corporal, científica” (BRAIT; CAMPOS, 2009, p. 22).

Faraco (2009, p. 16) afirma que o conjunto da produção bakhtiniana revela a edificação de “dois grandes projetos intelectuais”: o desenvolvimento de uma *prima filosofia* – advindo principalmente das reflexões de Bakhtin –, a qual se caracteriza por um contundente combate ao teoreticismo absoluto; e, por meio dos textos de Volochínov e Medvedev, “[...] a construção de uma teoria marxista da chamada criação ideológica, ou seja,

---

<sup>15</sup> Embora a autoria de muitos dos textos do Círculo, tal como a de *Marxismo e filosofia da linguagem*, seja questão polêmica e apresente variações, não entraremos nesse debate e faremos as referências às autorias sempre em acordo com as obras e os autores consultados.

da produção e dos produtos do ‘espírito’ humano” (FARACO, 2009, p. 17). Nessa perspectiva, segundo Faraco (2009, p. 18), os pensadores do Círculo ocuparam-se essencialmente de três questões que ecoam em todas as suas produções: a unicidade do Ser; a essencialidade da relação eu/outro; e o elemento axiológico constitutivo de todo e qualquer ato humano.

Portanto, ao tratar de um sujeito que é ativo-responsivo e trazê-lo ao centro de suas reflexões, o Círculo trabalhou com a concepção de um ser não idealizado, que é responsável por suas atitudes e não tem alibi para se isentar da vida. Do mesmo modo, ao demonstrar a íntima e inegável presença do *Outro* em todo discurso do *Eu*, colocou em evidência a multiplicidade de vozes e a tensão constitutiva do discurso, que nunca é neutro, mas plurivocal, carregado axiologicamente por uma multiplicidade de valores, vozes, verdades e tons.

Ao tomar essa postura para tratar da linguagem, os integrantes do Círculo desenvolveram, então, o que se veio a chamar de perspectiva dialógica do discurso/da linguagem, na qual o foco das reflexões não está centrado, por exemplo, nas formas abstratas de realização do sistema linguístico, mas, sim, em situações concretas de interação, em que é possível observar e ponderar sobre “o individual, o singular, o irrepetível, o evêntico” (FARACO, 2009, p. 20). Essa postura não ignorou os estudos precedentes da língua, tampouco o elemento propriamente linguístico dos fenômenos em foco, mas os ultrapassou, ao contemplar também outros fatores que compõem o complexo processo da interação verbal, tais como a subjetividade, a ideologia e os acentos axiológicos imbricados no processo de instauração de sentidos.

Na sequência deste capítulo, tratamos de alguns dos conceitos desenvolvidos nas reflexões do Círculo de Bakhtin. Tais preceitos, embora se mantenham intimamente relacionados e possam, por isso, ser observados imbricados nas análises do objeto, para fins didáticos e metodológicos, estão apresentados de forma individual.

## 1.2 A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Sabemos que a linguagem é um dos elementos mais marcantes da cultura e da história da humanidade. Por meio da linguagem, o homem constitui as trocas e os valores simbólicos que materializam a interação e possibilitam o estabelecimento das variadas relações, bem como permitem a criação e a propagação do pensamento abstrato e de conceitos, valores e fatos que marca(ram) sua história. Portanto, não é à toa que a linguagem e, mais

especificamente, sua capacidade simbólica são temas centrais de grandes discussões, obras e questões filosóficas, teses e inúmeros trabalhos de pesquisas situados em diferentes épocas e variadas áreas do conhecimento, como a Linguística, a Literatura, a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia etc.

Nesse sentido, é correto afirmar que uma das grandes contribuições para se pensar a respeito do papel da linguagem na sociedade, mais especificamente nas relações sociais, pertence aos autores do Círculo de Bakhtin, os quais, conforme destacamos no item anterior, dedicaram uma considerável parte de suas vidas ao debate e ao estudo da linguagem, ao (in)tenso jogo de produção de sentidos que ela engendra. Para construir suas bases epistemológicas, os autores do Círculo dialogaram ativamente com os trabalhos precedentes e com os contemporâneos às pesquisas que realizavam e, nesse contexto, a importante figura de Ferdinand de Saussure é fundamental. Portanto, na sequência, optamos por uma breve apresentação de alguns preceitos do linguista suíço, tendo em vista que Saussure foi um importante interlocutor de Bakhtin e, sobretudo, de Volochínov.

Foi no início do século XX que os estudos da língua e da linguagem alcançaram, a partir dos pressupostos saussurianos, o *status* de ciência. Para o linguista genebrino, a língua é concebida como um “sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2006, p. 24), um sistema objetivo e uniforme, composto por unidades a serem investigadas. Tal preceito, que privilegiou o estudo da língua enquanto forma ao invés de substância (a fala), também estabeleceu uma distinção entre aquela e a linguagem, evidenciando que as duas não devem ser confundidas. Língua, nesse enfoque,

[...] é somente uma parte determinada, essencial dela [da linguagem], indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, **um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias**, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006, p. 17, grifo nosso).

Embora tais postulados tenham definido a língua enquanto “um produto social da faculdade da linguagem”, tal sociabilidade se justifica apenas pelo fato de o objeto em questão ser compartilhado por uma comunidade linguística. Isso significa que, ainda que a língua seja um elemento psicológico que está no inconsciente humano, ela não pode ser alterada individualmente pelo falante. Assim, diz-se social porque envolve a sociedade dos falantes como um todo e não o que está, de forma individual, na mente de cada um. Logo,

nessa leitura da perspectiva saussuriana,<sup>16</sup> a significação de social não abarca, por exemplo, as relações e influências entre indivíduos, valores e situações que envolvem a língua. Do mesmo modo, nesse contexto, não há considerações sobre o papel singular que o sujeito, a partir de suas vivências socio-históricas, exerce nas relações sociais e na contínua (re)construção da língua/linguagem. Ademais, Saussure (2006) diferenciou linguagem e língua, elegendo a primeira como sendo o continente e a segunda, o conteúdo, dando a essa o estatuto de elemento mais importante:

Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalgando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo em si e um princípio de classificação. Uma vez que lhe atribuímos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (SAUSSURE, 1995, p. 25).<sup>17</sup>

Sabemos que, para estar em acordo com a concepção de ciência vigente na época, Saussure necessitava de um objeto que se permitisse analisar de modo sistemático e objetivo, por isso, determinou à língua tal papel. Todavia, de encontro a esses posicionamentos é que vão se situar as discussões linguísticas e filosóficas do Círculo de Bakhtin, as quais criticam de modo veemente as limitações na maneira de vislumbrar o objeto, próprias do pensamento então em voga: “o teoreticismo racionalista” (FARACO, 2009, p. 18). Segundo Faraco (2009, p. 18), essa postura “[...] se constitui exatamente pelo gesto de se afastar do singular, de fazer abstração da vida”. No entanto, cabe destacar as palavras de Di Fanti e Barbisan (2010, p. 8), para compreendermos que o diálogo desenvolvido entre o Círculo e Saussure não pode ser restringido a “[...] uma crítica inconsequente, no sentido de ignorar as contribuições saussurianas sobre o estudo da língua”, mas, ao contrário, essa interlocução “[...] constitui-se como um espaço de tensão na construção de reflexões referentes à natureza dialógica da enunciação e da linguagem”.

Também encontramos reflexões a esse respeito em um texto de Sobral e Giacomelli (2016), sobre a tradução brasileira, de Patrick Sériot, lançada em 2015, da versão francesa de

<sup>16</sup> Fazemos essa ressalva, considerando que há, atualmente, outras leituras e pesquisas baseadas sobretudo nos Escritos de Linguística Geral, obra da autoria de Ferdinand de Saussure, para mostrar que a compreensão do autor genebrino ao papel social da língua(gem) é mais abrangente do que a por muito tempo divulgada e apresentada. Para saber mais sobre esse tema, indicamos, por exemplo, a leitura de: BARBISAN, Leci. A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua. *Matraga*, Rio de Janeiro. v. 21. n. 1, 2014. p.102-110.

<sup>17</sup> Esta citação foi retirada de uma edição francesa do *Curso de Linguística geral* (1995) a partir de uma tradução livre de Adail Ubirajara Sobral. SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1995.

*Marxismo e filosofia da linguagem*. No artigo desenvolvido, os autores demonstram que Volochínov não nega as contribuições científicas de Saussure, mas amplia o sistema de oposições proposto por ele, elevando tal sistema ao domínio do enunciado concreto, da questão axiológica da linguagem. Assim, segundo os autores,

Uma proposta filosófica materialista dialética não pode, dada sua especificidade, ser julgada em termos de uma concepção de ciência fundada em distinções ou dicotomias absolutas, mas num esforço declarado de cernir os diferentes aspectos disponíveis do objeto estudado, sem se ater a uma dada proposta excludente (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 165).

Na mesma perspectiva, Di Fanti e Barbisan (2010, p. 5) mostram que releituras ao *Curso de Linguística geral* e a anotações do próprio Saussure “[...] têm permitido a pesquisadores encontrar subsídios para a fundamentação de teorias no quadro da chamada linguística da enunciação”, na qual se situam os trabalhos do Círculo por exemplo. O fundamental, nesse debate, é compreender o que destacam Sobral e Giacomelli (2016, p. 168): “Saussure e Voloshinov não falam de fenômenos incompatíveis, mas trabalham com distintos objetos e distintas ênfases, ou pontos de vista, igualmente legítimos”.

Quanto aos estudos bakhtinianos, então, cabe destacar que os autores do Círculo não ignoraram a dificuldade existente na delimitação de um objeto da filosofia da linguagem. No início do texto intitulado *¿Que és el lenguaje?* (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 217), essa questão é ilustrada por meio de um exemplo que mostra a dificuldade de um autor ao se sentar para escrever algo em frente à folha em branco. No caso mencionado no texto, ainda que esse autor hipotético tivesse falado a um amigo, antes, com riqueza de detalhes sobre o conteúdo de sua escrita, na hora de concretizá-la, depara-se com grande insegurança, pois “[...] cualquier frase con la cual piensa comenzar su obra le parece estúpida, torpe, extraña y artificiosa” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 217). Mais do que isso: antes de refletir sobre o objeto, isto é, quando apenas falava de sua escrita, esse autor imaginado pelo texto tinha uma compreensão simples e linear da linguagem, mas, a partir do momento em que começa a reflexão a seu respeito, esse objeto torna-se: “[...] una massa pesada, informe, con la cual es muy difícil construir una frase bela, elegante y, sobre todo, que transmita aquello que el autor quiere realmente expresar” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 218). Isso ocorre, nessa perspectiva, porque a linguagem é um fenômeno diferente de todos os demais, cabendo a qualquer autor não só a seleção das palavras para compor a sua obra, mas também o seu devido arranjo na redação da obra inteira.

Essas reflexões ilustram a complexidade e mesmo a singularidade de um trabalho, seja de elaboração de uma obra ou de investigação científica, que tenha por objeto a linguagem. Conforme disposto em *Marxismo e filosofia da linguagem*, para “[...] conquistar o real objeto de nossa pesquisa, é indispensável isolá-lo de seu contexto e delimitar previamente suas fronteiras” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 71). No entanto, no caso específico da linguagem, ao tentar isolá-la, apenas os ouvidos são capazes de captar a palavra, contudo, o estudo da parte sonora do signo linguístico, na maioria das vezes, faz com que se perca a própria essência do objeto, e esse isolamento “[...] é feito sem nenhum vínculo com a natureza real da linguagem enquanto código ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 71). No mesmo texto, destaca-se que, se fosse considerado apenas do ponto de vista acústico, o estudo do som seria da competência dos físicos; se fossem relacionados os processos fisiológico de produção ao de recepção do som, estaríamos em uma esfera puramente fisiológica; e, se associássemos a atividade mental do locutor e do ouvinte, trataríamos de dois processos psicofísicos distintos, ocorrendo em dois sujeitos distintos, frente a um único complexo sonoro físico, logo, estaríamos situados unicamente em uma esfera psicológica.

Em todos os três casos, lidaríamos com um “[...] conjunto complexo de numerosos elementos. Mas este complexo é privado de alma” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 72). Para o Círculo, era preciso inserir o mencionado conjunto em um “[...] complexo mais amplo e que o engloba, ou seja, na esfera única da relação social organizada” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 72), pois um som desprovido de contexto social não pode se constituir em um verdadeiro fato linguístico. Portanto, a solução mais plausível para captar o fenômeno da linguagem era considerar os sujeitos – emissores e receptores do som – assim como a linguagem no meio social específico em que se manifesta, tendo em vista que “[...] a *unicidade do meio social e do contexto social imediato*<sup>18</sup> são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico [...] possa tornar-se um fato de linguagem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 73, grifo nosso).

Como se pode perceber, essas questões revelam a complexidade envolta na constituição de uma ciência da linguagem e alguns dos principais desafios enfrentados pelos autores do Círculo, tendo em vista que inserir a linguagem em uma perspectiva mais englobante não é tarefa simples e traz diversos desafios, pois considera relações de naturezas distintas. Por isso, era necessário, então, reduzir os elementos envoltos na linguagem a um

---

<sup>18</sup> Todos os grifos presentes nas citações pertencem aos autores correspondentes. Caso algum grifo não seja dos autores, ele será sinalizado ao final da citação da seguinte maneira: [grifo(s) nosso(s)].



denominador comum e “[...] todas as suas linhas devem reunir-se num centro único: o passe de mágica que constitui o processo linguístico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 73). Para realizar tal intento, tornava-se importante conhecer as bases do pensamento filosófico e linguístico em voga.

Nesse contexto, duas correntes, que se podem dizer antagônicas, destacavam-se: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Para a primeira, que encontra entre seus principais representantes Wilhelm Humboldt, um filósofo e linguista prussiano, o fundamento da língua estava no ato particular da fala e o psiquismo individual era considerado a fonte da língua, assim, “[...] esclarecer o fenômeno linguístico significava reduzi-lo a um ato significativo (por vezes mesmo racional) de criação individual” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 74). Então, para o subjetivismo idealista, a tarefa do linguista apresenta “[...] senão um caráter preliminar, construtivo, descritivo, classificatório, e limita-se simplesmente a preparar a explicação exaustiva do fato linguístico como proveniente de um ato de criação individual” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 74), ou para servir a fins práticos de aquisição de certa língua.

Já o objetivismo abstrato toma como centro organizador da língua o sistema linguístico, seu “sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 79). Isso significa que, ao contrário do subjetivismo idealista, que colocava no ato individual a principal característica do estudo da língua, para o objetivismo abstrato, importavam os elementos idênticos que reincidentem em cada enunciação, os quais eram responsáveis por garantir “[...] a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 79).

Nessa compreensão, a língua é um sistema estável, invariável de regras, no qual importa considerar apenas as relações entre os signos e não entre eles e os indivíduos ou os contextos em que os signos se manifestam. Na perspectiva do Círculo, a escola de Genebra, mais especificamente na figura de Saussure, “[...] mostra-se como a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 86-87). Isso ocorre porque “Saussure deu a todas as ideias da segunda orientação [do objetivismo abstrato] uma clareza e uma precisão admiráveis” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 86-87). No entanto, “[...] em vez de recusar por inteiro o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista, MFL aproveita deles os aspectos pertinentes à sua proposta e descarta aqueles que são incompatíveis” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 165), afinal, “Saussure e Voloshinov não falam de fenômenos incompatíveis, mas trabalham com distintos objetos e

distintas ênfases, ou pontos de vista, igualmente legítimos” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 168).

Assim, os pensadores do Círculo de Bakhtin consideravam as abordagens apresentadas, embora legítimas, abstratas para os fins de uma análise da linguagem, pois a definição de língua enquanto sistema homogêneo não poderia ser aceita por eles, já que admiti-la significava desconsiderar não só a natureza social da linguagem, como também os sujeitos reais que a utilizam e a compõem nas múltiplas situações de uso concreto da língua. Ignorar quaisquer desses fatores não era plausível porque, para os estudiosos russos, tratar de língua é pensar sobre o que é intrinsecamente social. Nesse viés, o social é compreendido como o intercâmbio constante nas relações entre indivíduos inseridos nos mais variados contextos e a partir das múltiplas formas de valores em tensão nos quais a linguagem se constitui. Para o Círculo de Bakhtin, não há propriamente uma distinção entre língua e linguagem, não só porque, em russo, usa-se uma mesma palavra para as duas concepções, mas principalmente em função de que a língua já é entendida a partir de seu uso, tendo em vista que a real substância da língua não está em um sistema abstrato de formas linguísticas e tampouco na “[...] enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 126).

Em outras palavras, para a perspectiva dialógica do discurso, admitir a natureza social da linguagem significa refletir a respeito desta a partir da realidade da enunciação, na qual há a permanente troca de dizeres e a construção de sentidos entre os múltiplos indivíduos que formam a sociedade. Consequentemente, ainda que abarque a coletividade, essa sociabilidade não deixa de considerar também a relevância da singularidade dos sujeitos, visto que cada um, partindo da sua experiência e do seu modo de organizar a realidade, tem papel fundamental no processo de interação, seja para confirmar, refutar ou complementar os dizeres do outro.

Sobral (2009, p. 32), falando a respeito da concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, afirma que se diz dialógica porque pressupõe que a linguagem e, consequentemente, os discursos “[...] têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem”. Em uma concepção dialógica, não há, portanto, uma língua separada do uso, da enunciação, e uma linguagem que seja apenas uso, pois, para esses estudiosos, o uso é a realidade da língua/linguagem.

A esse respeito, é possível afirmar ainda que o Círculo aceita o fato de que existe um sistema de regras de combinação (gerador da significação) e um sistema de uso (gerador do

tema), mas só se conhece a linguagem em alguma língua e só se conhecem as línguas como linguagem, e não como código (SOBRAL, 2006). A pesquisadora Di Fanti (2003, p. 96) também pontua essa questão, ao dizer que a linguagem, tal como os demais conceitos bakhtinianos, não se presta a essa segregação, pois não veremos nos estudos do Círculo uma compreensão linear de língua e de linguagem “[...] sem um movimento dialógico que exija atitudes responsivas do leitor, isto é, gestos de respostas à teoria em um movimento de aproximação e/ou distanciamento entre o que apreendemos e o que é apreendido”.

Como podemos observar, a postura dos pensadores do Círculo revela uma mudança de posicionamento em relação ao que era pensado sobre língua até então. Zandwais (2009, p. 106) trata desse aspecto, ao mostrar o pensamento de Bakhtin/Volochínov a respeito da objetividade da língua, dizendo que o caráter desta não está “[...] na sua conformidade à norma, à abstração, ao conhecimento puramente cognitivo; reside, com certeza, nos modos concretos de seu emprego, nas condições por meio das quais os signos perdem sua estabilidade, em que as regras tornam-se flexíveis”, pois, ao perderem seu caráter coercitivo, “[...] as formas adquirem orientações próprias a partir das necessidades de uso concreto a que respondem e dos modos como são apropriadas nas falas do cotidiano pelos sujeitos”.

Para Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010, p. 127), a língua é algo que “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”, isto é, no seu uso prático, o qual é inseparável de seu “conteúdo ideológico ou relativo à vida” ([1929] 2010, p. 99). Conforme destaca Sobral (2009, p. 89),

[...] a linguagem é para o Círculo um sistema semiótico aberto que se sustenta numa dialética entre um plano convencional dotado de certa estabilidade [...], um componente que tende à permanência, e um plano marcado pela instabilidade [...]. A linguagem é, por conseguinte, fruto de uma tensão dialética contínua entre estabilidade e instabilidade, entre a cristalização de significações e a amplitude dos temas sociais e historicamente possíveis. A compreensão da linguagem nesses termos tem como centro a inter-ação linguística, uma inter-ação entre sujeitos concretos, ação em que sempre se fazem presentes diferentes formas de apropriação do mundo.

Uma vez que a linguagem é tomada como produto dessa “tensão dialética”, faz-se indispensável compreender a ideia de *relação* como aquilo que organiza um dos fundamentos mais importantes da filosofia de Bakhtin. Isso porque, por meio da contínua “inter-ação” entre sujeitos reais (*eus* e *outros*), constituídos por múltiplas experiências e pontos de vista, assim como entre discursos, é possível analisar e compreender a língua. Por isso, quando se trata dos pressupostos bakhtinianos, fala-se em uma perspectiva dialógica de linguagem, em uma teoria

dialógica do discurso, compreendendo-se o diálogo como outro importante elemento dentre os conceitos basilares da proposta bakhtiniana, não menos complexo do que os demais, ainda que dotado de uma aparente simplicidade.

Dizemos aparente porque compreende desde o diálogo face a face, a sua mais evidente e simples compreensão, até “[...] a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (FARACO, 2009, p. 63). Não foi à toa que Faraco (2009, p. 60), ao se referir ao conceito de diálogo na concepção bakhtiniana, afirmou: “essa palavra mil vezes ‘mal-dita’”, posto que muitos tendem a associar diálogo com “solução de conflitos, entendimento, geração de consenso” (FARACO, 2009, p. 68), esquecendo-se de que os estudiosos do Círculo “[...] não são teóricos do consenso ou apologistas do entendimento” (FARACO, 2009, p. 68), não porque desconsiderem a importância do termo também no sentido do acordo e da compreensão entre os interlocutores, mas porque conhecem a real natureza do objeto e sabem que as suas relações apontam não só “[...] na direção das consonâncias, mas também das multissonâncias e dissonâncias” (FARACO, 2009, p. 68).

Diálogo contempla tanto uma conversa cotidiana quanto uma obra literária, um texto científico ou um conjunto de obras, nos quais é possível observar as vozes sociais que participam do processo discursivo. E, nesse grande processo de constituição da linguagem, a compreensão é também uma “forma de diálogo”, já que “compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 137), e é esse jogo entre palavra e contrapalavra que constitui o diálogo para Bakhtin e o Círculo.

Nesse viés dialógico, portanto, para refletir sobre questões relativas à linguagem, é necessário partir da consideração de situações concretas, nas quais a língua é tomada enquanto prática social, intrinsecamente heterogênea, dinâmica e viva, construída na constante relação verbal entre os sujeitos no espaço em que as diferenças e as divergências se fazem presentes, as quais são importantes na busca por uma melhor compreensão do (in)tenso processo de instauração de sentidos, sobretudo para os estudiosos da linguagem. Logo, debruçar-se apenas sobre o estudo das unidades linguísticas não seria suficiente para abarcar os aspectos fundamentais da linguagem destacados pelo Círculo, os quais ficam ainda mais claros quando associados aos demais conceitos desenvolvidos, sobre os quais discorreremos na sequência deste capítulo.

### 1.3 A PALAVRA COMO “O SIGNO IDEOLÓGICO POR EXCELÊNCIA”

A partir das discussões trazidas no item anterior, é possível compreender que a linguagem, na ótica bakhtiniana, não é um simples inventário do mundo, mas, sim, um espaço de valoração e, portanto, de conflito, tendo em vista que materializa o (des)encontro de vozes e modos de apreender a vida que podem ser, em essência, muito diferentes. Nesse sentido, um dos conceitos mais representativos desse espaço de tensão intrínseco à linguagem está na compreensão bakhtiniana de *palavra*, a qual perpassa as obras do Círculo, ganhando diferentes tons apreciativos, mas nunca contraditórios, os quais sempre destacam a sua carga eminentemente ideológica e a sua íntima relação contextual.

O texto *¿Que és el lenguaje?* (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993), por exemplo, vale-se de metáfora e comparação para tratar da natureza da palavra e de sua importância no estudo da linguagem. Ao aproximar o trabalho do escritor de uma obra literária com o fazer dos escultores e pintores, apresenta-se a afirmação de que, quando se tenta iniciar uma obra, a linguagem “[...] parece haberse transformado en un gigantesco bloque de mármol, en el cual es necesario esculpir la figura deseada” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 218). No entanto, o mármore, a argila ou as pinturas, que servem de material aos escultores e pintores, têm uma diferença significativa do material verbal, porque:

El escultor puede, en efecto, dar al mármol o a la arcilla cualquier forma, puede transformar las más pequeñas partículas a su placer, obedeciendo sólo a su fantasía creadora o a un proyecto elaborado en los mínimos detalles. La palabra, em cambio, no posee esta flexibilidad o ductilidad exterior. No se puede ni cortar ni alargar, ni se le puede atribuir con arbitrariedad un significado absolutamente improprio (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 218).

Sabemos que a palavra admite também múltiplas valorações e distintos significados, a depender das relações que estabelece com outras palavras e do contexto enunciativo em que ocorre, todavia, o texto em questão está tratando dessa diferença de flexibilidade entre a palavra e qualquer outro material exclusivamente físico. Tal particularidade fica evidente na própria natureza do material verbal, o qual, conforme pontua o autor, se comparado a um pedaço de argila, por exemplo, diferencia-se substancialmente, pois “[...] tiene un significado, denota un objeto o una acción, o un acontecimiento, o una experiencia psíquica” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 218), ao passo que a argila, em contrapartida, tomada isoladamente, não tem valor, “[...] assume un significado sólo en la

totalidade de la obra; puede ser, por ejemplo, la mano de una estatua o el martillo esgrimido por esta mano” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 219).

O escritor, ao contrário, “[...] no trabaja con un desnudo material físico, sino con partes que ya encuentra elaboradas, con elementos lingüísticos preparados” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 219), por meio dos quais deve construir um todo significativo, respeitando as regras e leis que organizam o material verbal. Embora os poetas brinquem frequentemente com as regras do sistema lingüístico, buscando, muitas vezes, inventar uma nova língua, “[...] para hacer que ocupe un puesto serio y digno, es necesario comprender qué és el lenguaje, este material tan característico y particular de la creatividad artística” (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 220). Deve ficar claro que essa reflexão não trata de uma eleição medíocre sobre qual material é mais ou menos digno de investigação científica ou de atenção, mas tem o objetivo de fazer compreender as particularidades da linguagem, comparada a outros objetos, e os desafios de quem se propõe a melhor compreendê-la, em um processo no qual é fundamental observar a importância da palavra.

No primeiro capítulo de *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010), encontramos uma reflexão a respeito da palavra tomada como o signo ideológico por excelência e, para assim compreendê-la, são dispostas as diferenças entre o universo dos produtos naturais e o universo dos signos ideológicos, ambos pertencentes a uma mesma realidade (natural ou social), mas substancialmente distintos. No primeiro, encontram-se, por exemplo, os objetos físicos do mundo, os instrumentos de produção e os produtos de consumo, que significam em si, mas que não remetem a uma realidade exterior. Essa questão também é pontuada por Medviédev, em *O método formal dos estudos literários*, quando afirma que “[...] os instrumentos de produção [tomados de maneira isolada] não têm qualquer caráter semiótico, eles não expressam e nem refletem nada, eles têm apenas finalidade externa e a organização técnica de seu corpo físico adaptada à sua finalidade” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 51). Para melhor entender essas considerações, temos o exemplo encontrado em *Marxismo* da foice e do martelo, os quais, isoladamente, constituem instrumentos de produção que desempenham um certo papel na sociedade, mas que podem ser convertidos ao segundo universo, isto é, transformar-se em signos ideológicos, tal como acontece quando a foice e o martelo são tomados em conjunto como um símbolo da União Soviética.

Nesse novo contexto, os objetos mencionados passam a adquirir um “sentido puramente ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 32), o que significa que

não mais representam apenas uma realidade interna ao seu existir, mas também outra que lhes é exterior, pois “[...] tudo o que é ideológico, possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 3). Aliás, não só o signo surge na experiência exterior, “[...] assim como todos os seus efeitos, isto é, todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 33). Isso acontece porque “[...] os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 34), e a própria constituição da consciência individual é permeada de signos, posto que ela “[...] só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 34).

Bakhtin retoma essa ideia e a desenvolve também em *Apontamentos de 1970-1971*, quando afirma que “[...] a princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo *as palavras*, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 373-374, grifo nosso), isto é, só tomamos consciência de quem somos porque há signos ideológicos que nos significam e nos fazem significar no contínuo processo de interação verbal em que nos inserimos. “Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 36).

Cabe enfatizar, portanto, que o universo dos signos ideológicos é mais abrangente do que o universo exclusivo das palavras na língua, visto que contempla, como vimos, os signos verbais e não verbais, pois todos os objetos que nos cercam têm valor ideológico e são passíveis de compreensão e análise sociológica, tal como mostraram os autores do Círculo. Nessa perspectiva, é importante compreender que os objetos do mundo passam a significar ao homem quando penetram na cadeia ideológica dos signos; fora dela, são apenas materiais do mundo físico, por isso uma “[...] obra de arte, como qualquer produto ideológico, é objeto da comunicação” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 51) e deve ser tomado como um signo ideológico com vistas a melhor compreender “[...] as relações sociais, a interação de muitas pessoas que ela proporciona” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 51).

Embora o universo dos signos ideológicos seja abrangente e contemple também os signos não verbais, nesta pesquisa, é dada ênfase ao estudo da palavra como o signo ideológico por excelência, tendo em vista o nosso objeto de análise – a atividade de revisão de textos acadêmicos –, o qual se constrói principalmente em uma atividade com e sobre palavras. E, para a análise, recorre-se ao destaque dado pelos autores do Círculo, no decorrer

de suas produções, no que diz respeito à essencialidade de considerar a palavra sempre contextualizada, materializada em enunciado concreto, porque a palavra, enquanto forma gramatical, assim como a frase, e, “[...] em geral, todas definições linguísticas tomadas em abstração do enunciado concreto e histórico transformam-se em sinais técnicos de um sentido apenas possível e não individualizado historicamente” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 184). Portanto, é na concretude da vida, permeada pelo (des)encontro de múltiplas vozes e fios ideológicos que a palavra pode materializar-se efetivamente, posto que ela “[...] é o esqueleto que se enche de carne viva somente no processo de percepção criativa e, por consequência, somente no processo da comunicação social viva” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 170).

Essas considerações permitem compreender a afirmação de que “[...] ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o *universo de signos*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 32, grifo do autor), o qual contempla, como vimos, objetos do mundo natural com particularidades específicas advindas da carga intrinsecamente ideológica que os signos possuem. Nesse sentido, justifica-se a afirmação também presente em *Marxismo e filosofia da linguagem* de que “[...] um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata a uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 32).

Vimos, na abertura deste capítulo, que os membros do Círculo eram pessoas com sólidas formações em distintas áreas do conhecimento que costumavam debater e construir o saber de forma integrada, valendo-se dessa diversidade na formulação de seus pressupostos epistemológicos. Esse é o caso da compreensão de signo citada anteriormente, tendo em vista que, para definir o conceito, há uma alusão a conhecimentos advindos da física óptica para tentar melhor explicar a realidade dos signos ideológicos. De modo geral, podemos dizer que as definições de reflexo e refração estão relacionadas aos fenômenos de incidência e propagação dos feixes de luz em uma superfície, os quais demonstram que a reflexão não altera o meio de propagação da luz, ao passo que a refração sim.

Dessa maneira, podemos compreender que a noção de reflexo do signo ideológico na teoria bakhtiniana está relacionada com valores socio-historicamente reiteráveis pela significação compartilhada na memória discursiva dos sujeitos, enquanto a refração está ligada à multiplicidade de sentidos dos signos ideológicos, aos diferentes acentos que recebe na particularidade das enunciações. Sendo assim, o signo carrega em si a possibilidade de não só absorver aspectos de dada realidade, mas também de complementá-la, alterá-la, modificá-la, de dar-lhe diferentes tonalidades, a depender dos valores que compartilha e das relações que estabelece com outros signos da cadeia discursiva que engendra.



Sob essa visão teórica, então, a própria palavra também se altera, isto é, ganha distintos significados, por meio das suas múltiplas situações de uso, deixando de ser tomada apenas em sua construção gramatical e indo além do conceito linguístico de acepção, uma vez que “[...] a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 36, grifo do autor), e a sua realidade é constituída pela função de signo. Conforme Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010, p. 99), “[...] na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis”, a partir das quais tomamos um posicionamento, uma posição-resposta, seja explícita ou na forma de silêncio.

Dada sua maleabilidade e sua íntima relação contextual, “[...] a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, ([1929] 2010, p. 37, grifo do autor), e essa afirmação pode causar surpresa ao leitor, posto que pode parecer estranho a uma teoria de base marxista e inerentemente ideológica falar em neutralidade. Todavia, temos de compreender que ela é neutra “em relação a qualquer função ideológica específica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 37, grifo do autor), pois não tem seu sentido fixado a dada carga semântica particular, mas, sim, admite pluriacentuações e comporta juízos de valor distintos, que dependem, dentre outros fatores, dos interlocutores, das relações entre eles, da carga emotivo-volitiva que comporta e das situações comunicativas em que as palavras advêm.

O estudo da palavra, portanto, deve estar na base de uma teoria marxista da criação ideológica, já que ela “acompanha e comenta todo ato ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 38), pois “[...] os processos de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 38), o qual é permeado por palavras. Tais considerações conduzem à contemplação da importância do discurso, uma vez que todas as formas da criação ideológica, por meio dos signos verbais ou não verbais, “[...] banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 38). Todavia, isso não significa que todos os signos ideológicos são passíveis de serem completamente substituídos por palavras – como, por exemplo, um ritual religioso, político ou administrativo qualquer –, bem como não há uma palavra correspondente a cada gesto ou sensação humana. Ainda assim, em todos eles ou mesmo no caso de uma composição musical, “[...] cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia

nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 38).

Nesse processo contínuo de instauração da enunciação, irrepitível e intrinsecamente múltiplo, a palavra, como signo ideológico que é, comporta uma simbiose entre significação e tema, conceitos que nos auxiliam a refletir sobre o processo da atribuição de sentidos. A significação configura-se pelos “[...] elementos linguísticos da enunciação que são reiteráveis e idênticos a cada vez que são repetidos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 134). Ela se restringe à materialidade linguística envolvida no ato de enunciar e “[...] não quer dizer nada em si mesma, é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 136).

Justamente por a significação ser esse potencial e por tratar apenas de questões linguísticas estritas, tal conceito não abrange o todo da enunciação, ao menos não do ponto de vista dialógico da linguagem, daí o conceito de tema. Esse, por sua vez, diz respeito ao “sentido da enunciação completa” e, tal como esta, é “individual e não reiterável” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 133). Desse modo, no tema estão incluídos os elementos linguísticos e os não linguísticos, criando-se, assim, a completude da enunciação, o que demonstra o porquê de a construção dos sentidos, nessa abordagem, sempre ocorrer de acordo com a situação concreta em que os enunciados são pronunciados. Nesse sentido, destacamos a função de complementaridade entre as definições de significação e tema, pois, ainda que a significação constitua “o estágio inferior da capacidade de significar” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 136), o tema constitui o estágio superior, essas distintas concepções são interdependentes e mantêm íntima relação. Conforme Sobral (2009, p. 75), “[...] não se trata de hierarquia, mas de precedência: a significação vem antes do tema, mas este depende dela para existir”.

As afirmações precedentes são fundamentais para tratarmos de uma compreensão dialógica da palavra tomada como signo e não como sinal, isto é, reconhecendo-a enquanto objeto complexo que comporta uma multiplicidade de fatores ativos no processo de instauração de sentidos e que devem ser considerados pelo analista da linguagem. E, nessa teia dialógica de sentidos em que a linguagem se instaura, dois aspectos importantes intimamente relacionados à palavra também devem ser considerados: a situação extraverbal e a entonação.

No texto intitulado *A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*, Volochínov ([1926] 2011, p. 154) afirma que “[...] a palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com

ela o vínculo mais estreito”. Isso permite dizer que é a vida quem completa/preenche os sentidos das palavras, e qualquer separação nesse sentido acarreta abstração e perdas. Conforme destaca o autor, as valorações que atribuímos às enunciações, como é verdade ou mentira, por exemplo, referem-se “[...] a uma certa totalidade na qual a palavra diretamente entra em contato com o acontecimento da vida e se funde com ele em uma unidade indissolúvel” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 155).

É possível observar que há uma constante fusão entre palavras e valores que se articulam e (re)constroem o ininterrupto processo da enunciação. Para tratar desse engendramento entre a palavra da vida real e a situação extraverbal, Volochínov ([1926] 2011) menciona o exemplo de duas pessoas que estão em casa, caladas, uma delas olha para a outra e diz: “Bem”; a outra, por sua vez, nada responde embora compreenda sem problema algum o sentido completo dessa enunciação. O autor explica que, a todos os demais à parte dessa situação comunicativa, esse discurso não tem o menor sentido, por isso, para buscar compreendê-lo, necessitamos descobrir o sentido e a significação desse diálogo. Assim, à primeira vista, se tomarmos a palavra como sinal, teremos apenas um advérbio isolado e, por mais que busquemos extrair o aspecto fonético, morfológico ou sintático da palavra, ainda não conseguiremos atingir a compreensão global da enunciação exemplificada, pois, conforme destaca Medviédev ([1928] 2012, p. 183), “[...] a ligação entre o sentido e o signo em uma palavra, tomada separadamente, independente de um enunciado concreto, por assim dizer, em “palavra de dicionário”, é totalmente arbitrária e técnica”.

Contudo, a partir do momento em que tomamos conhecimento da entonação com que a palavra “Bem”, no caso citado por Volochínov ([1926] 2011), foi enunciada, sabendo, por exemplo, que foi por uma repreensão indignada à situação descrita, sendo essa insatisfação suavizada por certa dose de humor, temos algumas pistas que nos auxiliam no processo de compreensão, embora isso ainda não seja o suficiente. No exemplo em questão, o que está faltando é o “[...] *contexto extraverbal* no qual a palavra ‘Bem’ apresenta um sentido para aquele que a ouve” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 155). Tal contexto, segundo o autor, compõe-se de três aspectos: 1) horizonte espacial compartilhado pelos interlocutores; 2) conhecimento e compreensão comum da situação; e 3) valoração compartilhada pelos interlocutores.

No momento em que esses aspectos são desvelados, compreendemos que, no caso do horizonte especial compartilhado pelos interlocutores, tratam-se de duas pessoas que estavam em casa, olharam pela janela e viram que começava a nevar, todavia, o conhecimento e a compreensão comum da situação revelam que é mês de maio e há muito tempo a primavera já

deveria ter iniciado, o que permite entender a valoração de pesar compartilhada pelos interlocutores. Em síntese, todo esse exemplo tem por objetivo mostrar que a palavra, tomada de forma isolada, “[...] está longe de refletir a situação extraverbal da mesma maneira como um espelho reflete um objeto” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 156). Do mesmo modo, temos de considerar que “[...] a situação extraverbal não é somente a causa externa da enunciação, nem atua sobre esta como uma força mecânica externa. Não; *a situação forma parte da enunciação como parte integral necessária para sua composição semântica*” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 156). Por isso, podemos dizer que a enunciação se apoia em sua relação real e material a um fragmento da existência e, assim, forma parte da enunciação, que se torna um todo pleno de sentidos por meio de dois aspectos: da parte realizada verbalmente e do subentendido.

Ademais, a entonação estabelece o vínculo entre a palavra e o contexto extraverbal, uma vez que “[...] a entonação viva conduz a palavra além das fronteiras verbais” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 160), ela se encontra em uma região limítrofe entre o verbal e o extraverbal, pois, “[...] mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 160). Além disso, o autor explica ainda que toda entonação é orientada em duas direções (é o que chama de dupla orientação social): em direção ao ouvinte enquanto aliado ou testemunha e em direção ao objeto de dizer, também chamado de herói (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 164). Por isso, afirma que a palavra é a expressão e o produto da interação social de três: do falante (autor), do ouvinte (leitor) e daquele de que ou de quem se fala (herói).

Nesse contexto, a palavra é “[...] um evento social, não está centrada em si mesma como certa magnitude linguística abstrata, nem pode ser psicologicamente deduzida da consciência do falante subjetiva e ilhada” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 164), mas, sim, advém do encontro desses múltiplos aspectos. A importância da orientação apreciativa da palavra também é destacada em outras produções do Círculo, como em *Marxismo e filosofia da linguagem*, quando observamos a colocação de que o tema e a significação não dão conta da totalidade da palavra, posto que ela possui também “[...] um acento de valor ou *apreciativo*, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 38). Como podemos perceber, trata-se de um dos conceitos fundamentais da teoria, o qual se encarrega da “alma” da palavra e não pode ser desconsiderado em uma pesquisa situada na perspectiva dialógica da linguagem.

Assim, após termos discorrido, nas seções anteriores, a respeito da linguagem tomada na perspectiva do Círculo, como um espaço intrinsecamente social no qual a palavra emerge com todo o seu potencial ideológico, na sequência, tratamos da unidade de análise da linguagem (enunciado) e das formas gerais de organização do dizer (gêneros do discurso) na concepção dos autores do Círculo.

#### 1.4 ENUNCIADO E GÊNEROS DO DISCURSO: CONCRETIZAÇÕES DA LINGUAGEM

As considerações tecidas nos itens anteriores permitem compreender que os pensadores do Círculo de Bakhtin não tomam as unidades linguísticas isoladas para tratar da reflexão sobre o fenômeno linguagem em sua amplitude e densidade, até mesmo porque considerar apenas tais unidades não sustenta uma teoria de base eminentemente sociológica, uma vez que é preciso, necessariamente, trabalhar com elementos relacionados na cadeia discursivo-dialógica em que a língua ocorre. Assim, os autores do Círculo defendem, então, que os estudos da língua(gem) devem se debruçar sobre a linguagem a partir de situações reais de uso das quais ela advém e nas quais se manifesta, resultante da (inter)ação constante entre interlocutores autênticos, constituídos por experiências variadas e diversos modos de apreensão e juízos de valor sob o mundo.

Nessa perspectiva, os pensadores elegem o enunciado como sendo a unidade básica e real de análise da língua que, em oposição à frase, é definido como “[...] uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 274). Bakhtin afirma ainda que “[...] o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 274). Na opinião do autor, a preocupação em trabalhar com uma unidade que evidencia a concretude da linguagem e que considera o interlocutor e a sua posição ativo-responsiva é um problema de grande relevância que não deveria mais ser proscrito aos estudos da linguagem, principalmente aos linguísticos.

Nesse sentido, Volochínov ([1926] 2011, p. 155) afirma que “[...] a palavra tomada isoladamente, como fenômeno puramente linguístico, não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida”; assim, tomada como sinal linguístico, a palavra torna-se apenas abstração e não tem força suficiente para sustentar uma teoria de análise real da linguagem. Somente o enunciado concreto é portador desse potencial, uma vez que nele encontramos as características necessárias para tratar da autenticidade da linguagem, pois “[...] ele organiza a

comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 183).

O enunciado, para Bakhtin ([1952] 2011), é composto por três particularidades. A primeira delas diz respeito à “alternância dos sujeitos que compõem o contexto do enunciado” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 279), ou seja, considera a construção permanente de diálogos entre um *eu* que se dirige (direta ou indiretamente) a um *outro* (real ou presumido), seja para confirmar, refutar ou completar seus enunciados. Conforme Medviédev ([1928] 2012, p. 183), “[...] sua realidade peculiar já não é a realidade de um corpo físico, mas a de um fenômeno histórico”; logo, o destinatário pressuposto pelo enunciado não é passivo e, ao replicar, assume o papel de locutor.

Dizer que todo enunciado comporta a intrínseca relação entre um *eu* e um *outro* dialoga com autores e teorias precedentes que ou desconsideravam a grande importância da comunicação na linguagem ou subestimavam esse papel, já que o falante era tomado à parte da “[...] relação *necessária* com *outros* participantes da comunicação discursiva. Se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte que apenas compreende passivamente o falante” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 270, grifo do autor). Contudo, no viés do Círculo,

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 270).

Como podemos perceber, o permanente intercâmbio entre os papéis de locutor e interlocutor na concretude da linguagem não ocorre de modo apático, linear ou *a priori* de um processo ativo-responsivo de compreensão, e essa, na perspectiva analisada, é tomada como um elemento sempre “[...] prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma que a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 271). Todavia, tratar da compreensão como essa tomada de posicionamento diante do enunciado, conforme destaca Bakhtin, não significa contar necessariamente com uma contrapalavra imediata e em voz alta ao discurso proferido, tal como ocorre em situações de ordens militares às quais a compreensão e, conseqüentemente, as ações dos interlocutores respondem subseqüente ao enunciado realizado.

Para Bakhtin, deve-se entender que a compreensão é intrínseca ao enunciado e o seu processo responsivo pode se realizar desde a forma de silêncio, no caso de uma reflexão interior ou diante dos gêneros líricos, por exemplo, até a posterior escrita de uma obra ou de um trabalho científico em resposta a algo que se ouviu ou se leu. Isso porque, embora seja denominada pelo autor como “[...] uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 272). Aliás, o próprio falante articula os seus enunciados voltados à compreensão ativo-responsiva do interlocutor, já que, quando organizamos a nossa enunciação,<sup>19</sup> não esperamos senão uma concordância ou discordância, um questionamento, uma complementação, e não a exaustiva e apática repetição de nossos dizeres.

A segunda particularidade do enunciado, a qual está intimamente relacionada à primeira, é a sua “conclusibilidade específica” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 280), pois, para que o *outro* assuma o papel de locutor, é preciso contar com tal acabamento, ou seja, é preciso que o enunciado chegue ao fim, nos termos de seu contexto. Nas palavras de Bakhtin ([1952] 2011, p. 275):

Todo o enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou o tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão).

Em outras palavras, o interlocutor só pode admitir a função de locutor se contar com esse fim específico do enunciado, por isso é que Bakhtin afirma que essa segunda particularidade “[...] é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o faltante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 280). Ademais, ele destaca que tal conclusibilidade é determinada por certas categorias específicas, dentre elas, “[...] a possibilidade de *responder a ele* [ao enunciado], em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva (por exemplo, cumprir uma ordem)” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 280).

---

<sup>19</sup> Cabe-nos destacar que os termos enunciado e enunciação são tomados muitas vezes como equivalentes nos postulados bakhtinianos. Conforme afirma o tradutor Paulo Bezerra, em nota de rodapé da tradução do ensaio *Gêneros do discurso*, Bakhtin não faz distinção entre os termos e “emprega o termo *viskázivanie* quer para o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso de uma cultura, um romance já publicado e absorvido por uma cultura, etc.” (BEZERRA, 2016, p. 11).

Portanto, precisamos desse acabamento do enunciado para dar a resposta a uma pergunta qualquer de nosso cotidiano, como a solicitação de um favor ou um pedido casual, até mesmo para nos posicionarmos com relação ao todo de uma obra científica ou de um romance que acabamos de ler. Sem esse fim absoluto do enunciado, é impossível tomarmos uma posição-resposta e, por esse motivo, também não podemos ter como unidade de análise um elemento tomado no sentido estrito de *língua*, como no caso isolado das orações, por exemplo, pois, “[...] se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva: isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* – indício da inteireza do enunciado – não se presta a uma definição gramática nem abstrato-semântica” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 280).

Assim, essa completude do enunciado, característica da sua segunda particularidade, conta ainda com três elementos intimamente relacionados: a exauribilidade específica do objeto e do sentido; o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; e as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento. O primeiro citado é variável em consonância às diferentes esferas da comunicação discursiva, uma vez que a exauribilidade do objeto e do sentido pode ser menos variável em algumas situações pontuais. Ordens e solicitações oficiais são exemplos dessas afirmações, pois em ambas não há muito espaço para a criatividade e para as formas mais individualizadas do discurso, ou seja, nesses contextos específicos, não é possível dizer muito além do permitido; mas tal exauribilidade pode ser ainda bastante flexível e relativa no campo científico, por exemplo, no qual podemos trabalhar com a ideia de um acabamento relativo dado pelo autor do enunciado, mas que nunca corresponderá a uma totalidade absoluta do objeto.

Já quanto ao segundo elemento, isto é, o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, cabe-nos destacar que ele é intrínseco a qualquer enunciado, tendo em vista que, desde a réplica monovocal do cotidiano até as grandes obras científicas ou literárias, sentimos a *intenção discursiva* do falante, a qual “[...] determina a completude do enunciado assim como as suas fronteiras específicas e isso delimita não só a escolha do objeto como também os seus limites e sua exauribilidade semântico-objetal” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 281). Tal seleção de como organizar e recortar o dizer implica ainda na escolha das formas típicas composicionais e de gênero do acabamento (terceiro elemento), sobre as quais discorreremos melhor posteriormente neste capítulo, quando tratamos da organização dos gêneros do discurso.

Antes disso, será abordada a terceira particularidade do enunciado, a qual reside na relação deste com o próprio locutor (autor do enunciado) e com os parceiros da comunicação



verbal (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 289). Para explicar essa particularidade, Bakhtin recorre à metáfora do elo e diz que “[...] todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 289), ou seja, a partir da determinação do conteúdo semântico-objetual que possui, o enunciado congrega também (como elo que é) a seleção dos meios linguísticos e dos de gênero sob os quais se edificará.

Há, ainda, outros dois elementos que atuam em concomitância e de maneira intrinsecamente relacionada nesse processo: o primeiro relaciona-se às particularidades estilístico-composicionais do projeto de dizer do locutor, e o segundo, responsável pela composição e pelo estilo, é a sua carga *expressiva*, isto é, “[...] a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 289). Vemos, portanto, que o enunciado é sempre marcado não só pelo repertório linguístico e sociocultural particular, mas também pelo tom avaliativo do locutor, que lança mão de recursos que lhe permitem dirigir-se ao seu interlocutor específico na organização de cada projeto enunciativo.

A partir dessas premissas é que Bakhtin ([1952] 2011, p. 292) afirma também que “[...] quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*”, mas, sim, da borbulhante cadeia dialógica em que os enunciados se instauram e são frequentemente ressignificados, tendo em vista que “[...] o colorido expressivo só se obtém no enunciado e, esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata” ([1952] 2011, p. 292). Portanto, nesse cenário em que o enunciado ganha vida, o locutor emerge como um ser responsivo pelo seu dizer e, em cada realização da linguagem, surge um novo arranjo, por meio do qual as palavras ganham novos acentos valorativos e, conseqüentemente, novos sentidos.

Essa questão é ilustrada também em *Marxismo e filosofia da linguagem* a partir de um exemplo da obra *Diário de um escritor*, de Dostoiévski (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 138-139). Trata-se de uma cena em que um narrador observa seis operários embriagados que estão caminhando na rua, e um deles “[...] pronuncia com clareza e energia certo substantivo [uma palavra censurada] para exprimir, a respeito de alguma coisa que tinha sido dita antes, a sua contestação mais desdenhosa” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 138-139). A isso, responde outro protagonista da cena, com a mesma palavra, no entanto, carregada de negação, com vistas a contestar o primeiro. Nesse contexto, surge o terceiro locutor, utilizando o mesmo substantivo, agora carregado com o sentido de injúria,

repreendendo o primeiro que falou. Esse terceiro homem é repreendido pelo segundo locutor, que o havia ofendido, usando novamente a palavra em questão, mas agora em tom de designação de certo objeto. A cena mostra ainda a fala de um quarto jovem embriagado que observava o acontecido e emite a mesma palavra, mas de maneira entusiasmada, como se houvesse desvendado o problema que estava originando a disputa em questão. Há também um quinto homem que pronuncia a mesma palavra em um tom enfático de exclamação. E esse diálogo todo é encerrado pelo sexto protagonista da cena, o mais velho deles, com o mesmo substantivo pronunciado em tom rabugento.

A situação ilustrada mostra que os seis personagens utilizam uma mesma palavra com entoações totalmente diferentes, o que significa que um sentido único é atribuído a cada uma delas, no caso: contestação, negação, injúria, designação de um objeto, exclamação e irritação. Logo, ainda que as palavras utilizadas sejam as “mesmas”, cada enunciação dialógica pertence ao domínio do único e do irrepitível e “[...] compreende antes de mais nada uma *orientação apreciativa*. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 141, grifo do autor).

Desse processo complexo e multifacetado, decorre a natureza dialógica do enunciado, uma vez que comporta não só o dito pelo locutor a partir da sua expressividade e da imagem de seu interlocutor presumido, mas, também, os dizeres outros, tanto os já proferidos como os ainda a serem proferidos, seja para antecipá-los, refutá-los ou ratificá-los, sendo, por isso, “[...] um elo real na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 288). De forma permanente, por meio dos enunciados, nós não só refletimos como também refratamos o mundo, ou seja, atribuímos valores e formas variadas de apreender a realidade, a partir de nossos contextos, nossas vivências e histórias, que sempre são distintas e irrepitíveis.

A esse respeito, cabe também explicar que o *texto* é tomado por Bakhtin enquanto *enunciado* e engloba, conseqüentemente, todas as características expostas anteriormente. Nesse sentido, o autor russo afirma ainda que dois elementos constituintes do texto fazem-no um enunciado: “a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 308). Logo, tomar o texto como essa unidade ampla e significativa pressupõe considerá-lo para além de seu aspecto formal, da estrita materialidade linguística que o organiza, tendo em vista que:

Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, uma linguagem (ainda que seja linguagem da arte). Se por trás do texto não há linguagem, este já não é um texto mas um fenômeno das ciências naturais (semiótico), por exemplo, um conjunto de gritos naturais e gemidos desprovidos de repetição linguística (semiótica). É claro que todo texto (seja oral ou escrito) compreende um número considerável de elementos naturais diversos, desprovidos de qualquer configuração semiótica, que vão além dos limites da investigação humanística (linguística, filológica, etc.) mas são por esta levados em conta (a deterioração de um manuscrito, uma dicção ruim, etc.). Não há nem pode haver textos puros. Além disso, em cada texto existe uma série de elementos que podem ser chamados de técnicos (aspecto técnico do gráfico, da obra, etc.) (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 308).

No entanto, além desse sistema de linguagem, um texto tomado como enunciado contempla também a individualidade, a unicidade e singularidade do locutor, “[...] e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 309), ou seja, é o texto tomado como elo, como enunciado concreto pertencente à intrínseca cadeia dialógica dos discursos, ultrapassando os limites compreendidos pela linguística e filologia da época até então.

Conforme Sobral (2014, p. 26), “[...] o texto traz potenciais de sentido, é uma materialidade com a qual são instaurados sentidos a partir da produção do discurso”, por isso, segue o autor, uma análise do discurso ancorada nas bases epistemológicas do Círculo “[...] pressupõe o texto, mas não se restringe a seus segmentos nem à sua totalidade, em termos autônomos, pois o texto só se organiza nos termos de um dado discurso e suas significações só podem ser entendidas se pensadas em termos dos temas a que servem no discurso” (SOBRAL, 2014, p. 26-27), ou seja, nessa perspectiva, elas só podem ser analisadas do ponto de vista do enunciado concreto. Considerar essas questões é de importância primária para a realização desta pesquisa, tendo em vista que o seu objeto de investigação – a atividade de trabalho do revisor de textos acadêmicos – vai ser tomado como uma atividade que trabalha com enunciados concretos, *textos* advindos de sujeitos reais, situados em contextos autênticos nos quais uma multiplicidade de vozes e posições emotivo-volitivas se instauram.

Diante dessa multiplicidade de fatores que envolvem o complexo processo da interação verbal e, por conseguinte, constituem a linguagem, os enunciados se manifestam, portanto, por meio dos *gêneros do discurso*, ou seja, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 262), que organizam o projeto de dizer do locutor nas mais variadas esferas da comunicação humana. Machado (2007, p. 203) afirma que “[...] se os enunciados são o elo na cadeia da comunicação verbal, os gêneros, certamente, são as correias que mobilizam o fluxo das relações dialógicas”, e toda a enunciação é orientada a

partir dessa relativa estabilidade dos gêneros, posto que contar com tal relatividade é o que permite que nos inter-relacionemos nas mais diversas situações de maneira significativa. Caso contrário, isto é, se contássemos apenas com a estabilidade do enunciado, não haveria razões para nos debruçarmos sobre a linguagem a partir de situações concretas, tendo em vista que apenas o estudo das formas linguísticas garantiria, de forma eficaz, a nossa compreensão de todo e qualquer enunciado.

Do mesmo modo, se tivéssemos que criar uma maneira específica de atuação para cada situação de uso real da linguagem, ignorando certa estabilidade dos gêneros, provavelmente, não conseguiríamos nos comunicar, tampouco compreender de modo eficiente. Ainda assim, é preciso destacar que Bakhtin não ignorou o fato de existirem gêneros que tendem mais à relatividade, ao lado de outros que tendem à estabilidade, cabendo às finalidades do interlocutor e ao contexto de interação em que ele está inserido determinar o grau de estabilidade e de relatividade do gênero. Entre as principais questões que fundamentam essa concepção, é importante, então, compreendermos que os gêneros do discurso:

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 261-262).

A esse respeito, Sobral (2009, p. 74) destaca a importância de não confundirmos o conteúdo temático do gênero com o assunto, pois essa compreensão é equivocada, já que tema significa “[...] sentido concreto, contextual, sentido que parte do sentido abstrato, registrado nos dicionários, e vai além dele”. É a congruência entre os fatores internos e externos ao gênero, verbais e não verbais dele, que nos dá a real percepção do conteúdo temático, ou, como destaca Sobral, da “unidade temática” do gênero, a qual “[...] é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significação + enunciação produzem sentido” (SOBRAL, 2009, p. 75). Por isso, o autor enfatiza que o termo *unidade temática*, conforme postulado por Medviédev ([1928] 2012)), é preferível ao de tema, tendo em vista que ele “[...] não vem das palavras ou frases nem de suas combinações por si só, embora as tenha como um de seus elementos, mas do discurso *como um todo*” (SOBRAL, 2014, p. 23). Brait e Pistori (2012), no artigo intitulado *A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo*, ao exporem uma concisa pesquisa sobre o

conceito de gêneros nos múltiplos escritos bakhtinianos entre os anos de 1920 a 1940, também destacam a necessidade de não confundir tema com assunto e, por meio da retomada do *Método formal nos estudos literários* (MEDVIÉDEV, [1928], 2012), resumem cinco aspectos principais que elucidam essa questão:

(i) o conjunto dos significados dos elementos verbais da obra é um dos recursos para dominar o tema, mas não o tema em si mesmo; (ii) constitui-se com a ajuda dos elementos semânticos da língua; (iii) não é uma palavra isolada que está orientada para o tema, mas o enunciado inteiro como atuação discursiva; (iv) advém do enunciado completo/obra completa enquanto ato sócio-histórico determinado, sendo, portanto, inseparável tanto da situação da enunciação como dos elementos linguísticos; (v) não pode ser introduzido no enunciado e encerrado (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 384).

Como podemos perceber, os gêneros são inerentes ao desenvolvimento da linguagem, logo, nenhuma de suas características estará relacionada apenas aos aspectos internos da língua. Isso não é diferente com o conceito de tema, mas, sim, está orientado ao que Medviédev intitula *dupla orientação do gênero na realidade*, sendo a primeira orientação de toda obra (e toda enunciação) aos seus ouvintes e receptores, e a segunda à própria vida através do conteúdo temático, já que, “[...] a seu modo, cada gênero está orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas e assim por diante” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 195).

Quanto ao estilo do gênero, Bakhtin ([1952] 2011, p. 265) salienta que “[...] todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”, e mostra que ele pertence tanto ao aspecto individual do gênero, dando pistas da singularidade do locutor, quanto à sua constituição geral, relacionado a dadas formas organizacionais do gênero em algumas esferas da comunicação. Conforme o autor explica, todo enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade do falante, embora saibamos, conforme destaca, que alguns gêneros são mais propícios a refletir tal individualidade, como os da literatura de ficção, ao passo que, em outros, a exigência por uma forma padronizada da linguagem é muito maior e, por esse motivo, às vezes, “[...] podem refletir-se não só os aspectos mais superficiais, quase biológicos da individualidade (e ainda assim predominantemente na realização oral dos enunciados desses tipos padronizados” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 265).

Outra divisão metodológica desenvolvida pelos autores do Círculo para melhor explicar a heterogeneidade constitutiva dos gêneros do discurso diz respeito à categorização entre gêneros primários e secundários. Os primeiros seriam aqueles mais simples, emergentes

nas relações cotidianas, com os quais temos grande familiaridade e que exigem menos policiamento do falante na sua utilização. Tendo em vista essa menor complexidade envolta na constituição e utilização dos gêneros primários, Bakhtin postula que a diferença fundamental entre os gêneros primários e secundários está relacionada à esfera de circulação e ao nível cultural mais ou menos complexo em que se situam.

Nas palavras do autor russo, os gêneros secundários “[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 263), entre eles, encontramos os romances, os trabalhos científicos e os tratados oficiais. Ao passo que os gêneros primários são constituídos pelas conversas cotidianas, os encontros casuais entre amigos ou familiares, os bilhetes entre namorados, situações discursivas imediatas em que a linguagem ocorre de maneira mais natural, menos vigiada. Além disso, o autor destaca que os gêneros secundários incorporam e reelaboram os primários na sua configuração, mas, quando isso acontece, os primários perdem o seu vínculo imediato com a realidade concreta e, nesse processo, são reestruturados, como conversas cotidianas inseridas em um romance, as quais, embora mantendo “[...] a sua forma e o seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 264).

O terceiro elemento constitutivo de todo gênero, junto da unidade temática e do estilo, é a forma composicional que está intimamente relacionada à forma arquitetônica. Conforme destaca Sobral (2009, p. 68), “[...] para o Círculo, todo discurso contém um conteúdo, uma forma e um material com que o autor trabalha”. Para melhor explicá-los, afirma o autor: “[...] o conteúdo são os atos humanos, o material, no caso dos discursos verbais, a língua, e a forma é o modo de dizer, de organizar os discursos, estando integrada ao conteúdo e ligada ao material” (SOBRAL, 2009, p. 68). Por isso, é correto nos referirmos a duas formas: à composicional – ligada à materialidade textual – e à arquitetônica, isto é, “[...] à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos das relações entre o autor, o tópico e o ouvinte” (SOBRAL, 2009, p. 68).

Brait e Pistori (2012, p. 378), a esse respeito, afirmam que, nos gêneros e, conseqüentemente, nos textos que os constituem, é vital considerar as dimensões internas e externas para compreender a íntima relação entre as duas formas, “[...] de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entoativas, axiológicas) que o(s) caracterizam enquanto possibilidade de compreender a vida, a sociedade, e a elas responder”. Esse

movimento é o responsável, na opinião das autoras, para que não fiquemos apenas atentos à descrição das estruturas textuais do gênero, mas também, e principalmente, à sua organização arquitetônica.

Os trabalhos do Círculo nos ajudam a compreender que aprendemos a língua materna por meio dos gêneros e não de orações isoladas. Aliás, são os gêneros do discurso que nos ensinam a organizar um pedido, a solicitar um favor, a agradecer, a iniciar e concluir uma conversa mais ou menos formal, pois, quando escolhemos dada oração para os nossos enunciados, não a selecionamos do ponto de vista da língua como elemento neutro ou à parte do locutor e interlocutor, nós “[...] escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 286). Isso ocorre, porém, sem desconsiderar, conforme destaca Bakhtin ([1952] 2011, p. 286), a ideia de que “[...] nosso enunciado em seu conjunto pode, é verdade, exigir para sua realização apenas uma oração, mas pode exigi-las [também] em grande número”.

Nesse sentido, o importante é perceber que “[...] o querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 301), sendo essa seleção que permite, então, que sejamos proficientes nas múltiplas situações reais de utilização da linguagem, de realização do projeto de dizer do locutor. Logo, a garantia de que a interação verbal ocorrerá de forma bem-sucedida está diretamente ligada ao domínio dos gêneros do discurso por parte do locutor em uma dada esfera, enquanto o insucesso dessa interação, por sua vez, não tem ligação alguma com, por exemplo, a propriedade vocabular do locutor, pois, como afirma Bakhtin ([1952] 2011, p. 303):

Não é por causa de uma pobreza de vocabulário ou de estilo (numa acepção abstrata), mas de uma inexperiência de dominar o repertório dos gêneros da conversa social, de uma falta de conhecimento a respeito do que é o todo do enunciado, que o indivíduo fica inapto para moldar com facilidade e prontidão a sua fala e determinadas formas estilísticas e composicionais; é por causa de uma inexperiência de tomar a palavra no momento certo, de começar e terminar no tempo correto [...].

A experiência com situações diversas e o contato com múltiplos gêneros vai aumentando o repertório sociocultural e também linguístico do locutor, e é a partir do domínio dos gêneros do discurso que organizamos, portanto, nossos enunciados aos nossos múltiplos interlocutores, com os mais diversos objetivos, pois são os enunciados que orientam nossos projetos de dizer, sejam eles produzidos oralmente ou na forma de textos escritos. Após tal escolha, “[...] o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua

individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 301).

Explicitados os princípios gerais de organização do enunciado e dos gêneros na compreensão do Círculo, na próxima seção, estão as considerações a respeito das relações dialógicas e dos conceitos de empatia e exotopia, movimentos constitutivos da linguagem e fundamentais para a realização das análises que compõem este trabalho de pesquisa.

## 1.5 RELAÇÕES DIALÓGICAS, EMPATIA E EXOTOPIA: MOVIMENTOS CONSTITUTIVOS

Nas discussões já traçadas até a presente seção, discorreremos sobre alguns dos principais conceitos desenvolvidos pelos estudiosos do Círculo de Bakhtin, os quais são fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que permitem analisar a atividade de revisão de textos acadêmicos em uma perspectiva dialógica do discurso. As reflexões precedentes mostram que, para os autores em questão, a enunciação se realiza por meio do diálogo entre enunciados concretos (pertencentes a locutores e interlocutores autênticos) que unem a significação ao tema e lhe atribuem um acento apreciativo.

Vimos ainda que, nesse mar revolto de palavras que refletem e refratam sentidos, desvelam-se os signos ideológicos em meio aos quais a linguagem emerge, sendo esta um objeto complexo e multifacetado que se concretiza nos múltiplos e incontáveis gêneros do discurso. Compreendemos também que todas essas questões devem ser consideradas em sua amplitude e densidade tanto pelo analista do discurso quanto pelos estudiosos da linguagem de modo geral quando se propõem ao desenvolvimento de uma análise sociológica e abrangente dos seus objetos de pesquisa, tal como é o caso desta proposta de investigação científica.

Nesse sentido, considerando o caminho percorrido nesta pesquisa até a presente seção, torna-se importante resgatar também os conceitos de diálogo e dialogismo, os quais estruturam e sustentam toda a Análise Dialógica de Discursos (ADD) e organizam também o conceito de relações dialógicas, sobre o qual discorreremos melhor agora. Assim, cabe retomar que, quando falamos sobre o diálogo, na seção a respeito da compreensão da linguagem para os autores do Círculo, trouxemos a afirmação de Faraco (2009) sobre se tratar de uma palavra “mal-dita”, isso porque, na maior parte das vezes em que é trazido à enunciação, diálogo reflete conversa e consenso, deixando de lado a refração essencial para a compreensão bakhtiniana do conceito, a qual conta também com as ideias de contrassenso e conflito de



vozes, evocando maneiras de preencher a palavra e, em consequência, a vida, que podem ser bastante distintas e até controversas. Por isso, quando falamos em diálogo na perspectiva de Bakhtin e seu Círculo, lembramos que se trata de um conceito, assim como outros, dotado de uma aparente simplicidade. Afirmarmos que o conceito de diálogo é essencial para a compreensão do *dialogismo* assim como para das *relações dialógicas*, tendo em vista que são conceitos intimamente relacionados e diretamente implicados em uma análise dialógica dos discursos, sendo preciso tratar também de suas especificidades.

Segundo Sobral (2009, p. 34), o diálogo – compreendido em sua acepção face a face (embora alcance as réplicas enunciativas mais abrangentes) – “[...] é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva”. Já o dialogismo, na opinião do autor, “[...] é, portanto, conceito mais amplo, de cunho *filosófico, discursivo e textual*” (SOBRAL, 2009, p. 35, grifo do autor) e faz referência a três diferentes planos: i) condição máxima do próprio ser e da ação interindividual, pois o *eu* só se define na relação dialógica com o *outro*; ii) espaço em que ocorrem os enunciados/discursos e, em consequência, local de instauração dos sentidos; e iii) base que sustenta uma maneira de composição de enunciados/discursos: o diálogo.

Por isso, dialogismo não diz respeito exclusivamente “[...] às réplicas ‘mostradas’ de uma interação na superfície textual, que é a função da forma diálogo” (SOBRAL, 2009, p. 36), mas está relacionado, também, a todo e qualquer enunciado, uma vez que sempre responde (em sentido amplo) aos enunciados que o antecederam e antecipa os futuros. Isso significa que todos os nossos dizeres estão imersos no dialogismo inerente à palavra, afinal, “[...] o falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto de seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc.” (BAKHTIN, [1952] 2011, p. 300). Tais opiniões podem ser colocadas em ênfase quando se consideram as relações dialógicas que permeiam todo o dizer, seja ele exteriorizado nas enunciações seja presente na consciência interior dos sujeitos dialógicos que somos.

Por estar em consonância com os demais pressupostos e se constituir em uma das principais bases do pensamento bakhtiniano, encontramos o conceito de relações dialógicas em diferentes textos dos membros do Círculo. Apesar das diferentes colocações, todos destacam que se tratam de relações semânticas estabelecidas entre os enunciados e, conseqüentemente, entre os interlocutores nas diversas situações enunciativas de que participam, reveladoras das vozes e das posições emotivo-volitivas que povoam os discursos.

Tal conceito é aprofundado sobretudo na análise que Bakhtin desenvolve a respeito da teoria polifônica encontrada em Dostoiévski, tendo em vista o trato ao enfoque ideológico refletido e refratado em suas personagens e romances. Segundo o filósofo russo, nos escritos de Dostoiévski, “[...] não se desenvolve um mundo de objetos, elucidado e ordenado pelo seu pensamento monológico, mas um mundo de consciências que se elucidam mutuamente, um mundo de posicionamentos semânticos conjugados do homem” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 110).

Apesar de essa análise de Bakhtin sobre Dostoiévski tratar do discurso do herói em contexto literário, as considerações ao objeto analisado e ao conceito em questão servem a toda manifestação de discurso, já que esse é tomado enquanto “[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 207). As relações dialógicas são capazes, portanto, de tratar da dinamicidade e da pluralidade de vozes que permeiam os enunciados concretos e, no texto intitulado *Reformulação do livro sobre Dostoiévski*, presente na obra *Estética da criação verbal*, elas são apresentadas em oposição a esse monologismo mencionado anteriormente, tendo em vista que ele

[...] nega ao extremo, fora de si, a existência de outra consciência isônoma e isônoma-responsiva, de outro *eu (tu)* isônimo. No enfoque monológico (em forma extrema ou pura) o *outro* permanece inteiramente apenas *objeto* da consciência e não outra consciência. Dele não se espera uma resposta que possa modificar tudo no mundo da minha consciência. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força *decisiva*. Passa sem o outro e por isso, em certa medida, reifica toda a realidade. Pretende ser a última palavra. Fecha o mundo representado e os homens representados (BAKHTIN [1979] 2011, p. 348, grifo do autor).

Tratar de uma consciência única, formada exclusivamente pela individualidade e a parte da alteridade constitutiva do homem, é ir de encontro aos pressupostos do Círculo e a uma perspectiva dialógica do discurso, sendo, por isso, uma abordagem ilegítima em nossa filiação epistemológica. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin mostra que foi na Idade Moderna que o princípio monológico ganhou sua maior representação em todos os campos da vida ideológica, os quais “[...] tiveram a contribuição do racionalismo europeu com seu culto à razão única e uma, sobretudo o culto da época do Renascimento, quando se constituíram as principais formas do gênero da prosa ficcional moderna” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 91).

Nessa perspectiva monovocal, prevalecia a consciência individual as certezas absolutas do ser em todos os campos, “[...] assim era o socialismo utópico com a sua fé na onipotência das convicções” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 91). Tal compreensão se opõe substancialmente à abordagem dialógica do discurso, uma vez que as relações dialógicas necessitam da vivacidade do enunciado para que possam existir, caso contrário, estaremos diante apenas de palavras ou frases da língua, que podem manter entre si relações lógicas, mas que, definitivamente, não são as que orientam a realidade linguística dos falantes. Conforme explica o autor, as relações dialógicas não se reduzem às “relações lógicas ou concreto-semânticas” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 209), mas, para que as relações lógicas se tornem relações dialógicas, elas necessitam “[...] materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ele expressa” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 210).

Conforme ilustra Bakhtin ([1963] 2015, p. 209-210), se tomarmos os seguintes exemplos: “A vida é boa” e “A Vida não é boa”, estaremos diante de dois julgamentos de valor sobre a vida constituídos de dada forma lógica e conteúdo concreto-semântico que mantêm entre si uma relação lógica de negação. Ainda assim, não há entre eles relações dialógicas, pois não discutem nada entre si, apesar da potencialidade para que tal discussão ocorra; o que lhes falta é pertencerem a dois centros de valor diferentes, isto é, serem enunciados por dois sujeitos distintos em uma dada situação comunicativa.

Dessa maneira, embora “[...] as relações dialógicas [sejam] absolutamente impossíveis sem as relações lógicas e concreto-semânticas, [elas] são irredutíveis a estas e têm especificidade própria” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 210). As relações dialógicas são possíveis, portanto, em diferentes níveis e entre diferentes elementos da linguagem, desde entre as enunciações integrais ou “[...] inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro” ((BAKHTIN, [1963] 2015, p. 210-211) – isto é, como um elemento que congrega mais de uma voz, a do *eu* e a do *outro* – até os estilos de linguagem, os dialetos sociais ou com a sua própria enunciação como um todo.

Ancorado em tais reflexões, o filósofo russo afirma que “[...] toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 209). E, com vistas a melhor compreender a natureza e a complexidade de tais relações, Bakhtin explica ainda que o objeto principal desse exame deve estar no discurso bivocal, o qual “[...] surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas

condições autênticas da palavra” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 211). Na obra *Questões de literatura e de estética*, especialmente no ensaio denominado O discurso no romance,<sup>20</sup> Bakhtin ([1975] 2015, p. 113, grifo do autor) especifica como funciona a palavra bivocal:

O heterodiscurso introduzido no romance (quaisquer que sejam as formas de sua introdução) é *discurso do outro na linguagem do outro*, que serve à expressão refratada das intenções do autor. A palavra de semelhante discurso é uma *palavra bivocal especial*. Ela serve ao mesmo tempo a dois falantes e traduz simultaneamente duas diferentes intenções: a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor. Nessa palavra há duas vozes, dois sentidos e duas expressões. Ademais, essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra (como duas réplicas de um diálogo, conhecem uma à outra e são construídas nesse conhecimento recíproco), como se conversassem uma com a outra. A palavra bivocal é sempre interiormente dialogada. Assim é a palavra humorística, prosaica, paródica, assim é a palavra refratadora do narrador, que refrata a palavra nas falas do herói e, por último, a palavra do gênero intercalado: tudo isso são palavras bivocais interiormente dialogadas. Nelas, está fixado o diálogo potencial não desenvolvido, o diálogo concentrado de duas vozes, de duas visões de mundo, de duas linguagens.

Percebemos, portanto, que o conceito de palavra bivocal está intimamente ligado ao de relações dialógicas, pois aponta para a necessidade de se observar o encontro de, no mínimo, duas vozes postas em relação, que ganham vida concomitantemente no discurso, e “[...] essa estratificação, o superpovoamento intencional e a sobrecarga de todas as palavras e formas são um acompanhante inevitável da formação sociocontraditória e histórica da linguagem” (BAKHTIN, [1975] 2015, p. 113). Ribeiro (2015), em sua tese intitulada *Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo show da fé: tensão entre fé, mercado e publicidade*, ao analisar o discurso religioso de um programa televisivo, demonstrou – por meio de uma aprofundada discussão sobre o conceito de palavra bivocal na perspectiva bakhtiniana – que, no interior dos discursos bivocais em foco, havia um entrecruzamento de múltiplas vozes que eram oriundas de valores religiosos e mercadológicos, os quais entravam em tensão dialógica, permitindo à autora comprovar, portanto, que havia “[...] uma sobreposição e um embaralhamento entre o discurso da fé (institucional) e o discurso da compra da fé (promocional)” (RIBEIRO, 2015, p. 176). Tal conclusão só pode ser desenvolvida, partindo do pressuposto de que “[...] a palavra bivocal é em essência uma das formas de materializar o diálogo entre discursos e pontos de vista sociais” (RIBEIRO, 2015, p.46).

---

<sup>20</sup> Na verdade, estamos fazendo referência à última tradução do referido texto realizada por Paulo Bezerra, lançada no ano de 2015 pela Editora 34, e que contém apenas a primeira parte do livro *Questões de literatura e de estética*, ou seja, *A teoria do romance I: a estilística*. Dentre as principais modificações na tradução, citamos a mudança de *plurilinguismo* para *heterodiscurso*.

As considerações anteriores tornam-se importantes para a nossa pesquisa na medida em que permitem compreender que, por meio das relações dialógicas, revelam-se os discursos bivocais que são responsáveis pela transmissão e pelo tensionamento de vozes, intrínsecos aos discursos do *eu* e do *outro* postos em constante relação de sentidos. Assim, no caso específico deste trabalho de pesquisa, considerando os enunciados trocados entre as revisoras e as autoras das teses revisadas, buscaremos pistas do imbricamento da palavra própria e da palavra alheia desses dois sujeitos que estão implicados na atividade de revisão textual a fim de observar os efeitos de sentido gerados quanto às posições axiológicas de ambos com a atividade de revisão sobre os fazeres desenvolvidos.

Conforme afirma Bakhtin ([1979] 2011, p. 379, grifo do autor), “[...] por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha*”. O autor continua esse raciocínio, mostrando que, na verdade, “[...] para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias e nas do outro, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 379-380), sendo exatamente essa região limítrofe entre a palavra própria e a palavra alheia e a tensão existente entre elas o que buscamos observar e melhor compreender em nossa pesquisa.

Nesse sentido, torna-se importante também refletirmos sobre a concepção de autoria na perspectiva dialógica da linguagem, pois, como afirma Faraco (2009, p. 88), “[...] o tema do autor e da autoria está presente, em maior ou menor grau, em quase todos os escritos de Bakhtin”, e, quando refletimos sobre o imbricamento entre palavras próprias e alheias, cabe tratar também desse conceito. Bakhtin ([1979] 2011, p. 174), ao discutir sobre o problema da personagem na criação estética, afirma que “[...] viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa afirmar-se axiologicamente”. Ele diz ainda que não há como o *eu* existir em um mundo axiológico como “[...] um dado positivo tranquilizado igual a mim mesmo, pois a relação axiológica comigo mesmo é absolutamente improdutiva em termos estéticos, eu para mim sou esteticamente irreal” ([1979] 2011, p. 174).

Então, para tratar do autor como um centro organizador da criação artística verbalizada, Bakhtin distingue o autor pessoa do autor criador. O primeiro diz respeito ao escritor, artista, já o autor criador é visto “[...] como uma posição estético-formal cuja característica básica está em materializar certa relação axiológica com o herói e seu mundo” (FARACO, 2009, p. 89), seja essa posição avaliativa de amor ou ódio, distância ou proximidade, elogio ou crítica, paixão ou deboche, etc. Cabe destacar, no entanto, que

precisamos compreender tais posicionamentos como exemplos, sem desconsiderar que os valores atribuídos ao mundo nunca são uniformes e homogêneos, podendo, por exemplo, “[...] a simpatia pelo herói e seu mundo ser nuançada por uma crítica melancólica” (FARACO, 2009, p. 89).

No todo verbalizado da criação estética, o artista é aquele que participa e sabe ser ativo “[...] não só de dentro da vida [da personagem], mas também a ama de fora – de onde ela não existe para si mesma, onde está voltada para fora e necessita de um ativismo distanciado e fora do sentido” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 176). Assim, o autor é considerado como individualidade quando “[...] lhe atribuímos o mundo das personagens enformado e por ele criado ou onde ele está parcialmente objetivado como narrador” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 176).

No ato artístico, embora estejam presentes, de certa forma, aspectos do plano da vida do autor, esses são ressignificados e pertencem a uma nova ordem, a um novo plano ao qual estão subordinados, isto é, são parte integrante do universo da realidade artística, sendo o autor criador aquele que “[...] dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza esteticamente” (FARACO, 2009, p. 90). Portanto, toda a escrita conta com uma posição autoral que é responsável por organizar o todo verbal e, embora esse seja um conceito bastante discutido e polemizado pelos estudiosos de Bakhtin, o importante é compreender que o autor, para o Círculo, sempre estará no todo de uma obra e não apenas em suas partes isoladas. Dessa maneira, ao tratar de produções textuais acadêmicas que passaram pelo processo de revisão textual, abordaremos em nossas reflexões a questão da autoria, já que os textos revisados, necessariamente, terão posições autorais tanto dos doutorandos quanto dos profissionais que fizeram a leitura atenta do material.

Ademais, procuramos ainda, nesta investigação, apreender os acentos axiológicos advindos do fazer do revisor de textos, tendo em vista que as relações dialógicas entre os diferentes enunciados revelam que “os sentidos estão divididos entre vozes diferentes” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 320). Nesse contexto, torna-se fundamental observar “a importância excepcional da voz, do indivíduo” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 320), assim como as duas forças que encadeiam tal encontro pluriacentuado de vozes, a saber: as forças centrípetas, isto é, aquelas que representam “uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e centralização linguística” (BAKHTIN, [1975] 2015, p. 39); e as forças centrífugas, as quais dizem respeito aos “processos de descentralização e separação”

(BAKHTIN, [1975] 2015, p.41), responsáveis por considerar a heterogeneidade e a pluralidade características da língua concreta/viva.

Diante do exposto, podemos afirmar então que, a partir das implicações que o conceito de relações dialógicas comporta, almejamos, por meio das análises realizadas, vislumbrar também as vozes sociais reveladoras das posições valorativas dos interlocutores, as quais formam o todo dialógico do discurso. Sabemos que o discurso, por sua vez, adentra nesse entremeio dialógico tenso de discursos alheios, de juízos de valor diversos e tons axiológicos que subsidiam as múltiplas formas de interações humanas. Evidentemente, para compreender qualquer relação interlocutiva é de grande importância recorrer também ao postulado da alteridade, ou seja, ao princípio de que todo o projeto de dizer organiza-se na relação entre um *eu* e um *outro*, havendo responsividade, pois:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entoação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio, eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a transformação da primeira noção de mim mesmo. [...]. Como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 373).

Sobre o interlocutor, torna-se importante esclarecermos que a dialogia que organiza a relação *eu/outro* não conta, necessariamente, com uma compreensão definida de um destinatário em específico, como no caso, por exemplo, de um artigo submetido a uma revista científica ou de uma banca de arguição de um trabalho acadêmico, que tem uma ideia mais ou menos precisa de perfil dos seus interlocutores. No entanto, seja mais ou menos concreto, há sempre um interlocutor presumido que organiza a enunciação e que tem a responsabilidade da resposta. Nesse entremeio fronteiro, em que ocorrem os dizeres alheios e os próprios, podemos também observar dois importantes movimentos – a *empatia* e a *exotopia* – que são, tal como as relações dialógicas, constitutivos da linguagem e implicam a relação dos dois centros de valor da enunciação, o *eu* e o *outro*:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 23).

Como vemos, pela aproximação empática, o *eu* tem a possibilidade de complementar o outro, buscando compreender o mundo a partir dos “mesmos” acentos valorativos que definem esse *eu*; no entanto, por maior que seja essa proximidade entre os dois centros de valor, é constitutivo e necessário também o seu afastamento. A retomada do *eu* a si é o que permite o seu excedente de visão, por intermédio de um movimento de exotopia, o que pode resultar em um ato ético para com o *eu*, tendo em vista que “[...] a atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar de fora” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 25).

Bakhtin discorre também sobre a especificidade e complementaridade das noções de empatia e exotopia, quando trata das relações entre o autor e a personagem na atividade estética. Afirma o filósofo russo que o autor é o “[...] agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 10). Isso significa que ele possui, de modo geral, uma visão abrangente do universo não só de uma personagem particular, mas de todas as personagens da obra, pois “[...] enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor [...] é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 10), ou seja, uma visão ampla que parte da posição exotópica ocupada pelo autor com relação ao todo da obra. Por outro viés, esclarece Bakhtin que a maneira como “[...] o autor vivencia a vida da personagem se dá em categorias axiológicas inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas”, as quais com ele partilham do “acontecimento ético aberto e singular da existência” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 13).

Em outras palavras, para olhar para si, é preciso que o autor se distancie do *eu*, tornando-se *outro*, pois, “[...] ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar a para nós mesmos, e o último acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da nossa própria vida” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 14). Nessa perspectiva, torna-se importante compreender, portanto, que não só o acontecimento estético, mas também o mundo irrepetível e concretizado da vida, contempla os movimentos de empatia e exotopia, já que “[...] o excedente da minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que eu só posso praticar em relação ao outro” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 22-23). Nesse contexto, portanto,



A minha singularidade, como necessária não coincidência com tudo o que não sou eu, torna sempre possível o meu ato singular e insubstituível em relação a tudo o que não sou eu. O simples fato de que eu, a partir do meu lugar único do existir, veja, conheça um outro, pense nele, não o esqueça, isso é alguma coisa que somente eu, único, em todo o existir em um dado momento, posso fazer por ele: um ato do vivido real em mim que completa a sua existência, absolutamente profícuo e novo, e que encontra em mim somente a sua possibilidade (BAKHTIN, [1920] 2010, p. 98).

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin ([1920] 2010, p. 104) explica essas compreensões do espaço do *eu* e do *outro* por meio do seguinte exemplo: “[...] eu amo o outro, mas não posso amar a mim mesmo, o outro me ama, mas não pode amar a si mesmo; cada um tem razão no seu próprio lugar, e tem razão não subjetivamente, mas responsabilmente”. Isso significa que “[...] do meu lugar único, somente eu-para-mim sou eu, enquanto todos os outros são *outros* para mim (no sentido emotivo-volitivo do termo)” (BAKHTIN, ([1920] 2010, p. 104, grifo do autor). Logo, o amor que o outro sente por mim é axiologicamente distinto em meu contexto singular, o que mostra que tanto o *eu* quanto o *outro* ocupam espaços singulares. Por isso, toda forma de aproximação empática entre esses dois centros de valor implica em um posterior distanciamento, tendo em vista que, após a empatia, “[...] segue sempre [um movimento] de objetivação, ou seja, o de situar fora de si mesmo a individualidade compreendida através da empatia – separando-a de si mesmo, e retornando a si mesmo” (BAKHTIN, [1920] 2010b, p. 98). Se não houvesse esse retorno a si, isto é, no caso de uma empatia pura, teríamos a perda da singularidade do *eu*, o que é certamente impossível, tal como nos mostra a teoria do Círculo.

Na proposta de trabalho apresentada, buscaremos também apreender as fronteiras entre as relações dialógicas do *eu* e do *outro* no processo enunciativo que envolve a revisão textual a fim de vislumbrar como esses movimentos de aproximação e distanciamento ocorrem e também de perceber de que modo os discursos se imbricam a ponto de a voz do revisor ser apagada. Esse processo faz com que o texto final seja reflexo de uma construção híbrida, a qual faz parte de um enunciado que, por seus traços “gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas ‘linguagens’”, dois universos semânticos e axiológicos (BAKHTIN, [1934-1935] 2015, p. 21).

Diante da reflexão desses conceitos bakhtinianos expostos, compreendemos o porquê de a língua não ser um simples inventário, mas, sim, um espaço de valoração e, portanto, de conflito, especialmente quando as opiniões e os modos de apreender o mundo dos sujeitos são muito diferentes. Com base nos conflitos advindos das diferenças é que o Círculo afirma também que o signo, sempre ideológico, constitui um espaço de reflexo e refração da

realidade, sendo “a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 47). Em decorrência disso, as relações dialógicas se constituem e se manifestam por meio dos diálogos que ocorrem entre os enunciadores, isto é, “[...] delas pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o questionamento, a recusa” (FARACO, 2009, p. 68). Todo enunciar pressupõe, como vimos, um diálogo com enunciados já proferidos, o que faz de todo locutor, “em certo grau, um *respondente*” (BAKHTIN, 1992, p. 291, grifo do autor).

Dispostas as reflexões que embasam uma perspectiva dialógica do discurso, as quais subsidiam o nosso trabalho, passaremos, no próximo capítulo, às bases ergológicas. Torna-se importante destacar, no entanto, que essa separação em itens e subitens ocorre apenas para fins metodológicos de melhor organização e apresentação do material que constitui esta pesquisa. Fazemos tal afirmação, porque, como sabemos, no processo concreto da interação verbal e na análise das situações autênticas de interação enunciativa, importa considerar de forma imbricada todas as questões apresentadas, na busca pela melhor forma de compreender a pluralidade dos discursos que nos constituem, a complexidade e a multiplicidade da linguagem e, conseqüentemente, do trabalho, dois dos principais elementos que (trans)formam o homem e são o foco da atividade investigada nesta pesquisa: a revisão de textos acadêmicos.

## **2 ABORDAGEM ERGOLÓGICA DO TRABALHO**

A ergologia é uma abordagem pluridisciplinar que se volta para o estudo da atividade humana, sobretudo para a atividade de trabalho, em sua dinâmica e complexidade. Nas palavras de um dos seus principais precursores, o professor e filósofo Yves Schwartz, “[...] tudo tem de ser pensado, tem de ser visto, como consequência de certa abordagem da atividade humana” (SCHWARTZ, 2013, p. 329). Em entrevista à *Revista Letrônica*, o autor destaca, além da compreensão estrita de ciência, a necessidade de vislumbrar a ergologia como uma *abordagem pluridisciplinar*, a partir do seguinte raciocínio:

[...] nunca a definimos como uma disciplina científica. Mas o que é a Ergologia? Adotamos o termo, ou a expressão, em português, *abordagem* como uma maneira de afirmar que não é uma nova disciplina, é uma postura, uma abordagem que requer outras, todas outras disciplinas, notadamente as das Ciências Humanas, sempre em uma situação de discussão com elas às vezes de crítica, numa dimensão de uso e de polêmica com essas disciplinas. Alguns pensam que é uma disciplina, uma ciência, que é filosofia, por exemplo. Prefiro falar de abordagem. O que é verdade na sua pergunta é que a Ergologia tem necessidade de interface com outras disciplinas das Ciências Humanas e, notadamente, das Ciências da Linguagem (SCHWARTZ, 2016, p. 230-231).

A esse respeito, Trinquet (2010, p. 94) afirma que se trata de investigação pluridisciplinar em razão de “[...] a atividade humana ser muito complexa para se compreender e analisar a partir de uma única disciplina, qualquer que seja ela. Todas são necessárias, embora nenhuma seja suficiente”. Por isso, vale-se de saberes advindos de várias áreas do conhecimento, como a filosofia, a ergonomia da atividade, a linguística, a psicologia etc., considerando o fato de que, segundo o linguista Daniel Faïta (2002, p. 59), “[...] a análise pluridisciplinar permite considerar um mesmo problema sob aspectos diferentes, graças ao enriquecimento mútuo dos pontos de vista”.

Quanto ao surgimento dessa perspectiva, Schwartz (2006) afirma que ela nasceu na França, na década de 1980, a partir da inquietação de um grupo<sup>21</sup> de professores universitários que buscava um conhecimento mais profundo e rigoroso do mundo do trabalho,<sup>22</sup> tendo em vista que a cultura universitária parecia não estar pronta para abordar essa questão com a devida maturidade, sobretudo porque se tratava de um momento de mudanças, na forma de compreender não só o trabalho, como também a sociedade (SCHWARTZ, 2006, p. 458). As

<sup>21</sup> Este grupo era composto pelo filósofo Yves Schwartz, pelo linguista Daniel Faïta e pelo sociólogo Bernard Vuillon, os quais trabalhavam no Departamento na Universidade de Provence, na França. O grupo de discussão montado por esses profissionais foi denominado *Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail* (APST).

<sup>22</sup> Schwartz falou sobre isso em uma entrevista que está disponível na íntegra em: <[http://sites.univ-provence.fr/ergolog/html/ergologia\\_franco-luzitana\\_fichiers/Entrevista\\_Yves\\_Schwartz.pdf](http://sites.univ-provence.fr/ergolog/html/ergologia_franco-luzitana_fichiers/Entrevista_Yves_Schwartz.pdf)>. Acesso em: ago. 2017.

mudanças mencionadas eram resultado das transformações advindas principalmente do contexto socioeconômico da Europa no que diz respeito ao mundo do trabalho, graças ao enfraquecimento do taylorismo e a uma significativa redução no tamanho de empresas e fábricas.

O regime taylorista, conhecido também como *Organização Científica do Trabalho*, segundo Schwartz (2010, p. 38), nasceu no começo do século XX, sob o impulso do engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor, e “[...] progressivamente se proliferou nos países europeus até seu apogeu, provavelmente no final dos anos 1970, nos setores em que ele havia iniciado, por exemplo, na indústria mecânica, automobilística, etc.”. Nessa perspectiva, prevalecia uma visão mecanicista do trabalho à qual importava garantir que a execução e o resultado final de qualquer tarefa fossem bem-sucedidos, sem que se levasse em conta nenhum fator relacionado ao executor dessa: o ser humano. A principal preocupação em relação à atividade humana era: “[...] antecipá-la totalmente, prepará-la de tal forma que uma vez modelada pelos outros, aqueles que devessem executá-la, ‘não teriam que pensar’, como disse Taylor” (SCHWARTZ, 2010, p. 38). Em outras palavras, no referido momento, voltava-se o pensamento, quase que exclusivamente, para a formação de pessoas que soubessem operar máquinas.

Ao taylorismo, portanto, interessava uma visão quantitativa do trabalho, isto é, era preciso garantir que o maior número de atividades fosse concretizado no menor espaço de tempo, visando a uma produção em massa, e, para que isso ocorresse, normas e regras eram aplicadas aos trabalhadores. Dessa maneira, no intuito de garantir uma formalização das ciências do trabalho, nessa perspectiva positivista, ele chegou a ser dividido “[...] entre, de um lado, o perito que concebe e prepara o trabalho e, de outro, o executante que o realiza, trata-se, portanto, de separar o trabalho prescrito do trabalho efetivo ou da atividade” (SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 88). Isso significava que, caso o resultado final de uma atividade não fosse igual à tarefa prescrita, ou o trabalhador não havia seguido corretamente o que lhe fora ordenado, ou havia algum equívoco na prescrição. Como se pode perceber, o foco dessa filosofia era voltado à verificação do cumprimento (ou não) do trabalho prescrito bem como à formação de trabalhadores que agissem de forma repetitiva e automática, isto é, pessoas que soubessem efetuar uma tarefa ditada, sem que lhes fosse permitido impor qualquer impressão pessoal ou reflexão acerca do que realizavam.

Para Schwartz (2010, p. 38), “[...] o taylorismo coloca a questão da relação homem-trabalho e traz elementos muito importantes para a reflexão da atividade humana em geral”. É nesse contexto de queda do taylorismo e das conseqüentes transformações da sociedade que o

grupo de docentes, do qual Schwartz fazia parte, responsável por disciplinas relacionadas ao trabalho, julgou importante analisar por quais razões o taylorismo precisava ser superado. Para tanto, era necessário o engajamento da universidade no repensar tanto a definição de trabalho como a própria profissão do formador. Para isso, seus membros chegaram ao consenso de que os trabalhadores também deveriam ter voz nesse processo, isto é, as opiniões e as vozes daqueles que lidam cotidianamente com a prática da atividade profissional tinham de ser ouvidas e analisadas, afinal,

[...] no fundo, trata-se de uma questão de simples bom senso: não se pode propor de modo válido uma formação que vise a aperfeiçoar um exercício profissional sem antes investigar o que os interessados sabem a partir do que eles fazem nesse mesmo exercício profissional. Não existe formação permanente sem uma “contraformação”, no decorrer da qual os formadores devem aprender o que os formandos fazem e por que o fazem (SCHWARTZ, 2002, p. 119).

Sendo assim, como destacou o autor, não caberia ao formador se portar como “operador-mor de um movimento permanente de ‘dupla antecipação’” (SCHWARTZ, 2002, p. 114). A primeira antecipação diz respeito ao saber conceitual adquirido nos cursos de formação e possibilita ao trabalhador ter o conhecimento mínimo necessário para efetuar ações básicas, como “[...] abrir um escritório comercial no exterior, confeccionar um balanço contábil [...] e se reenquadrar como analista de desenvolvimento de sistemas informáticos” (SCHWARTZ, 2002, p. 114), antes mesmo de que ele saiba em qual ambiente exercerá a sua atividade.

A segunda antecipação, ao contrário, invoca um retrabalho da primeira, a partir do momento em que o trabalhador está em situação concreta de aplicação dos conhecimentos adquiridos e percebe que, geralmente, falta algo para que ele compreenda esses processos reais do trabalho, pois, como ilustrou o autor, “[...] cada instalação petroquímica tem sua história, seus pontos de fragilidades” (SCHWARTZ, 2002, p. 114), cabendo, portanto, ao trabalhador “[...] reconstruir parcialmente suas sinergias coletivas e normas para se ajustar rapidamente a novas especificações da demanda” (SCHWARTZ, 2002, p. 114). Isso explica a relevância de o formador considerar os trabalhadores reais bem como seus contextos de atuação, na história dos estudos que se debruçam sobre o trabalho, como é o caso da ergologia.

Então, foi nessa conjuntura e com tais objetivos que, no começo dos anos 1980, Yves Schwartz (filósofo), junto aos colegas Daniel Faïta (linguista) e Bernard Vuillon (sociólogo), contando também com a colaboração de Jacques Duraffourg (ergonomista), iniciaram as

atividades em um estágio de formação contínua, com trabalhadores da região de Provence-Côte d'Azur, por meio de “uma microscópica experiência de trabalhar com eles sobre seu próprio trabalho” (SCHWARTZ, 2006, p. 458). O autor explica que, nessa época, ainda não denominavam essa perspectiva como ergologia, posto que a expressão surgiu somente em meados de 1995 e 1997, mas, independentemente da designação, o embrião dessa abordagem aí se desenvolvia a partir de uma intuição sobre como observar e gerir a complexidade característica de toda a atividade de trabalho: “nessa época, foi sempre um vai-e-vem entre os saberes acadêmicos sobre o trabalho e os saberes ‘engajados’ pelos trabalhadores no mundo do trabalho” (SCHWARTZ, 2006, p. 458).

Sem desconsiderar a relevância dos saberes teóricos em união aos práticos, os estudiosos tiveram muitas referências para o desenvolvimento da abordagem ergológica. Entre elas, três grandes influências se destacam: a experiência de pesquisa-intervenção do médico e psicólogo italiano Ivar Oddone, as reflexões da ergonomia da atividade, em especial de Alain Wisner, e a filosofia de George Canguilhem (SCHWARTZ, 2006, p. 459-460).

Da primeira, a ergologia traz a busca por diminuir a distância entre a academia e o mundo do trabalho. Ivar Oddone, médico e psicólogo italiano, junto a um coletivo de profissionais da saúde e militantes político-sindicais, buscou transformar as condições de trabalho, visando ao bem-estar e à preservação da saúde dos trabalhadores, por meio de investigação detalhada dos processos de trabalho (ODDONE et al., 1986). Segundo Muniz et al. (2013, p. 281), com o Modelo Operatório Italiano (MOI) de luta pela saúde, Oddone e sua equipe contribuíram de forma significativa para “o desenvolvimento do campo da saúde do trabalhador” em diversos países não só da Europa, mas também de nações de outros continentes, como aconteceu com o Brasil, que, na década de 1980, teve os fundamentos do MOI “[...] interpretados à luz do neopreventivismo do movimento sanitário brasileiro e incorporados nas experiências de desenvolvimento de ações de vigilância em saúde do trabalhador no interior do sistema de saúde” (MUNIZ et al., 2013, p. 283).

Conforme demonstram os autores, o “[...] MOI constitui importante referência teórico-metodológica, sobretudo no que se refere às intervenções nos ambientes de trabalho sob o protagonismo dos trabalhadores em aliança com profissionais de saúde” (MUNIZ et al., 2013, p. 282). Embora ainda tenhamos um longo e árduo caminho a percorrer para transformar, de fato, as condições de trabalho no Brasil, principalmente no que diz respeito aos direitos por

condições dignas de preservação e cuidado à saúde do trabalhador, alguns importantes passos foram dados a partir das reflexões de Oddone.<sup>23</sup>

Com relação à sua influência na formação da ergologia, somada a esse olhar singular para a saúde dos trabalhadores, cabe citar ainda aquilo que o médico italiano chamou de “comunidade científica ampliada”, a qual tinha por principal objetivo aproximar, em um contexto específico, os operários da Fiat italiana, os integrantes dos sindicatos e o pessoal da universidade. Schwartz (2006, p. 461) afirma que, durante o estágio com os trabalhadores de Provence-Côte d’Azur, ele e os demais professores buscavam a construção de um novo dispositivo que permitisse uma devida aproximação entre os formadores e os profissionais da atividade e, nesse sentido, a descoberta e a leitura da experiência de Oddone<sup>24</sup> foram essenciais.

Com a ideia de comunidade científica ampliada, era possível uma visão mais englobante do trabalho, minimizando as diferenças entre o patrimônio adquirido pelo conhecimento técnico e aquele conquistado pela prática da atividade. Até então, segundo Schwartz (2000, p. 39), os trabalhadores eram negligenciados pela educação universitária, havendo, nesse contexto, uma situação de *incultura recíproca*, e o que se poderia dizer do trabalho, na universidade, “[...] era extremamente parcial e redutor se não considerasse os apartes de gerações de trabalhadores”. Desse modo, o conceito criado por Oddone levou à compreensão de “[...] *competência profissional ampliada*, que não pode ser somente técnica, pois está ligada a todo um patrimônio de experiências coletivas, animada no seu interior pela consciência de classe” (SCHWARTZ, 2000, p. 39, grifo do autor).

Faz-se importante destacar também que Schwartz e seu grupo não apenas se apropriou do conceito de Oddone, mas, também, o ampliou, já que, segundo o filósofo, a forte cooperação que acontecia entre os funcionários da Fiat italiana, os membros do sindicato e os representantes da universidade constituía-se em uma característica própria desse contexto singular. Portanto, replicar essa maneira de compreender e lidar com o universo profissional de modo relacionado ao acadêmico implicava grande desafio, e, para vencê-lo, os pensadores da ergologia precisaram adaptar a ideia de Oddone. Para tanto, repensaram a concepção *científica* pressuposta na definição do médico italiano, tendo em vista que “[...] a expressão ‘comunidade científica ampliada’ apresenta problema nela mesma se tomarmos a ideia que

---

<sup>23</sup> Muniz et al. (2013), no ensaio intitulado *Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil*, citam diversos exemplos de intervenção em situações de trabalho no Brasil que tiveram como aporte teórico-metodológico os estudos de Oddone e sua equipe.

<sup>24</sup> O autor refere-se à obra *Redécouvrir l’expérience ouvrière*, organizada por Oddone com Alessandra Re e Gianni Brianti.

lhe é subjacente: o conhecimento das atividades pertenceria ao domínio científico no sentido clássico” (SCHWARTZ, 2000, p. 43).

Contudo, considerar apenas a concepção clássica de ciência é incoerente com a abordagem ergológica, pois a renormalização que subjaz a toda atividade humana mostra que é preciso considerar além dos saberes curriculares, os quais tendem a neutralizar a história dos homens e das atividades, o que, em consequência, causa certo *desconforto intelectual* ao invalidar a especificidade do papel e das responsabilidades tanto dos universitários quanto dos trabalhadores, cada um com sua parcela de cultura e incultura. Logo, na opinião de Schwartz (2000, p.43), a aprendizagem dos saberes disciplinares, que jamais deve ser ignorada, é acompanhada de uma incultura relativa a toda recriação de valores e saberes próprios do mundo do trabalho. Nesse aspecto, é fundamental ponderar a respeito do fato de que:

[...] os saberes dos protagonistas se distribuem diferentemente, de maneira não linear, não disciplinar e estão ancorados nas histórias e situações concretas. Por um lado, há uma tendência a fabricar saberes que se tornam modelos alheios ao tempo, e é assim que o conceito funciona. Por outro lado, há uma tendência ligada ao retrabalho da experiência e à (micro) fabricação de histórias. Podemos avaliar, então, a extrema dificuldade deste encontro, notadamente aquela de traduzir em palavras a experiência. O conceito de "comunidade científica ampliada" oculta um pouco tanto as competências próprias de cada um dos parceiros, quanto a dificuldade do projeto, absolutamente necessária, de fazer com que os protagonistas trabalhem conjuntamente (SCHWARTZ, 2000, p. 43).

Para minimizar essa problemática, os estudiosos da ergologia propuseram o conceito de Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P), o qual considera não só as normas subjacentes a toda atividade de trabalho, mas, também, a resignificação dessas pelos trabalhadores. Nesse sentido, destacamos a importância do diálogo com o trabalho de Oddone para o desenvolvimento das bases epistemológicas da ergologia, juntamente com os pressupostos da ergonomia da atividade e da filosofia de Georges Canguilhem.

Entre os nomes mais representativos da ergonomia da atividade, estão os de Suzane Pacaud, André Ombredane, Jean-Marie Faverge, Jaques Leplat, Alain Wisner, Antoine Laville, Catherine Teiger e Jacques Duraffourg (GUERIN et al., 2001). Quanto às influências dessa perspectiva para a constituição da abordagem pluridisciplinar, Schwartz (2006, p. 458) afirma que essa conversa ocorreu graças à parceria firmada pelo ergonomista Jacques Duraffourg com Alain Wisner, do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM), em Paris. Para Wisner, a ergonomia pode ser considerada uma ciência orientada à resolução de problemas (DANIELLOU, 2006, p. 23, tradução nossa), por isso, a vontade de transformar as condições de trabalho a partir da sua observação e do diálogo com os atores da atividade é um



dos nortes que move a ergonomia da atividade e que influenciou as bases da abordagem ergológica. Pode-se afirmar que “[...] um de seus grandes méritos [da ergonomia] é ter desenvolvido e continuar aperfeiçoando maneiras de se analisar o trabalho a partir de uma perspectiva científica, visando melhor compreendê-lo e transformá-lo” (AUAREK, 2012, p. 32).

Nas palavras de Souza-e-Silva (2004, p. 87), “[...] enquanto na Grã-Bretanha a ergonomia visava à adaptação da máquina ao homem, na França, a preocupação central era com a adaptação do trabalho ao homem”. Um exemplo emblemático da influência da ergonomia da atividade na formação da abordagem ergológica ocorreu a partir da análise de um estudo realizado pelos ergonomistas da equipe do professor Wisner, no CNAM, entre 1971 e 1972, em uma empresa de montagem de televisores.<sup>25</sup> Resumidamente, esse exemplo ilustra que o trabalho prescrito pelos engenheiros, embora delineado com tamanha precisão no cálculo desenvolvido para os movimentos que as funcionárias precisariam executar durante a montagem de determinada peça, foi renormalizado pelas operadoras, uma vez que elas invertiam a ordem prescrita das gavetas e reorganizavam o tempo de execução da tarefa, conseguindo diminuir o diagrama previsto para a concretização da atividade.

Isso mostrou que, no que diz respeito à atividade humana de trabalho, há sempre uma distância entre o prescrito e o real, o que se contrapõe à visão positivista do regime taylorista, o qual, conforme mencionamos anteriormente, considerava o trabalhador um mero executor das prescrições. Dessa maneira, a análise ergonômica da atividade constitui-se por buscar compreender “[...] as estratégias (regulação, antecipação, etc.) usadas pelo operador para administrar a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real” (GUËRIN et al., 2001, p. 15) e pode ser compreendida como “[...] um conjunto de conhecimentos sobre o ser humano no trabalho e uma prática de ação que relaciona intimamente a compreensão do trabalho e sua transformação” (SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 84).

A ergonomia da atividade compreende, então, que deve ser considerada a distinção entre trabalho prescrito – que diz respeito à tarefa (o que se espera dela e das suas condições de realização), a qual é determinada a partir, muitas vezes, de protocolos escritos – e trabalho real, que configura o trabalho realizado (a atividade em si e suas condições reais) por meio da gestão das variáveis e dos valores que constituem a prática da atividade (GUËRIN et al., 2001). Contudo, os ergonomistas compreendem que essa divisão não pode ser tão claramente delineada na realidade, tendo em vista que há uma relação mais complexa no

---

<sup>25</sup> Esse exemplo pode ser encontrado como anexo ao primeiro capítulo do livro *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*, organizado pelos professores Yves Schwartz e Louis Durrieve.

desenvolvimento real do trabalho, e “[...] a distância entre o prescrito e o real é a manifestação concreta da contradição sempre presente no ato do trabalho, entre o que é pedido e o que a coisa pede” (GUÉRIN et al., p. 15). Sob tais postulados, os ergonomistas da atividade buscam compreender de que modo o trabalhador administra essa distância entre trabalho prescrito (tarefa) e trabalho real (atividade) e quais táticas ele utiliza para melhor conduzir essa relação.

A partir dessas premissas, torna-se possível vislumbrar também a importância da ergonomia da atividade, por exemplo, em pesquisas na área da linguística, principalmente em estudos que abordam a ação do professor em situação de interação, pois, conforme afirma Souza-e-Silva (2004, p. 84), anteriormente a esse diálogo, as pesquisas em linguística aplicada costumavam desconsiderar “[...] o papel das prescrições, isto é, dos aspectos institucionais e normativos, quer formais ou informais, que regem o trabalho do professor no seu dia-a-dia”. Desse modo, tais pesquisas tratavam apenas de aspectos do trabalho realizado (as atividades aplicadas aos alunos, as metodologias de elaboração dessas atividades, as diversas formas de interação, etc.), deixando de fora, portanto, o outro lado igualmente significativo da mesma moeda: o trabalho docente como atividade de reformulação do prescrito no processo de realização da tarefa.

Com relação à importância dos estudos ergonômicos, Schwartz (2010) afirma que a ergonomia da atividade é uma propedêutica da abordagem ergológica e destaca que, por meio da observação das pesquisas desenvolvidas pelo viés ergonômico, foi possível chegar a quatro proposições, que são basilares para a compreensão de atividade humana e, conseqüentemente, da atividade de trabalho e fundamentam a ergologia: i) há uma distância entre o trabalho prescrito e o real, isto é, o trabalho pressupõe um vai e vem entre o conhecimento teórico sobre determinado fazer e um conhecimento prático; ii) o conteúdo da distância entre o trabalho prescrito e o realizado é sempre parcialmente ressingularizado, o que significa considerar o universo de valores da dimensão humana do trabalho; iii) essa distância relaciona-se à atividade do *corpo-si*, que corresponde à concepção de sujeito da abordagem ergológica, isto é, “uma entidade que racionaliza” (SCHWARTZ, 2010, p. 24); e iv) a distância remete a um debate sobre os valores, em outras palavras, há sempre diversos jogos de valores que entram em debate na execução da atividade (SCHWARTZ, 2010, p. 42-46).

Como vimos, a ergonomia da atividade surgiu, portanto, imersa em um contexto que desconsiderava o papel social e concreto do ser humano na realização do trabalho e, em oposição ao pensamento vigente, era concebida como uma resposta às prescrições determinadas exteriormente ao trabalhador, mas que são passíveis de transformação. A ergologia, por sua vez, partiu dessas considerações para unir a questão da saúde do

trabalhador (Oddone) à história do conceito de atividade dos ergonomistas sob influência da filosofia da vida, do filósofo e médico francês Georges Canguilhem.

Canguilhem, ao estudar os postulados desenvolvidos por Georges Friedmann, na obra *Problèmes humains du machinisme industriel*, publicada em 1946, “[...] mostrou a importância da preocupação ética necessariamente implicada na filosofia humanista” (CANGUILHEM, 2001, p. 110). O autor destacou a relevância do trabalho de Friedmann, o qual ataca as premissas tayloristas para o trabalho e, em consequência, para o homem, uma vez que, no taylorismo, “[...] o operário reage – ou melhor, deve reagir – sem iniciativa pessoal a uma soma de estimulações, movimentos mecânicos, ordens sociais, dos quais ele não pode escolher nem a qualidade nem a intensidade, nem a frequência” (CANGUILHEM, 2001, p. 115). Isso é um grande contrassenso, na visão de Canguilhem, tanto do ponto de vista psicológico quanto do biológico, pois “[...] todo homem quer ser sujeito de suas normas. A ilusão capitalista está em acreditar que as normas capitalistas são definitivas e universais sem pensar que a normatividade não pode ser um privilégio” (CANGUILHEM, 2001, p. 120).

Ao desenvolver um debate com as reflexões de Friedmann e destacar que ignorar o elemento humano da prática da atividade deve ser algo inconcebível, o médico francês mostra que “[...] a vida não é [...] senão a mediação entre o mecânico e o valor” (CANGUILHEM, 2001, p. 121) e que as normas do trabalho têm “[...] inevitavelmente um aspecto mecânico, mas só são normas pela sua relação com a polaridade axiológica da vida, da qual a humanidade é a tomada de consciência”. Assim, os estudos da ergologia ancoraram-se nessas reflexões para tratar sobretudo do conceito do trabalho sob a compreensão de uma *atividade industrial*, que envolve sempre um debate de normas, o que remete à relação entre o social e o singular, à possibilidade de escolhas, ao debate de valores.

Em suma, ancorando-se em um profícuo diálogo com as principais referências de sua época, o âmago da ergologia está na busca pela compreensão da complexidade envolta no trabalho humano, mais especificamente, na atividade humana de trabalho, em oposição a um pensamento que compreende o trabalho como um fazer mecânico e que vê no ser humano um simples executor de tarefas, tendo em vista que:

[...] o enfoque ergológico privilegia a análise do processo da relação meio de vida e trabalho, munindo-se de conceitos em diversos níveis de formalização, considerando sempre uma sinergia entre os saberes da ação/experiência, os saberes acadêmicos e o debate de valores que atravessa a atividade (SANT’ANNA, 2008, p. 2).

Para tanto, a Ergologia procura ponderar a respeito não só das situações de trabalho, como também sobre as práticas linguageiras delas emergentes, a fim de “[...] compreender como as atividades de trabalho transformam continuamente os espaços da vida, as maneiras de conceber a vida social” (SCHWARTZ, 2002, p. 113). Tal abordagem só pode ser concretizada por meio de uma aproximação com situações reais de desenvolvimento do trabalho, ao invés do privilégio dado em muitos cursos de formação às reflexões teóricas apenas, em detrimento de experiências e diálogos sobre as situações práticas dos contextos em que os mais variados trabalhos se desenvolvem e se (trans)formam.

Assim, tratar do ser humano no trabalho, a fim de modificá-lo, implica pensar sobre o contexto de atuação profissional e, em consequência, lidar com questões intra e intersubjetivas que demonstram a contribuição dos estudos citados ao desenvolvimento da abordagem ergológica. Afinal, toda ação profissional é realizada por um sujeito, que lhe imprime suas contribuições pessoais, sua forma individual de agir, sua concepção própria acerca do que realiza etc., ainda que, é evidente, as normas e o viver coletivamente no trabalho sempre estejam presentes.

Logo, ir além de uma visão mecânica da atividade para alcançar as variáveis humanas que ocupam o espaço do trabalho configura um avanço na forma de vislumbrar o mesmo objeto, pois permite que o trabalhador seja inserido nessa reflexão como um elemento ativo e integrante do cotidiano da atividade. Cabe destacar, ainda, a observação de Schwartz (2006, p. 465) ao afirmar que a ergologia não pretende esgotar a temática do trabalho ou propor alguma solução específica para a complexidade intrínseca à atividade laboral, mas, o que se busca, na opinião do autor, “[...] é dar visibilidade às dramáticas do uso de si, o que exige recriação permanente”, buscando a melhora inclusive das questões de saúde do trabalhador, já que, “[...] na ausência desse tipo de olhar haverá crises, doenças, infinitas doenças”.

Desse modo, buscando aprofundar alguns conceitos da ergologia, como de atividade de trabalho, normas, renormalizações, dramáticas do uso de si e relação entre linguagem e trabalho, organizamos as próximas seções deste capítulo. Os pressupostos elencados têm importância ímpar para a realização desta tese e serão mobilizados na análise do material que compõe esta pesquisa, com vistas a oferecer subsídios teórico-metodológicos de análise e de reflexão em busca de uma melhor compreensão do complexo fazer profissional de um revisor de textos acadêmicos.

## 2.1 A ATIVIDADE DE TRABALHO PARA A ABORDAGEM ERGOLÓGICA: ENTRE NORMAS E RENORMALIZAÇÕES

Um dos conceitos basilares da abordagem ergológica é o de atividade humana de trabalho. O raciocínio implicado na definição desse conceito-chave é responsável inclusive pelo desmembramento de outros princípios teórico-metodológicos nessa perspectiva, como o de normas e renormalizações, por exemplo, mas, para compreender o pensamento em voga, é necessário percorrer um caminho filosófico e pluridisciplinar característico dessa abordagem.

Schwartz (2011b, p. 20) afirma que, “[...] em todas as sociedades, quaisquer que sejam os lugares ou as épocas, os homens e as mulheres trabalham”, isso significa que todos os cidadãos, por meio de atividades desenvolvidas socialmente, buscam produzir os meios materiais que subsidiam as suas existências. No entanto, embora o trabalho seja inerente às civilizações, não quer dizer que a sua concepção é ponto de consenso entre as pessoas, já que “[...] o trabalho é ao mesmo tempo uma evidência viva e uma noção que escapa a toda definição simples e unívoca” (SCHWARTZ, 2011b, p. 20). Ademais, ele destaca também que a união entre o trabalho e o homem é, em essência, algo de caráter enigmático e paradoxal, pois o próprio conceito de atividade “[...] é *gauche*, impreciso, estigma de um pensamento em busca de seu rigor” (SCHWARTZ, 2004, p. 27).

O ergólogo e sociólogo Pierre Trinquet, em um artigo intitulado *Trabalho e educação: o método ergológico*, ao ser questionado sobre o que significa a atividade de trabalho para um ergólogo, diz que, antes de tudo, é preciso destacar que se trata de uma pergunta impossível de responder com total precisão, tendo em vista a complexidade do trabalho enquanto atividade humana; não se trata apenas de realização técnica e/ou mecânica, a qual equivocadamente muitos a reduzem, mas, sim, de uma íntima e enigmática relação da qual fazem parte homem e trabalho. No texto referido, Trinquet (2010, p. 96, grifo do autor) diz ainda que “o trabalho é um ato da natureza humana que engloba e restitui toda complexidade humana” e que um dos principais desafios de um ergólogo está em justamente desmitificar a ideia comum entre a maioria das pessoas de que o trabalho é algo simples.

Ao tratar dos problemas da definição do trabalho em uma abordagem histórica, Schwartz (2011b, p. 20) destaca três impasses significativos, mostrando porque ele não é “[...] um parâmetro como qualquer outro, do processo histórico, mas a própria base do que ‘faz a história’ para os homens”. O primeiro desses impasses diz respeito à qual seria, de fato, a data de “nascimento do trabalho”, pois, em consulta à literatura científica, Schwartz afirma que há três momentos e fenômenos distintos que remetem à origem do trabalho. Um deles relaciona-

se ao surgimento da fabricação das primeiras ferramentas por nossos ancestrais, assim, “[...] com a fabricação de ferramentas, essas primeiras espécies industriais podem progressivamente suplantar a seleção natural como fator explicativo das mudanças, transformando a Evolução em (pré) História” (SCHWARTZ, 2011b, p. 21).

No entanto, essa compreensão de trabalho é muito genérica e em nada representa a dinamicidade econômica e os valores dessas sociedades de caçadores-colhedores. Buscando superar essa primeira definição, surge o segundo momento de conceituação da “verdadeira” origem do trabalho, denominado pelos historiadores de revolução neolítica, o qual, para Schwartz, tende a ser uma boa associação, tendo em vista a relevância cultural, social e econômica que essa época representa. No período neolítico, “[...] presencia-se a emergência de sociedades de produção, sedentarizadas, cuja temporalidade da vida social é organizada e pontuada pelos ritmos da agricultura e da criação de animais” (SCHWARTZ, 2011b, p. 22). Para explicar essas considerações, o filósofo francês cita a tese de Jacques Cauvin, um especialista do Oriente Médio, que defendeu o argumento de que a iniciativa agrícola desenvolvida no período neolítico introduz um novo comportamento na relação dos membros das comunidades sedentárias com o meio natural. O contato com a agricultura fez com que os membros desses grupos não mais apenas observassem a natureza e esperassem a intervenção divina para o desenrolar de suas vidas. De encontro a essa postura passiva comum nas comunidades anteriores, “[...] espectadoras até então dos ciclos naturais de reprodução do mundo vivo, as sociedades neolíticas se autorizam a ali intervir como produtoras ativas” (CAUVIN, 1994 apud SCHWARTZ, 2011b, p. 22). Esse período, portanto, tem grande influência na emergência da definição de trabalho e vai “impulsionar o *homo sapiens* adiante na história” (CAUVIN, 1994 apud SCHWARTZ, 2011b, p. 22).

O terceiro momento que representa a caracterização do conceito de trabalho, o que evoca o mais espontâneo e massivo no que se pode chamar de trabalho *stricto sensu*, diz respeito à “prestação remunerada em uma sociedade mercantil e de direito” (CAUVIN, 1994 apud SCHWARTZ, 2011b, p. 23). Na sociedade moderna, conforme destaca o Schwartz, temos a tendência de restringir o trabalho ao que foi delineado pela Revolução Industrial, isto é, à doação de uma porção de tempo em troca de um salário. Essa definição é tão forte em nossa cultura que é em torno dela que definimos o que cabe aos momentos de trabalho e aos de fora trabalho (lazer), aos períodos em que temos emprego ou àqueles nos quais estamos desempregados. Schwartz (2011b, p. 23) afirma que “[...] as lutas e as contradições sociais, a estruturação das relações de forças políticas vão amplamente se desenvolver em torno dessa noção mercantil de trabalho”.

Embora seja marcada essencialmente como troca de tempo, essa compreensão de trabalho traz também muitos estigmas sociais, já que se fala “[...] hoje de ‘trabalho doméstico’, de ‘trabalho militante’, de ‘trabalho sobre si’, mas a abordagem mercantil do trabalho veio progressivamente sufocar, mais ou menos, as outras definições dele” (SCHWARTZ, 2011b, p. 23). Isso ocorre sobretudo porque as sociedades neolíticas, marcadas pela produção, são gradativamente substituídas por sociedades apoiadas pela produtividade, “[...] nas quais, com o desenvolvimento do capitalismo, a utilização do trabalho mercantil, do trabalho juridicamente ‘subordinado’ aparece como o centro” (SCHWARTZ, 2011b, p. 24).

Cada uma dessas diferentes compreensões constitui, portanto, o primeiro impasse que contribui com a difícil definição do que é trabalho. O segundo diz respeito à sua impossível simplificação, mesmo que essa impossibilidade seja parcial, pois, conforme o autor, “[...] o fracasso dessa ambição para desatar as opacidades do trabalho vem de longe e nos parece perfeitamente representativo das dimensões invisíveis que o trabalho possui” (SCHWARTZ, 2011b, p. 24). Essa vontade de simplificar o trabalho inicia em meados do século XVIII, com a ideia de uma filosofia da natureza, a qual defendia que, se bem conhecêssemos as leis que regem o movimento das figuras e dos corpos no universo, poderíamos nos tornar mestres e possuidores dessa natureza, desde que conseguíssemos reduzir essas operações complexas a simples e evidentes encadeamentos.

Esse pensamento alcança as bases tecnoeconômicas, segundo Schwartz (2011b, p. 24), sobretudo na segunda metade do século XVIII, por meio de autores britânicos e escoceses, que defendem a ideia de que “[...] a perfeição, relativa às manufaturas, consiste em poder viver sem o espírito, de maneira que, sem requerer a mente, o ateliê possa ser considerado como uma máquina cujas partes são os homens” (FERGUSTON, 2000 apud SCHWARTZ, 2011b, p. 24). Nessa perspectiva, as operações industriais poderiam ser simplificadas ao máximo nas modernas manufaturas; para isso, investe-se na especialização de homens que sejam capazes de operar manuais simples, apropriando-se e banindo as fontes de criatividade humana.

Tal compreensão equivocada da atividade de trabalho traz consequências muito ruins aos trabalhadores, uma vez que procura transformá-los em máquinas de produção intensa, ignorando as suas particularidades e tentando oprimir toda e qualquer forma de manifestação e contribuição individual para o desenvolvimento da atividade. Esse modelo influencia, meio século depois, as bases do taylorismo, movimento sobre o qual já discorremos. Schwartz

destaca ainda que essa busca pela simplificação da atividade se embasa em um desconhecimento sobre o que de fato é a atividade humana.

O filósofo chama a atenção para o fato de que, embora ninguém mais denomine-se, nos dias de hoje, adepto ao taylorismo, há muitas formas de gerenciamento do trabalho, tanto governamentais quanto por parte de empresas de recursos humanos, que continuam mal avaliando e definindo a atividade, já que “[...] certas ‘inovações’ de gestão, como práticas de normalização e certificação, não são isentas de retornos velados aos falsos confortos do taylorismo” (SCHWARTZ, 2011b, p. 27). Isso ocorre, para o autor, porque três elementos continuam a agir com certo desconhecimento recíproco: 1) há uma preocupação característica de todo trabalho humano de operar sem uma marca particular; 2) a mercantilização do trabalho é característica e fundadora das sociedades contemporâneas; 3) “[...] o renascimento daquilo que, na atividade humana, escapará necessariamente a toda codificação, seja ela qual for, e a fará aparecer como sempre em parte simplificada” (SCHWARTZ, 2011b, p. 27).

Essas questões unem-se às anteriores e ao terceiro impasse na definição do trabalho, a saber: às ilusões quanto às suas divisões. As divisões do trabalho, no decorrer da história, funcionam como uma maneira de buscar a simplificação da atividade: fala-se em divisão sexual, oposição entre trabalho do campo e da cidade, separação entre trabalhadores manuais e intelectuais, divisão social e divisão técnica das categorias de produção etc. Sabemos que a vida em sociedade exige a divisão de atividades, pois ninguém tem o interesse ou está apto a desenvolver tudo, no entanto, o autor questiona: “[...] essa palavra ‘trabalho’, que recobre divisões tão diferentes, não é ela um tanto equivocada?” (SCHWARTZ, 2011b, p. 28).

Respondendo a tal pergunta, o autor mostra que essa divisão se refere muito mais a relações econômicas hierárquicas que assinalam desigualdade social do que a tipos de atividades que podem ser distinguíveis de modo claro. Nesse sentido, por que razão não se poderia defender, por exemplo, que o trabalho manual não mobiliza também uma série de gerenciamento de microescolhas intelectuais? “Teorizar friamente sobre a divisão de trabalho quer dizer que se tomam como sérias as categorias segundo as quais os homens e as mulheres são divididos” (SCHWARTZ, 2011b, p. 29).

Em suma, a atividade, conceito turvo e transversal, não pode ser facilmente dispensada. Entre uma ação humana qualquer – trabalho para si, trabalho doméstico, atividade lúdica, esportiva – e um trabalho economicamente caracterizado, não há descontinuidade absoluta: ambos são comensuráveis a uma experiência, a de uma negociação problemática entre normas antecedentes e as normas de sujeitos singulares, sempre a serem redefinidas aqui e agora (SCHWARTZ, 2004, p. 39).



As considerações tecidas permitem compreender não apenas os principais impasses na definição do que significa o trabalho, mas também a sua complexidade, tendo em vista que “[...] todo sujeito, todo grupo humano no trabalho é um centro de vida, uma tentativa de apropriação do meio, e sua vida no trabalho não é uma cerca separada de sua ambição global” (SCHWARTZ, 2011b, p. 28). Assim, para tratarmos da atividade de trabalho em sua dinâmica e complexidade, temos de considerar também a importância da sua parcela constitutiva de invisibilidade, já que, segundo os estudos ergológicos, todo fazer comporta uma parcela invisível ou uma penumbra. Não se trata, por exemplo, da associação que comumente se faz sobre a invisibilidade do trabalho das mulheres ou de trabalhos beneficentes, mesmo que sejam atividades muito importantes e reflexões que devam ser consideradas, mas, quando fala sobre invisibilidade, a ergologia procura sobretudo:

[...] contribuir para redescobrir a parte invisível, enigmática de ‘toda’ a atividade industriosa, e a impossibilidade de circunscrever claramente os recursos, os atos, os espaços onde se desdobram os corpos e as almas humanas em ‘todo’ o trabalho, até mesmo o mercantil (SCHWARTZ, 2011b, p. 28).

Cabe considerar, portanto, que a atividade de trabalho, nessa perspectiva, não se limita ao que foi realizado pelo trabalhador, mas se estende ao não realizado, isto é, àquilo que poderia ter sido concretizado e não foi, em razão dos mais diversos motivos, o que constitui o chamado “real da atividade”. Nesse sentido, busca-se compreender a atividade para além de uma concepção amorfa de trabalho, a fim de poder abarcar também os conflitos existentes nas situações reais em que ele se desenvolve e o invisível que é constitutivo de todo fazer humano.

Em consequência, para analisar a atividade de trabalho, é preciso buscar compreender o real sob o realizado, isto é, considerar as escolhas e as decisões que antecedem o trabalho realizado, aquilo que poderia ter sido feito de outro modo, mas não o foi, os acordos estabelecidos entre os interlocutores reais ou potenciais. Faïta (2004, p. 39) afirma que “[...] a atividade corresponde ao que o sujeito faz mentalmente para realizar [uma dada] tarefa, não sendo, portanto, diretamente observável, mas inferida a partir da ação concretamente realizada pelo sujeito”. Disso resulta que o real da atividade considera, então, o conflito existente, o trabalho realizado e as múltiplas opções de realizá-lo, as quais estão sempre presentes na mente dos trabalhadores.

Nessa visão, então, a atividade realizada é a que foi escolhida pelo ator do trabalho, a qual venceu as demais possibilidades disponíveis de seu ponto de vista, que nunca cobre a

totalidade do possível. Logo, deve-se compreender que faz parte do real da atividade o diálogo (direto ou indireto, explícito ou implícito) com o que não foi concretizado – ainda que essa “conversa” seja também um elemento constituinte do que é concretamente desenvolvido na efetivação do fazer. Tratar dessas questões de invisibilidade na atividade possibilita a aproximação dessa definição com a de enunciado em termos bakhtinianos, pois enunciado e atividade de trabalho podem ser vistos como “réplicas”, uma vez que recuperam o já dito e/ou se antecipam ao que vai ser dito ou realizado. Assim, há tanto mudança como manutenção nas decisões de trabalho, tal como nos enunciados. Nas palavras de Di Fanti (2005, p. 28), “[...] são as regularidades enunciativas próprias de uma cultura, de uma tradição, de um meio profissional, que habilitam os protagonistas a interagirem coletivamente e também a construir recursos comuns e/ou individuais necessários ao desenvolvimento da atividade de trabalho”.

Tais afirmações evidenciam a multiplicidade de fatores envolvida nesse campo de estudos, já que, para tratar do objeto, é preciso que se considerem as relações entre o contexto profissional de realização de cada atividade, os sujeitos que a realizam e as várias opções de concretizar a tarefa, bem como a escolha entre as últimas. Logo, aventurar-se em busca da compreensão desses vários elementos que compõem a atividade de trabalho é um agir complexo, que exige cautela por parte do pesquisador, a fim de que essa grande heterogeneidade que constitui o trabalho não seja desconsiderada pelo analista da atividade, embora ele nunca possa apreender a totalidade dessa.

Para a Ergologia, toda a atividade de trabalho é perpassada por um debate contínuo entre as normas antecedentes (as quais preexistem a toda a atividade e englobam o conhecimento das práticas diárias mais comuns e também as teóricas) e as renormalizações (resultantes da capacidade humana de ressignificar a prática, a partir das situações concretas em que atua). Vivemos imersos nesse debate de normas, tendo em vista que “[...] temos de agir num mundo em que não criamos, saturado portanto por inúmeras normas antecedentes, de diversos níveis e graus de proximidade com as exigências do presente” (SCHWARTZ, 2014, p. 264).

Cabe ao ator da atividade administrar esse jogo de valores e normas envolto na concretização do trabalho, considerando ainda que há um “[...] nó de debates [muitos invisíveis] entre normas antecedentes e tentativas de renormalização na relação com o meio”, já que nele emergem valores diversos, consensuais e contraditórios em situação (SCHWARTZ, 2011b, p. 34). Por isso, é impossível a nossa submissão exclusiva ao controle absoluto dessas normas antecedentes, daí a capacidade de sempre nos reajustarmos às

necessidades de cada situação de trabalho, ressingularizando as experiências a partir da nossa individualidade e dos variados contextos nos quais estamos inseridos. Nesse prisma de compreensão da atividade, “[...] nossa vida é em consequência uma sequência de debates de normas, exigidos pela configuração das normas antecedentes, de um lado, e impossível e invivível do outro, que desembocam na série de resultantes que denominamos renormalizações” (SCHWARTZ, 2011b, p. 34).

Em outras palavras, as normas antecedentes, tal como supõe o nome, preexistem a toda atividade e abarcam desde as práticas diárias mais comuns – como o acerto de objetivos, horários, apresentação de programas tecnológicos, etc. – até as prescrições, enquanto as renormalizações ancoram-se no fato de que, quando o humano está em foco, é praticamente inviável lidar com uma ideia de trabalho e de trabalhador única e homogênea, pois o homem é sempre capaz de ressignificar sua prática, a partir da situação concreta em que atua. Todo o trabalhador é capaz de renormalizar a sua atividade, ou seja, de redefini-la em seus termos específicos. Isso também ocorre porque, embora as normas tenham de existir para assegurar um bom convívio em sociedade, temos a possibilidade de fazer escolhas, considerando as situações em que vivemos, e isso, por sua vez, abre espaço para a criação de posturas singulares que nos auxiliam a encarar os desafios cotidianos.

Os estudos ergológicos mostram também que a existência das normas antecedentes é intrínseca ao desenvolvimento de nossa história, trata-se de uma “aquisição ‘não-negociável’ de nossa humanidade”, afinal, é muito mais prático para o crescimento de uma sociedade viver sob regras e coerções que limitam nossa espontaneidade e criatividade. Essa realidade faz parte de nossa historicidade e só aumenta na medida em que, quanto mais desenvolvidas e tomadas por tecnicidade forem as nossas ações, mais dominados por modelos e arquiteturas mentais nós somos, “[...] o espírito humano – o seu gênio – manifesta uma potência de antecipação que o autoriza a querer programar, organizar, enquadrar” (SCHWARTZ, 2011a, p. 136), o que faz das normas antecedentes um patrimônio da nossa humanidade.

É preciso tomar cuidado, no entanto, com o fato de que, sob a herança das normas antecedentes, a busca pela organização, classificação e divisão do trabalho e pela designação das competências necessárias para a realização das atividades, muitas vezes, esconde motivos bastante opacos relacionados ao debate das forças sociais. Schwartz (2011a, p. 136) afirma que as normas antecedentes “[...] podem se tornar uma ferramenta na construção de relações de força para garantirem poderes, dominações, vantagens adquiridas, já que essas tendências também fazem parte de nossas possibilidades”, desencadeando, então, a criação de instrumentos de exploração do trabalhador. As normas antecedentes reúnem conquistas e

riscos que podem ser facilitadores ou opressores da vida social e não há norma “pura”, no sentido técnico, ou totalmente “neutra”.

Como lembra Schwartz (2011a, p. 137), foram necessários muitos anos de luta e vidas humanas para que fosse possível, por exemplo, codificar os riscos biológicos do amianto, o que mostra que uma norma não é apenas socialmente opressora, mas a sua simplificação inaceitável começa no momento em que se pretende reduzir a norma “a partir de um único de seus polos: o obscurantismo, quando se denuncia unilateralmente a vontade de normatizar; a usurpação; quando se pretende dotar a norma do mesmo caráter de necessidade que existe nas leis naturais”.

Nesse sentido, temos de compreender que o elogio às normas antecedentes é válido na medida em que elas significam um patrimônio da humanidade, mas elas também contêm certo risco, se supervalorizadas, já que isso pode fazer com que ignoremos a vida que surge a todo instante e que nos convida à renormalização. Um grande exemplo emblemático desse aspecto de supervalorização das normas antecedentes foi o regime taylorista de trabalho, o qual buscou antecipar, por meio das normas que precedem o fazer, a organização geral dos atos humanos.

Com a designação de “Organização Científica do Trabalho”, esse regime buscou, sobretudo pelos sentidos evocados pelo signo *científica*, colocar-se como uma maneira neutra e objetiva de compreender e definir o trabalho, ainda que tenha sido uma das formas de maior busca pela usurpação da singularidade e do universo de valores característico do agir, já que é impossível e inimaginável antecipar toda e qualquer atividade de maneira completa. Afinal, em toda atividade humana, em especial com o trabalho, há não só protocolos normatizados, mas também encontros. Nas palavras de Schwartz (2011a, p. 138, grifo do autor), trata-se de “[...] *encontro de encontros*, uma combinatória sempre parcialmente renovada, uma interface sempre parcialmente ressingularizada entre meios técnicos, objetos técnicos e humanos no trabalho”.

Desse modo, compreendemos que o jogo entre normas e renormalizações é intrínseco a todo o fazer e vai muito além do que é prescrito para qualquer tarefa, já que:

As normas antecedentes podem e devem ajudar a enquadrar, a transformar em protocolo aquilo que assim pode ser, mas não podemos mandar embora a atividade que se dá como convidada, felizmente, para gerir a todo instante encontros de encontros. Nenhum protocolo, nenhuma norma antecedente, nenhuma prescrição poderá abstrair os vazios de normas. A antecipação exaustiva é *impossível*. A solicitação de seres capazes de produzir saberes locais, investidos na situação a ser vivida, capazes por isso de adotarem para si mesmos normas que preencham essas lacunas normativas, enfim, esses encontros de encontros, é inelutável: a obrigação

de renormatizar a situação é um fato universal (SCHWARTZ, 2011a, p. 138, grifo do autor).

Essas afirmações possibilitam compreender o porquê, para a ergologia, renormatizar advém não só do fato de que a normatização absoluta é impossível, mas, também, porque incorporar individualidades à atividade é importante para a manutenção das condições de saúde dos trabalhadores. As renegociações e os debates de normas “[...] visam, para todo indivíduo e coletividade, a uma possibilidade de viver com saúde cada encontro com o momento presente, momento sempre misto de sedimentações históricas e de circunstâncias inéditas” (SCHWARTZ, 2016, p. 253-254). Afinal, somos seres que buscamos viver em saúde, e isso “[...] nunca pode ser apenas aceitar, sem ao mesmo tempo julgar esse uso, deixando-se tornar puro instrumento de injunções, de trajetória de agir previamente pensadas pelo meio, pelos outros. Somos solicitados a fazer, agir, produzir” (SCHWARTZ, 2011a, p. 138).

A abordagem ergológica, então, ao considerar o debate de normas como intrínseco a toda atividade de trabalho, importa-se em observar e ponderar a respeito não só das normas que guiam e antecedem os fazeres realizados, mas se preocupa também em tratar das particularidades das ações desenvolvidas na concretude das tarefas, considerando “essa dialética entre o impossível e o invivível, que é muito provavelmente um fato universal” (SCHWARTZ, 2011a, p. 138). Contemplar o debate entre normas para tratar da análise de situações de trabalho “[...] é aquilo que mais profundamente pode nos levar a nos reconhecermos como semelhantes, entre as diferenças sociais e culturais delineadas na história” (SCHWARTZ, 2011a, p. 138).

Essa concepção de atividade de trabalho é considerada antropológica na medida em que concebe o humano como centro da atividade. É um ser enigmático, o *corpo-si*, que, em permanente debate de normas com seu meio de vida, tenta “[...] atualizar essas normas, sempre editadas em uma relativa intemporalidade, e as *personalizar*, pois elas se estabilizaram fora de toda consideração de sua singularidade como ser vivo” (SCHWARTZ, 2016, p. 254, grifo do autor). Nesse debate, como vimos, há um encontro de valores e saberes, mais especificamente saberes acumulados nos instrumentos, nas técnicas, nos dispositivos coletivos, e saberes advindos da prática, da experiência cotidiana do fazer (SCHWARTZ, 2016).

Diante dessas constatações, compreendemos o porquê de, para a Ergologia, a atividade e, conseqüentemente, o trabalho serem vistos, portanto, como algo complexo, industrioso e enigmático (DI FANTI, 2012), já que envolve um constante debate entre as normas

anteriores – socializadas pela história da atividade, pela memória do trabalhador e pelos conceitos teóricos adquiridos na sua formação – e as renormalizações, advindas do fazer prático da atividade, invocando tomada de decisões, mais ou menos conscientes, do ator do trabalho. Como vimos, dependendo do olhar direcionado para o conceito de trabalho, sobretudo no decorrer da história, poderemos encontrar diferentes maneiras de definir e compreender esse objeto multifacetado, algumas inclusive que chegam a minimizar a sua essência complexa e ignoram a variedade de fatores que estão subjacentes e constituem a atividade de trabalho, o que vai de encontro aos pressupostos ergológicos, tal como discutimos nesta seção.

Então, depois de apresentarmos a concepção de atividade de trabalho e de debate de normas para a ergologia, discorreremos, na sequência, sobre as definições de *corpo-si*, dramáticas do uso de si (por si e pelos outros), dupla antecipação e Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P), a fim de que possamos ter uma visão mais aprofundada de alguns dos principais fundamentos dessa abordagem.

## 2.2 DRAMÁTICAS DO USO DE SI: VALORES DO E NO MUNDO DO TRABALHO

Ao tratar da atividade como um constante debate entre normas já impostas e renormalizações evocadas pelo cotidiano do trabalhador, a abordagem ergológica postula também que “[...] toda atividade industriosa é sempre uma dramática do uso de um *corpo-si*” (SCHWARTZ, 1987, 2014). Esse *corpo-si* vive imerso em uma dialética entre o uso de si por si e por outros, as “dramáticas do uso de si”, assim referidas devido ao contínuo debate de normas que permeia a atividade. Para melhor explicar essas considerações, retomamos a compreensão de que todo fazer contempla a gestão de posicionamentos e tomadas de decisão bastante complexas, como organização de imprevistos e crises típicas do desenvolvimento da atividade que passam, na maioria das vezes, despercebidas, mas que exigem muito do trabalhador, ou seja, do *si*, e ele, para a Ergologia, “[...] não é um sujeito substância, mas uma entidade em parte opaca ao próprio ser humano que faz a experiência de si mesmo por meio da atividade laboriosa” (SOUZA-E-SILVA, 2008, p. 4).

Quanto à definição do conceito de *corpo-si*, Schwartz (2014, p. 260) explica que, na origem da abordagem ergológica juntamente com os colegas da ergonomia da atividade da equipe do professor Alain Wisner e de um pessoal situado no campo da filosofia marxista, buscou criar um novo dispositivo de análise sobre o trabalho. Para tanto, eles consideraram importante desenvolver uma estratégia que permitisse tratar do trabalho em seu micronível, e

“[...] esse campo da experiência humana parecia especialmente propício à interrogação sobre a presença enigmática de uma *pessoa*, de uma singularidade viva no tratamento de situações a viver” (SCHWARTZ, 2014, p. 260, grifo do autor). Era preciso, então, contemplar nesse conceito de *pessoa* uma reflexão que fosse além daquela tomada pela concepção de trabalho como tempo trocado por dinheiro, tal como explica o autor:

Tratava-se de uma visão contrária a uma concepção de trabalho como tempo vendido aos outros, na qual, por isso mesmo, todos se alienavam de si mesmos. Era um duplo desafio: de um lado, se uma filosofia da história se propõe a privilegiar o campo da educação material como matriz de uma dialética histórica, haveria nela lacuna caso não incorporasse em sua fabricação da história o nó de contradições que traz todo sujeito da atividade industriosa (a possível contradição entre por si e por outros). De outro, obrigar por esse mesmo motivo certa ideia fraca de cultura a encarar sua incultura específica quanto à sua abordagem do trabalho humano, contribuindo assim para uma reavaliação de suas verdadeiras dimensões (SCHWARTZ, 2014, p. 260).

No cerne dessa problemática, situava-se também a questão da dimensão do envolvimento do corpo no trabalho. Era um paradoxo a se vencer, na medida em que os estudiosos, para a definição do conceito, partiam da análise de situações industriais de trabalho, nas quais o corpo era bastante mobilizado, e contavam também com as próprias renormalizações desse corpo (nem sempre explícitas, considerando a parte invisível constitutiva do trabalho, mas que deveriam ser contempladas pela definição). A partir dessas questões, chegou-se à definição de “uso” como “uma forma indiscutível de manifestação de um sujeito” (SCHWARTZ, 2014, p. 260).

Dessa maneira, nas situações laborais analisadas pelos estudiosos no surgimento da abordagem ergológica, isto é, nos contextos industriais, os pesquisadores perceberam que o uso desse corpo não era apenas um uso por outros, não se determinava o agir dos trabalhadores somente em razão do prescrito pelas normas, mas, também, considerava-se o uso de si pelos próprios protagonistas da atividade, já que as microescolhas individuais e as reorganizações do prescrito faziam parte da situação laboral. A escolha, então, de inserção do termo *si* ao de *uso* e *corpo* se deu, segundo Schwartz (2014, p. 261), porque ela “[...] arraiga adequadamente, apesar do paradoxo, o encontro privilegiado do mundo industrial e operário”. Para considerar a união entre um ser biológico, psíquico e histórico, não se poderia restringir o conceito à definição apenas de corpo, tampouco se queria evitar “[...] inserir esse esforço de recentramento nas problemáticas demasiado codificadas na concepção de ‘sujeito’ e ‘subjetividade’, o que envolvia o risco de neutralizar a dimensão de uma busca da vida em

‘nós’, por isso preferimos usar o termo voluntariamente obscuro *si*” (SCHWARTZ, 2014, p. 261, grifo do autor).

A abordagem ergológica reflete ainda a respeito do desmembramento do conceito de uso de si em *uso de si por si* e *uso de si pelos outros*. O primeiro se refere àquilo que é gerado a partir da experiência e da história individual do próprio trabalhador, como as ações que emergem na sua prática e as normas que cria para realizar a atividade, já o uso de si pelos outros é relativo às prescrições, aos métodos, às relações e normas estabelecidas hierarquicamente, enfim, às questões de cunho organizacional, coletivo.

Se pensarmos no caso da atividade de revisão de textos acadêmicos, por exemplo, nosso objeto de pesquisa, veremos que o *uso de si por si* está relacionado ao modo como o ator do trabalho (no caso, os revisores investigados) vislumbra-se no desenvolvimento da atividade que exerce, posto que “[...] todo trabalho é – mais ou menos – uma provocação para se fazer uso de si por si mesmo, para pensar mesmo quando não se é solicitado [...] e, portanto, construir os esboços de um mundo mais ou menos comum” (SCHWARTZ, 2011b, p. 33). Já, se levarmos em conta o *uso de si pelos outros*, no caso da revisão de textos, podemos considerar os posicionamentos dos autores das teses revisadas a respeito do trabalho realizado pelos profissionais em seus textos, das expectativas e/ou frustrações ocorridas nas suas interações, dos resultados alcançados, das negociações ocorridas, etc. Por isso, quando se busca melhor compreender uma atividade de trabalho, não se deve considerar apenas uma de suas facetas, mas, sim, buscar um equilíbrio entre as vozes advindas dos atores do trabalho e dos demais protagonistas que participam da situação laboral.

O *corpo-si* do qual fala Schwartz não é o corpo biológico somente, mas a união desse componente biológico com uma série de outros elementos constitutivos do ser humano: memória, sentimentos, emoções, entre outros, os quais, juntos, fazem parte das situações de trabalho e devem ser considerados pelo analista que se situa nessa área de conhecimento. Nessa perspectiva, toma-se o trabalho como uma atividade complexa e enigmática e o *corpo-si* como um indivíduo que é constituído por componentes que englobam elementos além dos biológicos. Por isso, podemos dizer, por exemplo, que o trabalho exige do ser humano um contínuo e permanente entregar-se de corpo e alma ao desenvolvimento de certa atividade, administrando toda uma série de conflitos e não ditos que estão diretamente envolvidos com o cotidiano do trabalhador, por conseguinte, “[...] gerir a complexidade do trabalho implica as chamadas *dramáticas do uso de si*” (SOUZA-E-SILVA, 2008, p. 4, grifo do autor).

Para compreender o que isso significa, Schwartz (2014, p. 260) explica que a definição de *dramática de uso do corpo-si* surgiu em razão da busca por uma compreensão



mais completa da atividade de trabalho do que aquela pressuposta pelo conceito de *uso de si* (*por si e por outros*). A concepção de *dramática*, na opinião do autor, recupera “[...] a ideia de sequências de vida em que aparece o inantecipável, a história, e não necessariamente, uma provocação, uma tensão dificilmente suportável, embora este possa ser de fato o caso”, e o conceito de *uso de si* representa “[...] esse corpo vivo [que é] ao mesmo tempo um ser psíquico e social” (SCHWARTZ, 2014, p. 261). Em outras palavras, o conceito de *dramáticas de uso do corpo-si* possibilita olhar de modo mais atento para a dialética existente entre dizível e não dizível do trabalho, entre a norma e a renormalização, e permite considerar os valores e os embates de normas típicos do mundo do trabalho.

Desenvolver análises de situações de trabalhos a partir do conceito de *dramáticas* permite contemplar a atividade sob um prisma mais abrangente, possibilita não só considerar as questões histórias, sociais e econômicas que fazem parte do universo laboral, assim como pode “[...] conduzir as empresas a reapreciarem as fontes da produtividade social, seus pontos de crise, a maneira pela qual estabelecem ou desfazem os laços intersubjetivos, como se partilham se retrabalham e se enfraquecem os laços do presente” (SCHWARTZ, 2011b, p. 36).

Outro postulado da abordagem ergológica que cabe destacar diz respeito ao de dupla antecipação da atividade, o qual se relaciona intimamente com as colocações precedentes e com a questão dos saberes acadêmicos e dos saberes práticos que instituem nossas práticas profissionais. A atividade, como apresentamos, envolve uma série de organizações e reorganizações do si que ultrapassam os limites de qualquer norma prescrita, exigindo muito mais do que o conhecimento constituído nos bancos da educação formal, por exemplo. Assim, embora as normas tenham de existir para assegurar um bom convívio em sociedade, temos a possibilidade de fazer escolhas, por meio das situações em que vivemos, o que, por sua vez, abre espaço para a criação de posturas singulares que nos auxiliam a encarar os desafios cotidianos no trabalho e a (re)construir saberes de modo constante.

Nesse sentido, podemos dizer que atividade de trabalho é um espaço de encontro de saberes, mais especificamente, entre saberes acumulados nos instrumentos, nas técnicas, nos dispositivos coletivos e saberes advindos da prática, da experiência cotidiana do fazer. Lidar com esses diferentes conhecimentos é muito importante para a boa formação profissional, cabendo aos formadores, segundo princípios da ergologia, desenvolver nos profissionais a devida articulação entre “[...] saberes legitimamente descontextualizáveis [...] em relativa desaderência – com, de outro lado, as ‘surpresas’, oriundas disso que há de inédito em toda

experiência, inédito porque é aderente a uma situação histórica singular” (SCHWARTZ, 2013b, p. 19).

Os primeiros saberes mencionados (em desaderência) são transmitidos em razão do fato de que vivemos em um mundo saturado por normas antecedentes, eles compõem a primeira antecipação da atividade, a qual se constitui em uma ferramenta característica do ser humano, “[...] que permite antecipar *in absentia* a atividade que demandamos dos outros [...] sob a condição de configurações estáveis de atividade, conhecíveis e analisáveis por recursos de diferentes saberes científicos, técnicos e sociais” (SCHWARTZ, 2013b, p. 21). Esses saberes são muito importantes na medida em que possibilitam considerar a relevância dos fatores históricos para o desenvolvimento das atividades e, também, reconhecer similaridades típicas de cada situação profissional, o que é muito significativo para o ensino, por exemplo. Todavia, temos de tomar cuidado para não esquecer de que há uma dupla antecipação na atividade, e essa primeira, muitas vezes, busca “[...] neutralizar as dimensões singulares que reproduzem e encontram, dia após dia, a prodigiosa fecundidade de todo agir humano” (SCHWARTZ, 2013b, p. 21).

Assim, é preciso compreender que a primeira antecipação pode nos preparar para o encontro com as situações de trabalho, mas a atividade humana, na prática da situação laboral, é muito maior e mais rica do que pode ser previsto pela primeira antecipação. Nessa perspectiva, portanto, embora saibamos que vivemos em um mundo saturado de normas técnicas e saberes conceituais que antecedem todo fazer, não podemos admiti-las como únicas constituintes da atividade de trabalho, tendo em vista que o meio em que agimos sempre será infiel e instável, exigindo do ator da atividade um retrabalho dos saberes advindos dessa primeira antecipação, isto é, aquela que “[...] tende a neutralizar as formas de uso de nós por nós mesmos que a experiência do trabalho requer” (SCHWARTZ, 2013b, p. 20).

Portanto, todo programa de formação profissional deve considerar uma sinergia entre essas duas antecipações e os saberes que elas carregam, já que não se pode capacitar sujeitos “[...] independentemente dos usos industriais dos homens e das mulheres no trabalho, para os quais ele [o universo da formação profissional] deve supostamente preparar” (SCHWARTZ, 2013b, p. 22). A fim de que esse diálogo entre saberes ocorra, os estudos ergológicos defendem que devem ser desenvolvidos dois aspectos essenciais na formação profissional; o primeiro consiste em admitir que a primeira antecipação é apenas um elemento da competência no trabalho, e o segundo ponto dessa questão está em perceber que, fazendo tal admissão, não se pode jamais querer antecipar totalmente a atividade.

É preciso, portanto, “[...] deixar em aberto, a cargo dos atores, um retrabalho das eficácias industriais, um espaço de escolha de preferências e assim uma interferência de valores neste trabalho” (SCHWARTZ, 2013b, p. 22). A partir de diferentes exemplos de situações de trabalho embasados na abordagem ergológica, Schwartz (2013b, p. 26) cita articulações entre essas duas antecipações da atividade e defende que os responsáveis pela formação profissional devem “[...] agregar, reunir saberes acadêmicos, liberando-se se deus “nichos disciplinares” [...], dando espaço às reservas de alternativas nascidas dos debates locais entre fontes técnicas novas e escolhas de vida coletiva”.

Nesse sentido, cabe discorrer sobre os tipos de sociedades em que nos organizamos, uma vez que elas têm relação direta com as questões do trabalho, tal como destacadas pelos princípios ergológicos. Em entrevista a Louis Durrive, doutor em Ciências da Comunicação, e a Marcelle Duc, professora de Sociologia, quando questionado sobre a afirmação de que a história se desenvolve no espaço entre uma lógica mercantil e outra lógica de interesse geral, isto é, a do bem comum, Yves Schwartz responde que há, no mínimo, dois polos que subsidiam e organizam as relações de nossa sociedade atual e esclarece que, “[...] ao falarmos de polos não estamos querendo designar territórios perfeitamente individualizados, ou instituições precisamente delimitadas e absolutamente independentes” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 247), mas, sim, de uma possibilidade de situações intermediárias que não devem conduzir a um raciocínio fragmentado ou dicotômico.

O primeiro desses polos está voltado aos valores mercantis, ou seja, aos valores dimensionados que circulam e ganham força no desenvolvimento do mercado, e o segundo polo dos valores políticos e sociais, no qual entram em jogo questões não mensuráveis quantitativamente, tais como “[...] o bem-estar de uma população, seus acessos aos cuidados, o desenvolvimento da cultura, o bem viver em um ambiente cotidiano” etc. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 248). Em um texto intitulado *Concepções para a formação profissional e a dupla antecipação*, Schwartz retoma essas considerações sobre os polos e esclarece que:

Nossas sociedades podem ser chamadas de “sociedades Mercantis e de Direito”. Nelas, existe um polo público, aquele dos órgãos da democracia, suposto promover os valores do bem comum para a entidade social considerada. Mas também sociedades “mercantis” onde a produção social se desenvolve em um universo concorrencial e que é avaliada e sancionada pelas avaliações cifradas, monetárias (SCHWARTZ, 2013b, p. 27).

Assim, esses dois polos relacionam-se intimamente aos dois tipos de sociedades postuladas segundo a ergologia: a mercantil e a de direito. A primeira é constituída por

sociedades em que “[...] o peso do mercado e o fato de se utilizar a atividade humana sob o enquadramento de contratos mercantis são aspectos fundamentais e que perturbam incessantemente a vida cotidiana pelo mundo afora” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 248); nas sociedades mercantis, por exemplo, o trabalho é visto como uma mercadoria de troca entre tempo e dinheiro. Já no segundo tipo, nas sociedades de direito, por mais que apresentem variações entre princípios e realidades, dependendo dos lugares em que se encontram, prevê-se um código de direito para embasar as relações entre os homens, partindo do princípio da igualdade entre eles e os valores são objetos de debates democráticos. Embora bastante heterogêneos, esses dois polos não deixam de dialogar e de considerar um ao outro, pois:

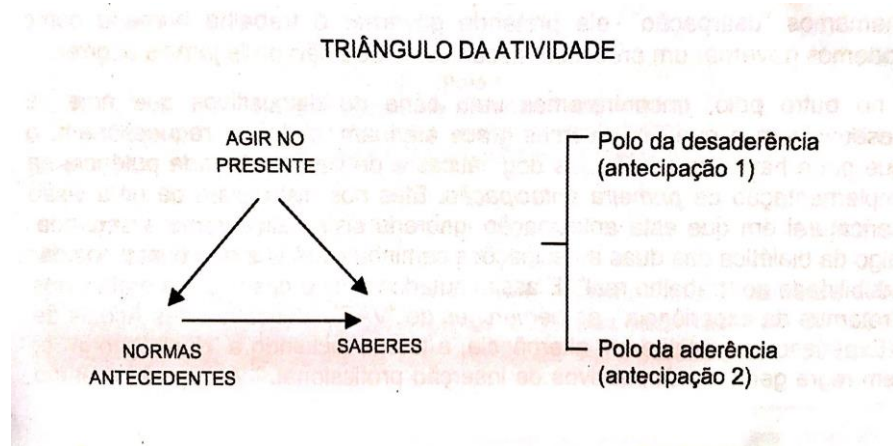
O primeiro polo, o econômico, é aquele dos administradores oficiais do trabalho, que têm por função organizá-lo segundo critérios contáveis, comerciais e financeiros. Nas nossas sociedades, essa dimensão está onipresente. O segundo polo é o polo político, do Estado, dos organismos da Democracia, do Direito. É o polo que deve gerenciar o bem comum, entendido como uma busca pelo estabelecimento de bases políticas que garantam recursos sociais à população. O bem comum é, pois, uma busca de equilíbrio entre as necessidades e os fins de uma sociedade. Se o polo político, no exercício de sua função reguladora, favorecer sistematicamente a competição e a concorrência irá contribuir para a destruição dos laços sociais (SOUZA-E-SILVA, 2008, p. 3).

O conceito de dupla antecipação e a própria questão da formação profissional têm íntima relação com a compreensão dos polos que organizam a formação das sociedades, já que “[...] a formação profissional não pode ser um império de neutralidade em um mundo social que não é” (SCHWARTZ, 2013b, p. 28). Schwartz explica que, em toda sociedade mercantil, existe um polo de direito, pois, por exemplo, uma política pública de educação articula o direito cidadão ao conhecimento e à cultura. Por outro viés, não podemos esquecer o fato de que a sociedade mercantil estará sempre à frente nesse esquema, tendo em vista a sua grande influência nas decisões de investimento e formas de emprego e, em consequência, na organização do trabalho *stricto sensu*, tendo em vista que as sociedades de direito “[...] são muito dependentes de decisões de investimento e de formas de emprego avaliadas a partir de critérios e estratégias característicos desse mundo mercantil” (SCHWARTZ, 2013b, p. 28).

Portanto, uma formação profissional socialmente organizada em torno das normas da primeira antecipação cumpre importante papel na arquitetura das relações de poder entre as forças mercantis, “[...] para ela, se há distâncias no uso industrioso, essas são transgressões exteriores, das quais não é responsável” (SCHWARTZ, 2013b, p. 28). É somente pelo viés da segunda antecipação que “[...] a dimensão política e mais profundamente axiológica penetra

no interior o mundo das atividades de trabalho”, é também na segunda antecipação que se desenrola, em confronto com as normas antecedentes, o triângulo da atividade (Figura 1).

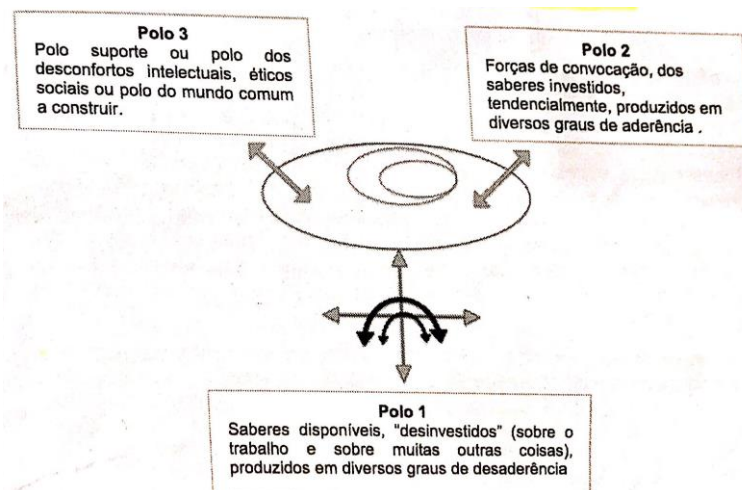
Figura 1 – Triângulo da Atividade



Fonte: Schwartz (2013b, p. 29).

Na organização social, tal como mostra a Figura 1, temos, de um lado, o polo das questões econômicas (desaderência) e, de outro, o das políticas (aderência). No entanto, para melhor representar as reflexões ergológicas, Schwartz afirma que faltava ainda um terceiro polo entre o do mercado e o da cidade, que tentasse melhor representar as tensões a partir das quais a história se desenvolve. Dessa maneira, os estudos ergológicos chegaram ao terceiro polo do esquema denominado Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P), definindo esse terceiro elemento como “o polo dos valores epistemológicos e éticos” (SCHWARTZ, 2016, p. 226), conforme representado pelo autor por meio do esquema apresentado na Figura 2.

Figura 2 – Dispositivo Dinâmico de 3 Polos



Fonte: Schwartz (2013b, p. 31).

Esse terceiro polo complementa o esquema desenvolvido pela abordagem ergológica, mas é preciso destacar a observação de Schwartz (2011a, p. 163), de que “[...] esses três polos, portanto, só podem ser definidos tendencialmente, e não por categorizações bem marcadas”. Temos, no primeiro polo, os saberes codificados e as normas antecedentes, no segundo, a produção de saberes ancorada nas renormalizações das situações reais de desenvolvimento da atividade humana e, no terceiro, a inter-relação entre essas duas esferas. Nas palavras de Schwartz (2011a, p. 163), esse terceiro “[...] talvez seja o polo de um humanismo enigmático, muito respeitoso para se informar junto aos outros parceiros sobre seus debates de normas, sobre sua maneira de construir os saberes que os sustentam”.

As reflexões desenvolvidas pelos pressupostos da ergologia subsidiam o que se denomina por uma postura *ergoengajada* para contemplar a atividade, considerando que “[...] a decisão de se deixar interpelar pela atividade produz sempre uma mudança, uma oscilação, um reposicionamento de exercícios profissionais e sociais” (SCHWARTZ, 2011a, p. 154). Esse é um dos principais objetivos dessa abordagem: olhar para o trabalho sob o prisma da atividade enigmática, industriosa, complexa e multifacetada, compreendendo que isso implica no fato de que, em tal perspectiva, “[...] vê-se outra coisa, faz-se uso de si de outro modo, cria-se uma conexão diferente na relação social ou na relação de trabalho quando se leva em conta o mundo de saberes e de valores que se tece na atividade” (SCHWARTZ, 2011a, p. 154).

Na sequência desta seção, apresentamos reflexões sobre o último aspecto fundamental dessa abordagem que subsidiará a análise de nosso material de pesquisa: a relação entre a linguagem e o trabalho.

### 2.3 RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E TRABALHO

Uma questão basilar, associada à abordagem ergológica, que vem a somar com as reflexões desenvolvidas até o momento, diz respeito à relação intrínseca entre linguagem e trabalho, já que as duas são atividades humanas fundamentais. Cabe, portanto, ao pesquisador saber explorar esse ponto, principalmente, considerando o poder de verbalização sobre a atividade, uma vez que “[...] a verbalização possibilita, sobretudo, a reflexão sobre a vivacidade da atividade laboral e sobre o (re)conhecimento da sua complexidade” (DI FANTI, 2012, p. 325).

Sobre a relação intrínseca entre a linguagem e o trabalho, Schwartz (2010, p. 136) afirma que a linguagem utilizada no trabalho “[...] é rica e o trabalhador a utiliza para regular

a sua atividade”. Para o filósofo, há duas dimensões entre linguagem e trabalho que, embora próximas, não devem ser confundidas: a dimensão da linguagem comum e a dimensão da linguagem voltada para o conceito. A primeira é utilizada no trabalho no desenvolver da atividade, e a segunda, conforme sua denominação, é orientada para a criação de conceitos que ajudam os trabalhadores a refletir sobre a atividade que realizam, pois, no momento em que precisam recorrer a esses conceitos acerca da atividade profissional, eles compreendem melhor como o seu fazer está inserido na sociedade.

No âmbito da relação entre linguagem e trabalho, Nouroudine (2002), entendendo ser a linguagem um dispositivo revelador da complexidade do trabalho, recorre a três dimensões: a *linguagem como trabalho*, a *linguagem no trabalho* e a *linguagem sobre o trabalho*. Com relação a essa categorização, Faïta (2002, p. 50) afirma que ela é “muito mais uma comodidade para a análise”, o que não significa que ela não deva ser considerada e não seja um auxílio metodológico importante ao analista do trabalho. No entanto, deve-se sempre levar em consideração o fato de que, em situação concreta de desenvolvimento da atividade, “[...] a competência e os saberes dos sujeitos nos parecem incorporados simultaneamente às maneiras de dizer e às maneiras de agir orientadas a um objetivo comum” (FAÏTA, 2002, p. 50), sendo difícil organizá-las, e mesmo compreendê-las, de modo tão partilhado.

Sobre a tripartição, Nouroudine inicia a explicação acerca da *linguagem como trabalho*, definindo-a como tão complexa quanto toda a atividade de trabalho, tendo em vista que a origem dessa complexidade advém das várias dimensões intrínsecas envolvidas em todo processo de trabalho: econômica, social, política, etc. e “[...] as atividades, os saberes e os valores são propriedades intrínsecas ao trabalho, que se manifestam no cruzamento e na contaminação mútua”. Ainda assim, essa interação mútua e a intenção que organizam o trabalho só devem ser consideradas pertinentes “[...] se permitirem conciliar a saúde dos atores do trabalho e a eficácia do produto” (NOUROUDINE, 2002, p. 19).

Dessa forma, tratar da *linguagem como trabalho* significa tomá-la enquanto elemento constitutivo do trabalho, quer dizer, como parte integrante do próprio fazer da atividade. A realização da atividade foco desta pesquisa, a revisão de textos, é um exemplo em que isso fica bastante evidente, pois, nela, os atores do trabalho são orientados, o tempo todo, a partir da linguagem como trabalho, já que são os revisores quem verificam de que modo está organizado o projeto de dizer (considerando principalmente o material textual) dos locutores para os seus interlocutores presumidos.

Ainda sobre a *linguagem como trabalho*, o autor destaca que existem três níveis para esse tipo de linguagem: no primeiro deles, estão as formas de linguagem dirigidas ao coletivo,

isto é, as falas e os gestos que são usados entre os trabalhadores e seus pares e que orientam a atividade; já no segundo nível estão as formas de linguagem dirigidas do trabalhador a si próprio no momento em que desenvolve a atividade; e o terceiro nível acrescentado faz menção a Bakhtin, e focaliza a questão do sentido no trabalho, já que trata do “mínimo dialógico”, ou seja, do fato de que todo enunciado remete a um outro já pronunciado. Esse terceiro nível mencionado difere dos demais e não deve ser confundido com o segundo (formas de linguagem dirigidas a si) justamente porque o mínimo dialógico “expressa um pensamento ou um julgamento simultâneo ao fazer, sem necessariamente passar pelo recurso à palavra” (NOUROUDINE, 2002, p. 20).

Somam-se também às considerações anteriores três dimensões, estreitamente ligadas, da *linguagem como trabalho*: econômica, pois a comunicação em situação de trabalho tende a ser um meio de organização temporal e, por isso, relativamente rápida e curta; social, a partir da pressuposição de que toda a linguagem é dirigida ao outro, tal como o enunciado; e ética, no sentido de ser “um corolário do caráter social do enunciado. Sem uma visão determinada ou ‘modelo de humanidade’” (SCHWARTZ apud NOUROUDINE, 2002, p. 21).

A *linguagem no trabalho*, por sua vez, é circundante e difere da anterior porque não tem necessariamente como ponto principal o intercâmbio entre os interlocutores a atividade de trabalho em si. Em outras palavras, quando se trata da *linguagem no trabalho*, podem ser referidos os mais variados assuntos que não dizem respeito ao trabalho desenvolvido, mas que, tal como este, ocupam o espaço global de atuação dos trabalhadores e são tão importantes e significativos quanto a linguagem como trabalho, pois costumam funcionar enquanto um mecanismo de manutenção da atividade.

Segundo Nouroudine (2002, p. 24), há momentos em que a situação de trabalho exige demais do “*corps-soi*” (*corpo-si*) dos trabalhadores e isso tem efeitos de fadiga mental e/ou física; então, nesses casos, por exemplo, “falar do jogo de futebol poderia revelar-se benéfico à realização da atividade em curso, com eficácia e segurança”. Em consequência, essa inter-relação, indispensável às situações de trabalho, entre “os sujeitos individuais/coletivos cria uma variabilidade relativa nos elementos particulares da situação, que recorrem a uma necessária coordenação de ação em meio ao coletivo de trabalho” (idem) e, por isso, a análise da linguagem no trabalho é significativa e deve ser considerada tão pertinente quanto as demais dimensões, visto que ela permite que sejam analisados os outros elementos da situação global em que o trabalho se desenvolve.

Já a *linguagem sobre o trabalho* evidencia as trocas estabelecidas entre os atores do trabalho, tendo como ponto de partida o próprio interior da atividade. Assim, essa dimensão



da linguagem não é necessariamente um artifício do pesquisador, mas pode ser “motivada por exigências da equipe ou da empresa: entre colegas, evoca-se o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar ou por mil razões surgidas no momento” (LACOSTE apud NOUROUDINE, 2002, p. 25). Em resumo, podemos afirmar que, enquanto a *linguagem como trabalho* é relativa àquela linguagem que faz; a *linguagem no trabalho* configura-se como sendo a linguagem circundante; e a *linguagem sobre o trabalho* é a que o interpreta, pois “fala-se do trabalho para transmitir, avaliar, justificar, corrigir etc.” (NOUROUDINE, 2002, p. 26). Disso decorre também o valor de se saber quem fala, de onde fala, com quem fala e quando fala, para que seja possível refletir sobre a atividade, visando melhorá-la, sempre que possível e necessário.

A preocupação com as situações de linguagem em uso em detrimento de abstrações apresenta muita aproximação entre os pressupostos bakhtinianos e ergológicos, pois ambas as teorias estão centradas em questões do mundo da vida, ao invés da exclusividade vinculada ao mundo da teoria. Com base nas observações precedentes, é possível verificarmos que há uma significativa proximidade entre os olhares da ergologia e da perspectiva dialógica da linguagem. Tal aproximação se dá, principalmente, porque, de um modo geral, há uma preocupação bastante evidente nessas propostas no que diz respeito a pensar a ciência a partir de uma percepção dos sujeitos concretos e de suas contribuições individuais. Em outras palavras, vemos que todas elas partilham de uma postura comum, ao adotarem uma concepção de sujeito que é tomado como parte constitutiva da sociedade e que nela está inserido, por meio das mais diversas situações reais, das quais pode participar de maneira ativa e reflexiva.

De acordo com o que foi discutido no decorrer deste capítulo de referencial teórico, pudemos perceber que o raciocínio dialógico, no que diz respeito à linguagem, recusa uma visão idealista e abstrata tanto de sujeito quanto de língua/linguagem, para fundamentar uma explicação científica que considera o sujeito em momentos reais de manifestação da linguagem, bem como que mostra o quanto ter essa consciência pode ser importante para o indivíduo, uma vez que o ajuda a melhor compreender sua realidade e os múltiplos papéis que desempenha (sujeito individual, trabalhador, etc.). O mesmo ocorre com a abordagem ergológica da atividade, tendo em vista que parte de subsídios que não permitem a redução do humano a mero executor de tarefas. As duas bases epistemológicas tecem considerações que permitem tratar do homem em atividades concretas (de linguagem e de trabalho), pois, desse modo, torna-se possível analisá-lo como ser crítico e reflexivo, capaz de interferir no trabalho que realiza e renormalizá-lo, em vez de seguir literalmente as prescrições. Tais colocações

indicam, portanto, a preocupação social dos dois olhares que ora aproximamos, assim como ratificam a construção de interfaces entre essas perspectivas. Nesse sentido, por meio do intercâmbio entre os estudos da linguagem e do trabalho, tal como apresentados nesse recorte teórico, acreditamos ter subsídios para tratar da atividade de revisão textual. Ao tomá-la como um fazer complexo e enigmático, buscaremos problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, observar relações dialógicas constitutivas desse fazer.

Apresentados os princípios teóricos que subsidiam este estudo, no item seguinte está a exposição de uma contextualização do objeto de pesquisa em duas investigações acadêmicas que encontramos na busca aos bancos oficiais de trabalhos acadêmicos. Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos que embasam esta investigação científica.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: ESPECIFICIDADES DA PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS HUMANAS

Conforme mencionamos na introdução desta tese, um dos primeiros passos na edificação de nossa pesquisa deu-se a partir da busca a bancos oficiais de teses e dissertações do país que tiveram como objeto de investigação a atividade profissional de um revisor de textos acadêmicos a fim de compreender como tal objeto se situava nos trabalhos realizados anteriormente bem como de estabelecer um diálogo com esses estudos precedentes. Destacamos ainda que a busca realizada nos revelou que a atividade de revisão textual em pesquisas acadêmicas é mais recorrente quando se trata do trabalho do professor de produção textual da educação básica nos textos de seus alunos, ou seja, a maioria das pesquisas sobre revisão de textos no Brasil aborda essa atividade circunscrita à esfera escolar.

Todavia, como também mencionamos, encontramos, no banco de Teses e Dissertações da Capes, uma pesquisa de doutorado defendida no ano de 2007 no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande no Norte (UFRN) que tratava especificamente do fazer profissional do revisor de textos, intitulada *Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres*, da autoria de Risoleide Rosa Freire de Oliveira. Essa pesquisa destacou-se na busca que realizamos, porque a autora valeu-se de alguns pressupostos bakhtinianos em interface com estudos da Linguística Aplicada para compreender o significado da atividade do revisor de textos a partir da análise “dos dizeres de profissionais em manuais e entrevistas, além do relato de experiência da pesquisadora no papel de revisora” (OLIVEIRA, 2007, p. 4). Isso mostrou que o estudo de Oliveira contempla a atividade de revisão de textos em uma perspectiva da atividade profissional envolta nesse fazer, ultrapassando o exercício cotidiano de um professor de produção textual da educação básica. Tais apontamentos vão ao encontro da proposta desta tese, qual seja, refletir acerca da atividade de trabalho do revisor de textos, em específico, da revisão realizada em produções acadêmicas.

Além do trabalho de Oliveira, encontramos uma pesquisadora que também tratava da atividade de revisão textual em produções acadêmicas e que percorreu sobre esse objeto em sua tese de doutorado. Luciana Salazar Salgado defendeu sua pesquisa na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no ano de 2007, sob o título *Ritos genéticos editoriais: autoria e práticas de textualização*, o que, conforme mencionamos, justificou não termos encontrado a sua pesquisa ao buscar por teses e dissertações nos bancos oficiais, tendo em

vista que as palavras-chave não condiziam com as que buscamos (revisão, revisor de textos e revisão textual). Apesar disso, ao assistir a sua comunicação no 20º InPLA, observamos que Salgado investiga processos relativos ao mercado editorial, dentre eles o de revisão textual em uma perspectiva discursiva, tendo por foco principal estudos advindos da chamada Análise de Discurso de Tradição Francesa, sobretudo os filiados aos trabalhos do linguista francês Dominique Maingueneau.

Partindo então desses resultados iniciais que se revelaram no começo de nossa pesquisa, este capítulo da tese está dividido em duas seções principais: a primeira intitulada *A atividade de revisão de textos acadêmicos em pesquisas científicas: o revisor também trabalha com discursos* e a segunda denominada *Organização, seleção e composição do material de pesquisa*. Na primeira, há uma breve contextualização do objeto de pesquisa nos dois trabalhos acadêmicos mencionados anteriormente. Dessa maneira, por meio da apresentação sucinta de alguns dos aspectos dessas pesquisas com as quais compartilhamos o objeto de investigação científica – o fazer profissional do revisor de textos – estabelecemos um diálogo com esses trabalhos, enfatizando alguns pontos sobre a atividade de revisão textual por eles apontados. Ademais, somado a esse diálogo com as pesquisas encontradas, na mesma subseção, ancorados em Sobral (2008), está a compreensão de que o revisor de textos, tal como um tradutor, também trabalha com discursos, ou seja, desenvolve uma atividade que ultrapassa os limites do texto e, como tal, envolve, dentre outras questões, as relações dialógicas e, conseqüentemente, a tensão advinda das vozes sociais em que os discursos sobre esse fazer (assim como os discursos desse fazer) emergem e nos quais se situam.

Após tal contextualização do objeto, portanto, na segunda seção principal deste capítulo, estão especificados os princípios metodológicos nos quais se ancoram a seleção, a organização e a análise do material do presente estudo. Nessa parte, portanto, encontra-se a explicitação do passo a passo de constituição do material de análise, a escolha dos sujeitos de pesquisa e os princípios teórico-metodológicos que embasam as análises realizadas.

Portanto, antes de passar às subdivisões mencionadas, destacamos que nossa pesquisa parte dos postulados bakhtinianos e de investigações ergológicas para tratar dos dois principais elementos que constituem o fazer de um revisor de textos: a linguagem e o trabalho. Ressaltamos que desenvolver pesquisa em Ciências Humanas é um grande desafio, já que a maioria das teorias em que se ancoram os estudos sob esse rótulo não pressupõem metodologias concluídas e categorias definidas a serem aplicadas ao *corpus*, uma vez que:

[...] o objeto das Ciências Humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado [...]. E o ser que se autorrevela não pode ser forçado e tolhido. Ele é livre e por essa razão não apresenta nenhuma garantia [...]. O ser da totalidade, o ser da alma humana, o qual se abre livremente ao nosso ato de conhecimento, não pode estar tolhido por esse ato em nenhum momento substancial. Não se pode transferir para ele as categorias do conhecimento material (o erro da metafísica) [...]. As ciências procuram o que permanece imutável em todas as mudanças (as coisas ou as funções). A formação do ser é uma formação livre. Nessa liberdade podemos comungar, no entanto não a podemos tolher com um ato de conhecimento (material) (BAKHTIN [1979] 2011, p. 395).

Tendo em vista tais especificidades dos objetos de estudos comuns às Ciências Humanas, os quais estão necessariamente relacionados ao homem e às suas atividades, devemos compreender que o caráter científico das pesquisas situadas nesse campo do saber vai pressupor e exigir do pesquisador, por intermédio de sua posição ativa-responsiva, um contínuo processo dialógico interpretativo para com o seu objeto. De modo específico, no caso desta pesquisa, filiada a perspectivas socioideológicas (pressupostos bakhtinianos e ergológicos), tal movimento será concretizado sobretudo por meio do processo de atribuição de sentidos que compreende os signos ideológicos em foco e as relações dialógicas entre as vozes sociais que se materializam nos discursos investigados, os quais instauram a tensão inerente à formação dos valores sociais veiculados nesses discursos no que diz respeito à compreensão e à valoração da atividade de revisão textual. Em nosso estudo, tal como é comum às investigações em Ciências Humanas, priorizamos o ser humano e seu dizer, diferentemente de dar ênfase, como em algumas correntes e áreas clássicas do conhecimento, à seleção e à análise, por exemplo, de dados quantificáveis e embalsamados sob a égide de uma cientificidade positivista e abstrata. Ainda assim, ressaltamos que as pesquisas em Ciências Humanas não menosprezam ou desqualificam a importância dos dados matematizados, considerando-os em suas perspectivas de análise.

Todavia, conforme dissemos, buscar explicar e, conseqüentemente, melhor compreender o homem, seu discurso e suas atividades não costuma ser tarefa simples e a procura por caminhos que conduzam o pesquisador de modo mais adequado às principais decisões nesse percurso também foi tema das reflexões dos membros do Círculo. Medviédev ([1928] 2012, p. 44), ao tratar dos problemas de uma metodologia clássica das Ciências Humanas, por exemplo, afirma que o que faltava era “justamente um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica” e continuou sua tese, defendendo que “é no terreno do próprio marxismo que devem ser elaboradas as especificações de um único método sociológico por meio da sua aplicação ao estudo das particularidades dos campos da criação

ideológica” (MEDVIÉDEV [1928] 2012, p. 44). Só assim, por meio desse método sociológico, é que se poderá, disse o autor, “dar acesso às estruturas ideológicas em todos os seus detalhes e sutilezas” (MEDVIÉDEV [1928] 2012, p. 44).

Em outras palavras, para analisar o discurso em uma perspectiva sociológica e ideológica da linguagem, é necessário considerar os enunciados em suas singularidades específicas, contemplando não apenas os sinais da língua, mas sobretudo as axiologias e as vozes sociais emergentes em relação dialógica. Nesse sentido, Volochínov ([1926] 2011, p. 170) postula que, onde a análise linguística vê, por exemplo, somente palavras solitárias e interações entre aspectos abstratos, “para uma percepção artística viva e para uma análise sociológica concreta se manifestam as relações entre *a gente*, as relações tão somente refletidas e fixas no material verbal”, daí a importância de tomá-la como um signo ideológico que reflete e refrata a realidade. Bakhtin ([1979] 2011, p. 4) disse que o objeto e a sua estrutura só se determinam na relação que estabelecemos com ele, ou seja, nessa perspectiva, não há preceitos fixos e determinados *a priori* do objeto, já que este e pesquisador também estão em constante e permanente relação dialógica. Nesse sentido, podemos afirmar, portanto, que, conquanto não tenham desenvolvido uma metodologia fechada e com categorias previamente definidas de análise aos dados, os pensadores do Círculo tiveram papel primordial para se pensar as bases dessa metodologia sociológica.

Ancorados nas colocações precedentes, podemos afirmar também que esta pesquisa, tal como grande parte dos estudos nas Ciências Humanas, é de cunho qualitativo, uma vez que suas características a inserem nesse campo de investigação. Conforme Marconi e Lakatos (2011, p. 267), “o método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise de dados”. Em nosso estudo, muito mais significado têm as questões como, por exemplo, o que os sujeitos dizem, onde e para quem o dizem, a partir de quais lugares eles falam, em quais contextos, etc. do que necessariamente o número de sujeitos ou a quantidade de perguntas que lhes seja feita, exatamente como uma pesquisa de metodologia qualitativa, buscando “analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 267).

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47), há, no mínimo, cinco pontos em comum entre os estudos que “caem na rubrica da investigação qualitativa”. Eles destacam ainda que nem todos os cinco aspectos que descrevermos a seguir necessitam aparecer do mesmo modo e da mesma intensidade nos trabalhos qualitativos, mas eles constituem a maioria das características desses.

O primeiro dos cinco pontos mencionados está relacionado à constatação de que os investigadores qualitativos entendem a importância de não dissociar o objeto analisado do contexto em que ele se desenvolve, uma vez que “divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48). Tal afirmação vem ao encontro dos postulados bakhtinianos, os quais nos ensinam a não isolar os elementos linguísticos dos contextos de suas realizações, ou seja, a não lidar apenas com sinais, mas com palavras, signos ideológicos da linguagem. Embora a enunciação seja do âmbito do irrepetível, é necessário considerar o contexto enunciativo em que a linguagem ocorre a fim de trazer o maior número de pistas possível para a apreciação dos dados analisados. Nas palavras de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010, p. 45), é indispensável “não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social”.

Logo, podemos afirmar que o nosso estudo se ancora nas bases epistemológicas relatadas anteriormente, uma vez que, para analisar o processo de revisão de textos em teses acadêmicas, recuperamos necessariamente o contexto de realização das atividades desenvolvidas com vistas a melhor compreender de que modo as relações e, em consequência, os sentidos vão se estabelecendo no decorrer da atividade de trabalho desenvolvida. Em outras palavras, para investigar nosso objeto de estudo, são consideradas necessariamente as questões contextuais em que ele emerge, assim como as relações advindas desses contextos, ao invés de tratar apenas do texto de modo isolado ou de considerar os revisores como meros executores de tarefas automáticas de aplicação, por exemplo, de regras gramaticais.

O segundo aspecto característico da pesquisa qualitativa, na opinião de Bogdan e Biklen (1994), complementa o primeiro e diz respeito ao fato de que os dados selecionados assim o são em forma de palavras e imagens, ao invés de números. Esse é outro ponto visível em nossa pesquisa, pois, embora não descartemos os dados quantitativos relevantes, demonstraremos, no decorrer deste capítulo, que a constituição dos dados será predominantemente por meio de textos escritos, em consonância com o princípio de que “a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados como para a disseminação do resultado” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Além disso, conforme defendem as reflexões bakhtinianas retomadas nesta tese, a palavra é “o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 36), o que vem ao encontro da nossa pesquisa, a qual busca analisar, por meio dos signos ideológicos postos em interação, as relações dialógicas estabelecidas no processo de revisão de teses acadêmicas, vislumbrando os acentos emotivo-volitivos que emergem e os múltiplos

sentidos que se (trans)formam por meio das trocas languageiras entre revisor e autor de texto revisado.

Já o terceiro ponto comum aos estudos qualitativos, segundo Bogdan e Biklen (1994), relaciona-se ao fato de que os pesquisadores inseridos nesse campo demonstram um interesse maior pelo processo do que somente pelos resultados ou produtos. Tal posicionamento também é de extrema valia em nosso trabalho, tendo em vista que estamos interessados fundamentalmente em descrever as relações que constituem a atividade de revisão de textos, bem como as etapas desta, e não exclusivamente os seus “resultados”, isto é, em apresentar os textos revisados em sua versão final apenas, embora admitamos que, sem considerá-los, igualmente, não conseguiremos alcançar os nossos objetivos. Todavia, se tratássemos apenas dos textos em suas versões finais, ignoraríamos a riqueza existente no processo, por meio do qual surgem os conflitos e também as suas resoluções. Negligenciando o processo, iríamos de encontro aos nossos pressupostos epistemológicos, os quais apontam para a importância de necessariamente considerar “a heterogeneidade das condutas dos atores do trabalho” (FAÏTA, 2002, p. 45).

O quarto componente que caracteriza uma pesquisa qualitativa, sob o ponto de vista de Bogdan e Biklen (1994), está ligado à ideia de que a análise dos dados tende a acontecer de modo indutivo, já que a direção do estudo “só começa a se estabelecer depois do recolhimento dos dados e do passar de tempo com os sujeitos envolvidos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50). Esse aspecto também compõe o nosso estudo, uma vez que não partimos de categorias prévias de análise, mas de princípios gerais. Somente após o contato com os materiais que compõem a pesquisa, mais especificamente com os enunciados selecionados, é que será possível chegar às denominações das categorias de análise, já que, nos estudos qualitativos, elas não são dadas *a priori*, e, sim, estabelecidas no entrelaçamento do pesquisador e dos fundamentos teórico-metodológicos do trabalho com o material da pesquisa. Nesse sentido, é importante salientar também

[...] a ideia de que, para Bakhtin, não há possibilidade de pura e simplesmente operacionalizar conceitos preestabelecidos, na medida em que ele não acreditava que fosse essa a função das Ciências Humanas, aí incluídos os estudos da linguagem. Seu pensamento, como atitude diante do conhecimento significa um contato dialógico com o *corpus* selecionado, um *continuum* cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso, participa de uma dinâmica permanente que interroga permanentemente o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções, que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursivas a elas feitas (BRAIT, 2002, p. 41).



O quinto e último ponto em comum entre as pesquisas qualitativas, conforme afirmaram os autores destacados, define-se pela verificação de que o significado é de suma importância nesses estudos, pois “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50) e não em quantificar, por exemplo, as suas atividades ou os seus comportamentos. Ora, conforme poderemos observar, nosso estudo procura compreender como as pessoas criam e dão sentido à atividade de revisão de textos, seja no momento em que ela se desenvolve, seja quando falam sobre ela, algo que naturalmente tem a ver com os sentidos atribuídos também à vida.

Desse modo, a partir dos aspectos mencionados, é possível afirmar que a natureza da nossa pesquisa se justifica não só pela consonância com os aspectos levantados pelos autores de metodologia científica citados e os pontos que serão desenvolvidos em nosso trabalho, mas também pela filiação teórico-metodológica que embasa o nosso olhar para o objeto selecionado, a qual vem ao encontro dos cinco pontos descritos anteriormente. Na teoria bakhtiniana, como vimos, o encontro de duas pessoas nunca é apenas a reunião de dois seres apáticos ou neutros com relação ao mundo, mas, sim, o encontro de dois centros de valor, eu e outro, repletos de suas experiências, de suas historicidades, com distintos modos de compreensão da vida a partir do horizonte social que as rodeia e do universo em que se inserem; e esses centros de valor, ainda que se aproximem, serão sempre diferentes. Do mesmo modo, para os trabalhos filiados às reflexões da Ergologia, a linguagem e a singularidade são elementos de grande valia nessa “abertura de um campo de investigações ainda não todo familiar ao linguista, mas já bastante promissor, no qual ele deve colocar à prova a produtividade de seu saber” (ROCHA; DAHER; SANT’ANNA, 2002, p. 90-91).

Portanto, com base nas ponderações precedentes, podemos ratificar que nossa pesquisa está inserida não só em um campo de investigação qualitativa, mas, sobretudo, em uma análise sociológica da linguagem e do trabalho já que está em comunhão com os aspectos e pressupostos apresentados e, na sequência deste capítulo, as questões expostas ficarão também mais claras, tendo em vista que explicaremos de maneira mais detalhada o passo a passo metodológico para a realização deste trabalho. Logo, é nesse âmbito e sob tais assertivas que este estudo se organiza teórica e metodologicamente, partindo da (in)visibilidade recorrente do profissional da revisão de textos e buscando – ao tratar do entrelaçamento das vozes dos autores e revisores de teses acadêmicas – contemplar o entrecruzamento discursivo dessas vozes, com vistas a analisar o trabalho do revisor de textos.

Assim, o objetivo geral de nossa pesquisa é investigar, a partir das perspectivas bakhtiniana e ergológica, a atividade de revisão textual realizada em teses acadêmicas, com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, a observar relações dialógicas constitutivas desse fazer. Nesse sentido, retomamos os objetivos específicos do trabalho, que são: a) investigar a presença e relevância discursiva da voz do profissional responsável pela revisão de textos na versão final de teses revisadas; b) analisar como ocorre o imbricamento da *palavra própria* e *palavra alheia* na relação dialógica entre revisor e autor do texto revisado; c) observar aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas; e d) verificar posições axiológicas de ambos os sujeitos envolvidos com a atividade (autor e revisor) sobre os fazeres desenvolvidos.

### 3.1 A ATIVIDADE DE REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS EM PESQUISAS CIENTÍFICAS: O REVISOR TAMBÉM TRABALHA COM DISCURSOS

Nesta seção, faremos uma sucinta apresentação de alguns pontos levantados por duas pesquisas de tese já realizadas e com as quais compartilhamos o objeto de investigação científica – o fazer profissional do revisor de textos. Traçamos um diálogo com esses trabalhos, enfatizando alguns dos aspectos da atividade de revisão textual por eles apontados. Ademais, ancorados em Sobral (2008), nesta seção, defendemos a ideia de que o revisor de textos, tal como um tradutor, também trabalha com discursos, ou seja, desenvolve uma atividade que está para além do texto e que envolve, dentre outras questões, relações dialógicas e, conseqüentemente, tensões advindas das vozes sociais em que os discursos sobre esse fazer (assim como os discursos desse fazer) emergem e nos quais se situam.

Iniciando nossa abordagem pela tese de Oliveira (2007), intitulada *Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres*, podemos destacar que a autora, já na introdução de seu texto, propõe-se a mostrar uma inter-relação entre três de suas vivências: ter sido revisora de textos em editoras universitárias, sua atuação enquanto professora de língua materna nos ensinos básico e superior e a experiência advinda da atividade de pesquisa sobre o trabalho de revisão. Por meio de tal relação, Oliveira (2007) diz que o propósito de seu estudo não é oferecer qualquer prescrição ou quaisquer normas para o exercício da atividade de revisão de textos, mas discutir e sugerir a teoria dialógica bakhtiniana como princípio maior de subsídio para a realização dessa atividade.

Desse modo, a autora divide seu trabalho em quatro seções principais. Na primeira, intitulada *A escrita e o texto escrito: da função social e comunicativa à função discursiva*, estão: um percurso histórico do objeto de pesquisa, algumas abordagens e pesquisas sobre a escrita e sobre a atividade de revisão textual em contextos diversos assim como uma reflexão sobre o texto escrito enquanto objeto de estudo. Na segunda seção principal do trabalho de Oliveira, denominada *A revisão de textos e a concepção de língua*, estão os princípios teóricos selecionados pela autora para dar suporte à atividade de revisão, quais sejam: a interação socioverbal, o princípio da exotopia e a teoria dos gêneros do discurso. Já a terceira grande parte da tese analisada está organizada a partir da seguinte designação: *O trabalho concreto do revisor de textos: os pontos de vista dos profissionais*. Nessa seção, como o título indica, estão os dizeres de revisores disponíveis em dois manuais selecionados por Oliveira e a reconstituição de diálogos estabelecidos entre a autora e outros revisores, ou seja, elementos da trajetória profissional de Oliveira bem como uma avaliação geral da autora sobre a atividade em foco. A quarta seção, precedendo as considerações finais, traz um relato da sua trajetória profissional e a análise de uma interação revisor-autor por meio da qual Oliveira investiga de que maneira acontece a relação revisor-autor no que diz respeito à administração de conflitos que emergem entre esses dois sujeitos no processo de revisão textual.

Após essa breve apresentação geral da obra de Oliveira (2007), destaca-se que, embora tenhamos muitas questões a salientar sobre a pesquisa mencionada, tendo em vista sua relevância para os estudos da área, iremos nos deter no ponto em que a autora trata do panorama geral de apresentação histórica da atividade de revisão. Nosso recorte se justifica em função de que a recuperação da trajetória histórica da atividade de revisão de textos realizada por Oliveira é importante para quem se propõe a trabalhar com esse objeto, pois demonstra a origem e filiação de muitos dos discursos que são recorrentes quando o assunto em questão é a atividade de revisão textual. Além disso, fazer um resumo de toda a obra fugiria de nosso principal objetivo nesta tese, o qual, como já dissemos, é analisar a atividade de revisão textual realizada em teses acadêmicas, buscando problematizar esse trabalho e analisar relações dialógicas constitutivas desse fazer.

Retornando ao recorte que selecionamos do trabalho de Oliveira (2007), expomos, inicialmente, que a autora defende que o diálogo entre a Linguística Aplicada e o trabalho dos revisores de textos pode proporcionar a aliança tão almejada por muitos estudiosos entre os conhecimentos teóricos e os práticos. Isto porque as investigações em Linguística Aplicada se preocupam em inter-relacionar indistintamente teoria e prática. Após tais considerações, Oliveira (2007) apresenta então um subitem que trata especificamente de apontar estudos

sobre a atividade de revisão. A subdivisão referida é intitulada *Reverendo os já ditos* e inicia a partir da afirmação de que, em uma perspectiva tradicional, a revisão é vista como uma etapa posterior à escrita, sobretudo a de alunos, que tem como objetivo corrigir o texto, bem como averiguar as violações à norma culta da língua. Segundo Oliveira (2007, p. 15). Tal concepção

É pautada no senso comum de que revisar resume-se a corrigir ortografia, pontuação, concordância verbal e nominal, de acordo com as normas apontadas em gramáticas, dicionários e manuais, sendo a revisão tratada como uma das etapas de reescritura em que se focalizam os aspectos estruturais do texto.

Em contraposição a pareceres desse teor, Oliveira demonstra também que existem outras perspectivas que compreendem a revisão enquanto uma atividade recursiva e, como tal, pode ocorrer em qualquer etapa do processo de escrita, o que supera uma concepção linear da atividade. Nesse sentido, a autora destaca, entre outros, os trabalhos de Flower e Hayes (1981) e de Hayes et al. (1987). Quanto ao primeiro, ela expõe que os autores propõem um modelo de escritura a partir de dois subprocessos: a leitura e a editoração, o que permite que a revisão possa interromper o processo de escrita do texto a qualquer momento do trabalho.

Já o modelo de Hayes et al. (1987 apud OLIVEIRA, 2007, p. 19) sugere três subprocessos centrais para o trabalho de revisão, quais sejam: a definição da tarefa, a avaliação e a estratégia de seleção. Na definição da tarefa, o revisor explicita os critérios que subsidiarão o trabalho, sejam eles globais ou não, devendo essa especificação estar de acordo com os objetivos do produtor do texto. Tal etapa é fundamental, pois serve de base para as demais. A avaliação está centrada na aplicação dos critérios determinados na fase anterior, durante a leitura do texto, a fim de fazer uma constatação dos problemas encontrados, o que oportunizará ao revisor a seleção das “estratégias tanto para ignorar esses problemas ou buscar mais informações para esclarecê-los quanto para modificar o texto, reescrevendo-o”.

Oliveira (2007) aponta ainda os estudos de Dahlet (1994), os quais defendem que a revisão deve ocorrer como terceira fase da produção escrita, após a planificação e textualização. Já Dolz e Pasquier (1995), segundo a autora, indicam um período de pausa entre a escrita e a revisão-reescrita, pois, na opinião deles, o aluno (já que se trata de obra voltada para o ensino) precisa desse intervalo para melhor refletir acerca de sua produção. Em outra obra, Dolz e Pasquier (1996) avaliam a atividade de revisão e reescrita como sendo mais formativas do que a própria correção normativa, tendo em vista que levam o aluno a sempre adotar uma postura crítica sobre seu texto (apud OLIVEIRA, 2007).

Oliveira (2007) destaca que, no Brasil, há poucos trabalhos sobre revisão e, nos escassos estudos, a atividade nem é o assunto principal. Quanto a isso, a autora cita três exemplos: Serafini (1992), Dellagnelo (1998) e Garcez (1998). O primeiro afirma que existem duas modalidades de revisão textual: a de conteúdo, a qual pressupõe uma leitura ampla do texto, visando a aspectos como clareza, coesão e coerência; e a segunda modalidade é a revisão de forma, na qual o revisor deve aplicar as regras gramaticais, bem como suprimir trechos ou palavras supérfluas. O trabalho de Dellagnelo (1998) parte da análise de uma situação escolar e tem por objetivo sugerir um modelo analítico para a revisão de textos de alunos-escritores, com base em um enfoque processual de escrita, assim como em um conjunto de regras que se referem a “conteúdo, forma, organização textual, gramática” (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

Garcez (1998), por sua vez, trata da revisão a partir de um viés cognitivista, e afirma que essa atividade “envolve ações mentais em um continuum de representação de um problema que vai de sua percepção e localização até o acessamento de procedimentos complexos” (apud OLIVEIRA, 2007, p. 21). Dentre outros exemplos, Oliveira traz ainda os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de língua portuguesa, os quais também enfatizam que a revisão de textos de alunos por parte do professor pode exercer um papel importante, ao auxiliar os estudantes em suas reescritas.

Nesse sentido, a autora afirma também que, a partir da comparação realizada em sua pesquisa, é possível compreender que a atividade de revisão textual comumente é relacionada a situações de sala de aula e, justamente por isso, as pesquisas concretizadas praticamente não tratam da interação revisor-autor-texto. Assim, nos raros casos em que o trabalho do revisor está em foco, a tendência é abordá-lo como uma “tarefa voltada meramente para a resolução de problemas de ordem estrutural e notacional de perspectiva cognitivista, não levando em conta os aspectos discursivos que cercam as metas volitivas do autor” (OLIVEIRA, 2007, p. 24).

Portanto, ao encontro dessas questões apontadas por Oliveira, são tecidas as considerações tratadas em nossa pesquisa. Argumentamos em favor da importância de observar as práticas discursivas emergentes em situações concretas de interação entre revisores e autores. Nesse sentido, podemos estabelecer um diálogo entre o nosso trabalho e a pesquisa de Oliveira, uma vez que, embora com significativas diferenças teóricas e metodológicas, buscamos também em nossa investigação científica analisar aspectos discursivos advindos das relações dialógicas presentes nas trocas enunciativas entre revisores e autores de textos revisados.

Ao nos inserirmos nesse processo dialógico investigativo sobre a atividade de trabalho do revisor de textos, buscamos subsídios que nos auxiliem a contribuir e a melhor compreender essa enigmática atividade laboral, comumente silenciada e pouco reconhecida. Ademais, compreendemos que esses estudos da revisão textual recuperados por Oliveira (2007) são importantes para quem trabalha ou estuda a atividade de revisão de textos, uma vez que permitem compreender a filiação de muitos discursos acerca da atividade de revisão que lhe conferem um caráter de atividade mais formal e até mecânica.

No intuito de continuar nossa reflexão sobre o trabalho de revisão textual em pesquisas científicas, apresentamos alguns aspectos com relação ao trabalho de Luciana Salazar Salgado, intitulado *Ritos genéticos no mercado editorial: autoria e práticas de textualização* que fora defendido, como já mencionamos, no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, da Universidade Estadual de Campinas no ano de 2007. Em sua tese, Salgado destaca o crescimento, a partir dos anos 1990 e mais intensamente nos anos 2000, de investigações interessadas no processo editorial constitutivo da publicação de *livros*. Assim, conforme afirma a autora, “no Brasil, reedições e traduções há muito esperadas compõem o universo de produções que fazem do livro um assunto ‘da ordem do dia’” (SALGADO, 2007, p. 11). Nesse contexto, Luciana salienta uma tradição de estudos historiográficos relacionados à íntima ligação entre os processos de leitura e escrita na elaboração dos livros, enfatizando que, no âmbito dos estudos linguísticos, observar tal relação também tem ganhado um espaço significativo sobretudo no que diz respeito às práticas de revisão de texto.

A partir de tais considerações, Salgado (2007) cita o exemplo de uma revista francesa, *Langage*, em seu número 164, publicada no mês de dezembro do ano de 2006, a qual reuniu artigos em torno da temática *A revisão de textos: métodos, ferramentas e processos*. A autora afirma que pesquisadores de diversas áreas do conhecimento se reuniram para produzir estudos para esse número especial do periódico, buscando melhor compreender a complexidade dos processos envolvidos na atividade de revisão textual, como as etapas de melhoras, ajustes, reelaborações “e toda sorte de contribuições que, outrora pensadas como posteriores à produção dos textos, têm sido vistas como constitutivas, inclusive nos casos em que um outro [parceiro, professor ou programador de software] opera esses rearranjos” (SALGADO, 2007, p. 12). Debruçando-se em diferentes perspectivas de análise e contextos diversos, a principal constatação compartilhada pelos autores da revista citada por Salgado é a de que “a revisão de textos é um caminho de apropriação da textualidade; reler “ativamente” o próprio texto é que faz dele um texto próprio” (SALGADO, 2007, p. 12).

Atenta à relevância da prática de revisão de textos no processo editorial da constituição de livros, a autora afirma que sua pesquisa tem como objetivo observar, nas atividades práticas do mercado editorial brasileiro, mais especificamente nos seus modos de tratamento dos textos elaborados para a publicação, “aspectos discursivos da constituição da autoria, ou seja, que permitem apontar num texto as marcas do trabalho de um autor – que é sempre um interlocutor” (SALGADO, 2007, p. 14). Para tanto, ela analisa dois tipos de dados, um deles composto “de material escrito veiculado por entidades e profissionais do mercado editorial, além de estudos e pesquisas que lhe fazem a crítica; e o outro é constituído de material escrito e produzido por autores, que preparam seus textos para publicação” (SALGADO, 2007, p. 16).

Nesse contexto, a pesquisadora reflete a respeito do que nomeou como *práticas editoriais linguísticas* as quais são colocadas em relação às *práticas linguísticas editoriais*. As primeiras, explica a autora, reúnem o que se pode chamar de *práxis* do mercado de publicações, ou seja, aquilo que estabelece relação com a atenção dada às normas gramaticais e estruturais do texto, pois, conforme a autora “parece evidente que se deve garantir que todo material escrito destinado à circulação esteja "correto" ou adequado, no que diz respeito ao registro linguístico pretendido para a publicação” (SALGADO, 2007, p. 18). Já as *práticas linguísticas editoriais* estão relacionadas a conhecimentos sobre leitura e condições atuais características do mercado editorial, “seriam, então, um outro trabalho, antes linguístico que editorial, com atribuições contratuais menos claramente estabelecidas, por não serem previamente conhecidas: as necessidades dos textos é que costumam guiar os preparadores” (SALGADO, 2007, p. 18). Logo, as *práticas editoriais linguísticas* são pressupostas em toda a organização de um projeto editorial ao passo que as *práticas linguísticas editoriais* “podem ou não acontecer e dependem sempre da avaliação do material, da disponibilidade dos autores e das casas editoras, dos prazos, dos fins, de uma série de condicionantes” (SALGADO, 2007, p. 18).

Partindo dessas considerações e categorizações precedentes, Salgado (2007) investiga em sua tese a função do revisor de textos e discute questões a respeito das compreensões de propriedade intelectual, autoria e textualização. Embora utilize pressupostos de diversos autores em seu trabalho, como Authier-Revuz, Benveniste, Jean Michel Adam e Bakhtin, a principal ancoragem teórica do estudo de Salazar é a Análise de Discurso de Tradição Francesa tal como desenvolvida pelo linguista Dominique Maingueneau. Aliás, não só na tese, mas nos diversos trabalhos que a autora publica desde o ano de 2004, há um destaque

aos conceitos de Maingueneau (tais como: *ethos* discursivo, ritos, coenunciador etc.) enquanto espinha dorsal de suas reflexões acadêmicas para tratar do papel do revisor de textos.

A tese de Salgado organiza-se em três grandes seções principais. Na primeira delas, encontra-se a apresentação dos fundamentos epistemológicos e metodológicos da pesquisa bem como a união de diferentes materiais organizados em torno da delimitação do que a autora compreende por mercado editorial e, em seu interior, o trabalho dos profissionais responsáveis pela editoração de textos destinados à publicação. Na segunda parte da tese, *são* retomados os fundamentos já apresentados pela autora para examinar o funcionamento de publicações em diferentes épocas temporais, tratando de representações do livro, da leitura e da autoria. Ainda, na segunda parte do trabalho, há o desenvolvimento da noção de ritos genéticos editoriais e, em sua sequência, reflexões sobre a atividade editorial de tratamento dos textos, procurando, como destaca, “dar um passo adiante na sua compreensão” (SALGADO, 2007, p. 27). Antes das considerações finais, isto é, na terceira seção principal do estudo, estão os capítulos que contemplam a análise de exemplos de certos ritos genéticos editoriais pautada em três conceitos principais de Maingueneau: genericidade, interlíngua e *ethos* discursivo.

Apresentado esse panorama geral do trabalho de Salgado, podemos perceber que, embora também situada em uma perspectiva discursiva da linguagem, nossa proposta de tese e a pesquisa da autora têm diferenças significativas sobretudo no que diz respeito aos princípios teórico-metodológicos que embasam os dois trabalhos. Todavia, cabe destacar ainda que as singularidades dos estudos não impedem o diálogo entre as pesquisas, principalmente no que diz respeito aos postulados acerca da compreensão do trabalho do revisor textual uma vez que, conforme demonstrado na sequência, a pesquisa de Salgado traz considerações que auxiliam na compreensão de questões relacionadas ao cotidiano de trabalho de um revisor. Nesse sentido, então, selecionamos algumas passagens da tese analisada em que a autora discorre sobre pressupostos compartilhados conosco quando se trata da maneira como vislumbra o fazer profissional do revisor de textos.

O primeiro desses pontos destacado liga-se à constatação da autora de que esse espaço recentemente conquistado no mercado editorial destinado à edição de textos indica a necessidade de um verdadeiro, como chama, “ofício de linguista”, pois, segundo afirma, embora muitos *freelancers* que atuam nessa área acreditam que basta somente uma “sensibilidade textual” para dar conta do processo de revisão de textos ou então um significativo “rigor formal” característico de certos professores de gramática, eles estão categoricamente equivocados, tendo em vista que “o tratamento de textos parece exigir algo



além do gostar de ler, do prazer de trabalhar com textos e do estrito conhecimento da gramática” (SALGADO, 2007, p. 17). Dentre muitos outros gerenciamentos característicos envolvidos no fazer de um revisor, há de se lidar ainda com a pouca disponibilidade de tempo do autor que é incompatível com o amadurecimento que a atividade escrita necessariamente envolve. Por isso, defende Salgado que um linguista seria o profissional mais preparado para lidar com tal complexidade já que sua formação lhe permite um olhar bastante abrangente sem desconsiderar os conhecimentos específicos necessários para trabalhar com o objeto linguagem.

Outro ponto destacado pela autora em sua pesquisa está ligado ao fato de que normalmente a compreensão comum partilhada por grande parte da sociedade quanto à atividade de revisão textual tende a minimizar a complexidade desse fazer que tem muita relevância nas diversas fases de elaboração de um material que será publicado. Por isso, na opinião da pesquisadora, costuma-se ignorar que trabalhar nesse processo de publicação textual “é, de muitas maneiras, participar de sua constituição, pois o trabalho se dá no âmbito da própria enunciação, como uma co-enunciação explicitada, chamada a registrar-se em anotações pontuais” (SALGADO, 2007, p. 109).

Como podemos perceber, em sua pesquisa, Salgado problematiza a importância da atividade do revisor e a sua participação ativa e efetiva na tessitura textual, trazendo considerações que são de grande valia na busca por melhor compreender essa atividade laboral pouco discutida cientificamente. Ademais, como postula a autora, o processo de textualização, do qual participa de modo ativo o revisor de textos, é elaborado por meio da “administração dos recursos linguísticos e de manobras estruturantes: ter o que dizer significa também saber como dizê-lo ou, pelo menos, saber que é preciso habilitar-se nesse como dizer” (SALGADO, 2007, p. 179). Vemos, portanto, que a autora situa a atividade do revisor de textos em uma região de entremeio que busca múltiplas maneiras de melhor conectar autor-texto-leitor, o que vem ao encontro da nossa forma de vislumbrar esse fazer, isto é, como uma atividade fronteira de importância singular na qualificação do texto.

A partir da apresentação geral dos dois estudos de tese selecionados, com os quais compartilhamos o objeto de investigação científica, apresentamos, na sequência, uma reflexão sobre a atividade do revisor de textos em proximidade com a atividade do tradutor, considerando o fato de que em que ambos os fazeres os atores (revisor e tradutor) trabalham basicamente com discursos. Para isso, ancoramo-nos em Sobral (2008) mais especificamente em um capítulo da sua obra intitulada *Dizer o "mesmo" a outros*, no qual o autor aborda a atividade de tradução do ponto de vista enunciativo.

No texto em foco, Sobral começa a sua explanação por meio da concepção bakhtiniana de enunciado, lembrando que esse e a enunciação são elementos “de uma teoria discursiva da língua e dos usos linguísticos, teoria que, portanto, leva em conta o texto, mas vai necessariamente além dele” (SOBRAL, 2008, p. 57). Fazer tal admissão permite afirmar ainda que o tradutor, em sua atividade, tem como unidade de análise o discurso e não apenas o texto, já que ele sempre trabalha a partir do fato de que há um texto determinado endereçado, dirigido a alguém, com vistas a uma (ou mais) finalidade (s), ou seja, trabalha com o discurso como uma atividade de mediação entre sujeitos que se utiliza de textos como materialidade.

Na visão do autor “o discurso recorre a textos, mas não se confunde com eles, porque um texto só faz sentido quando se sabe quem escreveu o quê dirigindo-se a quem e em que situação” (SOBRAL, 2008, p. 59). Por conseguinte, é ilógico tentar compreender o discurso sem que se considere o sujeito produtor do discurso, assim como as suas vivências, já que toda a produção de sentidos se dá a partir dos (e nos) sistemas semióticos, os quais “são sistemas abertos, sistemas que sofrem influência de seu ambiente” (SOBRAL, 2008, p. 64).

Guardadas as especificidades de cada trabalho, podemos perceber similaridades entre as atividades de tradução e de revisão de textos para mostrar que, sob nosso ponto de vista, os profissionais da revisão também revisam discursos e não (somente) textos, tal como colocou Sobral acerca da atividade de tradução. Dizemos isso porque acreditamos que um revisor, quando está diante de um texto, deve considerar, do mesmo modo que o tradutor, quem escreveu, com quais fins, a qual leitor se destina, quais foram as condições de produção do trabalho. Enfim, o revisor deve considerar esses aspectos no intuito de compreender também as questões discursivas que são fundamentais para o diálogo com o próprio autor do texto. Ademais, o revisor, assim como o tradutor, não é o leitor presumido pelo autor, uma vez que nenhum texto é escrito especificamente a esses dois atores da atividade, no entanto, uma vez em contato com os discursos dos autores, ambos os profissionais estão implicados na escrita e nela passam a ocupar uma função importante.

Sabemos que compreender a revisão por esse viés amplo não é uma tarefa fácil, tendo em vista que, conforme já apresentado, é comum a ocorrência de sujeitos que veem essa atividade exclusivamente pelo paradigma tradicional, fixando-se em aspectos formais e, com isso, associando a atividade de revisar a uma boa pontuação, por exemplo, limitando o profissional revisor. Ainda assim, devemos entender que “o produto ‘discurso’ não é estabilizado, acabado, morto, independente da situação de sua produção” (SOBRAL, 2008, p. 66).

Logo, tomar a atividade de revisão enquanto sinônimo de aplicação de regras gramaticais e ter como seu objeto unicamente o texto significa reduzir o estatuto social da linguagem bem como ignorar a língua naquilo que lhe é intrínseco, conforme expõe Bakhtin/Volochínov ([1920] 2010, p. 29), conforme já discorremos: ser dinâmica e viva e manifestar-se na interação, não no sistema da língua. Sobral (2008, p. 69) parte exatamente desses pressupostos para afirmar que:

[...] a tradução, ou o discurso traduzido, seria um gênero à parte, *sui generis*, um pós-gênero ou um trans-gênero, porque é uma ação de recorte do mundo que recorta um recorte, um estranho gênero que constitui vários outros gêneros, que origina pelas mãos de um novo autor (ou co-autor) um discurso que vem de outro discurso e que já tem um autor.

Da mesma forma, podemos colocar que a atividade de revisão também se encontra nessa região fronteira de gêneros, pois trabalha a partir de um discurso que chega do autor e, geralmente, está dado como concluído, mas que ser reconstruído/reconstituído à medida que a revisão ocorre, ou seja, por meio das sugestões elaboradas e dos diálogos que o revisor realiza com o autor do texto (discurso).

Nesse sentido, Sobral afirma, ainda, que a especificidade do tradutor, portanto, está centrada no fato de que “o discurso passa a ter, além do locutor e dos interlocutores ‘originais’, um interlocutor que também é locutor (o tradutor) e outro grupo de interlocutores (os leitores da tradução)” (SOBRAL, 2008, p. 70). Ora, o revisor também está nessa região limítrofe entre o autor e os leitores a quem o discurso é endereçado, o que faz com que esse profissional ocupe um espaço de leitor/locutor intermediário e, a depender do modo como trabalha, em alguns casos, realize também uma leitura “atípica” (SOBRAL, 2008, p. 70), como o tradutor, leitura que consiste em “ler com os olhos de quem vai escrever”, o que faz dele “um leitor e um locutor: assumindo a posição de autor” (SOBRAL, 2008, p. 70), tal como Sobral expõe quando trata da tradução.

Em suma, tomar a atividade de tradução do ponto de vista de Sobral (2008), fundado nas propostas bakhtinianas, permite vislumbrar a proximidade dessa atividade com a de revisão, pois, como exposto, ambas se encontram em um entre-lugar e têm por objeto o discurso, cuja materialidade é um texto, no entanto, não se esgotando nesse. Por isso, quanto mais claros estiverem os posicionamentos do revisor e do autor do texto sobre como compreendem e o que esperam da atividade de revisão, os desentendimentos e os equívocos entre eles tendem a ser menores e passam a ocorrer com pouca frequência, dando lugar a uma colaboração, já que, em muitos casos, revisar também pode significar “rediscursivizar,

transportar e transcriar um discurso em outro discurso” (SOBRAL, 2008, p. 73), conforme discorreremos no restante deste trabalho.

Após trazidas as considerações a respeito da atividade de revisão de textos a partir de duas pesquisas de teses que se revelaram como os primeiros passos na construção de nossa investigação e da exposição de uma possível aproximação entre as atividades do revisor e a do tradutor, passamos, na seção seguinte, à apresentação dos princípios de seleção, organização, composição e análise do material de pesquisa.

### 3.2 PRINCÍPIOS DE SELEÇÃO, COMPOSIÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL DE PESQUISA

Nesta seção, tratamos dos critérios de seleção dos sujeitos (revisores e autores de teses revisadas) que participam do presente estudo. Após, estão explicitados os princípios de organização do material que compõe esta tese e, ao final deste capítulo, apresentamos ainda os critérios que subsidiam a análise dos dados.

Para tratar dos critérios de seleção dos participantes da pesquisa, cabe destacar o que dissemos na introdução deste trabalho a respeito do fato de que há poucos estudos científicos sobre a atividade do revisor de textos e também porque é uma profissão que conta com poucos espaços institucionalizados para o seu reconhecimento. Isso significa que a maior parte dos revisores profissionais atua de maneira autônoma e isolada, o que resulta em um fazer definido pela multiplicidade e variabilidade, pois, de modo geral, cada revisor define a sua metodologia de trabalho e, normalmente, estabelece um acordo a esse respeito com o autor do texto que será revisado. Assim, há tanto os revisores que apenas pontuam os aspectos da gramática normativa da produção revisada quanto aqueles que reescrevem os períodos do texto com ou sem a permissão do autor, o que resulta, como salientado, em modos bastante distintos, marcados pela pluralidade e complexidade constitutivas dessa atividade de trabalho.

Portanto, um dos primeiros passos metodológicos para a realização do nosso estudo exigiu selecionar os revisores e as respectivas formas de trabalho com a revisão de textos que queríamos investigar. Nesse sentido, ancoramo-nos em nossa experiência com a pesquisa desenvolvida durante o mestrado para a seleção do perfil profissional e do tipo de atividade que buscamos analisar, uma vez que, conforme comprovamos no estudo precedente, compreendemos a revisão de textos como “um trabalho colaborativo na construção de discursos” (BARBOSA, 2012, p. 12).

Para tanto, conversamos com alguns colegas formados na área de Letras e que desenvolvem a atividade de revisão textual no contexto de uma Secretaria de Educação a Distância – SEaD na Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Em nossa pesquisa de mestrado, trabalhamos com esse grupo de profissionais, o qual era formado por quatro pessoas responsáveis por fazer a revisão de todo o material didático produzido pelos professores que atuavam nos cursos de Educação a Distância da Furg. Então, quatro anos depois de nosso estudo de mestrado, isto é, quando retomamos o contato com esses trabalhadores para solicitar a sua colaboração no desenvolvimento da pesquisa de doutorado, obtivemos o retorno de um grupo maior, composto por oito revisores, todos professores com graduação na área de Letras e que, fora a atividade de revisão na Furg, afirmaram também desempenhar essa função de revisão de textos acadêmicos como um ofício extra e particular.

Nosso próximo passo, depois do contato com esse grupo, foi investigar, de maneira informal, de que modo esses desenvolviam a atividade de revisão em teses acadêmicas e descobrir há quanto tempo tinham tal experiência. Desse levantamento prévio, selecionamos dois revisores que atuam há mais de cinco anos no mercado de trabalho informal com essa atividade e compreendem-na a partir da construção colaborativa com o autor do texto revisado. O tempo de experiência desses profissionais e a maneira como nos relataram seus trabalhos deram pistas de que desenvolvem um fazer que valoriza a natureza da relação específica entre o *eu* e o *outro* e revelam um universo profissional no qual não se consideram apenas as formas da língua isoladas para a concretização da revisão de textos, mas, sim, um espaço em que os signos surgem necessariamente em um terreno interindividual (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p. 35).

Conforme esclarecemos no referencial teórico desta tese, nossa pesquisa ancora-se numa abordagem bakhtinana da linguagem, que inclui nas suas indagações teórico-metodológicas necessariamente “a questão da alteridade” (AMORIM, 2004, p.15), esses dois centros de valor entre um *eu* e um *outro* dialogam e se complementam, seja pela concordância e aproximação dos seus dizeres, seja pela discordância e pelo afastamento. Buscando deixar mais destacadas as relações de alteridade envoltas no fazer profissional de um revisor, optamos então pela seleção de dois revisores, justamente para conseguirmos tratar da pluralidade envolvida nos modos de trabalho, ou seja, duas formas de realizar um “mesmo” fazer que, embora possam ser similares, nunca serão idênticas. Entendemos que investigar dois profissionais permitirá observar melhor as semelhanças e diferenças compreendidas nesse trabalho multifacetado.

Torna-se importante explicitar também que escolhemos o gênero *tese* para compor a pesquisa, tendo em vista que é o responsável pela máxima titulação a que pode chegar um estudioso. Portanto, em teoria, o texto de uma tese contempla uma reflexão bastante complexa e aprofundada sobre um determinado tema de pesquisa, o que oferece muitas pistas para investigar a maneira como se deu essa tessitura textual quando, por exemplo, o autor de tese solicita o trabalho de um revisor. Além disso, se buscamos problematizar essa atividade laboral na esfera acadêmica, julgamos pertinente selecionar o gênero de maior reconhecimento científico nesse âmbito. Então, após a seleção dos dois revisores e do gênero que fariam parte de nossa pesquisa, necessitamos chegar às decisões sobre quais seriam os trabalhos realizados pelos revisores em teses e, em consequência, quais os autores de teses que esses profissionais tivessem lido e seus respectivos processos de trabalho (as versões dos textos e as trocas languageiras estabelecidas entre os sujeitos da atividade) que constituiriam o material.

Assim, entramos em contato novamente com os dois revisores selecionados e lhes questionamos a respeito das áreas de conhecimento a que pertenciam as teses que já tinham revisado, uma vez que gostaríamos de poder contar com pesquisas filiadas a diferentes áreas do saber, a fim de ter uma visão mais ampla do fazer do revisor a partir do contato com um público distinto, já que “a heterogeneidade das condutas dos atores [...] é hoje admitida, assim como a multiplicidade dos saberes implicados nas atividades laboriosas, cotidianas” (FAÏTA, 2002, p. 45). Considerando a importância da participação desses dois sujeitos em nossa pesquisa, pedimos também para os revisores que nos falassem a respeito da possibilidade de os autores das teses que revisaram concordarem em fazer parte de nosso estudo.

Dessa maneira, chegamos ao recorte de quatro sujeitos que têm graduação em diferentes áreas do conhecimento e que tiveram as suas teses de doutorado revisadas pelos dois profissionais da revisão de textos selecionados. Nesse cenário, portanto, cada um dos revisores leu duas das teses escolhidas, o que nos permitiu chegar a um recorte de dois revisores e quatro autores de tese.

Um dos autores selecionados tem na sua graduação a licenciatura em Matemática, o mestrado e o doutorado em Educação Ambiental; o segundo também tem o curso de graduação em licenciatura em Matemática, o mestrado em Engenharia Oceânica e o doutorado em Educação em Ciências; o terceiro autor tem graduação em Letras, mestrado e doutorado em Linguística Aplicada; o quarto autor tem graduação em Curso de Ciências, mestrado e doutorado em Educação em Ciências.

Seguindo as orientações sobre as pesquisas que envolvem seres humanos, torna-se importante dizer que nosso projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS. Nas análises, por questões éticas, os nomes dos sujeitos envolvidos estão trocados por expressões gerais como, por exemplo, autor da tese e revisor, evitando-lhes a identificação. Além disso, todos os sujeitos da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a sua participação em nosso trabalho (Anexo I).

Conforme destacamos no início desta seção, para pesquisas de cunho qualitativo a quantidade do material analisado não costuma ser mais relevante do que a busca pelo olhar o mais aprofundado possível a cada um dos elementos que compõem a pesquisa. No entanto, isso não significa que os números não tenham valor em nossos trabalhos, ao contrário, sabemos que toda a seleção tem as suas refrações, as quais se manifestam sobretudo por meio dos signos ideológicos concretizados em enunciações e enunciados diversos, tendo em vista que “a língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2010, p. 153) e são essas relações que buscamos analisar no câmbio laboral de revisores e autores de teses revisadas.

Assim, em síntese, chegamos ao recorte de seis sujeitos para o nosso estudo, dois revisores e quatro autores de teses revisadas. Portanto, com o objetivo de problematizar o trabalho de revisão textual realizado em teses acadêmicas e observar relações dialógicas constitutivas desse fazer, contamos com autores e revisores diretamente envolvidos com o trabalho, de modo que tornam-se relevantes para tratar desse fazer complexo e multifacetado.

Uma vez selecionados os sujeitos, o próximo passo consistiu em definir o material que seria analisado. Nesse sentido, destacamos que nossa experiência com a atividade de revisão de textos permite afirmar que grande parte dos revisores que atua no mercado de trabalho, seja formal ou informal, costuma ser contatada via *e-mail* e fazer esse trabalho a distância, ou seja, sem necessariamente chegar a dividir o mesmo ambiente físico com o autor do trabalho solicitado. Com os revisores selecionados para fazer parte desta investigação não acontece diferente, pois ambos afirmam que, normalmente, recebem uma correspondência eletrônica com a solicitação de revisão de textos, à qual respondem informando sobre as “normas” que irão nortear o trabalho e, depois, o próprio desenvolvimento da atividade vai sendo discutido virtualmente também. Um dos revisores com quem falamos nos contou inclusive que não conhece pessoalmente grande parte dos seus clientes e que costuma revisar textos acadêmicos de pessoas de diferentes universidades situadas em diversas cidades e até estados brasileiros.

Torna-se importante dizer também que todo o trabalho desenvolvido é remunerado e que o valor e as normas dessa atividade são discutidos entre os sujeitos em foco.

Assim, tendo em vista a relevância das correspondências eletrônicas entre autor de tese e revisor, decidimos que um dos materiais de análise da nossa pesquisa é composto, portanto, pelas trocas linguageiras estabelecidas entre os sujeitos via *e-mails*. A análise das correspondências permite verificar facetas de constituição do trabalho a partir dos sujeitos envolvidos e oferece pistas discursivas a respeito da atividade em si, uma vez que nos interessamos pelo “estudo dos discursos produzidos por diferentes interlocutores nos quais o tema trabalho é relevante” (SOUZA-E-SILVA, 2002, p. 53). Assim, nossa pesquisa, de ancoragem bakhtiniana, estabelece interface com os estudos ergológicos para, a partir de “uma análise ‘situada’, apostar na potência humana de compreender-transformar o que está em jogo (re)inventando, criando novas condições e um novo meio pertinente – a si e à situação” (ATHAYDE; BRITO, 2010, p.10).

A análise dos *e-mails*, então, possibilita observar, por meio dos enunciados trocados, a dimensão axiológica dos signos ideológicos utilizados pelos sujeitos. Ademais, é possível ponderar também a respeito dos aspectos advindos da inter-relação entre normas antecedentes e renormalizações da atividade, posto que, durante a troca de correspondências, autor e revisor firmam um acordo de desenvolvimento da atividade laboral e dialogam por meio da linguagem *como e sobre o trabalho*.

Além dos *e-mails*, como material complementar de análise, excertos dos textos em processo de revisão e revisados também compõem o material de pesquisa, o que possibilita observar as etapas de constituição da versão final dos textos e, principalmente, verificar o imbricamento da *palavra* própria e da *palavra alheia* nas relações dialógicas entre revisor e autor do texto revisado. Conforme destaca Bakhtin ([1979] 2011, p. 330), “cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar” e são algumas dessas relações trazidas à discussão em nossa pesquisa. Nos excertos dos textos que vão se construindo durante o processo de revisão, observamos os comentários inseridos dos revisores para os autores das teses, via ferramentas de edição de textos, os quais revelam, nas análises, pistas acerca do debate de vozes sociais que permeia a construção de textos revisados, tendo em vista que no processo criativo da língua “não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...], quase imperceptíveis e vozes próximas, que soam concomitantemente” (BAKHTIN [1979] 2011, p. 330).



Tratar do entrelaçamento dessas vozes possibilita ainda observar aspectos advindos da inter-relação entre as normas e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas, posto que “qualquer que seja a situação [de trabalho], há sempre uma negociação que se instaura” (SCHWARTZ, 2010, p. 31). Assim, o processo de revisão das teses acadêmicas dá pistas discursivas para ponderar a respeito da linguagem *como* trabalho e dos espaços de empatia e exotopia ocupados pelos sujeitos desse fazer. Além disso, quando observamos a maneira de desenvolvimento da atividade de trabalho, temos material para refletir ainda sobre o estilo de realização do trabalho de revisão desenvolvido, tal como permite a ancoragem teórico-metodológica. No decorrer dessas reflexões, buscamos também investigar a presença e a relevância da voz profissional do revisor de textos na versão final das teses revisadas.

Pode-se afirmar, portanto, que as correspondências eletrônicas e os excertos das teses em processo de revisão bem como a sua versão final configuram facetas que concretizam as trocas languageiras entre os revisores e os autores nesse câmbio laboral e dão subsídios para problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, para observar relações dialógicas constitutivas desse fazer. Soma-se a isso o fato de que o material selecionado nos permite ainda verificar os efeitos de sentido gerados quanto às posições axiológicas de ambos sobre os fazeres desenvolvidos, pois, quando conversam sobre o trabalho, tanto o ator da atividade quanto o sujeito que dela participa refletem sob o fazer contatado. Nesse sentido, cabe retomar que optamos pela seleção de dois revisores justamente para que pudéssemos refletir também a respeito dos posicionamentos que uma mesma atividade pode provocar em diferentes trabalhadores.

Nos diálogos que se desenrolam entre os dois sujeitos investigados, os revisores, que são os atores da atividade de trabalho, são levados a verbalizar sobre o seu fazer, o que lhes possibilita olhar para a atividade que desenvolvem e refletir a respeito do trabalho que realizam; os segundos (autores das teses) também mostram, nas correspondências eletrônicas analisadas, a natureza das relações estabelecidas com os revisores e sobre como o trabalho de revisão desenvolvido foi percebido pelos doutorandos. Desse modo, optamos por um material que nos permitisse ponderar não só a respeito da pluralidade envolta na concretização da atividade de trabalho, foco desta pesquisa, mas também contemplar as concepções individuais de cada revisor e autor de tese com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, a observar relações dialógicas constitutivas desse fazer.

Sendo assim, em síntese, constituem o material de análise desta tese: i) *e-mails* trocados entre os autores das teses e os respectivos revisores e ii) excertos dos textos durante

as trocas linguageiras estabelecidas entre autores e revisores, ou seja, processos de revisão presentes nas versões de teses de diferentes áreas do conhecimento, incluindo comentários inseridos por meio das ferramentas de edição de texto disponíveis em softwares como o Word.

Desse modo, as correspondências eletrônicas trocadas entre os sujeitos da pesquisa possibilitam que observemos aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas, posto que é por *e-mail* que os indivíduos debatem tanto a definição de revisão a ser contratada quanto o modo como ela será desenvolvida. Além disso, o material selecionado permite verificar os efeitos de sentido gerados quanto às posições axiológicas de ambos (revisores e autores) com a atividade e a natureza das relações estabelecidas entre eles.

Os trechos dos textos analisados, por sua vez, juntamente com os comentários nas versões que constituem a elaboração final das teses, permitem contemplar diferentes estágios de desenvolvimento da produção escrita bem como observar a presença e relevância discursiva da voz do profissional da revisão de textos na versão final das produções revisadas. Ademais, essas etapas de elaboração do texto revisado possibilitam também analisar como ocorre o imbricamento da palavra do revisor e do autor na versão final do texto revisado, ou seja, de que maneiras as palavras de ambos se inter-relacionam na tessitura final da escrita.

Diante dos procedimentos de pesquisa apresentados até o momento, torna-se necessário considerar ainda que, ao ter contato com o material selecionado (*e-mails* sobre a atividade e textos em processo de revisão), tivemos de tomar mais uma importante decisão metodológica para escolher os enunciados que iriam compor as análises, tendo em vista que tínhamos um material muito extenso – em uma das interações por correspondências eletrônicas, por exemplo, dispúnhamos de 27 trocas enunciativas estabelecidas entre autor e revisor – logo, não seria possível contemplá-lo na íntegra. Então, nosso recorte na escolha dos enunciados considerou os seguintes critérios:

i) Quanto aos *e-mails*, selecionamos três diálogos de cada um dos revisores que mostravam diferentes estágios de contato entre revisor e autor das teses, isto é, a primeira troca entre eles, na qual apresentam os objetivos da sua conversa e os princípios que nortearão a atividade realizada; um segundo momento em que é possível analisar a atividade em pleno desenvolvimento, em que discutem o trabalho a partir de idas e vindas de versões do texto em construção; e um terceiro momento, quando encerram a conversa, a partir do qual é possível observar um posicionamento geral para a atividade de trabalho desenvolvida. Em outras palavras, quanto aos *e-mails*, nossa seleção priorizou momentos em que pudéssemos observar

introdução, desenvolvimento e finalização da atividade de revisão de textos a partir das trocas linguageiras concretizadas no processo do trabalho de revisão textual.

ii) No segundo recorte, correspondente aos excertos de textos que revelam processos da escrita em construção, selecionamos os trechos em que os comentários inseridos no corpo do texto, via ferramenta de edição do Word, revelavam sugestões de reescritas pelos revisores. Desse modo, optamos pelas partes dos textos em que a voz do revisor se fazia mais presente, isso permite mostrar que a palavra alheia – do revisor – imbrica-se na palavra própria ao ser acatada pelo autor da tese e se fazer presente na versão final de seu texto.

Além disso, conforme explicitado neste capítulo, a análise dos dados é baseada nos pressupostos bakhtinianos e ergológicos. Assim sendo, as decisões metodológicas tomadas na realização deste estudo foram ancoradas nas orientações metodológicas para o tratamento do estudo e da compreensão dos signos apresentadas em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, quais sejam (BAKHTIN/VOLOCHINOV [1929] 2010, p. 45, grifo nosso): “1) não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível”. Em nosso estudo, os signos não são tomados como sinais que se relacionam de maneira objetiva e à parte das diferentes ideologias e, em consequência, das múltiplas vozes sociais que os constitui, mas, sim, são tomados como material ideológico que está intimamente relacionado à esfera da atividade e às situações em que emergem; “2) não dissociar os signos das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico”. Em nosso trabalho, tal como fora apresentado até este momento, o contexto social em que os signos emergem e se formam é de grande importância e está contemplado na análise de nosso objeto, ao tratarmos dos signos ideológicos materializados nos gêneros do discurso que os organizam, eles são postos em relação contínua e permanente com os contextos em que emergiram. Caso negligenciássemos essas questões, lidaríamos com as formas soltas da língua e não com os enunciados e os signos em suas íntimas e inerentes relações dialógicas; “3) não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura)”. Ao considerarmos as enunciações entre autores e revisores, selecionando o recorte dos enunciados analisados, está se tratando dos signos em sua base material, tal como preconizam os pressupostos bakhtinianos.

A partir do material selecionado, as análises realizadas buscam também questões que permitam tratar da atividade de trabalho do revisor de textos acadêmicos, ao mostrar exemplos reais de atividades realizadas e as percepções dos indivíduos diretamente

envolvidos com esse fazer, considerando “essa dialética entre local e global que ninguém pode de antemão prever exatamente mas que nos remete para compreender à atividade das próprias pessoas” (SCHWARTZ, 2010, p. 34). Nesse sentido, consideraremos, ainda, os estudos de Nouroudine (2002) para que possamos tratar principalmente da linguagem *como* e *no* trabalho, parte fundamental da atividade realizada pelos revisores, e a linguagem *sobre* o trabalho, que poderá ser verificada principalmente nos diálogos estabelecidos via *e-mail*.

Sendo assim, como se pode perceber, esta pesquisa leva em consideração as interfaces entre a translinguística bakhtiniana e as contribuições da ergologia. Sob essas perspectivas são analisadas as práticas languageiras resultantes das relações entre revisores e autores de teses revisadas em situações de desenvolvimento de suas atividades do ponto de vista discursivo e do uso da linguagem na atividade e sobre a atividade.

A partir do recorte do material de pesquisa selecionado, os princípios metodológicos buscam, por meio de um constante diálogo entre o pesquisador, os sujeitos e o material definido, proporcionar estratégias e procedimentos que considerem as experiências dos sujeitos de pesquisa. Isso porque a condução de uma pesquisa que se pretende qualitativa deve primar por “uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51). Nesse sentido, a proposta metodológica é ancorada em um diálogo constante do pesquisador com os sujeitos e o material de análise selecionado, a fim de chegar a uma compreensão responsiva ativa que nos auxilie a abranger o fenômeno em foco: a atividade de revisão textual realizada em teses acadêmicas.

Apresentadas as questões de contextualização do objeto e os princípios metodológicos, na sequência, passamos ao capítulo que contempla a análise do material que compõe esta tese.

#### **4 UMA VOZ APAGADA? ENTRE DIZERES E FAZERES DO REVISOR DE TEXTOS ACADÊMICOS**

Este capítulo está dividido em três seções principais, nas quais discorreremos a respeito das análises do material de pesquisa a partir das trocas linguageiras estabelecidas respectivamente: por e-mails trocados entre os autores das teses e os revisores destas; pelos excertos de textos revisados e comentários inseridos nos trechos selecionados. Trata-se, ainda, das similaridades e particularidades quando à forma de desenvolvimento da atividade, no caso de revisores, e também quanto às diversas maneiras de valorar e atribuir sentidos ao trabalho de um revisor de textos acadêmicos a partir das relações entre as profissionais e as doutorandas investigadas.

Assim, na primeira seção principal deste capítulo, encontra-se a apreciação das trocas estabelecidas via correspondências eletrônicas e, para tanto, optamos pela seleção de três diálogos, os quais mostram diferentes estágios da interação entre os dois sujeitos com relação ao trabalho solicitado pelo doutorando ao revisor. Esses momentos contemplam: a apresentação/solicitação da atividade; o desenvolvimento do trabalho em si, isto é, quando os autores expõem os seus posicionamentos quanto ao que está sendo realizado em suas teses; e a despedida, em que é possível observar o encerramento do contrato acordado por ambos os sujeitos via e-mail e as suas posições axiológicas quanto à atividade realizada. Cabe enfatizar, também, que os enunciados analisados na primeira seção principal pertencem a duas revisoras que participaram desta tese e a duas diferentes doutorandas com as quais mantiveram contato, pois, como dissemos em momento anterior, cada revisora selecionada trabalhou em duas teses.

Na segunda seção principal, por sua vez, temos a análise dos excertos de textos e de seus respectivos comentários a partir da interação entre os dois revisores e outros dois diferentes autores de teses revisadas. Optamos por essa configuração com dois revisores e quatro doutorandos em nossa pesquisa a fim de, conforme dissemos em outro capítulo, contemplar diferentes modos de fazer, compreender e lidar com a mesma atividade.

Na terceira seção principal deste capítulo, por fim, apresentamos aproximações e distanciamentos entre essas maneiras plurais de se relacionar e valorar o trabalho do revisor de textos acadêmicos. Essas considerações nos permitem retomar aspectos principais das análises e tratar de modo geral das individualidades profissionais assim como dos coletivos que fazem parte do mundo do trabalho.

#### 4.1 MOVIMENTOS DIALÓGICOS DA ATIVIDADE DE TRABALHO DO REVISOR DE TEXTOS ACADÊMICOS: E-MAILS EM FOCO

Com relação à primeira troca linguageira analisada, é importante dizer que os excertos selecionados apresentam pistas de um diálogo maior que se constitui pela troca de 27 e-mails entre os sujeitos em foco: revisor e autor da tese revisada. No entanto, conforme explicitamos na metodologia, foram selecionados aqueles enunciados em que os participantes diretamente envolvidos na enunciação fazem menção mais direta ao trabalho realizado, ou seja, discutem a sua definição, seus modos de compreendê-lo, assim como aquelas correspondências eletrônicas em que se revelam os estágios de desenvolvimento do texto e de finalização do contrato de trabalho. Essa seleção ocorreu em detrimento, por exemplo, de e-mails em que os sujeitos apenas faziam menção a questões mais técnicas, como negociação de depósitos de pagamento, valores, dúvidas relacionadas à estrutura da produção textual, etc. Assim, os enunciados focalizados nesta seção refletem e refratam as compreensões advindas dos centros de valores desses sujeitos sobre o que entendem quanto à atividade de trabalho de revisão textual e, conseqüentemente, a respeito do que significa olhar para a linguagem e a atividade a partir de situações concretas de seu desenvolvimento, tal como preconizam os estudos bakhtinianos e ergológicos que subsidiam esta reflexão.

##### 4.1.1 Entre aproximações e distanciamentos: linguagem e trabalho

Os enunciados analisados na sequência ocorrem entre uma revisora, que tem graduação em Letras e, na época, estava concluindo seu mestrado em Teoria da Literatura, e uma doutoranda, que tem graduação em Letras, mestrado em Linguística Aplicada e, na época, terminava seu doutorado também em Linguística Aplicada<sup>26</sup>.

- **Apresentação/Solicitação da Atividade:**

*Olá [Revisora], tudo bem? Sou orientanda de [Nome]<sup>27</sup> na Instituição [Nome]. Estou no final do meu doutorado. Preciso depositar os volumes até a data X. Estou fazendo os últimos*

<sup>26</sup> Cabe-nos destacar que a análise deste primeiro recorte, elaborada pela autora desta tese junto de sua orientadora, foi desenvolvida em forma de um capítulo que foi aceito para a publicação em um livro organizado pela professora Grenissa Stafuzza. A publicação tem previsão de publicação para o segundo semestre do ano de 2017, com lançamento pela editora Mercado de Letras.

<sup>27</sup> Seguindo orientação estabelecida no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos participantes da pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, destacamos que quaisquer maneiras de identificação dos sujeitos investigados foram suprimidas, preservando seu anonimato.

*acertos sugeridos pela minha última banca. Na verdade, estou correndo contra o tempo. Já reescrevi, reorganizei uma boa parte [...]. Gostaria de saber se poderia fazer a revisão para mim. Escrevi para o [Fulano] e ele indicou você. Estou desesperada, pois a banca afirmou que tenho tese, mas criticou muito a redação. Envio meu trabalho, do jeito que está, para você fazer um orçamento. Não se assuste, pois ele ainda está bastante bagunçado. Tem muitas marcações de outras cores, comentários da banca que anotei nos capítulos para não me esquecer, etc. Tem muitas imagens e espaçamentos. Tem páginas só com anotações minhas. Nem queria enviar para você não se assustar, mas como tenho pressa em saber se você poderá ou não fazer a revisão e o valor, vai assim mesmo. Espero um retorno e torço para que aceite meu trabalho [Autora].*

*Olá [Nome], tudo bem? Sou orientanda de [Nome] e trabalho com a atividade de Revisão há bastante tempo. Primeiramente, gostaria de te explicar que tenho por hábito, quando realizo as revisões, olhar o todo de um texto, ou seja, me posiciono como uma leitora crítica e procuro observar não só as questões gramaticais (óbvias de qualquer revisão), mas trabalho sobretudo com outras questões linguísticas (tais como progressão, informatividade, observo se os períodos estão condizentes, se as seções estão bem organizadas, se cumprem o que prometem na sua introdução etc.). Isso, porém, demanda certo tempo, até porque eu faço esse trabalho, mas não altero as questões semânticas dos textos, sem antes esclarecer com os autores dos trabalhos quais são as minhas dúvidas e as minhas opiniões e sugestões de reescrita. Creio, [Nome], que a resposta final do trabalho sempre tenha de ser do autor deste e, por isso, o meu hábito de recheiar os arquivos com comentários e observações.*

*Compreendo a Revisão Linguística como um trabalho cooperativo, construído através do diálogo e do bom senso, pois, por exemplo, uma palavra que, para mim, pode parecer repetida, sem necessidade, tem a possibilidade de representar um dado autor ou uma dada filiação teórica específica. Nesse caso, não posso sair modificando o texto alheio, desrespeitando a autoria, e denominando como "revisão". Enfim, [Nome], gosto de deixar claro ao solicitante o tipo de trabalho que desenvolvo, mesmo porque poderás não te agradar da minha metodologia, porém, como te expliquei agora, acredito ser a mais correta e ética. Assim, poderás decidir se queres que eu faça a revisão em teu texto, certo? E, em caso afirmativo, digo-te, desde agora, que dei uma olhada em teu arquivo e que será um imenso prazer revisá-lo, basta que me confirmes o quanto antes, para que possamos correr contra o tempo, hehe. Abraços [Revisora].*

Conforme podemos observar, quando a autora da tese e a revisora se apresentam, vislumbramos pistas das suas vontades discursivas desde o primeiro contato, o que remete à afirmação de Bakhtin ([1952-1953] 2011, p. 281) de que, em todo o enunciado, “sentimos a intenção discursiva ou a vontade discursiva do falante”. No exemplo em foco, vemos que, nos enunciados de apresentação, as primeiras colocações dos interlocutores destacam os nomes de seus orientadores, o que remete à palavra de autoridade, primeiramente utilizada pela autora da tese, provavelmente para auxiliar no aceite da solicitação do trabalho pela revisora (“Olá [Revisora], tudo bem? Sou orientanda de [X] na Instituição [X]”), e, em resposta a essa postura, o enunciado da revisora: “Olá [Nome], tudo bem? Sou orientanda de [Nome] e trabalho com a atividade de Revisão há bastante tempo”. Na atitude responsiva ativa da

revisora, há, por um lado, a indicação do seu orientador e, por outro, a sua experiência com a atividade de revisão textual. Em tal encaminhamento do dizer, percebemos acentos valorativos voltados para a réplica da saudação e para a exposição do seu lugar de fala: aquele de quem conhece o trabalho há tempo e tem vasta experiência com esse fazer.

Além disso, observamos também, nesse recorte, a tensão advinda do debate de valores nos enunciados que compõem a interação entre a autora da tese e a revisora no que diz respeito à necessidade de vencer o tempo – “Na verdade, estou correndo contra o tempo” (autora da tese) – e o destaque para a definição de revisão textual por parte da revisora, que, conforme expõe, necessita de tempo para ser desenvolvida, tal como se pode perceber no seguinte enunciado: “Isso, porém, demanda certo tempo” (Revisora). São duas orientações axiológicas diferentes para o fator tempo que entram em tensão: uma que dimensiona o tempo pela necessidade de atender o prazo acadêmico estabelecido, e outra que o considera pela dedicação a ser despendida para a revisão textual. Esse tensionamento dialoga com a complexidade da atividade de trabalho, que põe em debate normas e renormalizações do fazer.

Nesse sentido, podemos perceber que, no enunciado “Estou no final do meu doutorado. Preciso depositar os volumes até a data X. Estou fazendo os últimos acertos sugeridos pela minha última banca”, da autora da tese, os signos ideológicos “final”, “data X” e “últimos acertos”, além de refletirem a ideia de que há pouco tempo para o trabalho ser realizado, refratam uma compreensão da atividade de revisão textual como algo que pode ser realizado em pouco espaço de tempo, o que reforça a tensão existente em torno das posições valorativas dos enunciados. A ênfase ao tempo suscita a retomada do tema pelo revisor, após a explicação de como realiza a revisão: “[...] digo-te, desde agora, que dei uma olhada em teu arquivo e que será um imenso prazer revisá-lo, basta que me confirmes o quanto antes, para que possamos correr contra o tempo, hehe. Abraços”. Embora a autora da tese e a revisora refiram-se a “correr contra o tempo”, cada uma valora a partir de suas experiências e da interlocução estabelecida, o que demonstra que o trabalho para o *corpo-si*, neste caso a revisora, envolve arbitragens e debates, que exigem do trabalhador renormalizações conforme os desafios impostos na dinamicidade da atividade (SCHWARTZ, 2002, 2004, 2014).

A atividade de revisão de textos, como destacamos na introdução desta tese, apresenta pouca investigação científica, principalmente no que diz respeito a uma compreensão enunciativo-discursiva da linguagem, o que explica o fato de haver muitos modos de compreender esse fazer e a variação nas maneiras de realizá-lo, que abarca desde a verificação exclusiva de questões gramaticais, por alguns revisores, por exemplo, até a



intervenção discursiva, por outros. Não ter uma compreensão comum quanto às atribuições do revisor de textos faz com que a revisora solicitada para o trabalho ora analisado necessite recuperar as normas antecedentes desse fazer, a fim de explicar de que lugar ela fala, isto é, de que modo ela renormaliza o fazer em sua atividade prática, tal como podemos perceber nos seguintes excertos:

Primeiramente, gostaria de te explicar que tenho por hábito, quando realizo as revisões, olhar o todo de um texto, ou seja, me posiciono como uma leitora crítica e procuro observar não só as questões gramaticais (óbvias de qualquer revisão), mas trabalho sobretudo com outras questões linguísticas (tais como progressão, informatividade, observo se os períodos estão condizentes, se as seções estão bem organizadas, se cumprem o que prometem na sua introdução etc.) [...] Creio, [Nome], que a resposta final do trabalho sempre tenha de ser do autor deste e, por isso, o meu hábito de recheiar os arquivos com comentários e observações (Revisora).

Além disso, percebemos, nessa resposta da revisora, a relação dialógica com outros enunciados que permeiam a compreensão dessa atividade, como quando ela demarca o seu posicionamento contrário a outros modos de desenvolver o trabalho de revisão, ao dizer, por exemplo: “[...] não posso sair modificando o texto alheio, desrespeitando a autoria, e denominando como ‘revisão’”.

A partir desses enunciados, podemos observar, sem desconsiderar a imbricação da linguagem *no, como e sobre o trabalho*, a preponderância da *linguagem sobre o trabalho* como um meio de o *corpo-si* manifestar a sua forma de fazer a revisão: “me posiciono como uma leitora crítica e procuro observar não só as questões gramaticais (óbvias de qualquer revisão), mas trabalho sobretudo com outras questões linguísticas”. Tal postura dialoga com o que não é dito; quando a revisora, por exemplo, diz que não fica apenas nas questões gramaticais, podemos perceber relações dialógicas, por um lado, com vozes que entendem a revisão apenas sob o viés da gramática normativa e, por outro, com vozes com as quais a sua concepção de atividade concordam, isto é, aquelas que observam a linguagem para além desses parâmetros gramaticais. Em outras palavras, observando a arquitetura do discurso, em especial a construção do projeto de dizer da revisora e a interlocução com a doutoranda (autora da tese), vemos, desde a primeira troca linguageira estabelecida, a defesa de uma concepção da atividade de revisão textual que ultrapassa a observação de meros sinais linguísticos e se dedica à análise do enunciado.

Também percebemos, nos enunciados em foco, a valoração despendida à autora do trabalho, a doutoranda, que ocupa o papel de interlocutor da revisora e interfere diretamente no desenvolvimento da atividade laboral: “a resposta final do trabalho sempre tenha de ser do

autor”. Essa atitude responsiva revela uma aproximação ao interlocutor, um movimento de empatia, seguida de um distanciamento quanto ao texto recebido, um movimento de exotopia. Esses movimentos são desencadeados não só pelo aceite à solicitação de revisar um texto que está problemático na opinião da autora – “Estou desesperada, pois a banca afirmou que tenho tese, mas criticou muito a redação. [...] Não se assuste, pois ele ainda está bastante bagunçado” (autora da tese) –, mas também pela busca de um resultado satisfatório por parte da revisora, ao pontuar as possibilidades de correção: “[...] o meu hábito de recheiar os arquivos com comentários e observações” (Revisora). Vislumbramos, portanto, que a revisora aproxima-se da autora, ao compreender a situação em que se encontra, com pouco prazo e com a necessidade de dar melhor acabamento ao texto da tese, ao mesmo tempo que se distancia na condição de leitora crítica, o que indica que é entre aproximações empáticas e distanciamentos exotópicos que a atividade de revisão de textos vai se desenvolvendo.

A atividade de trabalho, ao ser considerada como um constante debate de normas, em que as normas antecedentes de diversos graus são renormalizadas, de modo a proporcionar que as normas parciais sejam “reajustadas no instante do agir, para lidar com ‘a’ situação” (SCHWARTZ, 2014, p. 265), pode ser aproximada da perspectiva dialógica da linguagem, que compreende que o discurso se relaciona com outros discursos, em diferentes direções. Tal debate de normas e de discursos emerge nos enunciados da revisora, sobretudo quando define a sua atividade de trabalho por meio do entrelaçamento entre o que significa e o que não significa esse trabalho complexo:

Compreendo a Revisão Linguística como um trabalho cooperativo, construído através do diálogo e do bom senso, pois, por exemplo, uma palavra que, para mim, pode parecer repetida, sem necessidade, tem a possibilidade de representar um dado autor ou uma dada filiação teórica específica. Nesse caso, não posso sair modificando o texto alheio, desrespeitando a autoria, e denominando como “revisão”. Enfim, [Nome], gosto de deixar claro ao solicitante o tipo de trabalho que desenvolvo, mesmo porque poderás não te agradar da minha metodologia, porém, como te expliquei agora, acredito ser a mais correta e ética (Revisora).

Percebemos que a revisora, ao dizer o que faz, como compreender que a revisão seja um trabalho cooperativo, construído por meio de diálogo, diz também o que não faz: interferir na escrita do texto sem a avaliação e permissão do autor (“[...] não posso sair modificando o texto alheio, desrespeitando a autoria, e denominando como ‘revisão’”), o que ratifica o processo dialógico da linguagem, o contínuo vaivém dos discursos sociais que interferem no fazer. Nos enunciados ora em análise, observamos também os signos ideológicos “cooperativo” e “diálogo”, os quais refletem uma ideia de trabalho em conjunto, tendo em

vista que a revisão de textos vai se construindo na interação com o autor, em vez de se tratar de um trabalho individual, centrado no revisor. No fazer em foco, os signos ideológicos e seus acentos de valor qualificam a atividade em questão e dão pistas de um trabalho colaborativo e, em consequência, de um texto acadêmico que é, de certo modo, (co)produzido entre o autor da tese e o revisor de texto, a partir do imbricamento das vozes de ambos no texto final.

Outro aspecto que muito revela sobre a atividade em foco está relacionado aos movimentos indissociáveis de aproximação e de distanciamento com os quais o revisor se depara no seu trabalho. Fazemos tal afirmação, considerando que essa entidade *corpo-si* representada, no caso, pelo revisor de texto, ocupa um entrelugar na produção textual, um espaço fronteiro entre o autor e o seu leitor presumido, já que o revisor não é o destinatário final pressuposto pelo locutor no momento de construção do texto, tampouco é alguém que pode ignorar esse destinatário assim como as questões extraverbais constitutivas do dito, o que o aproxima bastante do papel desempenhado pelo tradutor, conforme a concepção de Sobral (2009), sobre a qual discorreremos no terceiro capítulo desta tese. Logo, ao ocupar esse espaço de entremeio, o revisor tem de atuar entre aproximações e distanciamentos tanto do autor do texto quanto da produção textual em si. É necessário um equilíbrio entre o colocar-se no lugar do outro – movimento empático –, para compreender a tessitura geral da escrita, e o afastar-se – movimento exotópico –, para atuar como um leitor crítico, capaz de observar o todo do projeto de dizer, compreendendo suas lacunas e vislumbrando possibilidades de melhor finalização do texto, afinal, “[...] ao momento da empatia segue sempre o da objetivação, ou seja, o de situar fora de si mesmo a individualidade compreendida através da empatia – separando-a de si mesmo e retornando a si mesmo” (BAKHTIN, [1920/1924] 2010, p. 61).

Esses movimentos dialógicos de aproximação e distanciamento, tomados nesta pesquisa como similares às compreensões de empatia e exotopia na perspectiva bakhtiniana, são constitutivos da atividade de trabalho do revisor textual e podem ser observados nos enunciados analisados. No exercício da atividade do revisor, temos, de um lado, a própria revisora, que dispõe do excedente de visão necessário para qualificar o texto e, de outro, a autora da tese, que está imersa na produção textual. Tais movimentos são interdependentes, pois o exercício exotópico do revisor conta com um movimento empático, já que o ator do trabalho tem de se aproximar do autor e da produção textual para fazer as observações que julgar necessárias, as quais possivelmente não seriam contempladas pelo olhar exclusivo da autora. Assim, é entre aproximações e distanciamentos que se inicia a relação profissional investigada: tal como demonstram os seguintes enunciados: “[...] poderás decidir se queres

que eu faça a revisão em teu texto, certo?” e “[...] será um imenso prazer revisá-lo, basta que me confirmes o quanto antes, para que possamos correr contra o tempo, hehe” (Revisora).

Diante dessas considerações, podemos dizer que o diálogo entre a revisora e a autora da tese revisada revela enunciados que se constituem por relações dialógicas em uma teia discursiva de sentidos. Esses enunciados refletem e refratam os posicionamentos da autora da tese e da revisora quanto à atividade de revisão textual e dão pistas das características que constituem o fazer investigado. No decorrer da interação ora recortada, percebemos ainda que há outras marcas discursivas que assinalam o entrecruzamento de vozes da revisora e da autora da tese na versão final do texto revisado e que trazem à tona a própria constituição multifacetada de um texto acadêmico, ao revelar o trabalho do revisor até então silenciado.

A seguir, analisamos o segundo recorte que constitui esta reflexão, o qual denominamos por Desenvolvimento da Atividade, que mostra algumas das correspondências eletrônicas trocadas entre a revisora e a autora em foco. Nos enunciados que seguem, temos pistas de um diálogo a respeito da constituição do texto revisado.

- **Desenvolvimento da Atividade:**

*Bom dia [Nome], tudo bem contigo?*

*Queria saber como anda a releitura do trabalho com os meus comentários? E como está o restante da escrita?*

*Abraços com desejos de uma ótima semana! [Revisora].*

E-mail 1:

*Oi amiga, tudo bem? Estou aqui fazendo, fazendo.... refazendo, refazendo... Parece que não tem fim. Tudo bem como você disse, há partes em que eu só prometo questões que não desenvolvo, tudo o que você me mostrou é importante!!! Está muito cansativo, quase não aguento mais. Você faz, faz e nunca está bom. Sabe como é: Depois de um tempo não vemos mais nada (problemas de redação, análise, etc.), pois ficamos “viciada” em nossos textos. No entanto, preciso dizer que, agora, considerando a sua leitura, acho que já está bem melhor ... Não tenho palavras para agradecer pelo seu trabalho! [Autora].*

E-mail 2:

*[Revisora], escrevo para dar notícias e dizer que estou trabalhando no restante das análises. Dei uma olhada nas observações novas que você fez e fiquei muuuuuitttttoo satisfeita. Seu texto é agradável de ler, não dá vontade de parar! Suas sugestões são muito pertinentes. Comentei até com meu marido o quanto meu trabalho está ficando melhor com as suas correções. Até o meio da próxima semana, tento enviar as análises. Depois, só vai faltar as considerações finais, o resumo e tenho que acrescentar na introdução a divisão da tese. Não me imagino mais escrevendo sem a sua leitura. Obrigada por tudo! [Autora].*

Conforme vimos na discussão teórica que embasa este trabalho, o enunciado é composto por três particularidades: a alternância de sujeitos do discurso, a sua conclusibilidade específica e a relação do locutor consigo e com os demais parceiros da comunicação verbal. Podemos observar que essas características intrínsecas do enunciado estão em jogo e motivam o projeto de dizer da revisora para a autora da tese revisada no e-mail 1: “Bom dia [Nome], tudo bem contigo? Queria saber como anda a releitura do trabalho com os meus comentários? E como está o restante da escrita?”. Muito além de votos de simples cumprimentos à autora da tese, o que define o projeto de dizer da revisora nessa troca eletrônica é o desejo pela réplica do diálogo, a alternância de sujeitos do discurso, observada por valorações em circulação, que, em última instância, não deixa de ser uma cobrança pela palavra do outro no processo dialógico, uma vez que a revisora havia realizado o seu trabalho e esperava um retorno com relação a isso por parte de seu interlocutor. O mesmo não ocorre no segundo e-mail enviado pela autora, pois, antes de ser cobrada pela revisora por notícias, ela entra em contato – “Revisora, escrevo para dar notícias e dizer que estou trabalhando no restante das análises” –, ou seja, ela compreendeu essa necessidade de trocas languageiras com a revisora como constitutiva e necessária para o desenvolvimento do trabalho.

Entre aproximações e distanciamentos constitutivos da atividade de revisão, percebemos que a revisora, ao se dirigir à autora da tese, buscando um retorno quanto ao trabalho realizado, elege como modo de tratamento o nome da autora: “Bom dia [Nome], tudo bem contigo?”. Já a autora, ao tomar uma atitude responsiva, opta pelo signo ideológico “amiga”, dizendo “Oi amiga, tudo bem?”. Ambas as formas de tratamento, se observadas de modo isolado, não dão pistas desses movimentos constitutivos da revisão, mas, quando postas em relação dialógica, indicam que a revisora tem uma posição mais distanciada, se comparada com a da autora da tese. Desse modo, podemos perceber que, assim como o signo “amiga” reflete um posicionamento amistoso com relação ao trabalho realizado, refrata a ideia de uma possível amizade, a qual, não existindo previamente, justifica-se em razão da relevância que a atividade de trabalho do revisor tem para a autora da tese. Além disso, a maneira por meio da qual a doutoranda interpela a revisora pode indicar não só a satisfação com o trabalho realizado como também uma maneira empática de aproximar-se da autora da atividade, afinal, sabemos que há uma significativa importância no modo “como os outros nos percebem axiologicamente e em como nos manifestamos para eles” (BAKHTIN [1979]/2011, p. 14).

Ademais, a importância da relação eu/outro para o trabalho do revisor pode ser observada nos acentos de valor advindos dos enunciados da autora da tese, que dão pistas do seu olhar circunscrito para o texto e apontam para a necessidade do excedente de visão

encontrado na atividade de revisão: “Está muito cansativo, quase não aguento mais. Você faz, faz e nunca está bom. Sabe como é: Depois de um tempo não vemos mais nada (problemas de redação, análise, etc.), pois ficamos “viciada” em nossos textos” (autora da tese). Essa convocação à atitude responsiva da revisora enfatiza o entrelugar característico da atividade de trabalho do revisor de textos, pois, nessa interação, só ele pode ocupar esse espaço característico do excedente de visão que o autor do texto não pode desempenhar, tendo em vista o seu envolvimento com a escrita. Isso coloca em relevo a complexidade da atividade profissional, pois, além dos saberes acadêmicos necessários para a revisão do texto, emerge a relevância dos saberes práticos, que precisam lidar adequadamente com o espaço fronteiro e dinâmico entre o autor e o leitor presumido do texto.

Podemos perceber índices do debate de valores constitutivos da atividade profissional a partir dos enunciados da autora da tese: “Estou aqui fazendo, fazendo.... refazendo, refazendo... Parece que não tem fim. Tudo bem como você disse, há partes em que eu só prometo questões que não desenvolvo” (e-mail 1). Ao enfatizar o processo de constituição do texto como algo que é feito e refeito, observamos que há acentos de valores em negociação em duas dimensões, tanto na atividade do revisor, que precisa destacar pontos que provoquem a reescrita do autor, quanto na relação entre ambos, que buscam um melhor acabamento do texto: “Tudo bem como você disse, há partes em que eu só prometo questões que não desenvolvo”. Além disso, percebemos nesses enunciados características da linguagem *como* trabalho sendo reveladas, a qual é constitutiva do fazer e dá pistas da voz do revisor na versão final do texto revisado, já que o ator da atividade provoca a autora da tese às reelaborações de partes do texto que precisam de melhor finalização.

Tal debate de valores presente no desenvolvimento do trabalho aponta ainda para os movimentos de aproximação (empatia) e distanciamento (exotopia) da atividade de revisão. Com relação ao movimento de aproximação, percebemos que a revisora – para dizer em que pontos o texto necessita ser repensado e como as lacunas deixadas podem ser melhor preenchidas – volta-se de maneira empática à autora, a fim de ajudá-la a reorganizar a escrita colaborativamente, o que desperta na autora a confiança no trabalho desenvolvido pelo revisor: “Não me imagino mais escrevendo sem a sua leitura” (Autora). Já o movimento de distanciamento é percebido pela postura de leitora crítica da revisora quanto à produção textual, pois, somente vislumbrando a escrita de modo exotópico, é possível perceber as promessas não cumpridas no decorrer do trabalho, o que se reflete no enunciado da autora da tese: “[...] há partes em que eu só prometo questões que não desenvolvo”.



*pode falar também! Sabe que não vivo mais sem a sua opinião na minha escrita, heheheh [Autora].*

E-mail 2:

*Oi [Revisora], me perdoe, mas minha orientadora fez mais algumas mudanças na minha tese. Ela agora resolveu ler, aff, quase dispensei ela e coloquei seu nome no trabalho, afinal, você fez muito mais nesse pouco tempo de contato, heheheh. Porém, para não brigar, segue a versão com as observações da “orientadora” para você me ajudar a atender. Me desculpe pela confusão nos arquivos.*

*Beijos, [Autora].*

E-mail 3:

*Olá, [Nome]. Envio o último arquivo revisado, junto à inserção de minhas sugestões. Peço, conforme combinamos, para que sempre leias atentamente todos os meus comentários, bem como as marcações em vermelho, para que fiques ciente de cada intervenção minha e digas se aprova ou não, certo? Conforme verás, adianto-te que foram pouquíssimas observações, penso que conseguiste finalizar teu trabalho de forma muito natural e objetiva, retomando os pontos principais da pesquisa e deixando questões para trabalhos futuros. Acredito que podes começar a comemorar, pois, em breve, serás a mais nova Doutora deste país!*

*Foi muito prazeroso compartilhar essa experiência e esse momento contigo. Obrigada pela confiança e pelo belo trabalho que realizamos juntas, mesmo em tão pouco tempo, hehe!*

*Beijos e uma ótima defesa. Ps.: depois, me escreve, dando notícias de como foi, tá? [Revisora].*

E-mail 4:

*[Vocativo no diminutivo para referir-se à revisora], deu tudo certooooo,*

*Defendiiiiii!!!! Sou doutoraaaaa, mulher!!!! Fui bastante elogiada pela banca, ninguém reclamou da redação, ao contrário, elogiaram a transformação e evolução do texto desde a época da qualificação. Passei com 9,5, graças a você! Obrigadaaaaaaaaaa por tudo.*

*Olha só, tenho uma amiga que está desesperada por uma revisora para sua dissertação. Ela me disse que o trabalho tem 160 páginas - com muitas tabelas etc. A área dela é matemática e ela tem um prazo menor do que eu tinha para entregar (socorro!). Comentei que você faz mágica e ela vai entrar em contato ainda hoje com você, certo?*

*[Nome da Revisora], você é uma fofa! Foi ótimo trabalhar com você. Beijos e até uma próxima! [Autora].*

E-mail 5:

*Oi, DOUTORAAAA! Hehehe*

*Fiquei muito feliz pelo resultado da nossa parceria. A profissão de um revisor de textos não é nada valorizada e, quando reconhecida, nos faz acreditar que todo o sacrifício e esforço valem muito a pena. Agradeço mais ainda pela indicação do meu trabalho para tua amiga. Ela inclusive já me mandou e-mail e, por causa do tempo tão apertado (dez dias) de que dispõe, talvez, neste momento, tenhamos de optar por uma revisão gramatical apenas.*

*Beijos. [Revisora].*

Os últimos enunciados trocados entre a revisora e a doutoranda em foco ratificam os acentos valorativos que emergiram durante o processo de revisão textual, isto é, eles destacam a relação colaborativa que se desenvolveu entre os dois sujeitos em análise durante a



concretização do trabalho. Tal relação dá pistas discursivas de um texto acadêmico que é efeito de duas posições autorais e que vai se constituindo nessa coparticipação, já que o revisor é esse “outro que vai tecendo, no fio do texto do autor, certos sentidos e, embora não imponha ao autor um texto que não é o seu, interfere discursivamente na sua tessitura” (SALGADO, 2007, p. 16).

Conforme destacamos, também em nossa reflexão teórica, na concepção de Bakhtin ([1979] 2011, p. 192), “[...] o autor é para o leitor o conjunto dos princípios criados que devem ser realizados, a unidade dos elementos transgredientes da visão, que podem ser ativamente vinculados à personagem e ao seu mundo”. Independente de estar se referindo ao processo de criação literária nessa passagem, a teoria dialógica do discurso postulada pelo Círculo deixa, portanto, subsídios para compreender que o autor não está em partes isoladas de uma obra, mas, sim, no todo de seu conteúdo. Nesse sentido, quando observamos os enunciados da doutoranda à revisora (transcritos a seguir), podemos afirmar que há uma autoria no texto final da tese revisada que é constituída por esses dois participantes da enunciação, doutoranda e revisora: “Gostaria que você desse palpites, como fez sabiamente nas outras correções” (e-mail 1); “[...] não vivo mais sem a sua opinião na minha escrita” (e-mail 1); “Você fez muito mais nesse pouco tempo de contato” (e-mail 2); “[envio as sugestões] para você me ajudar a atender...” (e-mail 2); “Passei com 9,5, graças a você” (e-mail 5); e “Você faz mágica” (e-mail 5). Além desses exemplos, cabe chamar a atenção também para o signo ideológico “terminei”, colocado entre aspas pela autora da tese na primeira correspondência eletrônica dessa série de e-mails, pois a demarcação linguística das aspas indica que esse término do texto é parcial, porque a autora conta com a atividade da profissional para finalizar seu trabalho, assim, na medida em que o trabalho vai se desenvolvendo, a revisora acaba se tornando a leitora presumida pela doutoranda, o que corrobora com a nossa tese de que o texto acadêmico que passa pelo processo de revisão é, de certo modo, coproduzido entre o autor e o revisor a partir do imbricamento das vozes de ambos na tessitura final da produção escrita.

Em pesquisas de filiação enunciativo-discursiva, como esta, sabemos da importância de considerar também o papel ímpar que a linguagem desenvolve sobretudo em situações laborais, afinal, “[...] a competência e os saberes dos sujeitos no trabalho são incorporados simultaneamente às maneiras de dizer e às maneiras de agir orientadas a um objetivo comum” (FAÏTA, 2002, p. 50). Então, se observamos a natureza da linguagem estabelecida entre as interlocutoras em foco, em que é possível contemplar situações de linguagem *sobre o e no* trabalho, percebemos a edificação de relações de confiança, confissão e intimidade que vão se

desenvolvendo entre dois sujeitos que não se conhecem fisicamente, mas que compartilham valores de afeto e comunhão profissional, como nos mostram, por exemplo, os enunciados: “Revisora maravilhosa” (autora da tese); “Ela [a orientadora] agora resolveu ler, aff, quase dispensei ela e coloquei seu nome no trabalho” (autora da tese); “Acredito que podes começar a comemorar, pois, em breve, serás a mais nova Doutora deste país” (Revisora); e “Foi muito prazeroso compartilhar essa experiência e esse momento contigo” (Revisora). Os signos ideológicos *Maravilhosa* e *fofa*, a confissão sobre a relação tensa com a orientadora do trabalho, os créditos à qualidade textual emitidos à revisora pela doutoranda – assim como os signos *prazeroso*, *confiança* e *DOUTORAAAA*, pronunciados pela revisora – refratam tons axiológicos de uma intimidade que é supostamente impossível entre pessoas que não se conhecem e têm pouco tempo de contato, o que mostra que essa afetividade é advinda e se justifica por meio do nível de satisfação com o trabalho realizado.

Cabe, também, chamar a atenção do leitor para a maneira como o revisor orchestra os movimentos de aproximação empática à autora da tese e de distanciamento exotópico entre elas. Quanto à empatia, podemos observá-la em vários momentos do diálogo, principalmente naqueles em que destaca o contentamento pela parceria entre as protagonistas da interação, a avaliação positiva do texto, a parabenização pelo título que a doutoranda ganhará, os agradecimentos pela oportunidade do trabalho, etc. Esses enunciados revelam afinidade/proximidade entre as participantes da enunciação, como se ocupassem um mesmo espaço simbólico no desenvolvimento da escrita compartilhada, isto é, de modo empático, pelos discursos emitidos, elas se aproximam em elogios e observações que sustentam a relação positiva que se concretiza. Contudo, percebemos momentos em que a revisora distancia-se exotopicamente da autora da tese e demarca as suas especificidades nessa relação. Como exemplos dessa consideração, mencionamos dois enunciados: 1) “[...] leias atentamente todos os meus comentários, bem como as marcações em vermelho, para que fiques ciente de cada intervenção minha e digas se a aprova ou não, certo” e 2) “A profissão de um revisor de textos não é nada valorizada e, quando reconhecida, nos faz acreditar que todo o sacrifício e esforço valem muito a pena”. No primeiro caso, vemos que a revisora faz questão de retomar o distanciamento entre as duas e o valor que a palavra da autora tem na realização do trabalho, já que lhe cabe avaliar cada intervenção na escrita e tomar a decisão sobre o acordo ou desacordo com as observações feitas no texto. No segundo enunciado recortado, o afastamento entre as duas fica ainda mais marcado, posto que a revisora se vale da sua especificidade profissional para resgatar vozes sociais que mostram a desvalorização do revisor para a sociedade e quanto o reconhecimento de seu trabalho é significativo: “A

profissão de um revisor de textos não é nada valorizada e, quando reconhecida, nos faz acreditar que todo o sacrifício e esforço valem muito a pena”.

Esses enunciados mostram que o jogo entre aproximações empáticas e distanciamentos exotópicos ocorre durante todo o trabalho do revisor de textos, demarcando, neste caso específico, as interações entre as duas pessoas analisadas não só no começo da atividade (conforme analisamos em outro recorte desta tese), mas até a finalização do trabalho. Tais movimentos de empatia e exotopia são, inclusive, muito sutis às vezes, dada a sua íntima inter-relação, o que pode passar despercebido pelo analista da linguagem. Se observarmos novamente o primeiro exemplo citado – “[...] leias atentamente todos os meus comentários, bem como as marcações em vermelho, para que fiques ciente de cada intervenção minha e digas se a aprova ou não, certo” –, vemos que, tão logo se distancia da autora para pedir a sua avaliação sobre o trabalho realizado, a revisora volta e aproxima-se imediatamente da doutoranda, o que parece uma estratégia discursiva para prepará-la ao que encontrará na escrita e, inclusive, para levá-la ao aceite das observações e sugestões feitas pela revisora: “Conforme verás, adianto-te que foram pouquíssimas observações, penso que conseguiste finalizar teu trabalho de forma muito natural e objetiva, retomando os pontos principais da pesquisa e deixando questões para trabalhos futuros”.

Nesta pesquisa, enfatizamos ainda a relevância do desenvolvimento de um olhar sociológico para a linguagem e o trabalho, o que ensina que, em qualquer produto ideológico, objeto da comunicação, “são importantes não aqueles estados individuais do psiquismo subjetivo, tomados por si só que ela desperta, mas as relações sociais, a interação de muitas pessoas que ela proporciona” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 53). Nesse sentido, quando direcionamos nosso olhar às relações construídas entre a autora e a revisora da tese, vemos que há um esforço em manter esse relacionamento, mesmo depois do trabalho concretizado, o enunciado transcrito a seguir dá pistas de que a atividade não se finaliza com a revisão: “[...] depois, me escreve, dando notícias de como foi, tá?” (Revisora). Esse interesse pode estar ligado ao fato de a revisora buscar saber dos discursos que emergem quanto ao seu trabalho, isto é, de querer saber posicionamentos dos leitores da tese (membros da banca) quanto ao texto entregue, já que, como sabemos, embora toda a atividade tenha a sua parcela de invisibilidade, no caso da revisão de textos, essa parcela parece ainda maior, pois, além da autora e, talvez, da orientadora da pesquisa, que sabem do trabalho de revisão feito na tese, mais ninguém o conhece, o que justifica esse interesse da profissional em manter o contato e saber a respeito das demais opiniões sobre o seu trabalho, mesmo que de modo indireto.

A autora, por sua vez, também mantém a relação com a revisora ao indicá-la a uma amiga: “[...] tenho uma amiga que está desesperada por uma revisora para sua dissertação”. Tal indicação da atividade parece ter um valor ainda maior, já que, como discutimos em nossa pesquisa, trata-se de um fazer pouco conhecido formalmente e, na maioria dos casos, não institucionalizado, logo, a garantia do revisor na conquista de novos clientes assim como o acesso à “avaliação” de seu trabalho ocorrem somente por meio do “boca a boca”, relação informal que tem grande valor para a atividade, conforme demonstra o enunciado: “Agradeço mais ainda pela indicação do meu trabalho para tua amiga” (Revisora).

Nos enunciados transcritos nessa última interação entre a autora e a revisora ora analisadas, destacamos, por fim, aspectos que permitem tratar da presença e da relevância discursiva da voz do profissional responsável pela revisão de textos na versão final de teses revisadas, afinal, se resgataremos o primeiro contato desses dois sujeitos, lembraremos do que a doutoranda afirmou quanto à sua produção textual: “Estou desesperada, pois a banca afirmou que tenho tese, mas criticou muito a redação”, mas, depois, ela diz: “Fui bastante elogiada pela banca, ninguém reclamou da redação, ao contrário, elogiaram a transformação e evolução do texto desde a época da qualificação. Passei com 9,5, graças a você”. Colocados em relação dialógica, esses dizeres deixam em relevo que há, no texto final, uma participação ativa do revisor, a qual, embora velada materialmente, já que tende ao desaparecimento dado ao imbricamento entre a *palavra própria* do profissional com a *palavra alheia* da doutoranda, somada ao fato não de que há um espaço na própria escrita para expor essa atividade, tem sua importância na qualificação da escrita, posto que o revisor, como dissemos, na tessitura dos discursos que vão se (re)construindo nesse processo de interação, ocupa um lugar de entremeio, atuando como um leitor crítico, capaz de observar o todo do projeto de dizer, e como um coautor que busca novas possibilidades de melhor finalização da escrita.

Após essa primeira análise entre uma revisora e a autora da tese revisada, na próxima seção, apresentamos o segundo diálogo que compõe nossa pesquisa, no qual outra revisora e outra doutoranda dialogam sobre o fazer que está sendo contratado.

#### **4.1.2 “É só uma olhadinha”: axiologias e tensão em discurso**

Para esta segunda análise dos e-mails em foco, selecionamos o recorte de um diálogo entre uma segunda autora de uma tese a ser revisada e outra revisora, que fazem parte desta investigação. Compreendemos que observar a relação entre diferentes sujeitos possibilita uma visão mais ampla do trabalho do revisor de textos, pois, conforme já destacamos, essa seleção

permite contemplar distintas maneiras de compreender e de lidar com um “mesmo” fazer. Ainda que saibamos que não há enunciação igual ou sujeitos que sejam sempre os mesmos, mesmo assim, contar com mais de um modo de compreender e de lidar com o fazer da revisão de textos acadêmicos possibilita uma visão mais plural do processo de trabalho em foco e tende a potencializar o trabalho de investigação científica.

Assim, nesta segunda análise desenvolvida, cabe destacar que a autora da tese que solicita o trabalho tem graduação na área de licenciatura em Ciências, mestrado e doutorado em Educação em Ciências; já a revisora tem graduação em Letras e mestrado em Linguística Aplicada. Na interação em foco, as interlocutoras discutem o conceito da atividade que está sendo solicitada. Esse material permite refletir sobre as vozes sociais às quais os seus discursos se filiam assim como observar reflexos e refrações de sentidos que constituem o (in)tenso processo dialógico em que a atividade de revisão de textos se insere. Assim, apresentamos os e-mails enviados – primeiramente, pela autora da tese e, na sequência, a resposta da revisora –, seguidos pela análise do material. Depois, no final da seção, estão os e-mails que tratam do desenvolvimento do trabalho e da sua conclusão.

- **Apresentação/Solicitação da Atividade**

*Olá [Revisora],*

*Me chamo [Nome], estou na fase final da escrita da minha tese e você me foi me foi muito bem recomendada para fazer a revisão do trabalho. Algumas partes da minha pesquisa são constituídas de artigos que já passaram pela revisão linguística realizada por [nome de outra revisora]. No entanto, eu desmembrei e misturei tudo (hehe). A tese terá no máximo 130 páginas, espaçamento 1,5 e letra arial tamanho 12. Tem várias tabelas, figuras e gráficos, mas acredito que a parte da revisão será necessário só uma olhadinha, porque, como falei, já foi revisado uma parte. Tenho até o dia [x] para entregar a tese no Programa. Já no início da próxima semana terei dois capítulos [nome dos capítulos] para te repassar (70 páginas somando os dois). E na outra semana te entregaria o resto. Tens como fazer a revisão e me entregar até o dia [data]? Pode ser devolvido em partes como eu estarei te enviando. Sei que está muito apertado e não é a melhor maneira de fazer, mas sou brasileira!!! Fica tudo pra última hora. Tens como fazer a revisão linguística? Diz que sim!!! Aguardo, [Autora].*

- **Apresentação/Compreensão da Atividade**

*Olá [Nome], tudo bem? Na verdade, conforme disseste, o prazo realmente é bastante curto, mas eu compreendo a correria e imagino o sufoco desta etapa de entrega da Tese! Sendo assim, penso que podemos tentar, hehe. No entanto, antes de qualquer coisa, preciso te dizer como compreendo a revisão e justificar o porquê nunca se trata apenas de “só uma olhadinha”, hehe, afinal, mesmo parte do texto já sendo revisada, primeiramente, não sei como essa revisão ocorreu e, em segundo lugar, deves saber que, em forma de artigo, a tua escrita tinha uma identidade e, agora, em forma de tese, certamente terá outra. Preciso*

*averiguar a organização geral do texto, ver se as partes estão coesas e coerentes, se estão devidamente amarradas etc. Isso, no entanto, demanda tempo, até porque eu faço esse trabalho, mas não modifico os textos, sem antes conversar com os autores dos trabalhos e dar sugestões de reescrita. Para mim, a revisão tem de ser um trabalho cooperativo, construído através do diálogo intenso entre autor e revisor. Por isso, [Nome], gosto de deixar clara a minha metodologia, pois acredito que esta é a melhor maneira de fazer revisão de textos. Quanto ao teu texto, penso que, embora seja bastante detalhista no trabalho, vou procurar colocar o mínimo de questões possível, a fim de que, quando retornares a leitura, ela possa ser mais dinâmica. O que achas? Meu preço por página é [preço]. Tudo bem? Aguardo teu contato. Beijos e muita força neste finalzinho [Revisora].*

Na perspectiva bakhtiniana, sabemos que a valoração dá o tom à palavra, à linguagem, revelando a apreensão axiológica sob o mundo. Se observarmos, no recorte da enunciação transcrito, mais especificamente os enunciados: “acredito que a parte da revisão será necessário só uma olhadinha” (Autora) e “nunca se trata apenas de só uma olhadinha” (Revisora), colocados em relação dialógica, percebemos a tensão entre eles, materializada principalmente nas diferentes refrações que o signo ideológico *olhadinha* admite para cada um dos locutores. Para a autora da tese, considerando que o texto passou por outro revisor, basta uma passada com os olhos (*uma olhadinha*) pelo segundo profissional, para se certificar de que não há problemas de linguagem na escrita, a qual poderá ser encaminhada à banca avaliadora para a defesa do trabalho. De outro modo, para a revisora contatada, o signo *olhadinha* parece refratar uma concepção estrutural de linguagem e, conseqüentemente, uma ação que diminui a importância e a profundidade da atividade profissional solicitada. Logo, para esclarecê-la, torna-se preciso, então, que a profissional discorra sobre o que significa a revisão de textos em sua opinião, tal como o faz no decorrer de sua resposta, e é nesse sentido que compreendemos a quais vozes se filia o seu discurso, podendo aproximá-lo daquelas que compartilham de uma concepção de linguagem contemplada nos pressupostos bakhtinianos: um objeto não transparente, interindividual e dotado de componentes que vão além da exclusiva forma linguística, ou seja, um objeto opaco, construído de maneira intersubjetiva por meio de signos ideológicos.

A Ergologia, ao evidenciar que a atividade é um constante debate de normas (SCHWARTZ, 2006, 2010, 2016), também permite discorrer sobre o conflito de valores intrínseco à compreensão de toda atividade de trabalho. Isso pode ser apreendido dos enunciados da revisora em foco, quando define o seu fazer a partir das normas antecedentes, isto é, daquelas que advêm do seu conhecimento constituído pelo saber teórico quanto ao trabalho com a linguagem: “Preciso averiguar a organização geral do texto, ver se as partes estão coesas e coerentes, se estão devidamente amarradas etc.” (Revisora), mas se mostra

aberta à renormalização desse fazer, conforme podemos observar no enunciado: “Quanto ao teu texto, penso que, embora seja bastante detalhista no trabalho, vou procurar colocar o mínimo de questões possível [...]” (Revisora). Assim, para o desenvolvimento do trabalho, vemos que a profissional recorre aos saberes constituídos pelo patrimônio cultural das disciplinas do banco acadêmico, as quais dão conta dos elementos de textualidade, como a coesão e coerência, mas também conta com os saberes investidos na sua atividade profissional, o que lhe mostra a importância de se adequar aos prazos disponibilizados pelos clientes que a procuram. Lançar mão desses dois saberes é de extrema importância para uma boa realização do trabalho, conforme ensina a perspectiva ergológica, caso contrário, isto é, se a trabalhadora apenas contasse com o conhecimento teórico para realizar a revisão, tomaríamos o ator da atividade como similar a uma máquina que opera apenas com o trabalho prescrito pelas normas antecedentes e, como tal, alguém que nunca está disposto a rever as normas, mesmo que isso signifique romper um possível contrato de trabalho com a solicitante da atividade.

Compreendemos, também, ao encontro dos pressupostos bakhtinianos em que se ancora esta pesquisa, que nenhum discurso é neutro e ocorre independente de um projeto de dizer maior, ao qual estão relacionados os objetivos dos locutores. Nesse recorte analisado, por exemplo, podemos observar as vontades discursivas dos indivíduos em foco, as quais, embora diferentes, são complementares. Da parte da autora, temos um projeto de dizer que se constrói no intuito de convencer a profissional a fazer a revisão em seu texto, a partir da argumentação de que, apesar do pouco tempo, não será algo complexo e demorado; por parte da revisora, vemos uma vontade discursiva voltada ao convencimento de uma perspectiva particular de trabalho com a linguagem e de fazer com que a doutoranda compreenda a atividade de trabalho com revisão textual caracterizada por certa complexidade, que exige do trabalhador relativa necessidade de tempo.

Aliás, quanto à importância do tempo, podemos dizer que essa questão é bastante complexa e está no âmago da atividade desenvolvida. De um lado, quando se trata do mundo acadêmico, conhecemos a importância do cumprimento dos prazos, principalmente nas entregas e defesas de trabalhos de conclusão de ciclos, como é o caso de uma tese, assim, o tempo é um dos principais componentes dessa fase e um dos maiores problemas da doutoranda em foco. Por outro lado, quando se trata de conceber a revisão textual como uma atividade que toma a linguagem e o texto como processos, e não apenas como produto, sabemos também que o tempo é um elemento essencial, afinal, a revisora precisa de tempo para dialogar com a autora da tese e para que a escrita possa ir se constituindo no vaivém

discursivo entre elas. Todavia, mesmo diante dessas considerações e da complexidade envolta na questão do tempo, os enunciados da revisora revelam que ela está disposta a se readequar à situação apresentada e a se colocar no lugar do outro, com vistas a compreender o problema pelo qual a doutoranda está passando. Essas questões permitem entender o quão essenciais e constitutivos da atividade de revisão são os movimentos de aproximação e distanciamentos, os quais, inclusive, vão equilibrando as renormalizações exigidas pela atividade com vistas a buscar soluções aos percalços e às problemáticas que emergem no desenrolar do fazer.

Continuando a análise dos dizeres em foco, se retomarmos a importância da entonação para a enunciação, lembraremos do que afirma Volochínov ([1926] 2011, p. 160), quando diz que o tom “é, sobretudo, sensível para com qualquer oscilação da atmosfera social em torno do falante”. Partindo dessa consideração, ao observarmos os seguintes enunciados da autora da tese, quando entra em contato para solicitar a revisão em seu texto: “[...] você me foi me foi muito bem recomendada para fazer a revisão do trabalho” e “Tens como fazer a revisão linguística? Diz que sim!!!”, podemos perceber nesses enunciados um tom bastante amistoso por parte do autor em relação ao revisor, o que mostra certo reconhecimento da qualidade característica do profissional solicitado, ao dizer que os discursos a seu respeito são de boa recomendação e insistir de maneira eufórica para que a revisora aceite trabalhar na sua tese: “Diz que sim!!!”.

Portanto, ao resgatar vozes que pressupõem uma avaliação positiva da revisora contatada, a doutoranda busca criar uma atmosfera amigável com a profissional solicitada, o que pode se tratar também de uma estratégia discursiva que procura o apoio da revisora e, em consequência, o aceite da proposta de trabalho. Além disso, ao iniciar o contato profissional a partir de um tom amistoso, a tendência é a de que essas duas pessoas estabeleçam uma relação de confiabilidade e se sintam à vontade para que, embora discordem, possam expor os seus posicionamentos distintos em um tom respeitoso, tal como acontece quando elas discutem o signo ideológico “olhadinha”, analisado anteriormente. Essas considerações ratificam a relevância de se observar os acentos emotivo-volitivos envoltos nos enunciados e o quanto eles influenciam no processo de instauração dos sentidos na e pela linguagem.

Para dar prosseguimento à análise dialógica dos enunciados em foco, cabe retomar também o início do terceiro capítulo desta tese, quando trouxemos uma reflexão sobre estudos que tiveram a atividade de revisão de textos acadêmicos como objeto de pesquisa e mencionamos a tese de Oliveira (2007). A autora afirma que, em uma perspectiva tradicional, grande parte das pessoas compreende a atividade do revisor como algo que deve ocorrer apenas ao final de toda a escrita de um texto, isto é, não como uma atividade recursiva,



construída em concomitância com o desenvolvimento do trabalho, mas, sim, como a última etapa.

Na interação ora analisada, vemos que tal concepção de revisão como passo final antes da defesa do trabalho se mantém, no entanto, isso traz um problema que está intimamente relacionado à falta de tempo para a realização do trabalho de revisão, o que pode ser verificado nos enunciados da autora da tese: “Sei que está muito apertado e não é a melhor maneira de fazer, mas sou brasileira!!! Fica tudo pra última hora”. Contudo, embora a doutoranda reconheça a falta de tempo hábil e diga que isso é prejudicial ao desenvolvimento da atividade, ainda assim, ela recorre a discursos presentes em nossa memória – os quais dizem que o atraso é característico da identidade do brasileiro – e sugere que arrumar uma maneira de solucionar problemas em última hora, mesmo estando com pouco tempo, também é típico de nossa nacionalidade e seria uma alternativa viável para resolver o problema. Dessa maneira, buscando amenizar o fato de estar atrasada com o envio do trabalho para a revisão, a autora procura compartilhar a sua “culpa”, ao dividi-la com vozes que resgatam discursos culturais, como uma estratégia discursiva para ter o aceite da profissional com quem entra em contato.

Nesta tese, tratamos a respeito da multiplicidade de discursos existentes em torno da definição do que cabe ao trabalho de um revisor de textos e vimos que há, inclusive, uma compreensão geral da atividade de revisão como uma tarefa mecânica, que trata apenas dos ajustes gramaticais e estruturais da escrita. Pensando nessas opiniões, vemos que a postura da revisora em foco vai de encontro a essa compreensão tradicional da revisão de textos, já que, nesse viés, a revisão é tomada como uma última etapa da escrita, sendo responsável apenas por corrigir e devolver a produção textual “limpa” de todo e qualquer problema. Porém, ao tratarmos de uma concepção ideológica da linguagem e sociológica do trabalho, percebemos que essas considerações que tomam o fazer do revisor como algo automático são incoerentes com a percepção do profissional ora analisado, uma vez que esse revisor destaca a sua atividade como um fazer complexo e enigmático, que demanda diálogo com o autor do texto e tempo de maturação da escrita, afinal, como destaca, “acredito que esta é a melhor maneira de fazer revisão de textos” (Revisora). Isso está em comunhão com o pensamento do Círculo, afinal, “a língua enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra nunca é única” (BAKHTIN, [1963] 2015, p. 96), ela só pode ser tomada nessa unicidade “como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva”. Os enunciados em análise, sob responsabilidade do revisor, também exemplificam uma postura

de trabalho com a linguagem tomada como objeto não transparente e, em consequência, de uma atividade de revisão como um fazer essencialmente dialógico e construído na colaboração com o autor do texto: “[...] eu faço esse trabalho, mas não modifico os textos, sem antes conversar com os autores dos trabalhos e dar sugestões de reescrita. Para mim, a revisão tem de ser um trabalho cooperativo, construído através do diálogo intenso entre autor e revisor” (Revisora).

Quando se trata de uma análise em perspectiva dialógica da linguagem, cabe destacar uma metáfora utilizada por Bakhtin ([1979] 2011), ao discorrer a respeito dos conceitos de empatia e exotopia por meio da metáfora da flor. O autor russo diz que “o excedente de visão é o broto que repousa a forma e de onde ele desabrocha” e afirma ainda que, para que tal broto possa efetivamente desabrochar em linda flor, “urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 23). Ao observarmos características da atividade de revisão de textos a partir do diálogo nos e-mails em foco, percebemos a recorrência desses movimentos desde o início do retorno da revisora ao e-mail da autora, isto é, a profissional começa a sua escrita demarcando seu espaço exotópico e, em tal condição, enfatiza o primeiro problema com o qual terão de lidar: o curto prazo disponibilizado pela autora para o trabalho, como podemos ver por meio do enunciado: “Na verdade, conforme disseste, o prazo realmente é bastante curto” (Revisora). No entanto, tão logo o enunciado é concretizado, a revisora volta-se empaticamente à autora, solidariza-se com o momento agitado que o final de uma tese pressupõe e aceita fazer o trabalho: “[...] mas eu compreendo a correria e imagino o sufoco desta etapa de entrega da Tese! Sendo assim, penso que podemos tentar, hehe” (Revisora).

Outra consideração que chama a atenção nos enunciados da revisora, ao responder o e-mail da doutoranda, está relacionada à importância da compreensão de gêneros do discurso para tratar das especificidades de um projeto de dizer e para entender que cada gênero, embora com relativa estabilidade, contempla propósitos comunicativos e organizacionais próprios, não podendo a singularidade do gênero ser ignorada. Portanto, quando a autora da tese afirma que seu trabalho fazia parte de um artigo já revisado e que, por isso, talvez não exigisse muito da nova revisão, vemos que ela desconhece a importância da particularidade dos gêneros, os quais contêm diferentes maneiras de organização arquitetônica e composicional, unidades temáticas assim como diferenças significativas em seus estilos. Logo, mesmo que se trate de um “mesmo” texto, compondo gêneros distintos – nos casos mencionados, um artigo e uma tese –, essa singularidade tem de ser considerada na

reorganização do projeto de dizer da locutora, e a revisora tem de estar atenta a essas modificações.

Nesse sentido, situa-se a resposta da profissional, explicando o equívoco da autora, ao trazer os seguintes enunciados: “[...] mesmo parte do texto já sendo revisada, primeiramente, não sei como essa revisão ocorreu e, em segundo lugar, deves saber que, em forma de artigo, a tua escrita tinha uma identidade e, agora, em forma de tese, certamente terá outra” (Revisora). Isso permite compreender a relevância de tratar das especificidades dos gêneros e de perceber que eles são fundamentais para a edificação dos projetos enunciativos do locutor em dada situação comunicativa. Nos enunciados analisados, vemos, ainda, a questão da pluralidade, que é característica marcante na atividade de revisão de textos, conforme apresenta o enunciado: “[...] mesmo parte do texto já sendo revisada, primeiramente, não sei como essa revisão ocorreu [...]” (Revisora), ou seja, a profissional conhece a diversidade de modos de realizar uma revisão de textos e fica em dúvida sobre qual delas foi realizada na produção escrita da autora, o que lhe mostra a necessidade, então, de buscar saber por qual revisão o texto passou assim como de explicitar à pessoa contratante em quais normas são baseadas o seu fazer.

Até o presente momento, discutimos sobre o fato de que os pressupostos ergológicos mostram o quanto a atividade de trabalho é constituída pelo constante debate de normas que exige do trabalhador a reorganização das dramáticas do uso de si a fim de melhor se adequar às necessidades da atividade, para, então, conseguir vencer o trabalho que ele precisa desenvolver. Segundo Schwartz (2014, p. 265), nossa vida é uma “sequência de debate de normas, exigidos pela configuração das normas antecedentes, de um lado, e impossível e invivível, do outro, que desembocam na série de resultantes que denominamos renormalizações”. Se analisarmos os enunciados da revisora em retorno à autora do texto, podemos perceber esse debate de normas e a maneira como a profissional se propõe a renormalizar a atividade para atender à demanda da autora da tese com o pouco prazo de que dispõe. Isso pode ser percebido, por exemplo, no enunciado: “Preciso averiguar a organização geral do texto, ver se as partes estão coesas e coerentes, se estão devidamente amarradas etc. Isso, no entanto, demanda tempo” (Revisora), ou seja, a profissional explicita as normas que antecedem a sua atividade, mas também se propõe a renormalizar a tarefa para vencer o prazo disponível, tal como mostra o enunciado: “Quanto ao teu texto, penso que, embora seja bastante detalhista no trabalho, vou procurar colocar o mínimo de questões possível, a fim de que, quando retornares a leitura, ela possa ser mais dinâmica” (Revisora).

Conforme discorremos no referencial teórico desta tese, segundo Nouroudine (2002), a linguagem é o dispositivo revelador do trabalho, pois é por meio dela que percebemos as pistas discursivas a respeito da atividade realizada e, embora sempre conte com certa parte invisível e indizível, muito pode ser desvelada a partir da linguagem. Assim, ao considerar a divisão metodológica proposta pelo autor, é possível observar a particularidade da profissão de um revisor de textos, que lida com a *linguagem como trabalho* a todo instante, tendo em vista que é o seu objeto de exercício profissional, mas que precisa ser proficiente também na utilização da *linguagem sobre o trabalho*, afinal, é ela a responsável pela argumentação com o contratante, a que define (ou não) o desenvolvimento da atividade. Nesse sentido, podemos observar nos enunciados da revisora essa constante presença da *linguagem sobre o trabalho*, que busca explicitar ao autor da tese os princípios organizacionais da atividade do revisor de textos, mostrando-lhe em que pontos se ancora o fazer, como podemos ver, por exemplo, nos enunciados: “Preciso averiguar a organização geral do texto, ver se as partes estão coesas e coerentes, se estão devidamente amarradas etc.” e “[...] não modifico os textos, sem antes conversar com os autores dos trabalhos e dar sugestões de reescrita” (Revisora). Esses excertos ratificam a importância da *linguagem sobre o trabalho*, principalmente nesses primeiros contatos entre autor e revisor.

A análise dos dados apresentada evidencia alguns dos diversos aspectos que podem ser considerados quando se colocam em diálogo perspectivas socioideológicas da linguagem e do trabalho, isto é, pressupostos que permitem vislumbrar a riqueza envolta na constituição de sentidos na linguagem. Essas múltiplas axiologias revelam a pluralidade de vozes que alimentam o (in)tenso processo dialógico dos discursos, mostrando que “a língua não existe por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 160).

Na sequência, passamos à análise da segunda interação que compõe nosso material, isto é, quando a profissional e a doutoranda em foco discutem o desenvolvimento da atividade de trabalho contratada. Essa troca interlocutiva contempla quatro e-mails.

- **Desenvolvimento da Atividade**

E-mail 1:

*Oi, [Nome]. Tudo bem?*

*Envio, em anexo, os capítulos 2 e 3. Estou tão chateada por não ter conseguido te escrever antes... Peço desculpas, mas, além de ter ficado sem internet no final de semana, o trabalho na universidade tem me exigido demais. Ontem não consegui parar sequer pra te mandar o e-mail com o anexo, o que faço agora. Encaminho, então, o capítulo da metodologia, junto de*

*meus comentários e minhas sugestões para que possa apreciá-los, ok? [Nome], fique muito à vontade para discutirmos as minhas inserções em teu texto, para discordar dos meus apontamentos e, se quiseres, até para brigar comigo, se eu merecer, hehe. Sei o quanto as questões de escrita são delicadas, então, algumas vezes, até mesmo por questões de embasamentos teóricos específicos, nós revisores também cometemos umas gafes na escrita de nossos comentários... Eu costumo brincar com os autores dos trabalhos que reviso, pedindo que eles não liguem se eu der "pitaco errado", hehehe. Bem, sintá-se à vontade para conversarmos, ok? Outra coisa que quero te dizer é que usei a ferramenta "controlador de alterações", a fim de que possas verificar todas as minhas intervenções no arquivo, certo? Quanto às questões de espaçamento e configuração de página, queria te falar que as verificarei no final, quando tiver o arquivo único, pois, agora, não adianta ficar mexendo nisso, já que, na hora de montar o arquivo final, as configurações acabam mudando, ok? Qualquer coisa, me escreve, tah? Prometo-te que não demorarei no retorno, como aconteceu desta vez. Se quiseres me mandar o arquivo grande, eu trabalharei nele no final de semana e, na segunda-feira, se der, já te envio.*

*Beijos e bom trabalho,  
[Revisora].*

E-mail 2:

*[Revisora],*

*Nossa, quando abri os arquivos, confesso que levei um susto, porque era tanta observação para ler e tanta pergunta que fiquei apavorada pensando se foi bom mandar para a revisão ou não. Marquei com a minha orientadora um encontro amanhã para mostrar o que você escreveu e ver com ela os próximos passos até porque meu prazo é curto e tem muitas coisas para ver ainda. Peço que você aguarde meu contato amanhã de noite para ver o que faremos daqui pra frente. [Autora].*

E-mail 3:

*Prezada [Nome],*

*Não tenho certeza, mas, pelo e-mail que me mandaste mais cedo, parece que ficaste chateada com o trabalho realizado por mim em teu texto. No entanto, quero ratificar o que conversamos desde o primeiro e-mail trocado: a minha revisão é linguística e não uma passada de olhos em questões estritamente gramaticais, até porque, se fizesse somente isso, tenho absoluta certeza, depois da defesa, você certamente reclamaria da revisão a partir dos comentários da banca sobre o texto como um todo, principalmente em suas questões semânticas. Como te disse, [Nome], observo o todo da escrita, se as partes estão coesas, se as seções estão bem organizadas, se os objetivos de cada capítulo são cumpridos etc. Claro, devo dizer novamente que você, na condição de autora, tem todo o direito a discordar do trabalho realizado e a discutir comigo as questões colocadas nos arquivos. Porém, acredito que não podes ficar chateada com o excesso de observações, pois elas demonstram o zelo com a tua escrita e o cuidado com o trabalho final que será entregue e apresentado. Por fim, [Nome], se optares por não continuarmos a revisão, peço que me informes ainda hoje, pois tenho outras pessoas na fila, as quais deixei de atender em razão do compromisso assumido contigo.*

*Aguardo teu retorno.*

*Atenciosamente. [Revisora].*

E-mail 4:

[Revisora],

*Começo este e-mail te pedindo muitas desculpas se te deixei com a impressão de que não gostei do teu trabalho. Não foi o que aconteceu! A verdade é que ando muito nervosa e estressada nessa época de final de doutorado, então, quando vi meu texto lotado de comentários e marcações coloridas, senti uma espécie de fracasso, sabe como é? Isso não tem nada a ver com você, mas parecia que nada do que eu tinha feito estava bom, apesar de tanto empenho e tanta dificuldade... Enfim, só quem já passou por essa experiência sabe o que significa a escrita de uma tese. Por isso, se acabei transparecendo sentimentos equivocados sobre a tua revisão, por favor, peço que desconsidere e não fique aborrecida comigo. Conversei com a minha orientadora hoje e ela amou as tuas colocações, a revisão ficou muito boa e você é ótima no que faz, pode ter certeza! Já começamos inclusive a realizar algumas das modificações propostas por você. Apenas o que era muito específico da linguagem do nosso referencial teórico nós não modificamos. Continuaremos o trabalho no texto e, assim que acabar, envio a você, com as alterações realçadas em verde para que fique melhor a sua leitura. Ah, modificamos também a tabela aquela com a explicação científica dos conceitos, tens razão no item (c) e (d) estávamos fazendo referência a resultados da análise. Estou inserindo também alguns bilhetes em lugares onde tenho dúvida. Da uma olhada e ve se ficou melhor. Nessa semana, depois que minha orientadora me devolver, vou te passar o resto dos arquivos, tá. Preciso te dizer também que minha orientadora vai tentar aumentar meu prazo de entrega para que possamos atender as colocações no texto com calma e melhorar o meu trabalho. Beijos [Autora].*

Ao contemplarmos a primeira troca languageira estabelecida nessa interação que trata do desenvolvimento da atividade entre a segunda revisora e uma das doutorandas com a qual trabalhou, podemos perceber, já no início da enunciação, um tom de pesar que marca o dizer da profissional, ao se justificar à autora do texto sobre a demora no retorno do trabalho, tal como mostra o enunciado: “Estou tão chateada por não ter conseguido te escrever antes... Peço desculpas, mas, além de ter ficado sem internet no final de semana, o trabalho na universidade tem me exigido demais. Ontem não consegui parar sequer pra te mandar o e-mail com o anexo, o que faço agora” (Revisora). Esse tom de lamento por não ter cumprido com a atividade no tempo que desejava justifica-se, no enunciado da revisora, não só pela falta de acesso à internet, que inviabilizou o contato com a autora da pesquisa, mas também pelo acúmulo de funções que desempenha, pois, como sabemos, essa profissional atua na revisão textual como *freelancer* e desempenha outra atividade remunerada na universidade (bolsista na educação a distância).

Se considerarmos o cansaço da profissional a partir do olhar ergológico lançado ao trabalho, compreendemos que toda atividade demanda uma polarização de valores, que “envolve um conjunto de recursos do *corpo-si* para sustentar essa relação polarizada, e não simplesmente cálculos intelectuais, e isso explica a possibilidade de estarmos fisicamente esgotados ao final de uma jornada de trabalho” (SCHWARTZ, 2014, p. 262). Então, ao

analisamos os enunciados em foco, vislumbramos essa questão do esgotamento na atividade da revisora, principalmente, pela refração do signo ideológico “*sequer*” no enunciado em questão, o qual recupera vozes que mostram a falta de tempo disponível para atividades aparentemente rápidas e simples, como o envio de uma correspondência eletrônica. Ademais, contribui ainda para tal sensação de fadiga o que já discutimos em nossa pesquisa quanto ao acúmulo de atividades, típico dos profissionais dessa área, que normalmente trabalham como revisores para complementar a renda mensal, o que lhes exige um gerenciamento de microescolhas constantes, advindas de diferentes demandas profissionais e, em consequência, um debate de valores que está em permanente (re)construção e exige muito do *corpo-si*.

Na sequência do diálogo em análise, a fim de evitar outro pedido de desculpas e um novo estresse em situação futura, a revisora reorganiza o seu discurso de modo que não se compromete com uma data exata para a entrega do trabalho, mas deixa claro o seu empenho para que tal retorno ocorra o mais depressa possível – até porque ela sabe que lida com um prazo apertado, como vimos em análises anteriores de enunciados trocados entre essas duas interlocutoras. Assim, no exemplo em questão, a revisora desenvolve seu projeto enunciativo de modo a equilibrar o comprometimento com a conclusão do trabalho e a possibilidade de que o contato não ocorra no período por ela mencionado (final de semana), tal como mostra o enunciado a seguir, sobretudo a expressão destacada em itálico, que permite melhor observar essa estratégia discursiva da profissional: “Prometo-te que não demorarei no retorno, como aconteceu desta vez. Se quiseres me mandar o arquivo grande, eu trabalharei nele no final de semana e, na segunda-feira, *se der*, já te envio” (Revisora).

Com a perspectiva dialógica da análise da linguagem, aprendemos que a nossa própria existência, isto é, o nosso Ser só significa na contínua relação que estabelecemos com o *outro*, e, nesse contexto, o homem não ocupa “um território interior soberano, ele está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 341). Ao analisarmos o seguinte enunciado da revisora no primeiro e-mail da série direcionada à doutoranda, é possível visualizar também essa constante presença do outro (no caso, a autora da tese) no dizer da profissional, na medida em que ela se coloca no lugar da doutoranda (busca *olhar a atividade com os olhos da autora da tese*) e antecipa a possibilidade de um algum descontentamento com o trabalho realizado, destacando que, se isso ocorrer, a autora tem todo o direito de discordar dos comentários da profissional e de questionar o que sentir necessidade: “[Nome], fique muito à vontade para discutirmos as minhas inserções em teu texto, para discordar dos meus apontamentos e, se

quiseres, até para brigar comigo, se eu merecer, hehe. Sei o quanto as questões de escrita são delicadas” (Revisora).

Nesse sentido, cabe destacar que o signo ideológico *delicada* para caracterizar a escrita reflete uma postura atenciosa da profissional não apenas para o texto que está em revisão, mas também para a autora que está passando por esse processo de ter a sua escrita “avaliada” pelo revisor; soma-se a isso a questão de que o signo mencionado também refrata o cuidado da revisora com o trabalho, posto que se propõe a dialogar com a doutoranda para admitir e se desculpar por qualquer equívoco que possa ter cometido:

Sei o quanto as questões de escrita são delicadas, então, algumas vezes, até mesmo por questões de embasamentos teóricos específicos, nós revisores também cometemos umas gafes na escrita de nossos comentários... Eu costumo brincar com os autores dos trabalhos que reviso, pedindo que eles não liguem se eu der “pitaco errado”, hehehe. Bem, sintam-se à vontade para conversarmos, ok? (Revisora).

Embora a possibilidade do pedido de desculpas esteja colocada em forma de discurso indireto, sabemos que a revisora está, na verdade, dialogando diretamente com a doutoranda, isto é, ela antecipa uma reação negativa ao trabalho e organiza seu projeto de dizer, buscando evitar um descontentamento e ressaltar a importância do diálogo entre as duas e, em consequência, do trabalho em conjunto, defendido com ênfase nos dizeres da profissional. Percebemos, portanto, o cuidado da profissional na organização do seu dizer que antecipa, inclusive, a possibilidade de um conflito entre as duas e um pedido de desculpas, o que mostra que a palavra, como disse Volochínov ([1926] 2011 p. 160), “é sempre uma espécie de cenário de certo acontecimento”.

Outro aspecto que cabe enfatizar desse primeiro e-mail da série que estamos analisando está atrelado à quantidade de perguntas da revisora à doutoranda, como podemos ver nos enunciados: “Tudo bem?”; “Encaminho o capítulo [...] junto de meus comentários e minhas sugestões para que possa apreciá-los, ok?”; “[...] sintam-se à vontade para conversarmos, ok?”; “[...] a fim de que possas verificar todas as minhas intervenções no arquivo, certo?”; “[...] as configurações acabam mudando, ok?”; e “Qualquer coisa, me escreve, tah?”. Como podemos perceber, as diversas interrogações inseridas têm o objetivo principal de manter o diálogo com a doutoranda, marcando a importância da contrapalavra do interlocutor para que possam desenvolver e dar continuidade ao trabalho realizado. Essa necessidade de contato e chamamento da palavra do outro nos enunciados da revisora permite melhor compreender que “o homem é um ser essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião) e não um ‘dialeto



individual’” (BAKHTIN, [1975] 2010, p. 135). Logo, fazer com que o outro (no caso, a doutoranda) se perceba compreendido na enunciação e seja compelido a respondê-la é uma maneira da revisora de manter o vínculo e estreitar o laço com a sua cliente, já que a profissional depende do retorno da autora para que possa prosseguir com o trabalho.

Pela óptica bakhtiniana, entendemos que compreender sempre envolve uma tomada de posição ativa e criadora, ativa porque requer o posicionamento de alguém e criadora no sentido de dar vida a valores, já que toda compreensão se manifesta por meio de uma avaliação e “não se pode separar compreensão e avaliação: elas são simultâneas e constituem ato único integral. O sujeito da compreensão enfoca a obra com sua visão de mundo, já formada, de seu ponto de vista, de suas posições” (BAKHTIN, [1979] 2011, p.45). Partindo desses pressupostos, ao contemplarmos o retorno da doutoranda ao e-mail da revisora, vislumbramos uma compreensão negativa do trabalho realizado em seu texto e uma tensão que se instaura a partir de um tom de insatisfação e crítica quanto ao modo de desenvolvimento da atividade, tal como mostra o enunciado: “Nossa, quando abri os arquivos, confesso que levei um susto, porque era tanta observação para ler e tanta pergunta que fiquei apavorada pensando se foi bom mandar para a revisão ou não” (Autora). Soma-se a isso o vocativo no começo da escrita, em que consta apenas o nome da revisora, o que abre a correspondência de um modo bastante direto e pontual, reforçando o conflito que se coloca quanto à valoração da atividade.

Essa tensão discursiva destaca a complexidade envolta no trabalho, o qual contempla não só acordos e comunhão de valores, como também conflitos e desentendimentos, pois os sujeitos envolvidos com a atividade reúnem diferentes concepções de mundo, diversas formas de valorar e de definir, por exemplo, o que significa fazer algo bem ou mal feito, o que é essencial ou supérfluo, o que deve e pode acontecer em determinada tarefa e o que não pode, etc. Nesse sentido, sobre a dimensão axiológica da atividade, Schwartz (2011, p. 42) afirma que “tudo pode ser dito, já que nada é simples ou estável. Os valores não existem como um dado externo às dramáticas da atividade, externo às experiências vividas”, mas são intrínsecos a elas e, em consequência, ao trabalho. No caso analisado, podemos observar que a doutoranda fica bastante incomodada com a quantidade de observações inseridas pela revisora em seu texto e chega a questionar a necessidade do trabalho contratado: “[...] fiquei apavorada pensando se foi bom mandar para a revisão ou não” (Autora), o que indica uma quebra com relação ao que era esperado/desejado pela contratante da atividade e aquilo que recebeu da revisora. Na busca pela resolução do conflito instaurado, a autora demonstra que a palavra de autoridade nesse contexto compete à orientadora da pesquisa, afinal, será ela quem validará o

trabalho do revisor e influenciará na decisão sobre o prosseguimento (ou não) da revisão: “Marquei com a minha orientadora um encontro amanhã para mostrar o que você escreveu e ver com ela os próximos passos até porque meu prazo é curto e tem muitas coisas para ver ainda” (Autora). A despedida do e-mail da doutoranda ocorre marcada por um tom de ameaça, que deixa subentendida uma possibilidade de quebra/cancelamento do contrato de trabalho com a revisora, como podemos perceber no enunciado: “Peço que você aguarde meu contato amanhã de noite para ver o que faremos daqui pra frente” (Autora).

A réplica da revisora ao enunciado da autora da tese inicia da seguinte maneira “Prezada [Nome]”; esse discurso, tomado como uma frase isolada da língua, parece não revelar estranhamento ou algum sentido que mereça atenção do analista da linguagem, já que se trata de uma maneira bastante comum de iniciar um diálogo via e-mail. Todavia, ao ser contemplado como um enunciado da linguagem e ser colocado em relação dialógica com os enunciados da doutoranda veiculados no e-mail anterior, percebemos que se referir à autora da tese por meio de um vocativo até então inédito entre essas duas parceiras da enunciação marca uma formalidade no diálogo e refrata um afastamento entre as interlocutoras, distanciamento esse que parece essencial na organização do projeto enunciativo da revisora para responder às críticas recebidas. Ainda assim, mesmo que tenha feito, em seu primeiro e-mail, uma espécie de antecipação de uma situação tensa entre as duas, a profissional evita acusar diretamente a autora pelos julgamentos à recepção do trabalho e começa o diálogo de uma maneira sutil, buscando se defender de novos desentendimentos, como mostra o enunciado: “Não tenho certeza, mas, pelo e-mail que me mandaste mais cedo, parece que ficaste chateada com o trabalho realizado por mim em teu texto” (Revisora).

Embora todos os demais argumentos, na continuidade desse enunciado, venham contradizer e questionar o posicionamento da autora do texto, dizer “parece que...” é uma estratégia discursiva da profissional para se isentar de um embate mais direto com a sua cliente, pois, ao não acusá-la de modo explícito por qualquer opinião que julgue inadequada, a revisora cria um efeito de sentido que busca suavizar a sua fala e, apesar de ser firme no conteúdo de seu discurso, deixa subentendido que tudo pode não passar de um mal entendido entre as duas e que, se for o caso e a impressão do “parece que” estiver inadequada, a autora deve desconsiderar os argumentos da profissional e até desculpá-la pelo ocorrido. Esses embates permitem melhor compreender o que postula a perspectiva ergológica quanto ao fato de que trabalhar é muito além de desempenhar uma dada função ou ter um emprego, trabalhar envolve uma contínua “redescoberta das dimensões enigmáticas da atividade industriosa” (SCHWARTZ, 2004, p. 33).

Sabemos, ainda, que todo diálogo é sempre pleno de transmissões e interpretações das palavras alheias e que “a todo instante se encontra nas conversas “uma citação” ou “uma referência” àquilo que disse uma determinada pessoa [...]” (BAKHTIN, [1975] 2010, p. 139). No diálogo em análise, torna-se possível observar essa questão a partir da retomada da voz da doutoranda no discurso da revisora, quando esta faz referência, ainda que de modo não explícito, ao signo ideológico *olhadinha*, advindo de um diálogo já desenvolvido entre as duas interlocutoras, no qual definem a atividade de revisão sob seus diferentes pontos de vista: “[...] quero ratificar o que conversamos desde o primeiro e-mail trocado: a minha revisão é linguística e não uma passada de olhos em questões estritamente gramaticais” (Revisora). A revisora resgata, então, esse embate discursivo para mostrar que, em tese, não fez nada que não houvesse explicado antes à contratante, a qual, por essa razão, na opinião da profissional, não deveria estar surpresa com o trabalho realizado.

Na sequência, para defender a sua concepção de trabalho, a revisora destaca novamente que acredita ter feito o melhor no texto da autora, como mostra o enunciado:

[...] tenho absoluta certeza, depois da defesa, você certamente reclamaria da revisão a partir dos comentários da banca sobre o texto como um todo, principalmente em suas questões semânticas. Como te disse, [Nome], observo o todo da escrita, se as partes estão coesas, se as seções estão bem organizadas, se os objetivos de cada capítulo são cumpridos etc. (Revisora).

Além disso, o enunciado em foco faz emergir relações dialógicas com enunciados que dizem que o texto não estava bem escrito e que, por isso, a revisora anotou o que precisava ser destacado no material, mesmo que implicasse na escrita de diversas observações na produção textual. Considerar essa complexidade característica da atividade de trabalho – que exige do profissional não só o domínio dos conteúdos específicos advindos dos conhecimentos teóricos da sua formação, mas também as experiências resultantes das práticas profissionais – permite despertar o interesse para “as dimensões de frágil visibilidade da atividade humana em geral, do trabalho em particular, que atrai a atenção sobre esses múltiplos debates que se desenvolvem dialeticamente entre micro e macro, entre local e global” (SCHWARTZ, 2011b, p. 42). Tais debates de valores são pertencentes ao mundo do trabalho, mas pouco discutidos ou percebidos pelos atores da atividade na maioria das vezes.

Quanto à tensão discursiva instaurada entre essas duas interlocutoras, cabe ponderar também sobre o fato de que a revisora havia antecipado a possibilidade desse desentendimento entre elas, quando destacou, no primeiro e-mail de retorno do material, que a doutoranda poderia, se quisesse, “até brigar” com a profissional. Contudo, é relevante

perceber que, embora prevendo o problema, a profissional não aceita as críticas da autora da tese, pois deixa subentendido que elas não se legitimam, já que não fazem menção ao conteúdo das questões colocadas e ao trabalho realizado em si, mas, sim, destacam apenas a quantidade de comentários inseridos na escrita. Isso demonstra, também, que os debates e conflitos que se instauram no trabalho “são, em grande parte, não antecipáveis por qualquer que seja o modelo de interpretação científica” (SCHWARTZ, 2011b, p. 42).

Assim, entre as interlocutoras, observamos uma tensão que se coloca, de um lado, entre críticas possíveis e aceitáveis pela revisora e, de outro, com o descontentamento da autora quanto à atividade realizada, como mostra o enunciado:

Claro, devo dizer novamente que você, na condição de autora, tem todo o direito a discordar do trabalho realizado e a discutir comigo as questões colocadas nos arquivos. Porém, acredito que não podes ficar chateada com o excesso de observações, pois elas demonstram o zelo com a tua escrita e o cuidado com o trabalho final que será entregue e apresentado (Revisora).

Mantendo o mesmo tom de insatisfação do e-mail recebido da autora, a revisora encerra o diálogo entre elas, por meio de enunciados que destacam a pressa em resolver o mais rápido possível o conflito e dar fim a essa relação que parece não ter sido bem-sucedida, embora, para isso, seja necessário quebrar o contrato firmado e romper com o desenvolvimento do trabalho, como mostra o enunciado: “Por fim, [Nome], se optares por não continuarmos a revisão, peço que me informes ainda hoje, pois tenho outras pessoas na fila, as quais deixei de atender em razão do compromisso assumido contigo” (Revisora). Contudo, mesmo ao tratar desse provável cancelamento da atividade, a revisora, ao dialogar com o dizer da autora sobre o prazo para decidir quanto ao prosseguimento ou do trabalho, em nenhum momento desculpa-se pelos desentendimentos que emergiram ou busca convencer a doutoranda a mudar de decisão, mas, ao contrário, utiliza-se de signos ideológicos que refletem o prestígio do seu trabalho, afirmando que chega a ter pessoas em fila de espera que aguardam por ela. Com esses dizeres, a revisora busca ratificar que o problema de falta de compreensão da importância do trabalho realizado na tese é de responsabilidade da autora do texto e não da maneira como a atividade foi organizada. Assim, nesse mesmo tom de formalidade, a profissional encerra a conversa a partir de um signo ideológico que ainda não havia aparecido até então entre esses sujeitos e que reflete um efeito de afastamento entre as interlocutoras em questão: “Atenciosamente”.

Após concluirmos a leitura das duas últimas correspondências eletrônicas trocadas entre a doutoranda e a revisora, pensamos que há uma grande probabilidade de quebra do

contrato de trabalho e de fim da relação estabelecida entre as duas, no entanto, quando lemos o próximo e-mail que a doutoranda envia à profissional, notamos uma radical mudança no tom da resposta e um alívio da tensão que havia entre elas:

Começo este e-mail te pedindo muitas desculpas se te deixei com a impressão de que não gostei do teu trabalho. Não foi o que aconteceu! A verdade é que ando muito nervosa e estressada nessa época de final de doutorado, então, quando vi meu texto lotado de comentários e marcações coloridas, senti uma espécie de fracasso, sabe como é? (Autora).

O signo *desculpas*, relacionado às justificativas de nervosismo e cansaço característicos do contexto em que se encontra a autora (final do doutorado), cria efeitos de sentido que buscam justificar o estresse ocorrido e convencer a revisora de que não há motivos para ressentimentos. Corroboram com o pedido de desculpas da doutoranda a afirmação de que o problema não estava no trabalho realizado ou na profissional em questão, mas nos sentimentos e nas impressões da autora, que se encontra em um momento de fragilidade advindo da pressão de final de curso, como mostra o enunciado:

Isso não tem nada a ver com você, mas parecia que nada do que eu tinha feito estava bom, apesar de tanto empenho e tanta dificuldade... Enfim, só quem já passou por essa experiência sabe o que significa a escrita de uma tese. Por isso, se acabei transparecendo sentimentos equivocados sobre a tua revisão, por favor, peço que desconsidere e não fique aborrecida comigo (Autora).

Ademais, percebemos, nos enunciados trocados na conversa com a revisora, a importância da voz da orientadora da pesquisa, que funciona como responsável por validar a atividade do revisor, posto que, depois da conversa com a orientadora e de esta dizer que o trabalho estava bom, a autora da tese muda o tom e a sua avaliação da atividade: “Conversei com a minha orientadora hoje e ela amou as tuas colocações, a revisão ficou muito boa e você é ótima no que faz, pode ter certeza! Já começamos inclusive a realizar algumas das modificações propostas por você” (Autora). No recorte transcrito, observamos também pistas da voz da revisora na reelaboração da escrita da tese, quando a doutoranda afirma que já começou a trabalhar em reescritas a partir das considerações da profissional, o que indica que, no texto final, há um entrelaçamento das vozes dessas duas protagonistas do diálogo.

A autora não só explicita que as intervenções da profissional são válidas, como também passa a considerá-las na reorganização do dizer, inserindo questões que exigem a contrapalavra da revisora para a continuidade e finalização do texto, tal como podemos

observar no enunciado a seguir, no qual contemplamos diálogos com a dimensão da *linguagem como trabalho*:

Ah, modificamos também a tabela aquela com a explicação científica dos conceitos, tens razão no item (c) e (d) estavam fazendo referência a resultados da análise. Estou inserindo também alguns bilhetes em lugares onde tenho dúvida. Da uma olhada e ve se ficou melhor. Nessa semana, depois que minha orientadora me devolver, vou te passar o resto dos arquivos, tá (Autora).

A perspectiva ergológica ensina que toda atividade de trabalho, ao tratar das escolhas que implicam nas ressingularizações de cada fazer, envolve arbitragens responsáveis por trazer “um novo ar às relações em termos de valores, engajados ou recusados, no trabalhar em conjunto dos protagonistas” (SCHWARTZ, 2011a, p. 155). Quando observamos o desenvolvimento da atividade de revisão entre as duas protagonistas em foco e, mais especificamente, o final do diálogo em questão, percebemos que esse novo ar nas relações estabelecidas chega a mudar até a prioridade quanto à data de entrega do texto, ou seja, o cumprimento de um prazo que era tão importante no primeiro contato entre a autora e a revisora, agora, parece perder espaço para a qualificação do trabalho. Essa modificação está relacionada à reescrita da pesquisa a partir do diálogo com o revisor, como evidencia o enunciado: “Preciso te dizer também que minha orientadora vai tentar aumentar meu prazo de entrega para que possamos atender as colocações no texto com calma e melhorar o meu trabalho” (Autora). Nessa atmosfera discursiva harmônica, a autora encerra o diálogo com “Beijos”, o que reflete um efeito de reaproximação entre as duas interlocutoras e refrata uma satisfação com a atividade realizada em sua tese.

Discorridas as reflexões sobre o desenvolvimento da atividade de revisão entre a segunda revisora que faz parte desta pesquisa e uma das autoras com as quais a profissional trabalhou, a seguir, passamos à análise do fechamento dessa interação entre os sujeitos em foco. Esse momento é desenvolvido em dois e-mails e foi denominado Conclusão do Trabalho/Despedida, permitindo observar o diálogo que encerra o contrato de trabalho assumido entre as protagonistas da enunciação.

- **Conclusão do Trabalho/Despedida**

E-mail 1:

[Revisora],

*Ontem imprimi a tese e entreguei. Agora é só aguardar a defesa. Tenho certeza de que tudo vai dar certo e que meu texto está infinitamente melhor depois do seu trabalho. Minha orientadora comentou que irá indicar outras orientandas a você e fiquei bem feliz. Quero te*

*agradecer por tudo nessa caminhada, obrigada pela atenção e carinho na revisão do material. Obrigada também pela paciência com as minhas loucuras. És uma pessoa muito especial e nunca esquecerei dos nossos diálogos. Beijo grande [Autora].*

E-mail 2:

[Autora],

*Obrigada pelo retorno e pela parceria durante o trabalho que dividimos. Os ruídos e os mal-entendidos fazem parte do processo e, no final, só nos acrescentam e fazem crescer como profissionais. O trabalho do revisor tem dessas coisas, a maioria das pessoas pensa que apenas passamos os olhos no texto (olhadinha, lembra? Hehe) e que é algo muito simples e fácil (em alguns casos até é mesmo!). Porém, quando dão de cara com uma revisora assim como eu, tão chata (hehehehe), percebem a enorme quantidade de trabalho que há por trás de um “simples texto revisado”. O importante é que me deste a chance de mostrar a relevância da minha profissão e o nosso resultado foi ótimo, tenho certeza! Um grande abraço e parabéns pela conquista do doutorado [Revisora].*

No processo ininterrupto da cadeia dialógica em que emergem e se (trans)formam os discursos, conseguimos acompanhar, pelos e-mails trocados entre a revisora e a autora, diálogos sobre a compreensão e o desenvolvimento da atividade de revisão textual, que envolveram debates, acordos, discordâncias e conflitos, conforme mostraram as análises dos enunciados até então. Ao contemplarmos a última interação entre os dois sujeitos em questão, podemos dizer que, de modo geral, o trabalho desenvolvido pela profissional recebeu uma avaliação positiva e um reconhecimento quanto à sua importância para o fechamento do texto entregue à banca avaliadora, tal como mostra o enunciado: “Tenho certeza de que tudo vai dar certo e que meu texto está infinitamente melhor depois do seu trabalho” (Autora).

Como vimos, para a doutoranda, chegar a essa conclusão sobre o trabalho de revisão textual envolveu um tenso processo dialógico de sentidos, que demarcou movimentos e confrontos entre as duas protagonistas envolvidas para que chegassem à construção colaborativa da atividade de revisão. Segundo Salgado (2007, p. 289), estudar a força das discursividades exige que se considerem “[...] os modos de dizer, isto é, os materiais textuais como centro de movimentos complexos de entrelaçamento do linguístico com o não linguístico, dos enunciados com suas formas de emergência e de transmissão”, e foram esses entrelaçamentos observados nas trocas enunciativas estabelecidas que revelaram a importância de a revisora considerar o imbricamento entre seu conhecimento teórico para defender sua concepção de trabalho com a linguagem e, em consequência, de seu modo de compreender e fazer revisão, bem como sua experiência prática que permitiu lidar com situações tensas e administrá-las de modo eficaz.

A esse respeito, Oliveira (2007, p. 118) afirma que “cabe ao revisor demonstrar conhecimento e segurança, quando da discussão do texto, para que o autor tenha credibilidade em seu trabalho e aceite suas sugestões”. Tais sugestões, segundo a autora, “vão além da correção de problemas ortográficos, podendo o revisor intervir e orientar, não se restringindo a um trabalho que o computador pode fazer” (2007, p. 118). Vemos que a postura da revisora em foco vai a esse encontro e, atrelada à vontade da doutoranda de trabalhar em conjunto e de buscar melhor finalização para o seu texto, é essencial para essa avaliação final do trabalho de modo positivo, como representa o seguinte enunciado que mostra a indicação da profissional a outros contatos: “Minha orientadora comentou que irá indicar outras orientandas a você e fiquei bem feliz” (Autora). Esse dizer também marca uma característica bastante peculiar da atividade de revisão, que diz respeito ao fato de que esse fazer conquista clientes pelas indicações informais que recebe, afinal, como discutimos nesta pesquisa, são poucos ainda os espaços institucionais que contam com os serviços de um revisor de textos.

Outro aspecto muito marcante dessa atividade e que se pode perceber nesses dizeres está relacionado ao silenciamento do trabalho, pois, como vimos, mais ninguém, fora a doutoranda e a orientadora, toma conhecimento da atividade realizada no texto, posto que não há um espaço no gênero em questão para explicitar o trabalho do revisor, então, é algo que permanece formalmente na invisibilidade e no silêncio.

A última fala da doutoranda para a revisora no exemplo em análise, portanto, marca o agradecimento pela atividade e retoma, de modo sutil e irônico, os tumultos do processo, como podemos observar por meio do enunciado: “Quero te agradecer por tudo nessa caminhada, obrigada pela atenção e carinho na revisão do material. Obrigada também pela paciência com as minhas loucuras” (Autora). Os signos ideológicos *atenção* e *paciência* assim como os sentidos que emergem dessa enunciação só são compreendidos pelos interlocutores e leitores desse diálogo quando colocados em relação dialógica com os demais enunciados proferidos por essas duas pessoas durante o processo de revisão textual. Nesse sentido, compreendemos que *atenção* reflete, por exemplo, o cuidado com a escrita e as questões linguísticas que demandaram o conhecimento acadêmico da profissional para o desenvolvimento da atividade, já *paciência* relaciona-se aos desentendimentos que ocorreram entre as duas e às maneiras como esses percalços foram administrados e conduzidos pela revisora, o que, necessariamente, exigiu muito mais dos saberes investidos na profissão do que propriamente dos saberes instituídos pela academia, embora eles também sejam relevantes. Todo esse percurso, portanto, fez com que a doutoranda chegasse à conclusão de que a profissional era merecedora de reconhecimento pela atividade, como vemos no



enunciado que encerra suas palavras para a revisora: “És uma pessoa muito especial e nunca esquecerei dos nossos diálogos. Beijo grande”.

Percebemos que a revisora encerra o contato com essa cliente com o mesmo tom de agradecimento e de carinho pela relação estabelecida: “Obrigada pelo retorno e pela parceria durante o trabalho que dividimos”. Ademais, ela recupera as tensões discursivas que fizeram parte do processo de maneira bem sutil e com uma avaliação positiva, já que defende que elas promovem o crescimento profissional, tal como mostra o enunciado: “Os ruídos e os mal-entendidos fazem parte do processo e, no final, só nos acrescentam e fazem crescer como profissionais”. Esses valores e desdobramentos com relação à avaliação da atividade revelam a importância de observar com cuidado e atenção a relação entre linguagem e trabalho, tendo em vista que “[...] a formação profissional assim como a difusão científica e técnica merecem, devido às práticas [linguageiras] que nelas predominam, que nos detenhamos um pouco a seu respeito” (FAÏTA, 2005, p. 20).

Na sequência dessa última troca languageira entre as duas protagonistas do discurso analisado, a profissional vale-se da *linguagem sobre o trabalho* para resgatar um dos desentendimentos entre elas: “O trabalho do revisor tem dessas coisas, a maioria das pessoas pensa que apenas passamos os olhos no texto (olhadinha, lembra? Hehe) e que é algo muito simples e fácil (em alguns casos até é mesmo!)”. Como vimos, a profissional ancora-se em discursos comumente proferidos sobre a atividade de revisão (OLIVEIRA, 2007) para, depois, por meio de uma relação irônica, novamente, defender a sua postura de trabalho com a linguagem: “Porém, quando dão de cara com uma revisora assim como eu, tão chata (hehehehe), percebem a enorme quantidade de trabalho que há por trás de um “simples texto revisado”. Nesse enunciado, percebemos que o signo ideológico trabalho, tal como é dito pela revisora, tem o seu sentido ampliado pela expressão adjetiva “enorme quantidade”, carregando vozes sociais que marcam as dificuldades e complexidades típicas de uma atividade que comporta grande parte de silenciamento e invisibilidade. Afinal, como sabemos, apesar de todo o envolvimento com a atividade realizada, apenas a doutoranda e sua orientadora têm conhecimento do que foi desenvolvido pela revisora e, como já mencionamos, não há um espaço oficial no próprio gênero tese para tal reconhecimento do trabalho feito.

Em meio a essas problemáticas características da atividade, a revisora encerra a interação em foco, destacando o valor de ter o seu fazer reconhecido por sua interlocutora: “O importante é que me deste a chance de mostrar a relevância da minha profissão e o nosso resultado foi ótimo, tenho certeza! Um grande abraço e parabéns pela conquista do

doutorado” (Revisora). Essas questões lembram o que ensina a perspectiva ergológica quanto ao fato de que toda atividade de trabalho é sempre o espaço “mais ou menos infinitesimalmente, de reapreciação, de julgamentos sobre procedimentos [...] e por aí não cessa de ligar um vaivém entre o micro do trabalho e o macro da vida social cristalizada, incorporada pelas normas” (SCHWARTZ, 2011b, p. 33).

No desenvolvimento desta pesquisa, destacamos a importância de contemplarmos a análise dos e-mails como principal material para buscar melhor compreender a atividade de trabalho do revisor de textos acadêmicos. E, nesta seção do trabalho, desenvolvemos reflexões que permitiram mostrar a relevância de tal seleção. Após as análises desses recortes, trazemos, então, na sequência, a penúltima seção deste capítulo, na qual tratamos do material complementar desta tese: os excertos de textos em processo de revisão textual.

#### 4.2 EXCERTOS DISCURSIVOS EM ANÁLISE: PALAVRA MINHA E PALAVRA ALHEIA NA TEIA DOS SENTIDOS

Os e-mails trocados entre os protagonistas da atividade, conforme mostramos nesta pesquisa, foram fundamentais para que pudéssemos analisar o fazer do revisor de textos acadêmicos, já que, em muitos casos, os sujeitos envolvidos não chegam a sequer se conhecer pessoalmente, pois definem o contrato e os procedimentos do trabalho via correspondência eletrônica. Conforme já destacamos em nosso trabalho, julgamos importante considerar ainda, como material complementar de análise, trechos de textos dos arquivos durante a revisão textual, a fim de que pudéssemos contemplar outra face da atividade em desenvolvimento e, assim, melhor observar como se dá o entrelaçamento entre as palavras das autoras das pesquisas e os dizeres das profissionais que fizeram a revisão do material.

Partindo dessas considerações, esta seção reúne, portanto, nossas ponderações a respeito dos excertos de textos trocados em processo de revisão, isto é, partes dos arquivos enviados por e-mail entre doutorandas e revisoras, nos quais dialogam sobre a constituição e a finalização da escrita dos textos. Nos trechos selecionados, podemos observar não só partes da escrita em debate, mas também os diálogos desenvolvidos por meio dos comentários inseridos, o que permite vislumbrar aspectos do imbricamento entre a palavra das doutorandas e a das revisoras na versão final das teses acadêmicas que passaram pelo processo de revisão textual.

Antes de passarmos às considerações sobre o material em questão, torna-se importante destacar que, a fim de contemplarmos os seis sujeitos que fizeram parte de nossa pesquisa, os

materiais analisados nesta seção dizem respeito às interações entre as duas revisoras que já observamos em interação via e-mail, mas que, agora, aparecem em diálogo com outras novas doutorandas. Optamos por um recorte que contemplasse enunciações estabelecidas entre mais de uma doutoranda para cada revisora, a fim de que pudéssemos observar uma perspectiva plural para um mesmo fazer.

Desse modo, a fim de não confundirmos nosso leitor, esclarecemos que as análises realizadas nas seções anteriores, serão consideradas, respectivamente, como análises ocorridas entre a Revisora A e a Autora A (seção 5.1.1) e a Revisora B e a Autora C (seção 5.1.2). Neste item da pesquisa, trataremos das interações entre a Revisora A e a Autora B, isto é, a segunda doutoranda selecionada da mesma revisora, e entre a Revisora B e a Autora D, o que indica que cada revisora trabalhou em duas teses. A seguir, apresentamos o Quadro 1, para melhor explicar essas divisões:

Quadro 1 - Divisão entre revisoras e doutorandas

Revisora A	Revisora B
Autora A (analisadas trocas enunciativas via e-mail)	Autora C (analisadas trocas enunciativas via e-mail)
Autora B (analisadas trocas enunciativas via trechos de texto revisado)	Autora D (analisadas trocas enunciativas via trechos de texto revisado)

Fonte: A autora (2017).

Tal categorização se justifica porque optamos por considerar dois diferentes sujeitos com os quais cada revisor tivesse trabalhado, justamente, para que fosse possível observar distintos olhares sobre uma mesma atividade, isto é, ponderar a respeito de como diferentes autoras, que passaram por uma mesma profissional da revisão de textos, contemplam esse fazer. A partir desses dados, será possível discorrer, em uma seção posterior, sobre similaridades e diferenças que uma mesma atividade provoca em sujeitos distintos.

Assim, em síntese, as interações estabelecidas entre as revisoras e uma doutoranda de cada já foram apresentadas e desenvolvidas nas análises dos e-mails expostas nas duas seções anteriores. Nesta parte da pesquisa, passamos a trabalhar com excertos de textos advindos das trocas linguageiras entre as revisoras e outras duas doutorandas. Explicamos essa denominação entre Revisora A/B e Autoras A/B/C/D na categorização dos sujeitos, porque

ela auxilia a compressão de nosso leitor na análise comparativa que apresentamos no item 5.3 deste capítulo.

#### **4.2.1 Entre textos e contextos**

Para o desenvolvimento desta seção, optamos pela seleção de dois excertos de cada revisora e doutoranda. Assim, conforme dissemos na seção metodológica desta pesquisa, escolhemos os trechos em que os comentários inseridos no corpo do texto, via ferramenta de edição do Microsoft Word, revelavam sugestões de reescritas pelos revisores. Em outras palavras, para os recortes que serão analisados, optamos pelas partes dos textos em que a voz do profissional se fazia mais presente. Desse modo, conseguimos mostrar que a palavra alheia – do revisor – imbrica-se na palavra própria – das doutorandas –, ao ser acatada pelas autoras das teses, e se faz presente na versão final dos textos.

Portanto, os três primeiros recortes em análise na sequência são resultado da interação da primeira revisora apresentada em nossa pesquisa, isto é, aquela que conversou com a doutoranda em Letras (seção 5.1.1), mas que, agora, aparece em interação com uma doutoranda em Educação Ambiental, que é licenciada em Matemática e mestre em Educação Ambiental. Nossa opção por considerar a interação entre revisoras e sujeitos com formação em diferentes áreas do conhecimento ocorreu a fim de observarmos se há diferenças significativas nos modos de desenvolver a atividade, no caso das revisoras, e de se relacionar, no caso das autoras, e se essas diferenças se relacionam às áreas de formação dos sujeitos que solicitam o trabalho ou se isso não chega a ser uma questão importante para a constituição da atividade.

Então, passando à análise dos excertos, no trecho recortado a seguir, as protagonistas da enunciação discutem sobre um parágrafo em que a autora da tese, ao analisar a fala de um dos seus sujeitos de pesquisa, menciona a mãe da locutora, sem antes tê-la apresentado ao leitor do trabalho. Esclarecemos, no entanto, que os nomes dos sujeitos participantes do estudo em questão foram suprimidos, a fim preservar seu anonimato.

Quadro 2 - Interação entre a Revisora A e a Autora B (Exemplo 1)

Trecho com o texto original enviado pela doutoranda	Comentário da revisora no trecho em questão	Retorno da doutoranda	Escrita da versão final
<p>“Percebemos que dizeres da educação estão enraizados na educação da [Nome], por causa de sua mãe que fez ela conceber a educação como um espaço de experiência e de oportunidade e transformação social, em que o ouvir, diálogo e abertura se tornam indissociáveis”.</p>	<p>[Nome da Autora], fiz algumas modificações em teu texto, sinalizadas em vermelho. Peço que revejas com calma para ver se manteve os sentidos pretendidos por ti. Ok? Outra coisa que queria te dizer é que, lendo tuas análises e vendo o peso que dás à mãe da [Nome], penso que, quando resumes a história desse sujeito, lá na metodologia, isto é, quando a [Nome] aparece pela primeira vez, deverias deixar claro ao leitor que há mais detalhes da trajetória dessa protagonista que aparecerão no decorrer do trabalho e serão fundamentais para a compreensão dos objetivos da pesquisa. Não? O que achas?</p>	<p>Revisora, ADOREIII a reescrita! Ficou ótima. Obrigada! Sobre a metodologia, voltei nela e fiz tudo o que você me falou. Depois vou te mandar assim que minha orientadora terminar a leitura, tah? Ela disse que gostou do que você falou e que agora as coisas estão fazendo mais sentido mesmo. Nossa, MUITOOO OBRIGADA!</p>	<p>“Percebemos que as concepções de ensino reveladas pelos dizeres de [Nome] estão enraizadas na educação que recebeu de sua mãe. Foi a sua progenitora que, a partir das suas práticas de ensino, fez a [Nome] conceber a educação como um espaço de experiência e de oportunidade de transformação social. Podemos dizer, por isso, que ela cresceu em um contexto no qual o ouvir, o diálogo e a abertura se tornam indissociáveis”.</p>
<p><b>Trecho reescrito com marcações da revisora em outra cor</b></p>			
<p>“Percebemos que <b>as concepções de ensino reveladas pelos</b> dizeres de [Nome] estão enraizadas na educação que recebeu de sua mãe. Foi a sua progenitora <b>que, a partir das suas práticas de ensino,</b> fez a [Nome] conceber a educação como um espaço de experiência e de oportunidade de transformação social. <b>Podemos dizer, por isso, que ela cresceu em um contexto no qual o</b> ouvir, o diálogo e a abertura se tornam indissociáveis”.</p>	<p>Lendo assim como está, confesso que há uma surpresa ao leitor, quando mencionas a mãe da [Nome] na história dela, compreendes? Além disso, lá na metodologia, sugiro também que deixes claro de que modo conseguiste esses dados sobre a vida dela, se foi através de entrevista, de escrita de memorial, de questionários etc. Não é bom que o teu leitor seja surpreendido por novos dados lá na análise do material. Por isso, sugiro que retornes lá na metodologia e esclareças esses pontos, certo?</p>		

Fonte: A autora (2017).

O pequeno recorte da tese em processo de revisão textual oferece um material que permite observar o entrelaçamento da voz da revisora com a da autora na versão do texto

final. Como vemos, as sugestões de reescrita do parágrafo, feitas pela profissional, foram acatadas na íntegra pela doutoranda, que se apropria das palavras da revisora e as transfere exatamente iguais para a escrita do trabalho final. Nesse sentido, cabe resgatar a reflexão bakhtiniana sobre as maneiras de transmissão da palavra do outro no discurso e sobre a relevância que elas têm para o estudo da linguagem.

Quando trata da pessoa que fala no romance, Bakhtin mostra que “[...] o romancista não conhece apenas uma linguagem única, ingênua (ou convencionalmente) incontestável e peremptória. A linguagem é dada ao romancista estratificada e dividida em linguagens diversas” (BAKHTIN, [1975] 2010, p. 134). As reflexões desenvolvidas no texto do filósofo russo servem também para pensarmos a linguagem de modo geral, pois, assim como o sujeito que fala no romance, todo homem é um ser essencialmente social, historicamente concreto, e a sua linguagem é sempre mais do que a representação de um dialeto individual, ela é constituída pelas múltiplas e até controversas ideologias veiculadas nas vozes que lhe (trans)formam. Logo, tal como acontece no romance, “[...] não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar a sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras” ([1975] 2010, p. 137).

No exemplo de interação em análise, podemos vislumbrar as palavras do revisor ressoadas no texto da doutoranda, isto é, há um entrelaçamento entre essas duas vozes, que são assimiladas pela autora da tese e, em consequência, vão parar no texto final como se pertencesse apenas a um sujeito. Tratar dessas questões é de fundamental importância na perspectiva bakhtiniana, pois “[...] a transmissão e o exame dos discursos de outrem, das palavras de outrem, é um dos temas mais divulgados e essenciais da fala humana” ([1975] 2010, p. 138). Essa essencialidade está no fato de que, “[...] em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus de variáveis de precisão e imparcialidade” ([1975] 2010, p. 138). Desse modo, no caso de um texto revisado, torna-se interessante investigar não só essa palavra bivocal que forma o texto final, mas também o apagamento da voz do revisor, que, não estando mencionado em nenhuma parte do trabalho, não tem espaço para o reconhecimento da atividade.

Ademais, o exemplo em foco possibilita observar que a voz do revisor não se faz presente só nesse caso materialmente posto, mas também na reorganização de outras partes do texto, que já estavam dadas como concluídas pela autora da tese. Dessa maneira, podemos afirmar que o discurso da revisora está presente nas palavras explicitadas na reorganização do

dizer e nas orientações que dá para a reescrita de outra seção do trabalho, a metodologia, tal como mostra o enunciado:

Outra coisa que queria te dizer é que, lendo tuas análises e vendo o peso que dás à mãe da [Nome], penso que, quando resumes a história desse sujeito, lá na metodologia, isto é, quando a [Nome] aparece pela primeira vez, deverias deixar claro ao leitor que há mais detalhes da trajetória dessa protagonista que aparecerão no decorrer do trabalho e serão fundamentais para a compreensão dos objetivos da pesquisa. Não? O que achas? [...] Além disso, lá na metodologia, sugiro também que deixes claro de que modo conseguiste esses dados sobre a vida dela, se foi através de entrevista, de escrita de memorial, de questionários etc. (Revisora A).

Para chegar a esse tipo de intervenção e percepção da escrita, cabe à revisora, como destaca Oliveira (2007, p. 101), considerar o texto em processo de revisão a partir dos dois polos que o constituem: “[...] o do enunciado e o da oração, pois só assim pode ajudar o autor a dar acabamento ao seu texto em uma perspectiva concretamente dialógica, levando em conta a maneira como o autor se posiciona diante do objeto/tema [...] e inter-relacionando às outras vozes no texto, além dos aspectos linguísticos e notacionais”. Nessa perspectiva, observamos a complexidade da atividade de revisão, tendo em vista que exige do profissional a atenção tanto para o que está lendo no momento em que precisa sugerir reescritas quanto para relacionar o lido com partes do texto já contempladas, verificando se estão coerentes e em acordo com o que se está afirmando no momento.

Ao encontro dessas considerações, Sobral (2008, p. 58), quando fala sobre o trabalho dos tradutores, destaca que se precisa considerar que “[...] o texto é uma materialidade em que só são criados sentidos a partir da discursivização, do uso de textos por sujeitos numa situação concreta”. Vemos aí uma significativa aproximação entre as atividades do tradutor e do revisor, já que, no desenvolvimento de suas atividades de trabalho, ambos têm de considerar uma simbiose entre o material estritamente linguístico e o extralinguístico, sem desconsiderar ou perder de vista o leitor presumido da escrita. Essas questões são explicitadas na revisão da tese analisada, como vemos no enunciado: “Não é bom que o teu leitor seja surpreendido por novos dados lá na análise do material. Por isso, sugiro que retornes lá na metodologia e esclareças esses pontos, certo?” (Revisora A).

No exemplo em questão, a maneira como a doutoranda recebe as intervenções da revisora reflete-se por meio de um tom bastante positivo de agradecimento assim como pelo acolhimento das sugestões, tal como mostra o enunciado: “Revisora, ADOREIII a reescrita! Ficou ótima. Obrigada! Sobre a metodologia, voltei nela e fiz tudo o que você me falou. Depois vou te mandar assim que minha orientadora terminar a leitura, tah?” (Autora B). O

dizer da autora da tese revela que a profissional passa a desempenhar um papel ativo na (co)elaboração da escrita, uma vez que é responsável pelo surgimento de novas tessituras que compõem a produção final, embora mais ninguém, fora a autora e sua orientadora, conheça ou saiba dessa escrita compartilhada. Como podemos perceber, há uma diversidade de aspectos que subjazem a prática da atividade de um revisor de textos acadêmicos e que costuma passar despercebida pela maioria das pessoas, por se tratar de um fazer bastante marcado por grande parcela de invisibilidade, que carrega, como toda e qualquer outra, “um nó de debates entre normas antecedentes e tentativas de renormalização na relação com o meio” (SCHWARTZ, 2011b, p. 34).

A seguir, demonstraremos outro exemplo entre as duas protagonistas em diálogo, o qual também faz parte do capítulo que trata da análise dos dados da tese revisada. No caso em questão, a doutoranda procura analisar o quanto a trajetória de vida daquele que foi seu sujeito de pesquisa foi importante na escolha profissional desse indivíduo. Cabe destacar também que, pela leitura do capítulo completo, vimos que esse sujeito de pesquisa era alguém dividido entre o amor pelos estudos das Ciências Humanas e a paixão pela área de Oceanografia, o que o deixava indeciso na escolha da graduação. Os excertos a seguir mostram essas questões sendo discutidas entre a revisora e a autora da tese.

Quadro 3 - Interação entre a Revisora A e a Autora B (Exemplo 2)

Trecho com o texto original enviado pela doutoranda (As palavras em negrito correspondem à inserção de um comentário pela revisora, conforme transcrito no quadro ao lado)	Comentários da revisora no trecho em questão	Retorno da doutoranda	Escrita da versão final
<p>“Durante sua adolescência, [Nome] se emocionava com histórias de <b>degradação</b><sup>1</sup> e superação humana, <b>mas</b><sup>2</sup>, envolvida por sua paixão pelo mar, pela praia, pela sensação de liberdade promovida pelo cheiro da maresia e pelo frescor do vento <b>em um dia ensolarado</b><sup>3</sup>, ela conheceu e <b>optou por cursar</b> oceanografia. <b>Quando</b> ingressou na faculdade, já nessa época, percebia, <b>mesmo de forma</b> tímida, que os movimentos ecológicos a</p>	<p>1) É isto mesmo: ela se emocionava também com histórias de degradação humana? Mas a degradação não é algo tão deprimente e triste? Não falas disso antes, só mencionas coisas positivas na história de vida da [Nome] que vão influenciar na sua decisão depois. Se for isso mesmo que queres dizer, como aproximar a degradação com a emoção de histórias sobre superação humana? Este trecho ficou confuso.</p>	<p>[Revisora], eu tava viajando na parte da degradação, rrsrrsrs. Obrigada por perceber! Adorei a tua reescrita, era isso mesmo que queria dizer. Vocês da Letras sabem fazer milagre com</p>	<p>“Durante a adolescência, [Nome] costumava se emocionar com histórias de vida das pessoas principalmente se elas tratassem da capacidade humana de superação. Contudo, ainda que demonstrasse afinidade com questões sociais, típicas de serem estudadas nas</p>



<p>encantavam, pois eram movimentos sociais em busca de mudanças para uma sociedade mais igualitária e não da ecologia em si”.</p>	<p>Penso que deves suprimir o “degradação”, ok?</p> <p>2) Sugiro também que faças um elo entre essas duas colocações (a emoção com histórias de superação humana e a paixão pelo mar), para que possas manter a conjunção adversativa “mas”. Caso contrário, não vejo uma relação entre ambas que sustente a oposição, compreendes? Em que medida se emocionar com histórias alheias tem de ser oposto a ter paixão pelo mar e seus componentes?</p> <p>3) Qual a relevância da informação “em um dia ensolarado” para o que vais dizer no trecho? Proponho que faças a supressão dessa parte, já que não está acrescentando informação relevante ao texto. Concordas?</p> <p><b>Não sei se compreendi o que queres dizer nesse parágrafo, mas, se for o que estou pensando, te sugiro a seguinte reescrita (minhas marcações/alterações em vermelho):</b></p> <p>“Durante a adolescência, [Nome] costumava se emocionar com histórias de vida das pessoas principalmente se elas tratassem da capacidade humana de superação. Contudo, ainda que demonstrasse afinidade com questões sociais, típicas de serem estudadas nas Ciências Humanas, [Nome] era também muito envolvida com sua paixão pelo mar, pela praia, pela sensação de liberdade promovida pelo cheiro da maresia e pelo</p>	<p>nossos textos, haha! Sobre o dia ensolarado, quero mantê-lo, porque, na minha área é fundamental considerar a importância do clima nas decisões, mostrar que o ambiente faz parte e influencia a nossa vida e tomadas de decisões, entende?</p>	<p>Ciências Humanas, [Nome] era também muito envolvida com sua paixão pelo mar, pela praia, pela sensação de liberdade promovida pelo cheiro da maresia e pelo frescor do vento em dias ensolarados. Assim, movida por esse amor maior, foi que ela optou por cursar oceanografia. Para sua surpresa, no decorrer do curso, suas duas paixões puderam se unir. Isso aconteceu quando descobriu o conceito de movimentos ecológicos, o qual se referia a movimentos sociais em busca de mudanças para uma sociedade mais igualitária. Então, em vez de se dedicar a estudar definições exclusivas da ecologia em si, ela também pôde trabalhar em sua pesquisa com a área das Humanas”.</p>
--	---	--	--

	<p>frescor do vento em dias ensolarados.</p> <p>Assim, movida por esse amor maior, foi que ela optou por cursar oceanografia. Para sua surpresa, no decorrer do curso, suas duas paixões puderam se unir. Isso aconteceu quando descobriu o conceito de movimentos ecológicos, o qual se referia a movimentos sociais em busca de mudanças para uma sociedade mais igualitária.</p> <p>Então, em vez de se dedicar a estudar definições exclusivas da ecologia em si, ela também pôde trabalhar em sua pesquisa com a área das Humanas”.</p>		
--	--	--	--

Fonte: A autora (2017).

Ao analisarmos o trecho da tese transcrito, que se refere a um momento do texto durante o processo de revisão, percebemos que a profissional tem significativo papel na reescrita do parágrafo, o qual vai para a versão final do trabalho exatamente com as suas sugestões, ou seja, com as suas palavras. Se observarmos o parágrafo em sua versão original, quando chega para a revisora e, depois, a versão pós-revisão, é possível notarmos a quantidade de marcações e intervenções da profissional, assinaladas em vermelho, as quais indicam, dentre outros aspectos, substituições lexicais, inserção de nexos coesivos para as conexões entre os períodos e maior desenvolvimento das ideias mencionadas pela autora do trabalho.

Isso deixa explícito que o trabalho realizado vai muito além da adequação gramatical, pois “não se trata apenas de correção, mas de aperfeiçoamento e adequação de um texto escrito” (SALGADO, 2007, p. 146). Tal fazer exige do profissional conhecimento teórico suficiente para tratar das adequações estritamente linguísticas, mas também exige conhecimento amplo de mundo, vivências de leitura e experiências com esse fazer, a fim de saber como sugerir as modificações à autora. Em outras palavras, é a união dessas diferentes habilidades técnicas e de trajetória profissional que dará os subsídios necessários para que o revisor possa encontrar um equilíbrio entre as sugestões de reescrita nos moldes do projeto enunciativo do locutor (no caso, a autora da tese) e as adequações de linguagem que se

fizerem necessárias, o que permite dizer que, no trabalho de revisão, “[...] há regras de construção previstas e ditames a serem respeitados, mas também que esse ‘respeito’ será guiado por noções menos precisas, ainda que igualmente importantes e constitutivas das diretrizes de correção de um texto” (SALGADO, 2007, p. 146).

Além disso, no exemplo do excerto recortado, vemos também que a profissional alerta a autora da pesquisa para um equívoco na utilização do signo ideológico *degradação* unido no parágrafo por uma conjunção aditiva com o de *superação humana*. Em princípio, para um leitor que não conhece o contexto maior da escrita, isto é, o capítulo todo, torna-se possível pensar que não há problema em unir esses dois signos, já que ambos são passíveis de provocar emoções humanas, tal como estava no texto original: “Durante sua adolescência, [Nome] se emocionava com histórias de degradação e superação humana [...]” (Autora B). No entanto, para a profissional, que conhece o projeto discursivo da autora da tese e tem essa visão ampla do contexto da escrita, essa relação é impossível, já que não estava coerente com as afirmações anteriores, tal como destaca a profissional:

É isto mesmo: ela se emocionava também com histórias de degradação humana? Mas a degradação não é algo tão deprimente e triste? Não falas disso antes, só mencionas coisas positivas na história de vida da [Nome] que vão influenciar na sua decisão depois. Se for isso mesmo que queres dizer, como aproximar a degradação com a emoção de histórias sobre superação humana? Este trecho ficou confuso. Penso que deves suprimir o “degradação”, ok? (Revisora A).

A doutoranda mostra que a profissional tem razão na sua observação quando enuncia: “[Revisora], eu tava viajando na parte da degradação, rrsrrsrs. Obrigada por perceber!” (Autora B). Essas considerações permitem compreender a importância do horizonte social compartilhado entre os participantes da enunciação, pois toda enunciação “[...] reflete em si a interação social entre o falante, o ouvinte e o herói [de quem se fala], e vem a ser o produto e a fixação de sua interação viva no material da palavra” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 166). Soma-se às questões desenvolvidas o fato de que a atividade de trabalho, tal como nos mostra a ergologia, sempre exigirá do trabalhador renormalizações. Então, por mais que a revisora “aprenda” em sua formação acadêmica que necessita sugerir reformulações em um texto, quando está desenvolvendo a revisão, por exemplo, ainda assim, cada texto é único e demandará do revisor conhecimentos diversos para as diferentes possibilidades de reescrita que fará, assim como dependerá também da natureza das relações estabelecidas com o autor da escrita. A maneira como autor e revisor interagem é essencial para a concretização do trabalho, pois “[...] as renormalizações são as múltiplas gestões de variabilidades, de furo das

normas, de tessitura de redes humanas, de canais de transmissão que toda situação de trabalho requer” (SCHWARTZ, 2011b, p. 34).

Nos enunciados em foco, chama atenção a maneira como a doutoranda reconhece a importância do trabalho realizado em seu texto: “Adorei a tua reescrita, era isso mesmo que queria dizer. Vocês da Letras sabem fazer milagre com nossos textos, haha!” (Autora B). A partir de um tom cômico, ela recupera vozes características de discursos que associam o sucesso do trabalho em seu texto à formação na área de Letras, o que dá pistas para ponderar que esse discurso da doutoranda filia-se a vozes que acreditam que a graduação é a grande responsável pela maneira como a revisora atua, desconhecendo a complexidade do mundo do trabalho, o qual exige um ir além dos conhecimentos advindos dos bancos acadêmicos e dos saberes formais, tal como temos mostrado nesta pesquisa.

Outro ponto a ser destacado no excerto em análise diz respeito à discordância entre as duas interlocutoras quanto à relevância de uma referência que a autora faz na escrita do parágrafo à caracterização do clima, tendo em vista que, na opinião da revisora, tratava-se de um dado irrelevante, como mostra o enunciado: “Qual a relevância da informação ‘em um dia ensolarado’ para o que vais dizer no trecho? Proponho que faças a supressão dessa parte, já que não está acrescentando informação relevante ao texto. Concordas?” (Revisora A). Ao que a doutoranda responde: “Sobre o dia ensolarado, quero mantê-lo, porque, na minha área é fundamental considerar a importância do clima nas decisões, mostrar que o ambiente faz parte e influencia a nossa vida e tomadas de decisões, entende?” (Autora B). Essa situação revela o quanto valoramos o mundo a partir de nosso horizonte social, o qual está intimamente relacionado às nossas experiências e tem grande papel no modo como o compreendemos axiologicamente, já que todo indivíduo, “[...] enquanto detentor de conteúdos de sua consciência, enquanto autor de seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos, por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 59).

Contemplados os enunciados entre a Revisora A e a Doutoranda B, com a qual essa profissional trabalhou, na sequência, passaremos à análise de dois excertos entre a outra profissional que fez parte desta pesquisa (Revisora B) e a próxima autora de tese, que também teve seu texto revisado por essa segunda profissional. A Autora D, conforme denominamos, é licenciada em Matemática, mestre e doutoranda em Educação Ambiental. O primeiro trecho de texto em processo de revisão selecionado para a nossa análise diz respeito ao começo do capítulo de metodologia da doutoranda mencionada, intitulado “Caminhos e contextos na explicação do fenômeno”.

Quadro 4 - Interação entre a Revisora B e a Autora D (Exemplo 1)

Trecho com o texto original enviado pela doutoranda	Comentários da revisora no trecho em questão	Retorno da doutoranda	Escrita da versão final
<p><b>Parágrafo 1)</b> Quando se pensa em pesquisa associa-se uma possível busca de respostas, solução de problemas, produção de conhecimento. O conhecimento está relacionado à pesquisa, que significa busca e descoberta, uma vez que esta é uma atividade ou processo que necessita de trabalho (mental, manual ou ambos) para ser atingido; essa é uma das razões para o conhecimento não ser confundido com informação, que é o resultado já pronto de um processo (Autor, Ano). Esse estudo entende pesquisa na perspectiva de Autores (Ano) que passa pelo processo explicar a explicação.</p> <p><b>Parágrafo 2)</b> “A pesquisa é a maneira que a ciência tem para produzir conhecimento. A importância de problematizar o conhecimento é, segundo Autor [...]”</p>	<p><b>1)</b> [Nome], adorei a tua ideia de começar a escrita da metodologia por um texto reflexivo. Muito bacana mesmo! Apenas penso que faltou contextualizar um pouquinho mais essa ideia, para não causar um estranhamento ou uma quebra de expectativa em teu leitor. Por isso, sugiro-te a seguinte opção de reescrita:</p> <p>“Quando se pensa em pesquisa, <b>é comum que se associe tal pensamento</b> à busca de respostas, <b>à</b> solução de problemas <b>e à</b> produção do conhecimento. <b>Nesse sentido, o saber está intimamente</b> relacionado à pesquisa, <b>vista neste trabalho enquanto busca e descoberta, uma atividade</b> ou um processo que necessita de trabalho (mental, manual ou ambos) para ser atingido. <b>Esse é um dos pontos inclusive para o</b> conhecimento não ser confundido com a informação, <b>pois ela se refere ao resultado já pronto de um processo (Autor, Ano) e ele considera o caminho percorrido para desenvolvê-la.</b> <b>Essas reflexões são relevantes para que se possa explicar que este estudo</b> entende a pesquisa na perspectiva dos Autores (Nomes, Ano), o que passa pelo processo <b>explicar a explicação</b>”.</p> <p>O que achaste, [Nome]? Sugiro-te também rever este “explicar a explicação”, pois é tão redundante, não? Que</p>	<p>Querida, ficou ótima a tua proposta, podemos deixar igual sugerisse. A parte do explicar a explicação não é redundante, é parte do meu referencial teórico, algo filosófico e profundo, hehehe. Pode deixar como tá, ok? O próximo parágrafo pode começar igual falasse também. Tá ficando muitooooo bom, obrigada!</p>	<p><b>Parágrafo 1)</b> Quando se pensa em pesquisa, é comum que se associe tal pensamento à busca de respostas, à solução de problemas e à produção do conhecimento. Nesse sentido, o saber está intimamente relacionado à pesquisa, vista neste trabalho enquanto busca e descoberta, uma atividade ou um processo que necessita de trabalho (mental, manual ou ambos) para ser atingido. Esse é um dos pontos inclusive para o conhecimento não ser confundido com a informação, pois ela se refere ao resultado já pronto de um processo (Autor, Ano) e ele considera o caminho percorrido para desenvolvê-la. Essas reflexões são relevantes para que se possa explicar que este estudo entende a pesquisa na perspectiva dos Autores (Nomes, Ano), o que passa pelo processo</p>

	<p>tal se disséssemos de outra maneira?</p> <p>2) Outra coisa: sugiro-te a supressão de toda a frase com a qual inicias o próximo parágrafo, pois já colocaste esta informação (de que a pesquisa tem íntima relação com a produção de conhecimento) com outras palavras antes, não achas? Por isso, sugiro-te inclusive que inicies este próximo parágrafo da seguinte forma: “Partindo dessa compreensão, destaca-se a importância de problematizar o conhecimento, segundo o Autor [...]”. O que achas?</p>	<p>explicar a explicação.</p> <p><b>Parágrafo 2)</b> Partindo dessa compreensão, destaca-se a importância de problematizar o conhecimento, segundo o Autor [...]”.</p>
--	--	--

Fonte: A autora (2017).

Marcadas em outra cor no excerto recortado, é possível observarmos que grande parte das alterações realizadas pela revisora é aceita pela doutoranda e compõe o texto na versão final, o que deixa inclusive o parágrafo significativamente maior e tem suas ideias mais desenvolvidas do que quando foi escrito a primeira vez só pela autora da tese. As intervenções da profissional permitem contemplar o discurso bivocal que organiza a produção final da escrita, considerando o imbricamento entre a palavra do autor e a do revisor, percebidas além do nível da língua tomada como um sistema abstrato de sinais, isto é, consideradas na linguagem constituída por múltiplos enunciados, já que, cabe destacar, “[...] não se trata, evidentemente, de uma fusão das formas sintáticas de gêneros diferentes, próprias a diferentes sistemas linguísticos, mas precisamente da fusão de dois enunciados num só” (BAKHTIN, [1963] 2010, p. 158).

Nessa interação, ao observarmos a maneira como a revisora inicia o diálogo com a doutoranda, percebemos que ela o faz por meio de um elogio à originalidade da autora por inserir na metodologia do trabalho com uma reflexão:

[Nome], adorei a tua ideia de começar a escrita da metodologia por um texto reflexivo. Muito bacana mesmo! Apenas penso que faltou contextualizar um pouquinho mais essa ideia, para não causar um estranhamento ou uma quebra de expectativa em teu leitor. Por isso, sugiro-te a seguinte opção de reescrita [...] (Revisora B).

Essa característica de abordar a interlocutora com um elogio, antes de apontar que há lacunas no texto que podem prejudicar a compreensão do leitor e de sugerir uma reescrita, parece ser uma estratégia discursiva da profissional para atingir seu objetivo (desenvolver o seu trabalho em parceria com a autora da tese) e influenciar no tipo de relação que será estabelecida entre as protagonistas do diálogo.

Assim, ao invés de reescrever o texto ou de concentrar seus comentários apenas nos aspectos que devem ser revistos pela autora da pesquisa, a profissional destaca pontos positivos do trabalho, o que cria um efeito discursivo (principalmente pelo signo ideológico *pouquinho*) que ameniza o olhar para as lacunas do texto e escolhe enfatizar a originalidade da autora ao iniciar a escrita de maneira particular. Em consequência, é também no mesmo tom amigável e gentil que a doutoranda responde às observações e dá prosseguimento à interação entre as duas, como mostra o enunciado: “Querida, ficou ótima a tua proposta, podemos deixar igual sugerisse” (Doutoranda D). Ademais, a utilização do signo *podemos* pela doutoranda, nesse enunciado, refrata a ideia de um texto final que é escrito em conjunto, que pressupõe um *nós* responsável pelo desenvolvimento final de um texto que é compartilhado e dialogado.

A escrita do texto em cooperação entre a autora e a revisora revela que esse processo de escrita dialogada, embora apresente discordâncias (próprias do movimento dialógico de elaboração e circulação dos discursos), não chega a trazer conflito à relação desenvolvida, tal como mostram os enunciados: “Sugiro-te também rever este ‘explicar a explicação’, pois é tão redundante, não? Que tal se disséssemos de outra maneira?” (Revisora B) e “A parte do explicar a explicação não é redundante, é parte do meu referencial teórico, algo filosófico e profundo, hehehe” (Autora D). Conforme podemos perceber, a marcação linguística que indica risos ao final da resposta da autora da tese ao enunciado da profissional cria um efeito que suaviza o debate e, em consequência, a recusa à sugestão da revisora. Ainda que a autora afirme que o que parece redundante e sem relevância aos olhos da revisora é, na verdade, algo singular, resultado de um aprofundamento teórico-filosófico específico da sua área de pesquisa, ela o faz por meio de um tom bastante sutil e agradável, criando um efeito de sentido que chega a ser engraçado.

A entonação amistosa por meio da qual se desenvolve a discussão do texto entre as duas protagonistas cria o *coral de apoio* necessário para que o trabalho ocorra de modo bastante fluido entre esses dois sujeitos, que se sentem à vontade para fazer suas colocações e discutir melhores formas de finalização da tese analisada. Essas reflexões ratificam a importância da entonação ao discurso, pois “[...] a comunicação das valorizações gerais

representa o tecido sobre o qual o discurso vivo dos homens borda figuras entonacionais” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2011, p. 161), e são essas figuras responsáveis, muitas vezes, pela natureza das relações entre os interlocutores, o que tem grande influência na maneira como o trabalho irá se desenvolver.

Em outras palavras, na análise do excerto em foco, mesmo que a revisora não tenha todas as suas sugestões acatadas pela autora da tese, isso não desmerece o seu trabalho ou minimiza a sua participação na escrita do texto final, ademais, a maneira como as duas constroem seus discursos – seja para solicitar alterações, no caso da revisora, seja para recusá-las, no caso da autora – é alicerçada em acentos emotivo-volitivos, que ressaltam a cumplicidade e o respeito que ambas têm pelo trabalho. Conforme ensina a perspectiva ergológica, não há atividade que seja antecipável na íntegra, afinal, “[...] mesmo que se conheça perfeitamente o ofício, não se sabe de antemão aquilo que intervém na atividade” (SCHWARTZ, 2011a, p. 157), por isso, é necessária também certa humildade do trabalhador no desenvolvimento de seu fazer, para que possa dar conta das mais diversas situações e relações que surgem com os diferentes interlocutores com os quais irá interagir. No exemplo em análise, percebemos que esse equilíbrio entre sugestões e alterações na escrita do texto final parece muito bem administrado pela revisora e bem avaliado pela doutoranda, que encerra o diálogo em foco com uma análise positiva do trabalho, conforme reflete o enunciado: “Tá ficando muitooooo bom, obrigada!” (Autora D).

A seguir, passamos ao segundo exemplo da interlocução estabelecida no material revisado entre essas duas protagonistas da enunciação e que será destacado em nossa pesquisa. Analisamos, portanto, uma interação durante a revisão de um parágrafo que está situado no final do mesmo capítulo de metodologia da pesquisa.

Quadro 5 - Interação entre a Revisora B e a Autora D (Exemplo 2)

Trecho com o texto original enviado pela doutoranda	Comentários da revisora no trecho em questão	Retorno da doutoranda	Escrita da versão final
Nesse momento <sup>1</sup> do processo de análise, faz-se necessária a codificação das unidades encontradas. Tal codificação serve para identificação das unidades de significado correspondentes aos textos originais. Tal medida se faz indispensável, pois permite ao pesquisador retornar ao texto original sempre que	1) [Nome], penso que a colocação de “Nesse momento do processo de análise” não ficou muito adequada, uma vez que parece que já estavas fazendo a análise e então o “Nesse momento” dá a impressão de que estás falando de algo que ocorre na própria análise	oi queridaaaa, ameiiii! Você pensa em tudo, ficou perfeito! Estou aqui trabalhando na conclusão, parei só pela curiosidade de ler teus comentários assim que chegou	<b>Parágrafo 1)</b> “Após a unitarização, faz-se necessária a codificação das unidades encontradas. Tal medida serve para a identificação das unidades de significado correspondentes aos



<p>necessário, uma vez que o processo acontece pela recursividade.</p>	<p>dos dados, me entendes? Mas, na verdade, nem estás no capítulo de análise, estás discutindo a forma como os passos devem se dar, não é mesmo? Por isso, sugiro-te colocar algo como:</p> <p>“Após a unitarização, faz-se necessária a codificação das unidades encontradas. Tal medida serve para a identificação das unidades de significado correspondentes aos textos originais e se faz indispensável, pois permite ao pesquisador retornar ao texto original sempre que necessário, uma vez que o processo acontece pela recursividade”.</p> <p>O que achas? Seria isso que queres dizer? Outra coisa: penso que faltou um parágrafo de encerramento do capítulo, então tomei a liberdade de propor o seguinte:</p> <p>“A partir desse processo de categorização, serão discutidas, na análise dos dados, a cooperação e a enação como princípios que podem balizar a compreensão das práticas pedagógicas no âmbito da Educação Ambiental. Esses conceitos explicam e sustentam a hipótese de pesquisa desta tese e serão melhor compreendidos no desenvolvimento das análises no próximo capítulo”.</p> <p>Avalia com calma e vê o</p>	<p>teu email. Sabes q de vez em qdo tenho a impressão q a minha conclusão tá parecendo uma introdução. hehe acho q estou com caimbra no cérebro. Deixa eu aproveitar e te fazer uma pergunta: na conclusão, posso fazer o fechamento de cada capítulo. Tipo assim: justificar pq foi importante escrever o memorial, referencial, metodologia e por fim fazer um fechamento dos dois capítulos de análise. pode? será? um grande bjo e mto obrigada, me sinto mto segura e amparada sabendo que todo o texto vai ter a tua leitura cuidadosa.</p>	<p>textos originais e se faz indispensável, pois permite ao pesquisador retornar ao texto original sempre que necessário, uma vez que o processo acontece pela recursividade.</p> <p><b>Parágrafo de encerramento do capítulo:</b> “A partir desse processo de categorização, serão discutidas, na análise dos dados, a cooperação e a enação como princípios que podem balizar a compreensão das práticas pedagógicas no âmbito da Educação Ambiental. Esses conceitos explicam e sustentam a hipótese de pesquisa desta tese e serão melhor compreendidos no desenvolvimento das análises no próximo capítulo”.</p>
--	--	---	---

	que achas para o encerramento do capítulo, certo?		
--	---	--	--

Fonte: A autora (2017).

Em uma primeira leitura, poderíamos dizer que esse exemplo é bastante parecido com os demais analisados no decorrer desta seção, tendo em vista que ele mostra algumas alterações realizadas pela revisora e os diálogos entre ela e a doutoranda sobre a escrita em debate. Todavia, se visualizarmos de modo mais profundo, notaremos algumas particularidades dessa interação e perceberemos o quanto elas revelam sobre a atividade investigada em nossa pesquisa: a revisão de textos acadêmicos, auxiliando-nos a melhor compreender esse fazer. O primeiro ponto nessa questão relaciona-se à quantidade de explicação que a profissional faz para a doutoranda com o objetivo de uma pequena alteração na escrita, como mostra o enunciado:

[Nome], penso que a colocação de ‘Nesse momento do processo de análise’ não ficou muito adequada, uma vez que parece que já estavas fazendo a análise e então o ‘Nesse momento’ dá a impressão de que estás falando de algo que ocorre na própria análise dos dados, me entendes? Mas, na verdade, nem estás no capítulo de análise, estás discutindo a forma como os passos devem se dar, não é mesmo? Por isso, sugiro-te colocar algo como [...] (Revisora B).

Podemos notar que há um cuidado da profissional ao procurar explicar muito bem cada solicitação de supressão de alguma parte do texto ou mesmo de sempre dizer o porquê de organizar possibilidades de reescrita. Assim, ainda que as marcações em outra cor no trecho mencionado explicitem que a quantidade de mudanças no parágrafo não foi grande (sobretudo se comparada a outros trechos já analisados), organizar todo um dizer para justificar o desenvolvimento da atividade reflete uma face do trabalho realizado que revela a complexidade da revisão de textos como esse fazer dialógico por excelência. Atividade essa que é concebida na constante busca do profissional de não só sugerir possibilidades de melhor finalização da escrita, mas também de elaborar discursivamente variadas maneiras para justificar a relevância do seu trabalho ao cliente, com vistas à (co)elaboração de um texto final, que é fruto da parceria do revisor com o autor da pesquisa.

Nesse sentido, torna-se relevante destacar outro ponto no que diz respeito à acuidade na realização do trabalho pela revisora em análise, que pode ser refletido não só na longa justificativa para uma alteração aparentemente pequena no texto, mas também pelo final do

comentário direcionado à autora da tese, quando a revisora enuncia: “O que achas? Seria isso que queres dizer?” (Revisora B). Quando a profissional pergunta à doutoranda se a proposta de reescrita contemplou o que a autora queria dizer, percebemos o esforço exigido pela atividade para que a revisora consiga reorganizar o projeto enunciativo de modo a não apagar a autoria principal da escrita. Trata-se de um exemplo bastante significativo para a compreensão do quão complexa é a atividade da revisora, que percebe problemas na organização textual e tem de buscar solucioná-los a partir do horizonte espacial da própria autora, ou seja, necessita aproximar-se empaticamente da autora da pesquisa, pensar em possibilidades de reescrita que passem pelo seu universo de signos ideológicos e de sua maneira particular de uni-los, para, a partir de então, propor um novo desenvolvimento ao parágrafo. Como vemos, “[...] é em sua atividade que o indivíduo vai fazer suas aprendizagens, vai evoluir em suas relações com o coletivo – e vai ele próprio intervir para transformar essas relações” (FAÏTA, 2010, p. 174). Caso contrário, isto é, se a revisora ignorar as questões próprias da autoria e apenas propor uma nova escrita, considerando só o que acredita ser essencial ao trecho em debate, o resultado poderá ser um texto muito alheio à autora e, se isso ocorrer e ela não se reconhecer na reescrita sugerida, a tendência é a de que não aceite a sugestão ou a de que o trabalho não aconteça em um clima harmônico e propício à construção de uma escrita colaborativa, podendo o contrato entre elas ser até mesmo cancelado pela doutoranda.

Essa interação, portanto, permite verificar aspectos bastante particulares da atividade de revisão textual e o quanto o revisor precisa estar preparado para ocupar esse entrelugar, que lhe é característico, esse espaço fronteiro entre vislumbrar melhores formas de organização da escrita e maneiras de dizer típicas do autor do trabalho. Vemos que é nesse entrelaçamento de dizer e fazer que a atividade se situa e vai se constituindo. Tais reflexões permitem retomar, também, a reflexão de Bakhtin, quando analisa o discurso bivocal e destaca a diferença entre a palavra autoritária e a palavra interiormente persuasiva. A primeira, segundo o filósofo, “[...] exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade” (BAKHTIN, [1963] 2010, p. 143). Esse é o caso, por exemplo, da palavra dos pais, da palavra do dogma religioso ou da autoridade reconhecida de uma ciência específica, pois, embora possa se organizar em torno de uma gama de outras palavras, a palavra autoritária não se confunde com elas, “permanece nitidamente isolada, compacta e inerte” (BAKHTIN, [1963] 2010, p. 143).

Já a palavra interiormente persuasiva relaciona-se aos casos analisados, em que vemos o imbricamento entre a voz do revisor e a do autor na escrita do texto final, pois “[...] no processo de sua assimilação positiva, ela se entrelaça estreitamente com a ‘nossa palavra’ [...], ela é metade nossa, metade de outrem” (BAKHTIN, [1963] 2010, p. 145). O revisor, como podemos perceber, imerso nessa intensa cadeia dialógica dos discursos em que se (trans)formam os textos acadêmicos, participa de modo ativo e constante da elaboração final da escrita das teses, e as suas palavras, interiormente persuasivas, formam a tessitura do texto final, repleta de diálogos e (des)encontros de vozes. Conforme afirma Bakhtin ([1963] 2010, p. 147-148), “[...] uma palavra, uma voz que é nossa, mas nascida de outrem, ou dialogicamente estimulada por ele, mais cedo ou mais tarde começará a se libertar do domínio da palavra do outro”. No processo de revisão textual, tal como temos observado em nossas análises, a assimilação entre as palavras da profissional e da doutoranda é tão forte que, se não conhecermos o desenvolvimento da atividade em si, fica muito difícil compreender a separação entre essas duas vozes e, em consequência, observar a contribuição do revisor na construção do texto final, daí a importância de estudos, como este, que discorram sobre o apagamento da voz do revisor de textos em escritas que passam por esse complexo fazer.

No recorte analisado, observamos que a avaliação do trabalho realizada pela doutoranda é bastante positiva, tendo em vista que ela aceita a sugestão da profissional e a agradece, fazendo um elogio à revisora pela leitura atenta do material, como mostra o enunciado: “oi queridaaaa, ameiiii! Você pensa em tudo, ficou perfeito!”. A autora da pesquisa aproveita também o comentário para fazer um desabafo sobre o processo de escrita de outra parte da tese e para pedir a ajuda da revisora em algumas dúvidas que surgiram na organização do capítulo, como vemos em:

Estou aqui trabalhando na conclusão [...]. Sabes q de vez em qdo tenho a impressão q a minha conclusão tá parecendo uma introdução. hehe acho q estou com caimbra no cérebro. Deixa eu aproveitar e te fazer uma pergunta: na conclusão, posso fazer o fechamento de cada capítulo. Tipo assim: justificar pq foi importante escrever o memorial, referencial, metodologia e por fim fazer um fechamento dos dois capítulos de análise. pode? será? (Autora D).

Esse modo de lidar com a profissional reflete uma relação de confiança e reciprocidade entre elas, sentimentos que afloram em razão do trabalho realizado. Nessa atmosfera discursiva marcada por um tom de afeto e reconhecimento da importância do trabalho de revisão, encerra-se o diálogo via comentário no parágrafo em análise: “[...] um

grande bjo e mto obrigada, me sinto mto segura e amparada sabendo que todo o texto vai ter a tua leitura cuidadosa” (Autora D).

Na análise dos discursos em foco, compreendemos o postulado ergológico de que a atividade de trabalho é muito mais do que um simples fazer mecânico de tarefas, ela envolve o encontro de três elementos essenciais nos e dos indivíduos, a saber, a união entre o ser biológico, histórico e singular. Nessa perspectiva, “[...] trabalhar é então tentar estabelecer uma sinergia para essa tríplice ancoragem no tratamento dos debates de normas que se fazem incessantemente presentes em nossos encontros industriais” (SCHWARTZ, 2014, p. 264).

A análise dos excertos de textos desenvolvida nesta seção mostrou um pequeno recorte da dimensão do trabalho e da quantidade de comentários inseridos durante o processo de revisão em uma tese. Embora seja um material relativamente pequeno, permite ter uma ideia mais abrangente da atividade e, principalmente, explicitar a voz e o papel do revisor na escrita do texto final das teses que passaram pela atividade de revisão, por isso, achamos importante mostrá-los como um material complementar, que corrobora com as reflexões desenvolvidas em nossa tese.

Após as análises do material, apresentamos, na próxima seção, uma reflexão a respeito das afinidades e das diferenças entre as maneiras de desenvolver uma mesma atividade, no caso das revisoras, e de se relacionar com tal fazer, no caso das autoras. Desse modo, destacamos alguns pontos que se relacionam às coletividades e às individualidades características de toda atividade de trabalho, mostrando como podem ser vistas nos exemplos analisados no decorrer deste capítulo.

#### 4.3 COLETIVIDADES E INDIVIDUALIDADES NO MUNDO DO TRABALHO: A ATIVIDADE E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

No desenvolvimento desta tese, quando esclarecemos os critérios de seleção dos participantes da pesquisa, afirmamos que optamos pela escolha de dois revisores que atuam há mais de cinco anos no mercado de trabalho com essa atividade e compreendem-na a partir da construção colaborativa com o autor do texto revisado. Assim, o tempo de experiência desses profissionais e a maneira como relataram suas atividades deram pistas de que desenvolvem um fazer que valoriza a natureza da relação específica entre o *eu* e o *outro* e revelaram um universo profissional no qual não se consideram apenas as formas da língua isoladas para a concretização da revisão de textos, mas, sim, um espaço em que os signos emergem e são colocados em relação no processo de construção de sentidos do texto.

Então, após as análises dos materiais desenvolvidas nas seções anteriores, podemos verificar que a maneira de compreender e de lidar com a atividade de revisão de textos pelas duas profissionais investigadas é bastante similar. Isso provavelmente relaciona-se também ao fato de ambas fazerem parte de um mesmo núcleo de trabalho, isto é, de uma Secretaria de Educação a Distância, espaço em que desenvolvem a revisão de materiais didáticos que são produzidos pelos professores da universidade para os estudantes da modalidade de educação a distância. Logo, embora essas duas revisoras façam revisão de textos acadêmicos de modo individual e particular, os enunciados analisados revelam que há muitas afinidades entre elas, isto é, as questões que emergem no fazer das profissionais assinalam significativas semelhanças no que diz respeito à constituição geral do trabalho com a revisão de textos, sobretudo no que tange à forma de defender o modo como desenvolvem a atividade e de se posicionar perante seus clientes.

Na realização desta pesquisa, ao nos debruçarmos sob um olhar ergológico para o trabalho, aprendemos que “[...] as falas na/sobre as atividades de trabalho são, ao mesmo tempo, seu produto e a condição de sua identidade” (SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 285). Se observarmos, por exemplo, os primeiros e-mails trocados entre as revisoras e as respectivas doutorandas, veremos que há uma preocupação por parte das profissionais em demarcar, já no começo das conversas estabelecidas, as suas identidades profissionais, isto é, de explicitar de que maneira compreendem e definem a atividade de revisão de textos, conforme mostram os seguintes enunciados:

Primeiramente, gostaria de te explicar que tenho por hábito, quando realizo as revisões, olhar o todo de um texto, ou seja, me posiciono como uma leitora crítica e procuro observar não só as questões gramaticais (óbvias de qualquer revisão), mas trabalho sobretudo com outras questões linguísticas (tais como progressão, informatividade, observo se os períodos estão condizentes, se as seções estão bem organizadas, se cumprem o que prometem na sua introdução etc.) (Revisora A).

[...] antes de qualquer coisa, preciso te dizer como compreendo a revisão; [...] Preciso averiguar a organização geral do texto, ver se as partes estão coesas e coerentes, se estão devidamente amarradas etc. (Revisora B).

Essa necessidade de explicitar como fazem a revisão de textos, já no início do contato com as doutorandas, pode ser associada também à pluralidade existente em torno dessa atividade de trabalho, a qual, como mostramos em outras partes desta pesquisa, reúne profissionais que atuam de modos bastante diferentes, desde os que trabalham estritamente com questões gramaticais durante a leitura e revisão da produção escrita até aqueles que, tal como as revisoras em foco, buscam observar o texto em seus múltiplos aspectos (lexicais,

gramaticais, semânticos, etc.). Assim, a fim de evitar dúvidas ou gerar algum mal-entendido com as clientes sobre o que será de fato realizado pelo trabalho contratado, as profissionais fazem questão de precisar suas maneiras de atuação profissional já no início de suas conversas, afinal, “[...] o mal-entendido, o não-dito, a interpretação inadequada, a retenção de informações influem nas relações de trabalho” (SOUZA-E-SILVA, 2002, p. 61).

Além disso, os enunciados das revisoras mostram que elas lidam com a linguagem como um objeto marcado pela complexidade e com a revisão, em consequência, como um fazer que se constrói a partir de um constante diálogo com os autores dos textos:

[...] não altero as questões semânticas dos textos, sem antes esclarecer com os autores dos trabalhos quais são as minhas dúvidas e as minhas opiniões e sugestões de reescrita. Creio, [Nome], que a resposta final do trabalho sempre tenha de ser do autor deste e, por isso, o meu hábito de recheiar os arquivos com comentários e observações” (Revisora A).

[...] eu faço esse trabalho, mas não modifico os textos, sem antes conversar com os autores dos trabalhos e dar sugestões de reescrita. Para mim, a revisão tem de ser um trabalho cooperativo, construído através do diálogo intenso entre autor e revisor (Revisora B).

A perspectiva dialógica da linguagem ensina que “[...] os enunciados não são indiferentes entre si e nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 297). Dessa maneira, se considerarmos esses enunciados das revisoras na imensa cadeia dialógica em que se situam e emergem os discursos, conseguimos compreender, também, a sua íntima relação com enunciados outros, contrários inclusive a esses, como aqueles que veem a revisão de textos centrada no revisor, como se ele fosse o responsável por tomar as decisões sozinho a respeito da versão final dos textos revisados, mesmo porque, “em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 330).

A preocupação em mostrar às doutorandas as alterações realizadas e descobrir se concordam ou não com as modificações sugeridas está presente não apenas nos enunciados trocados via e-mail com as clientes, mas também nos excertos de textos em processo de revisão, tal como mostram os enunciados: “[...] fiz algumas modificações em teu texto, sinalizadas em vermelho. Peço que revejas com calma para ver se mantive os sentidos pretendidos por ti. Ok?” (Revisora A); e “Sugiro-te a seguinte opção de reescrita. [...] O que achaste?” (Revisora B).

A abordagem ergológica esclarece que há um contínuo debate de normas característico de todo fazer profissional, o que insere a atividade em um complexo jogo entre normas antecedentes e renormalizações. Ao analisarmos os enunciados das revisoras, percebemos esse debate de normas muito presente no cotidiano de trabalho dessas profissionais, o que se constitui, inclusive, em outro ponto em que é possível observar similaridades entre elas, já que as duas, apesar de destacarem a importância do tempo para o cumprimento de suas tarefas, permitem-se renormalizar em razão do prazo apertado de que dispõem as doutorandas para a entrega do texto final. Esse debate entre a necessidade de tempo ideal para concretizar o trabalho e a sua renormalização pode ser contemplado nos seguintes enunciados: “Isso [a revisão], porém, demanda certo tempo”; “[...] dei uma olhada em teu arquivo e [...] será um imenso prazer revisá-lo, basta que me confirmes o quanto antes, para que possamos correr contra o tempo” (Revisora A); “Isso, no entanto, demanda tempo”; “[...] embora seja bastante detalhista no trabalho, vou procurar colocar o mínimo de questões possível, a fim de que, quando retornares a leitura, ela possa ser mais dinâmica” (Revisora B).

Ao compreenderem a necessidade de reorganização do prazo disponível para a realização do trabalho, podemos perceber que as profissionais aproximam-se empaticamente das autoras dos textos, o que, é provável, contribui para que a relação emergente entre as profissionais e as contratantes da atividade desenvolva-se, na maior parte dos momentos, sob um tom amistoso, tal como mostram os enunciados: “[...] digo-te, desde agora, que dei uma olhada em teu arquivo e que será um imenso prazer revisá-lo” (Revisora A) e “[...] eu compreendo a correria e imagino o sufoco desta etapa de entrega da Tese!”; “Beijos e muita força neste finalzinho” (Revisora B). Essa harmonia é muito importante para a realização do trabalho e pode ser percebida pelo acento emotivo-volitivo da enunciação, tendo em vista que é “[...] justamente na entonação [que] o falante se relaciona com os ouvintes: a entonação é social por excelência. É, sobretudo, sensível para qualquer oscilação da atmosfera social em torno do falante” (VOLOCHÍNOV, [1926] 2010, p. 160).

A análise dos enunciados trocados entre as profissionais de revisão e suas clientes possibilitou observar, ainda, que esses movimentos de aproximação empática e de afastamento exotópico acontecem com muita frequência na atividade e são constitutivos da revisão de textos acadêmicos, tal como é desenvolvida pelas profissionais. Fazemos essa afirmação porque, como mostraram os discursos analisados, as profissionais lidam de modo constante com um fazer que oscila entre o aproximar-se das autoras dos textos para buscar melhores maneiras de reorganização do dizer e o afastar-se dessas autoras, seja para observar a escrita de modo mais amplo seja para defender a sua concepção de revisão textual.



Alguns exemplos dessas considerações podem ser retomados nos seguintes enunciados:

[...] lendo tuas análises e vendo o peso que dás à mãe da [Nome], penso que, quando resumes a história desse sujeito, lá na metodologia, [...] deverias deixar claro ao leitor que há mais detalhes da trajetória dessa protagonista que aparecerão no decorrer do trabalho e serão fundamentais para a compreensão dos objetivos da pesquisa (Revisora A).

[Nome], adorei a tua ideia de começar a escrita da metodologia por um texto reflexivo. [...] Apenas faltou contextualizar um pouquinho mais essa ideia para não causar um estranhamento ou uma quebra de expectativa em teu leitor. Por isso, sugiro-te a seguinte opção de reescrita [...] (Revisora B).

A busca pelo equilíbrio entre esses movimentos de aproximação e afastamento, tão característicos dessa atividade laboral, demarca também a região limítrofe que o revisor ocupa, pois, como destaca Salgado (2007, p. 201): “Pensar discursivamente a cultura, suas práticas e os objetos nela produzidos supõe pensar formas de estabilização dos sentidos, o que supõe pensar limites definidores. Mas [...] há sempre um conjunto de movimentos entre tais limites e permanentemente a tessitura de liames”.

Todavia, como discutimos neste trabalho, ainda são poucas as pessoas que têm a dimensão da complexidade dos fatores envolvidos na realização da revisão de textos. Muitas delas acreditam que basta a formação em uma área X ou Y para que se consiga revisar qualquer escrita de maneira rápida e eficaz, pois o conhecimento técnico necessário, na opinião dos leigos, preenche os requisitos para a concretização de uma boa revisão. Esses discursos de simplificação do trabalho incomodam as profissionais e, quando o podem, elas os resgatam em seus enunciados para mostrar não somente o quão equivocados eles estão, mas também para defender o seu trabalho, tal como se percebe na fala da Revisora A: “A profissão de um revisor de textos não é nada valorizada e, quando reconhecida, nos faz acreditar que todo o sacrifício e esforço valem muito a pena” (Revisora A), e também no enunciado da Revisora B:

O trabalho do revisor tem dessas coisas, a maioria das pessoas pensa que apenas passamos os olhos no texto [...] e que é algo muito simples e fácil (em alguns casos até é mesmo!). Porém, quando dão de cara com uma revisora assim como eu [...], percebem a enorme quantidade de trabalho que há por trás de um “simples texto revisado” (Revisora B).

Outro ponto em que podemos contemplar similaridades entre as profissionais investigadas diz respeito às indicações que recebem para trabalhos futuros, tal como mostram

os enunciados dos últimos e-mails enviados pelas autoras das teses: “Olha só, tenho uma amiga que está desesperada por uma revisora para sua dissertação. [...] Comentei que você faz mágica e ela vai entrar em contato ainda hoje com você” (Autora A para Revisora A); “Minha orientadora comentou que irá indicar outras orientandas a você e fiquei bem feliz” (Autora C para Revisora B).

Conforme destacamos, embora seja realizada com frequência, a atividade de revisão ainda é bastante marcada pelo silenciamento e pela invisibilidade, afinal, há poucos espaços oficiais para o reconhecimento e, mesmo, para a divulgação desse trabalho, sobretudo quando é realizado em gêneros acadêmicos. Assim, é comum que os atores da atividade consigam aumentar a sua freguesia por meio de indicações informais, que vão crescendo de acordo com o número de ex-clientes satisfeitos com a atividade realizada e que passam os contatos dos revisores para novos contratantes.

Nesse sentido, a relação que se desenvolve entre revisor e autor é de fundamental importância, até mesmo para a continuidade do trabalho que advém dessa indicação de novos clientes. Portanto, talvez seja também por isso que observamos nas revisoras investigadas a preocupação em cultivar e manter um bom relacionamento com as doutorandas durante toda a realização do fazer. De acordo com as análises, a natureza das relações entre os sujeitos influencia no desenvolvimento da atividade, e vimos também que as revisoras têm certas estratégias discursivas que auxiliam na manutenção dessas relações, dentre elas, citamos, por exemplo, a quantidade de elogios e maneiras carinhosas com que interpelam as suas clientes, como mostram os enunciados: “Digo-te, desde agora, que dei uma olhada em teu arquivo e que será um imenso prazer revisá-lo” (Revisora A); “[...] eu compreendo a correria e imagino o sufoco desta etapa de entrega da Tese” (Revisora B); “Penso que conseguiste finalizar teu trabalho de forma muito natural e objetiva, retomando os pontos principais da pesquisa e deixando questões para trabalhos futuros. Acredito que podes começar a comemorar [...]” (Revisora A); e “Aguardo teu contato. Beijos e muita força neste finalzinho” (Revisora B). Esses discursos refletem o cuidado que as revisoras têm com o trabalho e refratam a preocupação com as suas clientes, o que permite caracterizar “todo o trabalho como o lugar de uma dramática singular, em que cada protagonista negocia a articulação dos usos de si por ‘outros’ e ‘por si’” (SCHWARTZ, 2004, p. 41-42).

Ao considerarmos os enunciados das doutorandas, visualizamos, também, muitas similaridades entre seus discursos, principalmente em relação ao destaque do curto prazo para a execução da atividade, com um tom de angústia quanto à escrita e à necessidade de contar com um olhar exotópico para o seu texto, como evidenciam os enunciados: “Estou no final do

meu doutorado. Preciso depositar os volumes até a data [...]. Estou fazendo os últimos acertos sugeridos pela minha última banca [...]. Na verdade, estou correndo contra o tempo” (Autora A); “Sabes que de vez em quando tenho a impressão que a minha conclusão tá parecendo uma introdução, hehe. Acho que estou com câimbra no cérebro” (Autora D); “Estou desesperada, pois a banca afirmou que tenho tese, mas criticou muito a redação” (Autora A); “Depois vou te mandar assim que minha orientadora terminar a leitura, tah?” (Autora B); e “Estou na fase final da escrita da minha tese” (Autora C).

Na tessitura geral desta pesquisa, discutimos a relevância da atividade de trabalho considerada como um fazer complexo e enigmático, tendo em vista que “[...] o homem produtor real orienta-se diretamente no meio socioeconômico e natural por meio do seu trabalho” (MEDVIÉDEV, [1928] 2012, p. 57). Assim, ao lançarmos um olhar dialógico e ergológico para o fazer em análise, compreendemos o quão significativo é considerar a avaliação que os sujeitos fazem da atividade desenvolvida e, nesse sentido, encontramos outro aspecto em que podemos aproximar as doutorandas analisadas, o qual está relacionado ao citado anterior, que diz respeito à avaliação geral da atividade como algo positivo e que veio a somar no processo de qualificação das escritas. Dizemos que esse exemplo tem relação com as afirmações anteriores, porque, na medida em que as clientes se sentem bem acolhidas pelas profissionais e são levadas a observar a importância do trabalho de revisão, elas retribuem essa satisfação com a atividade a partir de colocações que destacam o reconhecimento do trabalho realizado.

Esse juízo de valor pode ser percebido em diversos momentos das interações analisadas, como em: “[...] preciso dizer que, agora, considerando a sua leitura, acho que já está bem melhor” (Autora A); “[...] me sinto muito segura e amparada sabendo que todo o texto vai ter a tua leitura cuidadosa” (Autora B); “[...] a revisão ficou muito boa e você é ótima no que faz, pode ter certeza!” (Autora C); e “Querida, ficou ótima a tua proposta, podemos deixar igual sugerisse” (Autora D). Ademais, em alguns momentos, a satisfação com o trabalho chega a ser destacada na escrita de modo exagerado, com repetições de letras ou escritas em maiúsculas, o que também reflete esses efeitos de alegria com o fazer realizado, tal como vemos nos seguintes enunciados: “[...] deu tudo certooooo. Defendiiiiiiii!!!!” (Autora A); “[Revisora], ADOREIII a reescrita!” (Autora B); e “oi queridaaaa, ameiiii!” (Autora D).

Quando selecionamos as doutorandas que participariam da pesquisa, buscamos considerar sujeitos com formações em diferentes áreas do conhecimento, porque acreditávamos que isso poderia mostrar muitas particularidades na maneira de lidar ou mesmo

de compreender a atividade de revisão. No entanto, cabe destacar que esse pressuposto não se confirmou, já que, como mostraram as análises, independentemente da área de formação, encontramos muitas semelhanças no modo como as doutorandas investigadas tratavam a atividade – seja quanto a suas expectativas no primeiro contato com as profissionais, seja no final do trabalho, no reconhecimento do valor da atividade para a qualificação da escrita –, o que se constituiu em mais um ponto de proximidade entre os indivíduos da pesquisa.

Sabemos, contudo, que o trabalho, como todo evento enunciativo, é sempre uma atividade singular, que exige de cada indivíduo posicionamentos e atitudes diferentes para os múltiplos desafios que surgem e fazem parte do cotidiano do trabalhador. Então, embora vejamos muitas semelhanças entre os fazeres das duas profissionais analisadas e os olhares das autoras das teses para a atividade, não podemos ignorar as suas particularidades, advindas principalmente das múltiplas refrações características dos signos quando são considerados em relação dialógica, afinal, “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 47). Assim, ao analisarmos as interações em foco, podemos destacar, também, uma significativa diferença em relação aos momentos de maior tensão instaurados durante a conversa sobre o trabalho entre as revisoras e as doutorandas.

Na primeira interação analisada, por exemplo, observamos que há uma tensão entre discursos, resgatada no dizer da revisora, no que diz respeito à definição da própria atividade. Dessa maneira, quando a profissional explica todo o processo contemplado na sua revisão, fazendo menção ao que significa e ao que não significa a revisão de textos na sua concepção particular, ela também retoma vozes com as quais discorda e as coloca em diálogo no seu discurso, tal como mostra o enunciado: “[...] por exemplo, uma palavra que, para mim, pode parecer repetida, sem necessidade, tem a possibilidade de representar um dado autor ou uma dada filiação teórica específica. Nesse caso, não posso sair modificando o texto alheio, desrespeitando a autoria, e denominando como ‘revisão’” (Revisora A). Já na segunda interação analisada, percebemos que o maior momento de tensão instaurado advém de um embate direto entre o discurso da revisora e o da doutoranda, o que fica exemplificado no momento em que elas discutem o significado do signo ideológico *olhadinha*: “[...] mas acredito que a parte da revisão será necessário só uma olhadinha” (Autora C) e “[...] antes de qualquer coisa, preciso te dizer como compreendo a revisão e justificar o porquê nunca se trata apenas de ‘só uma olhadinha’” (Revisora B).

Sobre essa interação entre a Revisora B e a Autora C, cabe destacar, ainda, que ela representa a maior ocorrência de momentos de tensão entre os exemplos analisados, pois,

mesmo depois do primeiro contato em que as protagonistas do discurso demarcaram suas diferentes posições quanto ao fazer de um revisor, durante o trabalho, elas também divergiram e chegaram questionar a continuidade da atividade:

[...] confesso que levei um susto, porque era tanta observação para ler e tanta pergunta que fiquei apavorada pensando se foi bom mandar para a revisão ou não. [...] Peço que você aguarde meu contato até amanhã de noite para ver o que faremos daqui pra frente (Autora C).

[...] você, na condição de autora, tem todo o direito a discordar do trabalho realizado e a discutir comigo as questões colocadas nos arquivos. Porém, acredito que não podes ficar chateada com o excesso de observações, pois elas demonstram o zelo com a tua escrita e o cuidado com o trabalho que será entregue e apresentado. [...] peço que me informes ainda hoje [se continuariam o trabalho ou não], pois tenho outras pessoas na fila, as quais deixei de atender em razão do compromisso assumido contigo (Revisora B).

Todavia, embora a Revisora B tenha passado por momentos de embates mais diretos com uma das suas clientes, podemos dizer que ela, talvez, foi a que conseguiu uma das provas mais significativas da transformação de opinião sobre sua atividade. Fazemos tal afirmação, considerando que, depois de resolvidos os conflitos entre as duas, a Autora C chegou a reconsiderar o prazo de entrega do trabalho para que pudesse dar conta de atender às solicitações da revisora e qualificar a escrita do texto final: “Preciso te dizer também que minha orientadora vai tentar aumentar meu prazo de entrega para que possamos atender as colocações no texto com calma e melhorar meu trabalho” (Autora C). Essa mudança de postura da autora para o trabalho realizado pode ser relacionada a uma conquista da profissional, tendo em vista que conseguiu gerir bem os desentendimentos e as situações de tensão que fizeram parte da atividade.

Como podemos ver, a análise de situações de trabalho tem de levar em conta a importância de “[...] trabalhar-gerir, na medida em que insiste na heterogeneidade das dimensões aplicadas, no engajamento subjetivo do prestador em relação a campos onde há escolhas a serem feitas” (SCHWARTZ, 2004, p. 44), e essas escolhas englobam não só micros situações em que o trabalho ocorre, mas também os horizontes sociais mais amplos em que ele se situa, já que “[...] a eficácia da relação de serviço não pode, de modo algum, ser analisada sem que se levem em conta essas circulações implicadas em todo o ‘trabalhar-gerir’” (SCHWARTZ, 2004, p. 44).

Quanto às singularidades das relações desenvolvidas, destacamos a relação das doutorandas com as orientadoras do trabalho e o quanto isso também afeta a atividade de revisão de textos. Se recuperarmos os enunciados sobre esse assunto, teremos: “Oi,

[Revisora], me perdoe, mas minha orientadora fez mais algumas mudanças na minha tese. Ela agora resolveu ler, aff, quase dispensei ela e coloquei seu nome no trabalho, afinal, você fez muito mais nesse pouco tempo de contato, heheheh” (Autora A); e “Marquei com a minha orientadora um encontro amanhã para mostrar o que você escreveu e ver com ela os próximos passos [...]” (Autora C). Esses dizeres revelam que, quando uma das doutorandas se sente abandonada pela orientadora, parece que a revisora ganha maior espaço e até liberdade no trabalho, como se ela, de certo modo, preenchesse o vazio deixado pelo papel da professora, ganhando a total confiança e, em consequência, o aceite das alterações por parte da autora do trabalho; já quando a relação com a orientadora é bem desenvolvida, vemos que ela é quem avalia o trabalho da profissional e diz se ele deve prosseguir ou não, tal como aconteceu no segundo exemplo analisado.

Notamos, ainda, outro ponto que demarca diferenças entre as profissionais investigadas, relacionado ao modo como elas trocam as últimas correspondências com as doutorandas. A primeira revisora em foco destaca a sua satisfação com a atividade e parceria desenvolvida e solicita notícias da doutoranda depois da defesa, o que mostra que as trocas linguageiras entre elas não se encerram em concomitância com o término do trabalho realizado: “Foi muito prazeroso compartilhar essa experiência e esse momento contigo. Obrigada pela confiança e pelo belo trabalho que realizamos juntas, mesmo em tão pouco tempo. [...] Beijos e uma ótima defesa. Ps.: depois, me escreve, dando notícias de como foi, tá?” (Revisora A). Os signos ideológicos *prazeroso*, *compartilhar* e *confiança* refletem a satisfação da profissional com a parceria mantida durante o trabalho. A segunda profissional em análise também agradece pelo trabalho realizado em comunhão com a autora do texto, mas seu enunciado tem um acento emotivo-avaliativo mais objetivo e direto, se comparado ao anterior, além disso, ela não solicita notícias de pós-defesa, o que mostra que a relação entre elas finaliza no momento em que acaba o trabalho de revisão, como podemos verificar no enunciado: “Obrigada pelo retorno e pela parceria durante o trabalho que dividimos. [...] O que importante é que me deste a chance de mostrar a relevância da minha profissão e o nosso resultado foi ótimo, tenho certeza! Um grande abraço e parabéns pela conquista do doutorado” (Revisora B). Essas diferentes maneiras de concluir os diálogos estabelecidos têm íntima ligação com a natureza das relações estabelecidas entre os sujeitos durante a atividade, pois a Revisora A e a Autora A mantiveram um bom relacionamento durante todo o processo de revisão, logo, a tendência é a de que a conexão entre as duas seja mais forte e ultrapasse a conclusão do trabalho, mesmo que a revisora tenha solicitado notícias de depois da defesa apenas para saber o que a banca avaliadora achou do texto (e, de modo indireto, o que se pode

pensar sobre a revisão), ainda assim, ela manterá um contato maior com a sua cliente, que ultrapassa o tempo do trabalho realizado; já a Revisora B e a Autora C tiveram um fazer marcado por tensão e conflitos, e, embora todos os problemas entre elas tenham sido resolvidos, a vontade de encerrar a interação parece maior, por isso ela acaba em concomitância ao trabalho.

Por fim, torna-se importante destacarmos que, para além das aproximações ou diferenças que separaram e uniram as profissionais e as doutorandas que participaram de nossa pesquisa, o mais relevante nessas considerações foi a oportunidade de mostrar algumas facetas dessa atividade tão complexa e que, muitas vezes, é velada ou tão pouco considerada em pesquisas científicas, o que contribui com o seu silenciamento. Conforme discutimos em nosso estudo, não trabalhamos com a análise de sinais linguísticos tomados de maneira isolada, mas, sim, com a palavra considerada “[...] uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p. 117), por isso a seleção dos sujeitos em questão. Neste item, buscamos, portanto, contemplar algumas dessas pontes, ao tratar de afinidades e diferenças contempladas pelos signos ideológicos no modo de desenvolver e de se relacionar com uma mesma atividade de trabalho, pois, enquanto linguistas, estamos preocupados em compreender o trabalho, buscando encontrar o que há de singular “[...] em cada situação e associar às análises, embora em graus diferentes, os protagonistas das situações de trabalho, aí compreendidos o seu cotidiano, as condições de realização das atividades e seus antecedentes históricos” (SOUZA-E-SILVA, 2002, p. 74).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como ponto de partida para a discussão do seu objeto a recorrente (in)visibilidade presente em uma das funções muito desempenhadas pelos profissionais da área de Letras: a atividade de revisão de textos acadêmicos. Conforme mostraram as buscas aos bancos oficiais de teses e dissertações, bem como nossa presença em diferentes eventos nacionais e internacionais na área dos estudos da linguagem, o trabalho profissional do revisor de textos, sobretudo em gêneros acadêmicos, ainda é pouco debatido cientificamente.

Soma-se a isso o fato de que a não institucionalização dessa atividade faz com que a maioria dos revisores de texto desempenhe a sua função de forma bastante isolada e de maneiras muito diversas no que diz respeito ao modo como lidam com o objeto linguagem no desenvolvimento da sua atividade de trabalho. Por isso, há revisores que apenas “corrigem” os aspectos referentes a desvios gramaticais nos textos revisados e há revisores que chegam a reescrever partes do texto, conversando (ou não) com os autores sobre essas reescritas. T tamanha pluralidade, somada ao pouco espaço de investigação ou mesmo de compartilhamento de experiências nessa área profissional, contribui, portanto, com o silenciamento existente em torno do fazer do revisor textual. Ademais, nos gêneros acadêmicos que passam pelo processo de revisão textual, também não é feita a atribuição dos créditos pelo trabalho realizado, o que colabora com a (in)visibilidade constitutiva do profissional dessa área. Tal espécie de silenciamento foi um dos pontos discutidos no desenvolvimento desta pesquisa, considerando os aspectos que contribuem então com o apagamento dessa voz profissional.

Tendo em vista essas reflexões sobre a atividade de revisão de textos acadêmicos, nosso estudo selecionou a revisão desenvolvida em teses como seu objeto de investigação, por se tratar do gênero científico com maior reconhecimento na esfera acadêmica. Além disso, consideramos que o texto de uma tese contempla uma reflexão bastante complexa e aprofundada sobre um determinado tema de pesquisa, o que nos dá muitas pistas para investigar a maneira como se dá a sua tessitura textual quando, por exemplo, um autor de tese solicita o trabalho de um revisor.

Assim, a partir da análise de enunciados trocados entre doutorandas e revisoras, esta pesquisa buscou melhor compreender o entrecruzamento discursivo existente em teses que passaram pelo processo de revisão textual, com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos acadêmicos e, principalmente, a analisar relações dialógicas constitutivas desse fazer. Para tanto, a partir dos critérios apresentados na organização dos princípios metodológicos



desta pesquisa, contamos com seis sujeitos de pesquisa: duas revisoras que trabalham há mais de cinco anos com a atividade e quatro doutorandas com formação (graduação e pós-graduação) em diferentes áreas do saber, que permitiram a análise do processo de revisão textual desenvolvido em suas teses. Cada uma das revisoras escolhidas leu duas das teses trabalhadas e todos os indivíduos participantes de nosso estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

Nossa pesquisa embasou-se na perspectiva dialógica da linguagem, desenvolvida pelo pensador Mikhail Bakhtin e seu Círculo, e estabeleceu interface com postulados advindos da Ergologia. A partir das questões apresentadas em nosso referencial teórico, a filiação bakhtiniana ofereceu subsídios para tratar da linguagem em uma concepção dialógica, isto é, como um objeto inconcluso, que está em permanente reconstrução e que faz parte de um processo ininterrupto de dizeres e posições avaliativas. Assim, a perspectiva bakhtiniana permitiu a análise do trabalho do revisor de textos em sua complexidade e dinamicidade, observando questões constitutivas do fazer do revisor, que vão além de uma análise estritamente linguística do texto e exclusivamente gramatical da língua. A partir de uma sólida base epistemológica, a acepção ergológica, por sua vez, possibilitou a ponderação sobre a função profissional do revisor de textos, assim como o olhar atento à multiplicidade de fatores envoltos na atividade de trabalho e ao importante papel da linguagem nessa relação entre o fazer e os indivíduos que o constituem.

Nosso estudo apresentou também um panorama geral de duas teses defendidas no ano de 2007, com as quais compartilhamos o objeto de investigação. Esse levantamento teve por objetivo mostrar estudos precedentes assim como estabelecer um diálogo com as pesquisas citadas, o que permitiu verificar, por exemplo, a similaridade de discursos que circulam em torno da definição e da compreensão da atividade de revisão de textos. Além disso, com base nas reflexões desenvolvidas por Sobral (2008), constatamos que um revisor, tal como um tradutor, mais do que com textos isolados, trabalha com discursos, e, nessa trama de sentidos em que os discursos são tecidos, o revisor ocupa um espaço de leitor intermediário, uma posição de entremeio entre o autor da tese e a banca, o leitor presumido pelo gênero. Para tanto, esse profissional necessita tanto dos conhecimentos teóricos, adquiridos em seu curso de formação sobre o objeto *texto*, quanto dos saberes práticos, advindos da sua experiência com a atividade de trabalho. Tais conhecimentos (teóricos e práticos), imbricados, junto do papel de bom leitor crítico que o revisor desempenha, dão os subsídios necessários para a concretização da atividade, tal como pudemos mostrar em nossa pesquisa.

Quanto ao material utilizado para a realização deste trabalho, ele foi constituído por: a) e-mails trocados entre quatro doutorandas de diferentes áreas do conhecimento e duas revisoras (cada uma delas leu duas teses analisadas); e b) processos de revisão presentes nas versões das teses revisadas, ou seja, excertos dos textos durante as trocas languageiras estabelecidas entre as protagonistas da enunciação junto aos trechos com os respectivos comentários inseridos por meio das ferramentas de edição de texto disponíveis em *softwares* como o Microsoft Word.

O material selecionado permitiu contemplar os objetivos específicos desta tese, que foram: a) investigar a presença e relevância discursiva da voz do profissional responsável pela revisão de textos na versão final de teses revisadas; b) analisar como ocorre o imbricamento da palavra própria e da palavra alheia na relação dialógica entre revisor e autor do texto revisado; c) observar aspectos advindos da inter-relação entre normas e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas; e d) verificar posições axiológicas de ambos os sujeitos envolvidos com a atividade de revisão (autor e revisor) sobre os fazeres desenvolvidos.

A análise dos enunciados resultantes das trocas languageiras entre revisoras e doutorandas permitiu chegar a importantes conclusões sobre a atividade de revisão de textos investigada. As correspondências eletrônicas trocadas entre os sujeitos da atividade em foco possibilitaram observar aspectos advindos da inter-relação entre normas antecedentes e renormalizações da atividade no trabalho desenvolvido nas teses acadêmicas, posto que é por e-mail que os sujeitos debatem tanto a definição de revisão a ser contratada quanto o modo como ela será desenvolvida. Dessa maneira, nas análises desenvolvidas, observamos enunciados trocados entre revisoras e autoras de teses revisadas, que, embora possam ter diferentes compreensões do que seria o trabalho de um revisor de textos, no decorrer da atividade, acabaram refletindo uma ideia de trabalho em conjunto, tendo em vista que a revisão de textos vai se construindo na interação com o autor, ao invés de se tratar de um trabalho individual, centrado no revisor. No fazer em foco, os signos ideológicos fizeram emergir as relações dialógicas que revelaram diferentes vozes discursivas e acentos de valor para o fazer do revisor, que qualificam a atividade em questão e dão pistas de um trabalho cooperativo.

Essas considerações deram pistas que permitiram chegar à tese deste trabalho, ao indicar que a atividade de revisão de textos acadêmicos é um fazer essencialmente colaborativo entre autor e revisor, o que evidencia, em consequência, que o texto acadêmico que passa pelo processo de revisão é, de certo modo, (co)produzido entre doutorando e revisor

de texto, a partir do imbricamento das vozes de ambos na tessitura final da produção escrita. Tornou-se possível verificar, ainda, que o revisor, nessa teia de sentidos, ocupa um lugar marcado por aproximações e distanciamentos, tanto do autor do texto quanto da produção textual em si, e busca um equilíbrio entre o colocar-se no lugar do outro – movimento empático –, para compreender a tessitura geral da escrita, e o afastar-se – movimento exotópico –, para atuar como um leitor crítico, capaz de observar o todo do projeto de dizer, compreendendo suas lacunas e vislumbrando possibilidades de melhor finalização das escritas.

Examinamos as situações enunciativas para os textos analisados e para a rede de interlocução envolvida de modo amplo, visando um ir além da constatação quantitativa dos elementos gramaticais e/ou estritamente linguísticos que perpassam os diálogos e trechos de textos examinados neste trabalho assim como os contextos mais amplos em que a atividade se desenvolve. Nossa filiação teórica oportunizou também buscar melhor compreender os sujeitos envolvidos diretamente com a atividade de trabalho a partir das situações reais em que ela se desenvolve e, desse modo, a tentar melhor entender as relações dialógicas estabelecidas entre os enunciados trocados pelos sujeitos investigados.

Além disso, pudemos demonstrar, nas análises realizadas, que tal trabalho é um movimento de dupla antecipação (SCHWARTZ, 2002) entre um saber conceitual e outro adquirido na situação concreta de desenvolvimento da atividade, que o revisor lida, a todo instante, com esse jogo entre saberes adquiridos e investidos, buscando um equilíbrio entre ambos para que desenvolva a sua atividade de maneira colaborativa e em harmonia com o autor do texto revisado. Diante de tal complexidade característica do fazer do revisor, cabe, portanto, ao analista considerar cada uma dessas antecipações como constitutivas do fazer analisado e perceber que o não concretizado faz parte da atividade tanto quanto o realizado (FAÏTA, 2005).

Os estudos teóricos a que recorremos apontaram a validade de um entendimento da definição de texto enquanto algo que não se encerra em si mesmo, mas, sim, que considera o contexto de produção, circulação e recepção da produção textual, assim como o leitor final e as múltiplas possibilidades de leitura e (re)escritura. Essas questões puderam ser explicitadas no trabalho dos revisores investigados, levando-nos a vê-las sob uma perspectiva mais abrangente, em vista dos olhares que lançamos para a linguagem e para o trabalho.

Os procedimentos metodológicos que embasaram esta pesquisa caracterizam-na como uma investigação qualitativa que não partiu de categorias prévias para tratar do objeto, mas de princípios que norteiam uma visão geral da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas. Unimos a esse modo de fazer pesquisa os pressupostos da teoria dialógica e dos estudos

ergológicos, colocando os materiais da pesquisa em diálogo permanente. Isso permitiu chegar a categorias e processos de análise para melhor observar e buscar compreender a atividade de revisão de textos acadêmicos em seus vários aspectos. A partir disso, pudemos mostrar que os diálogos analisados e desenvolvidos revelaram negociações entre os sujeitos envolvidos com a atividade em foco, as quais são essenciais para a produção do trabalho final de um texto revisado, o que permite a caracterização desse trabalho conjunto como cooperativo e mesmo colaborativo, sem que isso apague as tensões que aparecem no decorrer da atividade.

Assim, esperamos ter conseguido contribuir com os estudos sobre revisão de textos a fim de que nossos leitores possam ter uma visão abrangente do trabalho desempenhado pelos profissionais dessa área e consigam também refletir sobre a complexidade envolta na atividade. Ademais, desejamos despertar a atenção de nossos leitores para a importância de um espaço nos gêneros acadêmicos e na própria Plataforma Lattes (a qual é responsável pela organização de todo o trabalho advindo da vida acadêmica) para a exposição e, em consequência, o reconhecimento da atividade de revisão textual.

A partir do conjunto de considerações traçadas neste estudo, desejamos contribuir com futuras reflexões que tratem não só da atividade de revisão de textos acadêmicos, como também de práticas de produção e revisão textual em perspectiva enunciativo-discursiva. Almejamos, ainda, por meio deste trabalho científico, contribuir com a abertura de um espaço no âmbito acadêmico para o resgate da voz dos revisores de textos, uma vez que considerar o saber e a experiência desses profissionais é fundamental para que possamos melhor compreender essa atividade laboral marcada pela complexidade e (in)visibilidade.

Com esta tese, desejamos, portanto, manter aceso o processo dialógico dos discursos que poderão despertar o interesse de outros interlocutores para esse objeto tão complexo e com vasto campo de investigação. Almejamos, também, estabelecer diálogo sobre a atividade de trabalho do revisor textual com outros pesquisadores que se interessem pela reflexão a respeito da constituição do texto acadêmico nesse câmbio laboral por meio do imbricamento das vozes do autor e do revisor na elaboração final dos trabalhos científicos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ATHAYDE, M.; BRITO, J. Introdução. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, Y. (Org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Trad. Milton Athayde et al. 2. ed. Niterói: UFF, 2010. p. 7-20.

AUAREK, W. M. F. *Educação profissional técnica de nível médio: circulação de saberes e valores na atividade de trabalho docente*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAJTÍN, M./VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? (1929-1930). In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigoski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato* [1920/1924]. Trad. Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Teoria do romance I: a estilística* (1934-1935). Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal* [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

\_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas [1959-1961]. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal* [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 307-336.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

\_\_\_\_\_. Apontamentos de 1970 - 1971. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal* [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 367-392.

\_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* [1975]. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Editora da Unesp; Hucitec, 2010.

\_\_\_\_\_. A forma espacial da personagem. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal* [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 21-84.

BARBOSA, V. F. Uma análise dialógica da atividade de revisão linguística em EaD. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

DI FANTI, M. G. C.; BARBISAN, L. B. Estudos da enunciação: bases epistemológicas e perspectivas atuais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Cadernos de pesquisas em Linguística: estudos da enunciação*. Publicação do Centro de Pesquisas Linguísticas do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 5-25, nov. 2010.

BEZERRA, P. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística (1934-1935)*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 3-20.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. (Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016. p. 7-24.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Perspectiva dialógica, atividades discursivas, atividades humanas. In: SILVA, M. C. S.; FAÍTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 31-44.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, São Paulo, n. 56, p. 371-401, jul./dez. 2012.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANGUILHEM, G. Meio e normas do homem no trabalho. *Pro-posições*, Campinas, v. 12, n. 2-3 (35-36), p. 109-121, 2001. (Trabalho original publicado em 1947).

DANIELLOU, F. “Je me demanderais ce que la société attend de nous?” À propos des positions épistémologiques d'Alain Wisner. *Travailler*, Paris, n. 15, p. 23-38, 2006.

DI FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 95-111, 2003.

\_\_\_\_\_. A tessitura plurivocal do trabalho: efeitos monológicos e dialógicos em tensão. *Alfa*, São Paulo, v. 2, n. 49, p. 19-40, 2005.

\_\_\_\_\_. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 309-329, 2012.

DURRIVE, Louis. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Trabalho Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 47-67, 2011.

FAÏTA, D. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, Y. (Org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Trad. Milton Athayde et al. 2. ed. Niterói: UFF, 2010. p. 165-186.

\_\_\_\_\_. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2005.

\_\_\_\_\_. Gêneros de discurso, gêneros de atividade, análise da atividade do professor. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho*. Londrina: Eduel, 2004.

\_\_\_\_\_. Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SILVA, M. C. S.; FAÏTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Trad. Ines Polegatto, Décio Rocha. Revisão técnica: Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GUERIN, F. et al. *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. Trad. Giliane Ingratta e Marcos Maffei. São Paulo: Edgard Blücher; Fundação Vanzolini, 2001.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* [1928]. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MACHADO, I. Os gêneros da ciência dialógica do texto. In: FARACO, C. *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. p. 193-230.

MARCONI, M.; LAKATOS, E.M. *Metodologia científica*. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SILVA, M. C. S.; FAÏTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

MUNIZ, H. et al. Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 38, p. 280-291, 2013.

ODDONE, I. et al. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucitec, 1986.

OLIVEIRA, R. R. F. *Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

RIBEIRO, K. *Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo Show da Fé: tensão entre fé, Mercado e publicidade*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ROCHA, D.; DAHER, M. C.; SANT'ANNA, V. L. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. In: SILVA, M. C. S.; FAÏTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 77-92.

SALGADO, L. S. *Ritos genéticos no mercado editorial: autoria e práticas de textualização*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SANT'ANNA, V. L. A. Estudos da linguagem e do trabalho: desafios e experiências. *Guavira Letras*, Três Lagoas, p. 99-106, 2008.



SAUSSURE, F. *Curso de Linguística geral*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARTZ, Y. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Tradução de Eloisa Helena Santos e Daisy Moreira Cunha. *Revista Trabalho e Educação*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 38-46, 2000.

\_\_\_\_\_. A abordagem do trabalho reconfigura nossa relação com os saberes acadêmicos: as antecipações do trabalho. In: SILVA, M. C. S.; FAÍTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 109-126.

\_\_\_\_\_. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industrial. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 33-55, 2004.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 457-466, 2006.

\_\_\_\_\_. Trabalho e ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, Y. (Org.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Trad. Milton Athayde et al. 2. ed. Niterói: UFF, 2010. p. 131-188.

\_\_\_\_\_. Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. A. (Org.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011a. p. 132-164.

\_\_\_\_\_. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011b.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *Revista Reflexão & Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 329-339, 2013a.

\_\_\_\_\_. Concepções da formação profissional e dupla antecipação. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 17-33, 2013b.

\_\_\_\_\_. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 49, n. 3, p. 259-274, 2014.

\_\_\_\_\_. 2016: uma entrevista com Yves Schwartz. *Revista Letrônica*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 9, n. especial, p. 222-233, 2016.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. 2006. 325f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Traduzimos discursos, não (apenas) textos. In: \_\_\_\_\_. *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Service Livraria, 2008.

\_\_\_\_\_. Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 19-36.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. MFL em contexto: algumas questões. *Bakhtiniana*, São Paulo: Editora da PUCSP, v. 3, n. 11, p. 154-173, 2016.

SOUZA-E-SILVA, M.C. O ensino como trabalho. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004. p. 81-104.

\_\_\_\_\_. A dimensão languageira do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C.; FAÏTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Tradução de Ines Polegatto, Décio Rocha. Revisão técnica: Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 46-61.

\_\_\_\_\_. Atividade de linguagem, atividade de trabalho: encontro de múltiplos saberes. *Revista Intercâmbio*, São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. XVIII, p. 1-21, 2008.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista Histedbr*, n. especial, p. 93-113, 2010.

VOLOCHÍNOV, V. N. (M. BAKHTIN). A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: \_\_\_\_\_. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação [1926]*. Trad. Allan Pugliese et al. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ZANDWAIS, A. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 97-116.

## ANEXOS

### ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Uma voz apagada? Análise da atividade de revisão de textos acadêmicos sob as perspectivas bakhtiniana e ergológica**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela pesquisadora-doutoranda Vanessa Fonseca Barbosa, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti, pesquisadora principal, no Programa de Pós- Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A investigação tem como objetivo geral analisar, a partir das perspectivas bakhtiniana e ergológica, a atividade de revisão textual realizada em teses acadêmicas, com vistas a problematizar o trabalho do revisor de textos e, principalmente, a observar relações dialógicas constitutivas desse fazer.

Com o estudo realizado, espera-se refletir a respeito do trabalho do revisor de textos na versão final de textos acadêmicos revisados, mais especificamente na constituição de Teses, uma vez que o trabalho do revisor tem intensa atuação no universo acadêmico (mesmo que informalmente) e, ainda assim, não conquistou um espaço para o reconhecimento da atividade. Ademais, almejamos manter o diálogo sobre a atividade de trabalho do revisor textual com outros pesquisadores que se interessem pela reflexão a respeito da constituição do texto acadêmico.

Para o desenvolvimento da pesquisa, solicitamos sua participação para responder a um questionário<sup>28</sup> com quatro questões abertas. O questionário será enviado por e-mail e deverá ser devolvido também por e-mail em um prazo de 20 dias. Além disso, solicitamos também o acesso aos e-mails trocados entre o revisor e autor do texto revisado; bem como acesso aos textos revisados e em processo de revisão. Esses materiais são importantes porque reúnem as etapas de desenvolvimento da atividade de revisão desenvolvida e irão compor, portanto, o material da pesquisa.

Os registros advindos de qualquer etapa do estudo realizado serão utilizados exclusivamente para fins da pesquisa, bem como para sua divulgação em eventos científicos e publicações. É

---

<sup>28</sup> Após o exame de qualificação desta tese, optamos por não considerar o questionário como material da pesquisa, tendo em vista que a análise dos e-mails e dos excertos dos textos dava conta de provar os objetivos da pesquisa. Assim, considerando a sugestão da banca avaliadora e o tempo de que dispúnhamos para a conclusão do trabalho, optamos por deixar os dados dos questionários aplicados para o desenvolvimento de artigos e publicações futuras.

garantido o sigilo de sua identidade e sua participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir de participar deste trabalho a qualquer momento. Participando, você tem garantia de receber informações ou esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas que venham a surgir em qualquer estágio de desenvolvimento do processo investigatório. Para tanto, são informados, no final deste documento, os dados das pesquisadoras, doutoranda Vanessa Fonseca Barbosa, e da pesquisadora principal, orientadora do trabalho, Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti. Também são fornecidos os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, que aprovou esta investigação.

Este termo de consentimento foi elaborado em duas vias, sendo uma retida com o pesquisador responsável e outra com o participante da pesquisa, de acordo com a Resolução CNS 466/2012 item IV.3.f, IV.5.d. Declaro que recebi uma cópia original deste termo de consentimento assinada e rubricada por mim, pela pesquisadora responsável pelo estudo e pela doutoranda.

Outrossim, declaro que, após ter sido devidamente informado e esclarecido sobre a investigação, consinto em participar do presente protocolo de pesquisa.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Nome do participante da pesquisa \_\_\_\_\_

Assinatura do participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora principal: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora doutoranda: \_\_\_\_\_

#### CONTATOS:

Pesquisadora (doutoranda): Vanessa Fonseca Barbosa

Fone: (51) 8191-8323

E-mail: [vanessa.barbosa@acad.pucrs.br](mailto:vanessa.barbosa@acad.pucrs.br)

Pesquisadora principal/responsável (orientadora): Maria da Glória Corrêa di Fanti

Fones: (51) 3320-3500 - Ramais: 4392 e 3676

E-mail: [gloria.difanti@pucrs.br](mailto:gloria.difanti@pucrs.br)

Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS

Endereço: Av. Ipiranga 6681, Prédio 50 - Sala 703

Fone: (51) 3320-3345

Horário de Atendimento: de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min

E-mail: [cep@pucrs.br](mailto:cep@pucrs.br)